

MARCO ANTONIO MARTINS

Competição de gramáticas

do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Por MARCO ANTONIO MARTINS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como quesito parcial à obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

Orientadora Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (Universidade Federal de Santa Catarina)
Co-orientadora Dra. Maria Lobo (Universidade Nova de Lisboa)

Florianópolis
2009

COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS NA ESCRITA CATARINENSE DOS SÉCULOS 19 E 20

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do grau de DOUTOR em Lingüística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2009.

Coordenadora: Dra. Rosângela Hammes Rodrigues

Banca Examinadora

Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (Universidade Federal de Santa Catarina)
Orientadora

Dra. Maria Lobo (Universidade Nova de Lisboa)
Co-orientadora

Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (UNICAMP)
Membro

Dra. Silvia Rodrigues Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Membro

Dr. Paulino Vandresen (Universidade Federal de Santa Catarina/ Universidade Católica de Pelotas)
Membro

Dra. Edair Maria Görski (Universidade Federal de Santa Catarina)
Membro

Maria Cristina Figueidero Silva (Universidade Federal de Santa Catarina)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos aqui registrados, como bem verá o leitor, terão um sabor dado por quem defende uma tese e completa 30 anos! Advirto, antes, que por gostar muito de ler a seção de agradecimentos das teses que me passam pelas mãos conheço o protocolo. Meus agradecimentos não serão, no entanto, para esta ou para aquela pessoa, por isso ou por aquilo, como quem separa joio e trigo. Agradeço a todos por tudo! Não há como classificar a importância que todas essas pessoas têm na minha vida. Em especial, não posso deixar de dizer que esta tese não seria possível sem a orientação da Izete Coelho, que desde o começo acreditou no meu trabalho. Conheci a Izete numa disciplina de sociolinguística no curso de graduação da UFSC em 2000 e, desde então, passamos mais de oito anos (oito de trinta!) trabalhando juntos... graduação, mestrado e doutorado. O caminho percorrido na elaboração deste trabalho teria sido bem mais difícil sem a co-orientação segura e amiga da Maria Lobo, que tão bem me acolheu no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa durante meu estágio de doutoramento em Portugal. Já que estou me referindo a percursos, devo mencionar aqui a significativa contribuição da Edair Görski e da Maria Clara Paixão de Sousa, por ora da qualificação, e das conversas nos tantos eventos em que me encontrei com a Odete Menon, com o João Costa, com a Sílvia Vieira... Em tempo, agradeço à Ruth Lopes, à Sílvia, à Eda, ao professor Paulino Vandresen e à Maria Cristina por aceitarem participar da banca. A minha formação em linguística, devo ao quadro docente da UFSC; em especial, Carlos Miotto, Ruth Lopes, Maria Cristina Figueiredo Silva, Roberta Pires de Oliveira, Fábio Lopes, Felício Margotti e, muito particularmente, mais uma vez, Edair Görski a quem devo muito da minha formação em sociolinguística! Agradeço aos amigos que sempre comigo estiveram nesta jornada: Lucilene (desde a graduação!), Iva, Sueli, Isabel, Corina, Jane, Alessandra, Sorainy, Sheyla, Dermeval da Hora, que me apresentou João Pessoa e os amigos cativados por lá: Cida, Rene, Clarisse, Valéria. Por falar em amizade, registro meu agradecimento à professora Maria Helena que, literalmente, me acolheu em Lisboa; ao Antonio Cunha, à professora Dra. Zilma Nunes e à professora Dra. Vera Colaço pelas peças de teatro gentilmente cedidas; ao Ivoni Tacques, à madrinha Vera e à família do Ribeirão, que fazem parte da minha história de vida. De forma mais que especial registro minha eterna gratidão à minha mãe, que sempre me protegeu, ao meu irmão mais que melhor amigo Marcelo, à Suellen, à Margarida, ao Junior e ao pequeno Henrique, que muitas vezes me forçou a sair da frente do computador e perceber a vida além da tese. Palavras

não podem registrar a ajuda e a participação do Lucrécio no desenvolver da tese nesses dois anos e meio de aprendizagem, amizade e confiança (Viste que com a análise “daquelas letrinhas” do GoldVarb escrevi a tese!). Por fim, agradeço à CAPES que me concedeu uma bolsa PDEE durante minha estadia em Portugal e ao CNPq que financiou a pesquisa. E assim, aos trinta, entro em cena para mais um ato, e parafraseando o catarinense Antonio Cunha em As quatro estações, “arrumado, sim. Pronto, nunca. Jamais se entra em cena totalmente seguro. A iminência do erro é que nos torna especiais”.

RESUMO

Descrevo e analiso, nesta tese, os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense. Os dados analisados são orações finitas não-dependentes com verbos simples e estruturas verbais complexas extraídas de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina, nos séculos 19 e 20. A hipótese que defendo é a de que a escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira) reflete um processo de mudança sintática que pode ser interpretado como a competição de diferentes gramáticas, no sentido empregado por Anthony Kroch, em *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change* (1989). No que se refere às construções em que a variação próclise (cI_V)/ênclise (Vcl) é atestada em orações finitas não-dependentes, os resultados estatísticos evidenciam um aumento (progressivo) nas taxas de cI_V em contextos V1 e em contextos X(X)V em que X é antecedido por um sujeito, um advérbio não-modal ou um sintagma preposicional – não-focalizados. Enquanto em textos de autores nascidos no século 20 a próclise em orações com sujeitos pré-verbais é categórica, em textos de autores nascidos no século 19 está correlacionada à natureza dos sujeitos pré-verbais: a próclise nesse contexto é mais recorrente em orações com sujeitos pronominais pessoais, e não o é em orações com sujeitos DPs simples. Referentemente ao padrão de ordenação em complexos verbais, há um aumento (também progressivo) da próclise ao verbo não-finito. Na escrita de autores nascidos no século 19, encontro padrões aparentemente instanciados pela gramática do Português Clássico (PC): construções DPcI_V e construções XcI_V com percentagens variáveis e inferiores a 50% e construções com interpolação de "não" e/ou do pronome pessoal "eu". Paradoxalmente, encontro, nesses mesmos textos, padrões instanciados pela gramática do Português Brasileiro (PB) – próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – e o padrão enclítico instanciado pela gramática do Português Europeu (PE). Com base nos resultados empíricos descritos e analisados, defendo que a ordenação de clíticos na escrita catarinense reflete um caso complexo de competição de três gramáticas do português: PC, PB e PE.

Palavras-chave: diacronia; mudança sintática; competição de gramáticas; clíticos; próclise.

ABSTRACT

In this thesis, I describe and analyze the empirical standards of clitic ordering in written texts produced in the state of Santa Catarina, Brazil. The data analyzed are finite, independent clauses, with simple verbs and complex verbal structures, extracted from twenty-four plays written by Brazilian playwrights born in the coastal area of Santa Catarina, during the 19th and 20th centuries. My hypothesis is that the clitic ordering of playwrights (within the scene of the Brazilian writing) reflects a process of syntactic change that can be interpreted as the competition of different grammars, in the meaning proposed by Anthony Kroch, in *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change* (1989). In what concerns the constructions where the variation proclisis (clV)/enclisis (Vcl) occurs in finite, independent clauses, the statistical results reveal a progressive increase in the rates of clV in V1 contexts and in X(X)V contexts where X is preceded by a – non-focused – subject, non-modal adverb or prepositional phrase. Proclisis in clauses with pre-verbal subjects is categorical in texts of authors born in the 20th century. In texts of playwrights born in 19th century, proclisis is correlated to the nature of the pre-verbal subjects: It is more frequent in clauses with personal pronominal subjects, and it is not frequent in clauses with simple DP subjects. Concerning the ordering standard in verbal complexes, there is an (also progressive) increase of proclisis to the non-finite verbs. In the writing of authors born in the 19th century, I found standards apparently instantiated by the grammar of Classic Portuguese (CP): DPclV constructions and XclV constructions in changeable percentages (lower than 50%), and constructions with the interpolation of the adverb "não" and/or the personal pronoun "eu". Paradoxically, I found, in these same texts, standards instantiated by the grammar of Brazilian Portuguese (BP) – proclisis to V1, and proclisis to the non-finite verb in verb complexes – and the enclitic standard instantiated by the grammar of European Portuguese (EP). Based on the empirical results described and analyzed, I affirm that the clitic ordering in the writing of Santa Catarina reflects a complex case of competition of three grammars of Portuguese: CP, BP and EP.

Keywords: diachrony; syntactic change; competition of grammars; clitics; proclisis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1 Verbo auxiliar <i>do</i> no Inglês em diferentes contextos (adaptado de KROCH, 1989, p. 22)	36
FIGURA 1.2 Ênclise em <i>contextos de variação I</i> em português (adaptado de GBPS, 2005, p.44-45) ...	56
FIGURA 1.3 Ênclise em orações com sujeitos pré-verbais (adaptado de GBPS, 2005, p.46)	58
FIGURA 1.4 Ênclise em orações com sujeitos pré-verbais, excluindo as construções com o clítico SE (adaptado de GBPS, 2005, p.48)	59
FIGURA 1.5 Ênclise em orações principais em contexto XV, sendo X um complemento retomado, uma oração dependente ou sujeito não-focalizado (adaptado de Paixão de Sousa, 2004, p.116 e gráfico 19/apêndice, p. 51)	62
FIGURA 1.6 Ênclises em orações principais em contexto XV, sendo X um PP, um advérbio não-modal ou sujeito não-focalizado (adaptado de Paixão de Sousa, 2004, p.116 e gráfico 20/apêndice, p. 51)	63
FIGURA 1.7 VS (ênclise e próclise) e SV com ênclise (adaptado de Paixão de Sousa, 2004, gráfico 20/apêndice, p. 65)	64
FIGURA 1.8 Próclise em <i>orações finitas não-dependentes com verbos simples</i> em português – resultados de Pagotto (1992, p. 69)	68
FIGURA 1.9 Próclise em <i>contextos de variação diacrônica</i> em português – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos	70
FIGURA 1.10 Próclise em <i>contextos de variação diacrônica</i> em português – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos	71
FIGURA 1.11 Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na diacronia do português (do Brasil) – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos	72
FIGURA 2.1 Próclise em contextos de variação B na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	162
FIGURA 2.2 Próclise em contextos de variação B em textos portugueses (GBPS, 2005, p. 44) e na escrita catarinenses dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores	164
FIGURA 2.3 Próclise em contextos de variação B em textos dos séculos 16 a 20 (cf. PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinenses dos séculos 19 e 20, por ano de publicação/apresentação dos textos	166
FIGURA 2.4 Próclise a V1 em orações independentes, principais e primeiras e segundas coordenadas	

na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	168
FIGURA 2.5 Próclise a V1 em orações independentes principais e primeiras coordenadas na escrita catarinense	171
FIGURA 2.6 Próclise a V1 em textos portugueses (cf. GBPS, 2005), em cartas da Bahia (cf. CARNEIRO, 2005) e na escrita catarinense	180
FIGURA 2.7 Próclise em SV na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	185
FIGURA 2.8 <i>ScIV</i> , sendo S um DP simples ou um pronome pessoal, na escrita catarinense	187
FIGURA 2.9 <i>ScIV</i> com sujeitos <i>DPS simples</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	189
FIGURA 2.10 <i>ScIV</i> com sujeitos pronominais pessoais na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	189
FIGURA 2.11 Próclise em <i>orações com sujeito pré-verbal</i> , por ano de publicação, em textos escritos entre os séculos 16 e 20 (PAGOTTO, 1992, p. 74)	198
FIGURA 2.12 Próclise em SV com sujeitos <i>DPS simples</i> em textos escritos dos séculos 16 a 20 (PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	200
FIGURA 2.13 Próclise em SV com sujeitos pronominais pessoais em textos escritos dos séculos 16 a 20 (PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	200
FIGURA 2.14 Próclise em contextos SV em textos portugueses (GBPS, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	202
FIGURA 2.15 Próclise em contextos SV em textos português dos séculos 16 a 19 (GBPS, 2005), em cartas da Bahia do século 19 (CARNEIRO, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	204
FIGURA 2.16. Próclise em contextos SV em textos portugueses dos séculos 16 a 19 (GBPS, 2005) e na escrita lisboeta dos séculos 19 e 20	206
FIGURA 2.17 Próclise em contextos SV em textos portugueses dos séculos 16 a 19 (GBPS, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 – DPs simples e pronominais pessoais	207
FIGURA 2.18 Próclise em <i>AdvV</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	209
FIGURA 2.19 Próclise em <i>PPV</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	210
FIGURA 2.20 <i>Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas</i> na escrita catarinense – construções $V_1(X)cl-V_2$	221
FIGURA 2.21 <i>Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas</i> na escrita catarinense – construções $V_1(X)clV_2$ e $V1clV_2$	223
FIGURA 2.22 <i>Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas</i> na diacronia do PB	226
FIGURA 3.1 Próclise em contextos <i>DPV</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	269
FIGURA 3.2 Próclise em contextos <i>XV</i> , sendo X um advérbio não-modal ou um PP, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	269
FIGURA 3.3 <i>Próclise a VI, XclV</i> e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – construções	

<i>V₁(X)cIV₂</i> – na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	290
FIGURA 3.4 <i>XcIV</i> , <i>próclise a VI</i> e <i>próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – construções</i>	
<i>V₁(X)cIV₂</i> e <i>V₁cIV₂</i> – na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores	292
FIGURA 3.5 <i>XcIV</i> na diacronia do português, por ano de nascimento dos autores	293
FIGURA 3.6 <i>XcIV</i> na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos	294
FIGURA 3.7 <i>Próclise a VI</i> na diacronia do português, por ano de nascimento dos autores	297
FIGURA 3.8 <i>Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais</i> na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos	298

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 3.1 Padrões empíricos gerais de ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	286
TABELA 2.1 Próclise nos contextos de variação A e B na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores	161
TABELA 2.2 Próclise em contextos de variação B (em contextos (X)XV) na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores	162
TABELA 2.3 Próclise nos contextos de variação B na escrita catarinense, por ano de publicação/apresentação dos textos	165
TABELA 2.4 Próclise em orações finitas não-dependentes na escrita catarinense, por século de publicação/apresentação dos textos	167
TABELA 2.5 Próclise a V1 em orações independentes, principais e primeiras coordenadas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	171
TABELA 2.6 <i>ScIV</i> em contextos (X)XV na escrita catarinense	186
TABELA 2.7 Próclise em contextos <i>SV</i> na escrita lisboeta dos séculos 19 e 20	194
TABELA 2.8 Próclise em contextos <i>SV</i> , por ano de publicação/apresentação, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	199
TABELA 2.9 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM e SEM alçamento de clítico na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	213
TABELA 2.10 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM alçamento de clítico, <i>Variável I</i> , na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	214
TABELA 2.11 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM alçamento de clítico, <i>Variável II</i> , e em construções ambíguas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	216
TABELA 2.12 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por ano de nascimento dos autores	222
TABELA 2.13 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por data de publicação/apresentação dos textos	225

TABELA 2.14 Padrões de colocação de clíticos em estruturas verbais complexas em peças de teatro portuguesas	227
TABELA 3.1 Próclise em contextos <i>XV</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	266
TABELA 3.2 Próclise em contextos <i>XV</i> , sendo X um sujeito <i>DP simples</i> ou um sujeito pronominal pessoal, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	267
TABELA 3.3 Próclise em <i>XV</i> , sendo X um advérbio não-modal ou um PP, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	268
TABELA 3.4 <i>SV versus XV</i> na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	275

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

cIV: próclise

Vcl: ênclise

PA: Português Antigo

PC: Português Clássico

PE: Português Europeu contemporâneo

PB: Português Brasileiro

Σ : Polaridade

C ou *COMP*: Complementizador

F: Foco

T: Tempo

I ou *Infl*: Flexão

AGR: Concordância

P: Pessoa

V: Verbo

X: Núcleo de um sintagma qualquer

ΣP : Categoria Funcional de Polaridade

CP: Sintagma Complementizador

FP: Sintagma de Foco

TP: Sintagma de Tempo

IP: Sintagma de Flexão

AgrP: Sintagma de Concordância

AgrSP: Sintagma de Concordância do Sujeito

VP: Sintagma Verbal

DP: Sintagma Determinante

NP: Sintagma Nominal

PP: Sintagma Preposicional

XP: Um sintagma qualquer

Spec: Especificador

Spec/FP: Especificador do Sintagma de Foco

Spec/TP: Especificador do Sintagma de Tempo

Spec/AgrSP: Especificador do Sintagma de Concordância do Sujeito

Spec/VP: Especificador do Sintagma verbal

GBPS: Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005)

GTMR: Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005)

WLH: Weinreich, Labov e Herzog (1968)

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1	23
Gramática, mudança sintática e ordenação de clíticos na história do português	
1.0 Introdução	24
1.1 Gramática e mudança sintática	25
1.1.1 Língua-E e Língua-I: sobre o conceito de gramática	25
1.1.2 Mudança sintática e competição de gramáticas	27
1.1.3 A propagação da mudança sintática	35
1.2 A sintaxe da ordem dos clíticos em português: descrição e análise	39
1.2.1 Padrões empíricos	42
1.2.1.1 De gramática a gramática: do PA ao PC	43
1.2.1.2 De gramática a gramáticas: do PC ao PE e ao PB	50
1.2.1.2.1 do PC ao PE	50
1.2.1.2.2 do PC ao PB	65
1.2.1.3 Em síntese, os padrões empíricos de ordenação de clíticos na história do português	74
1.2.2 Propostas teóricas	76
1.2.2.1 A derivação da próclise nos domínios do componente sintático	77
1.2.2.2 A derivação da próclise em outros domínios...	92
1.2.2.3 Em síntese, as propostas teóricas acerca da derivação da próclise nas gramáticas do português	96
1.3 Conclusões e encaminhamentos	98
Capítulo 2	100
Padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20	
2.0 Introdução	101
2.1 Dados diacrônicos: o contexto da pesquisa	102

2.1.1 Um (conhecido) problema metodológico em estudos diacrônicos -----	102
2.1.2 A pesquisa empírica -----	107
2.1.3 Organização/classificação/categorização dos dados -----	111
2.1.3.1 Orações finitas com verbos simples	112
2.1.3.1.1 Tipos de orações	116
2.1.3.1.2 Posição superficial do verbo	118
2.1.3.1.3 Natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo	119
2.1.3.1.3.1 Quantificadores/Expressões quantificadas	120
2.1.3.1.3.2 Sintagmas-Q/Comp preenchido	120
2.1.3.1.3.3 Vocativos e elementos discursivos	121
2.1.3.1.3.4 Orações dependentes	121
2.1.3.1.3.5 Sujeitos	122
2.1.3.1.3.6 Advérbios	122
2.1.3.1.3.7 Sintagmas preposicionais	123
2.1.3.1.3.8 Tópicos marcados	124
2.1.3.1.3.9 Constituintes focalizados	125
2.1.3.1.4 Realização/ordem relativa do sujeito	126
2.1.3.1.5 Século de publicação/apresentação dos textos e ano de nascimento dos autores	126
2.1.3.2 Estruturas verbais complexas	127
2.2 Descrição e análise dos dados -----	131
2.2.1 Orações finitas com verbo simples -----	133
2.2.1.1 Contextos de cIV	135
2.2.1.1.1 Orações não-dependentes com operadores de negação	135
2.2.1.1.2 Orações não-dependentes introduzidas por quantificadores e expressões quantificadas	137
2.2.1.1.3 Orações introduzidas por sintagmas-Q/Comp preenchido	139
2.2.1.1.4 Orações com advérbios focalizadores, quantificadores, que quantificam sobre eventos, aspectuais ou modais e de atitude proposicional	140
2.2.1.1.5 Constituintes focalizados	150
2.2.1.2 Contextos de Vcl	151

2.2.1.2.1 Verbo precedido por vocativos e elementos discursivos	152
2.2.1.2.2 Verbos precedidos por orações dependentes	153
2.2.1.2.3 Orações com tópicos marcados	155
2.2.1.3 Contextos de variação clV/ Vcl	158
2.2.1.3.1 Orações com o verbo em primeira posição	167
2.2.1.3.2 Orações com sujeitos pré-verbais	183
2.2.1.3.3 Orações com advérbios não-modais pré-verbais	208
2.2.1.3.4 Orações com sintagmas preposicionais pré-verbais	210
2.2.2 Estruturas verbais complexas -----	212
2.2.3 Interpolação -----	229
2.3 Conclusões e encaminhamentos -----	237
Capítulo 3 -----	240
E “o português são três”...	
3.0 Introdução -----	241
3.1 Sobre a estrutura da frase em PC, PE e PB -----	243
3.1.1 A sintaxe da ordem: clíticos e a posição pré-verbal	243
3.1.2 Movimento de constituintes e a derivação da próclise	254
3.1.2.1 O movimento do verbo em português	254
3.1.2.2 A derivação da próclise em PC, PE e PB	259
3.2 De volta à escrita catarinense dos séculos 19 e 20 -----	262
3.2.1 SclV versus XclV, ou sobre os padrões da gramática do PC	262
3.2.2 Sobre os padrões da gramática do PB	278
3.2.3 Em síntese, padrões do PC e padrões do PB	285
3.3 Padrões de variação, mudança e competição de gramáticas -----	289
3.3.1 A propagação da mudança	289
3.3.2 (Algumas notas) sobre a natureza da mudança	299
3.4 Conclusões e encaminhamentos -----	300
Conclusão -----	301
Referências Bibliográficas -----	307
APÊNDICE -----	319

Introdução

O estudo da ordenação de constituintes oracionais nas línguas românicas tem sido um campo profícuo em sintaxe diacrônica, especificamente na busca de propriedades estruturais que caracterizem aspectos da mudança sintática. A sintaxe dos clíticos, em especial, tem ocupado um lugar de destaque nesses estudos por refletir mudanças significativas nos padrões empíricos de ordenação observados em textos escritos no curso dos séculos.

Estudos diacrônicos sobre a sintaxe de ordenação de clíticos em português, em diferentes perspectivas, já foram desenvolvidos e muitos resultados significativos encontrados (PAGOTTO, 1992, 1993, 1998; LOBO, 1992; A. M. MARTINS, 1994; TORRES MORAES, 1995; CYRINO, 1997; GALVES, 2001; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUZA, 2005; CARNEIRO, 2005). Nesses estudos, diferentes padrões empíricos na sintaxe de ordenação de clíticos atestados em textos escritos têm sido interpretados como reflexos de mudanças sintáticas (i.e., mudanças gramaticais) que estão na origem de diferentes gramáticas do português no curso dos séculos.

De um modo geral, as questões em pauta nos estudos diacrônicos sobre a sintaxe dos clíticos em português estão relacionadas à origem e à implementação – no sentido proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) – da mudança gramatical que está na base das duas variedades contemporâneas do português: o Português Europeu (doravante PE) e o Português Brasileiro (doravante PB). Nesta pesquisa, o meu interesse se voltará a alguns aspectos relacionados à origem e,

sobretudo, ao processo de implementação da mudança que está na base da gramática do PB, ou, mais especificamente, no português escrito em Santa Catarina nos séculos 19 e 20. O fenômeno em análise diz respeito à sintaxe de ordenação de clíticos.

Sobre origens do PB, uma questão interessante que vem sendo discutida por Charlotte Galves e colaboradoras no projeto temático *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística* (RIBEIRO, 1998; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; NAMIUTI, 2006; GALVES, 2007; PAIXÃO DE SOUSA, 2008) é a seguinte: a mudança que está na origem do PB se dá a partir de que gramática? As referidas autoras têm defendido que a gramática do PE e a gramática do PB se distanciaram, em direções opostas, naturalmente, de um mesmo sistema comum, a gramática do Português Clássico (doravante PC).

No que se refere ao processo, ou ao problema empírico, de implementação para o estudo da mudança que está na base do PB, desde os trabalhos pioneiros de Fernando Tarallo (destaco, em especial, *Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese* publicado em 1992 e, posteriormente, em 1993), análises de textos brasileiros do século 19 têm evidenciado que esse século é um marco no processo de implementação de mudanças sintáticas que distanciam, significativamente, as duas gramáticas do português contemporâneo, *d'aquém* e *d'além-mar*. Entretanto, já em textos do século 18, se atestam construções que, por não serem encontradas em nenhum momento na história do português (me refiro aqui, especificamente, às construções com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, conforme resultados obtidos no estudo de Emílio Pagotto, no trabalho de 1992, publicado em 1993), caracterizam uma gramática vernacular brasileira.

Antes de mais, quero reter duas hipóteses, relacionadas às questões apresentadas, que perpassam o trabalho de tese que defendo nesta pesquisa: primeiramente, em relação às origens do PB, assumo, na companhia das autoras

acima referidas, que a mudança sintática que está na origem da gramática do PB tem como ponto de partida a gramática do PC; ou seja, a gramática do PB se distancia, ou em termos mais técnicos, muda, em relação à gramática do PC. A segunda questão diz respeito à implementação da mudança. Defendo que, para além de padrões instanciados pela gramática inovadora do PB e pela gramática conservadora do PC, a escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira), sobretudo no curso do século 19, reflete um fator complicador a mais: padrões instanciados pela gramática do PE refletidos em textos escritos devido à pressão da norma culta padrão (PAGOTTO, 1998; LOBO *et. al.*, 2006). Sob essa perspectiva, há no processo de implementação da mudança gramatical que está na base da gramática do PB propriedades particulares relacionadas à realidade sociolingüística do Brasil.

A hipótese de que a escrita catarinense do século 19, via norma, reflete a competição entre três gramáticas do português, PC, PB e PE, prediz que nos textos analisados serão encontrados dados relacionados (i) à gramática do PC, ou construções com interpolação em matriz e construções com subida de clíticos sem atratores; (ii) à gramática do PB, ou construções com próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas; e (iii) à gramática do PE, ou construções com ênclise em orações com sujeitos pré-verbais, sintagmas preposicionais ou advérbios não-modais, não focalizados.

Seguindo a perspectiva teórica que advogo, os padrões empíricos atestados na escrita catarinense do século 19 compõem um cenário complexo que pode refletir a competição não de duas, mas de três gramáticas do português: padrões da gramática de uma escrita conservadora, o PC; padrões de uma gramática inovadora, o PB; e, ainda, padrões da gramática do PE, sob a rubrica de uma gramática normativa sociolingüisticamente marcada.

Recentes trabalhos vêm sendo desenvolvidos no sentido de formar corpúsculos variados para o estudo diacrônico do PB, buscando considerar o ambiente sociolingüístico no qual os processos de mudança atestados estão inseridos.

Somada às dificuldades inerentes à formação de uma base de dados para estudos diacrônicos, tendo em vista que dispomos apenas de textos escritos deixados pelo tempo (e devemos, nesse sentido, “*fazer o melhor uso de maus dados*”, cf. LABOV, 1982, p.20), uma questão importante diz respeito à disponibilização de informações sobre a autoria dos textos. Se se quer diagnosticar a história do PB, a identificação da autoria brasileira dos textos analisados é de extrema relevância.

A pesquisa que apresento se insere nessa busca de textos brasileiros que viabilizem o estudo da história do PB. Faz parte do trabalho de tese uma pesquisa, recolha e organização de um *cópus* constituído de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina entre os séculos 19 e 20, assim como a sistematização de informações relevantes sobre a autoria desses textos.

Diante do quadro brevemente apresentado acima, e que será retomado com mais vagar nos capítulos subseqüentes, no trabalho de tese que apresento, analiso a sintaxe de ordenação de clíticos na escrita catarinense, no cenário da história sociolingüística do PB, dos séculos 19 e 20. Em específico, utilizo dados empíricos extraídos da escrita catarinense desse período para estudar a implementação da mudança gramatical que dá origem à gramática vernacular do PB, sobretudo no curso do século 19. Advogo a tese de que a escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira) reflete um período de mudança sintática que procede, gradualmente, via competição de gramáticas. Como já dito, defendo que os padrões empíricos de ordenação de clíticos atestados nos textos escritos refletem propriedades de três gramáticas do português: PB, PC e PE. Sob essa perspectiva, a análise dos dados traz novos elementos para se discutir a mudança sintática no quadro teórico da sociolingüística variacionista via competição de gramáticas.

A distinção entre Língua-I e Língua-E e o derivado conceito de gramática, como proposto pela teoria gerativa, está na base da pesquisa que apresento. Mais especificamente, utilizo textos escritos deixados pela história externa das línguas

(textos escritos por autores catarinenses) como amostras de Língua-E para teorizar sobre o conhecimento lingüístico que os autores desses textos têm ao saber uma língua.

Com fins de comparação com os padrões empíricos atestados na escrita catarinense, no que se refere aos padrões da gramática do PE, descrevo e analiso, ainda, a sintaxe de ordenação de clíticos em vinte e uma peças de teatro escritas por portugueses nascidos em Lisboa, também no curso dos séculos 19 e 20. O objetivo dessa análise é estabelecer padrões empíricos de ordenação de clíticos atribuíveis à gramática do PE, comparáveis àqueles atestados na escrita catarinense.

Na análise, articulam-se pressupostos de dois quadros teóricos: de um lado, os pressupostos da teoria da variação e mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994) e, em especial, o corolário proposto por Anthony Kroch para o estudo da mudança sintática via competição de gramáticas (cf. KROCH, 1989, 1994, 2001); e, de outro lado, os pressupostos da teoria de Princípios e Parâmetros, em sua versão minimalista (cf. CHOMSKY, 1995).

Importante se faz dizer nesse texto introdutório que o trabalho que apresento não será, em sua essência, o de propor uma nova análise teórica para as construções com enclíticos e proclíticos nas gramáticas do português. Antes, tenho por objetivo central, com base na descrição e análise dos padrões empíricos na ordenação de clíticos atestados na escrita catarinense nos séculos 19 e 20, contribuir com o estudo do processo de implementação da mudança sintática que deu origem à gramática do PB. Como já dito, por ser a sintaxe de ordenação de clíticos um campo profícuo para o estudo de propriedades gramaticais que caracterizam diferentes gramáticas do português no curso dos séculos, utilizo a análise de padrões empíricos de ordenação de clíticos para argumentar que a mudança sintática procede via competição de diferentes gramáticas do português instanciadas na escrita catarinense. Defendo que a implementação da mudança nas

gramáticas do português é um processo gradual que pode ser interpretado via competição de gramáticas.

∞

A tese está dividida em três capítulos. No *Capítulo 1*, apresento questões que estão na base do trabalho de tese: na seção *1.1*, advogo que a mudança sintática é um processo gradual que procede via competição de gramáticas, no sentido empregado nos trabalhos de Anthony Kroch. Na seção *1.2*, apresento resultados de estudos empíricos que descrevem padrões gerais de ordenação de clíticos na história do português. Tem-se defendido nesses estudos análises que conjugam resultados empíricos com base em *cópus* diversos e análises da teoria gramatical para o estudo da mudança sintática. Apresento, ainda, nessa segunda seção, algumas das recentes propostas teóricas para a derivação da próclise e da ênclise nas gramáticas do português, mais especificamente aquelas em que a ordem clítico-Verbo (cIV) é entendida como o resultado da projeção de uma categoria funcional “extra” no componente sintático.

No *Capítulo 2*, descrevo e analiso os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 em orações finitas com verbos simples e em estruturas verbais complexas. Na seção *2.1* apresento a metodologia de recolha desses textos, assim como a de organização, classificação e categorização dos dados analisados. Na seção *2.2* apresento a descrição e a análise dos dados.

No *Capítulo 3*, defendo que os padrões empíricos de ordenação de clíticos atestados na escrita catarinense podem ser interpretados como o reflexo da competição de três gramáticas do português: PB, PC e PE. Na seção *3.1*, apresento alguns pressupostos teóricos sobre a estrutura da frase nas diferentes gramáticas do português. Esses pressupostos estão na base da análise que

apresento, na seção 3.2, sobre as diferentes propriedades das construções *ScIV* e *XcIV* na escrita catarinense dos séculos 19 e 20. Ainda, nessa seção, apresento como argumentos para a análise de que os textos refletem propriedades das gramáticas do PB, do PC e do PE: (i) a ocorrência da próclise em orações não-dependentes com o verbo em primeira posição absoluta e ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas; (ii) a interpolação de "não" e/ou do pronome pessoal "eu" e (iii) a ocorrência de hipercorreções nos textos. Na seção 3.3, apresento algumas questões sobre a propagação e a natureza da mudança sintática que instaura a gramática do PB instanciada nos textos catarinenses. Essa é uma seção discreta que sistematiza questões ainda em aberto que apontam para trabalhos futuros

No *Apêndice*, ao final da tese, sistematizo informações sobre o *cópus*, ou, mais especificamente, sobre as edições dos textos catarinenses e lisboetas utilizados na pesquisa.

Capítulo 1

*Gramática, mudança sintática e ordenação
de clíticos na história do português*

1.0 Introdução

De um modo geral, e não exaustivo, apresento e discuto neste primeiro capítulo algumas questões teóricas (conceituais) sobre o fenômeno da mudança sintática entendido como um processo gradual que procede via competição de gramáticas. Na seqüência, sistematizo resultados empíricos de alguns estudos sobre o processo da mudança sintática que envolveu a sintaxe de ordenação de clíticos na diacronia do português. Importante se faz salientar que os pressupostos teóricos e os resultados empíricos apresentados ao longo do capítulo darão suporte teórico para a idéia que defendo sobre a *competição de gramáticas de português na escrita catarinense nos séculos 19 e 20*.

O capítulo está estruturado como segue: num primeiro momento, na seção 1.1, apresento o conceito de gramática que perpassa este trabalho e a (estreita) relação entre esse conceito teórico e o modelo de mudança (sócio)lingüística que utilizo para interpretar os resultados apresentados nos capítulos 2 e 3. Advogo que os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense refletem um período de mudança em que diferentes padrões são instanciados por diferentes gramáticas do português. Entendo que esse período reflete uma mudança gramatical que pode ser entendida via competição de gramáticas, no sentido empregado por Anthony Kroch, em *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*, especificamente.

Num segundo momento, na seção 1.2, sistematizo resultados de estudos sobre a sintaxe de ordenação de pronomes clíticos na diacronia do português, sobretudo no que respeita à descrição de padrões empíricos gerais e de padrões teóricos que caracterizem/identifiquem diferentes gramáticas do português ao longo dos séculos instanciadas em textos escritos; mais especificamente, padrões relacionados às gramáticas do *PC*, do *PE* e do *PB*.

1.1 Gramática e mudança sintática

“Grammars, in our perspective, are mental entities which arise in the mind/brain of individuals when they are exposed as children to some triggering and shaping experience.”

David Lightfoot (1999, p.144)

1.1.1 Língua-E e Língua-I: sobre o conceito de gramática

O empreendimento da teoria gerativa, sobretudo com o advento da teoria de Princípios e Parâmetros, tem se voltado ao estudo das propriedades da mente/cérebro em relação ao conhecimento que um indivíduo tem quando sabe uma língua. Com Chomsky (1981, 1986), propriamente, há a distinção entre Língua Interna (Língua-I) e Língua Externa (Língua-E); ou, mais especificamente, entre um objeto que representa o estado final do desenvolvimento da capacidade inata à espécie humana para adquirir uma língua e um objeto definido como um produto exteriorizado nas mais variadas situações de uso.

A Língua-I é um objeto que existe na mente/cérebro de um indivíduo que sabe uma língua. Dizer que um indivíduo sabe uma língua é o mesmo que dizer que esse indivíduo possui uma Língua-I. Considerando que o conceito de gramática é sempre um derivado em lingüística, a gramática de uma língua é uma teoria sobre o objeto que deve ser investigado; no caso do empreendimento da teoria gerativa, a gramática de uma língua natural é uma teoria da Língua-I de um indivíduo. Nesse caso, as afirmações sobre a gramática de uma língua são

afirmações da teoria da mente em torno da Língua-I de um indivíduo que sabe uma língua (CHOMSKY, 1986).

Gramática, nessa acepção, é uma representação, necessariamente, teórica de um conhecimento adquirido, a partir da exposição a amostras de Língua-E, por um indivíduo que sabe uma língua – ou que tem uma Língua-I; ou, em termos mais técnicos, gramática é uma teoria sobre a Língua-I de um indivíduo que sabe uma língua, adquirida quando esse indivíduo foi exposto a amostras de um objeto exteriorizado nas mais diversificadas situações de uso, ou a amostras de Língua-E.

Como dito na *Introdução*, a distinção entre Língua-I e Língua-E e o derivado conceito de gramática está na base da pesquisa que apresento. Nesse contexto, utilizo textos escritos deixados pela história externa das línguas como amostras de Língua-E para teorizar sobre o conhecimento lingüístico que os autores desses textos têm ao saber uma língua; ou seja, utilizo amostras de Língua-E para teorizar sobre a Língua-I dos autores. A gramática do PC, a gramática do PE ou a gramática do PB, nesse sentido, são teorias sobre a Língua-I dos autores, instanciadas nos textos escritos. Quero reter aqui o conceito de gramática para o qual remeto o leitor no desenvolver do trabalho: gramática é uma teoria sobre o conhecimento que um indivíduo tem quando sabe uma língua particular.

Apresento na seção que segue o modelo de competição de gramáticas para o estudo da mudança sintática.

1.1.2 Mudança sintática e competição de gramáticas

É consensual em lingüística o fato de que as línguas naturais mudam no curso do tempo. Entretanto, no que se refere às feições da mudança sintática, em específico, há diferentes perspectivas sob as quais a mudança pode ser abordada¹. Apresento, nesta seção, alguns aspectos de um modelo que correlaciona mudança sintática e *competição de gramáticas*, conforme vem sendo proposto por Anthony Kroch (KROCH, 1989, 1994, 2001) e colaboradores (KROCH; TAYLOR, 1997).

O texto *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*, de Kroch, publicado em 1989, traz uma significativa contribuição para o estudo da mudança sintática, sobretudo no quadro teórico da teoria da variação e mudança, ou da sociolingüística variacionista². Kroch propõe que a mudança sintática procede via competição de gramáticas. A proposta do autor estabelece um ponto de diálogo entre a observação empírica na gradação de formas variantes no curso do tempo (num ambiente heterogêneo) e a análise explicativa da teoria da gramática. Vejamos em que direção.

¹ Não farei aqui um retrospecto do tratamento da mudança lingüística nos diferentes quadros teóricos na história da lingüística. Remeto o leitor interessado ao texto, em português, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Caminhos da Língüística Histórica – ouvir o inaudível* (MATTOS E SILVA, 2008), assim como aos textos de Rita Marquilhas (1996), de Dante Lucchesi (2004) e de Maria Clara Paixão de Sousa (2006), entre outros. Também não vou entrar em detalhes nas diferentes propostas de mudança sintática no quadro da teoria gerativa. Para tanto, remeto o leitor interessado ao texto de Sonia Cyrino (2007), para além dos já citados. Nessa seção, vou ser bastante específico e apresentar o modelo de mudança que usarei na análise dos dados nos capítulos 2 e 3.

² O estudo da variação e mudança de fenômenos sintáticos no quadro teórico da sociolingüística variacionista, em seu modelo clássico, como proposto em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1982), foi (e ainda é) uma questão pouco consensual na teoria. Em particular, o estudo de Weiner e Labov sobre as passivas do inglês, publicado em 1977 (WEINER; LABOV, [1977] 1983), gerou um grande debate em torno da aplicabilidade da regra variável para o estudo da variação e mudança em níveis mais altos da estrutura gramatical. Ver, para uma revisão sobre o debate, Lavandera (1978), Labov (1978), Romaine (1981) e Milroy e Gordon (2003).

No trabalho pioneiro, agora clássico, de Weinreich, Labov e Herzog, publicado em 1968 (WLH, doravante), a questão da mudança lingüística é colocada em pauta de modo a se delinear *fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Nesse texto, os autores defendem a sistematicidade ordenada do processo de mudança, de modo que esse processo somente pode ser compreendido quando observado, antes de tudo, no ambiente heterogêneo de uma determinada comunidade de fala.

Um das questões centrais que está na base da argumentação de WLH é:

After all, if a language has to be structured in order to function efficiently, how do people continue to talk while the language changes, that is, while it passes through periods of lessened systematicity? (WLH, 1968, p. 100, *grifo nosso*).

WLH assumem que o estudo empírico do processo de mudança lingüística não pode negligenciar a variabilidade inerente ao sistema lingüístico em uso. E, nesse contexto, a noção de variável lingüística ou de regra variável é, pois, fundamental nesse empreendimento. A heterogeneidade sistemática é vista como a co-variação entre variáveis lingüísticas definidas em função de demais variáveis independentes extralingüísticas (i.e., sócio-estilísticas) ou lingüísticas (i.e., estruturais). Nessa linha de raciocínio, se estabelece uma relação direta na sociolingüística variacionista entre variação e mudança: toda mudança pressupõe, necessariamente, variação. É importante destacar que apenas a relação mudança/variação é direta, pois, nessa perspectiva de análise, há casos de variação que não desencadeiam mudança.

Voltando à questão da mudança/variação nos domínios da sintaxe, Kroch e seus colaboradores têm advogado um modelo de mudança sintática que não descarta a heterogeneidade sistemática inerente ao ambiente lingüístico, conforme

defendido por WHL (1968). Nesse modelo, a mudança sintática procede gradualmente via competição de gramáticas que se substituem no uso entre gerações. Por outros termos, o processo de mudança sintática reflete sempre a tensão, num ambiente heterogêneo, entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora.

É importante salientar que os textos base da teoria da Variação e Mudança (WHL, 1968; LABOV, 1972, 1982, em específico), com certa frequência, confrontam a proposta de variabilidade/heterogeneidade estruturada à simples “alteração de códigos”. Em específico, Labov (1972) refuta essa possibilidade na análise do inglês falado pelos negros em Nova Iorque. Vários são os exemplos listados nesses textos a favor da hipótese de que uma proposta via “alteração de códigos” seria inviável para uma compreensão satisfatória do real processo de mudança lingüística numa comunidade de fala. Da mesma maneira, a mudança sintática via competição de gramáticas, conforme proposto por Kroch, não pode ser entendida como um sistema de “alteração de códigos”. Reflete, pois, um período de co-variação entre opções gramaticalmente incompatíveis na fala e na escrita de um indivíduo e de uma comunidade de fala.

A análise de materiais históricos, num determinado período de tempo no curso de uma mudança sintática, evidencia que a gradação entre formas variantes que se vê refletida nos textos é a tensão entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora. Nesse sentido, essa tensão é captada pela observação empírica de alterações na frequência de uso de formas instanciadas por diferentes gramáticas. Essas alterações significativas atestadas nos textos são reflexos de uma alteração na fixação de um parâmetro gramatical, resultando no que Kroch define como *Hipótese da Taxa Constante*. Segundo essa hipótese, o que aparece refletido nas amostras de Língua-E é apenas o efeito da mudança sintática, ou seja da alteração na fixação de um parâmetro gramatical que é refletida no uso das formas. Voltarei à *Hipótese da Taxa Constante* de Kroch logo a seguir. Antes, porém, quero focar a natureza da mudança sintática via competição de gramáticas.

Na proposta advogada por Kroch e colaboradores, a mudança sintática é entendida como uma falha na transmissão de traços lingüísticos através do tempo³. Em grande medida, as falhas na transmissão de traços são falhas no aprendizado, quando no processo de aquisição da língua pela criança entre diferentes gerações. Ainda, segundo Kroch, o entendimento dessas falhas na transmissão é de difícil compreensão porque as relações entre a evidência lingüística a que um indivíduo em condições naturais no período normal de aquisição está exposta e a gramática adquirida são bastante imprecisas. Por esse motivo, o estudo da mudança sintática através da análise de materiais históricos é um campo profícuo em busca de respostas em relação aos problemas empíricos e teóricos sobre o processo de mudança sintática⁴. Esse é o caminho percorrido por Kroch em seus textos.

A natureza da mudança sintática, ou a origem de uma nova fixação de um parâmetro gramatical, e, conseqüentemente, o advento de uma nova gramática é associado à aquisição da língua. Há no processo de aquisição, pelo qual a criança adquire a língua vernacular e as demais opções lingüísticas às quais ela é exposta (associadas a aspectos sociais, regionais etc.), uma assimetria (pensada aqui como uma “falha” de transmissão) entre a gramática G_1 alvo e a gramática G_2 efetivamente adquirida pela criança. Por motivos associados a fatores sócios ou psicolingüísticos, a freqüência de uso de uma determinada forma (que reflete propriedades de uma determinada gramática) é interpretada erroneamente no

³ *Language change is by definition a failure in the transmission across time of linguistic features. Such failures, in principle, could occur within groups of adult native speakers of language, who for some reason substitute one feature for another in their usage, as happens when new words are coined and substituted for old ones; but in the case of syntactic and other grammatical features, such innovation by monolingual adults is largely unattested.* (KROCH, 2001, P. 671)

⁴ Para uma discussão relevante, em português, da relação entre os estudos em lingüística histórica e em sintaxe diacrônica sob os domínios de diferentes *tempos e temporalidades* no estudo da mudança gramatical, ou sintática, remeto a Paixão de Sousa (2006).

processo de aquisição, o que motiva uma pequena e constante assimetria entre uma gramática vernacular e outra gramática que vem a ser adquirida tardiamente⁵.

O problema que se coloca, em particular, diz respeito a questões tais como: Por que essa assimetria ocorre? Ou, mais especificamente, qual o motivo que leva a criança no processo de aquisição a fixar “erroneamente” um parâmetro na gramática alvo G_1 ? O que gera uma assimetria entre a gramática dos seus pares e a nova gramática adquirida G_2 ? Muitos teóricos gerativistas têm defendido que a mudança sintática é exógena e se relaciona, de uma maneira ou de outra, à frequência de uso das formas variantes no eixo temporal⁶. Na proposta de Kroch, como já dito, a gradação entre formas variantes é o reflexo da competição entre diferentes gramáticas, G_1 e G_2 , que resulta de uma falha na transmissão de traços lingüísticos⁷. Essa visão se contrasta àquela defendida por David Lightfoot em textos recentes.

Lightfoot (1991) defende que a mudança sintática é o resultado de uma reanálise gramatical entendida como resultado de alterações nos dados lingüísticos primários. Na proposta do autor, o processo de aquisição da gramática de uma língua particular é baseado em pistas (“*cues*”). As pistas estão associadas

⁵ Em sociolingüística variacionista, tem-se defendido que o vernáculo é a língua sempre mais automatizada, mais psicologicamente rápida e mais acessível nos processos de produção e processamento da fala. Para Labov ([1969] 2003, p. 241), um estilo mais formal está, necessariamente, associado a um processo mental atrelado a uma maior atenção à fala que aquele de um estilo mais casual e espontâneo do uso da linguagem, para o qual, segundo o autor, o mínimo de atenção é dado.

⁶ “*Of course, if the conditions of linguistic transmission are altered, for example, by contact with another speech community, then change may well occur, since the linguistic experience of children of the community is likely to change. Since language change is ubiquitous, it might seem that the standard model must overly simple in some crucial respect; and linguists have proposed various complications to allow for endogenous change. For syntax, the most obvious proposal is that change at other levels of structure, however caused, provokes grammatical reanalysis*”. (KROCH, 2001, p. 701).

⁷ Charles Yang em textos recentes tem advogado também um modelo de aquisição/mudança lingüística via competição de gramáticas. A proposta do autor está centrada, sobretudo, num modelo de aquisição que leva em conta o ambiente sociolingüístico, via competição de gramáticas, ao qual uma criança está submetida no processo de aquisição de uma língua natural. Ver, em específico, Yang (2000, 2005).

aos parâmetros fixados nas gramáticas particulares, e, por esse motivo, não são universais, mas específicas a cada gramática em particular. Nessa proposta, a mudança sintática é relacionada a uma significativa alteração nos dados primários da experiência detonadora; ou seja, uma alteração (mudança) significativa nos dados primários aos quais o aprendiz está exposto está na base da mudança sintática⁸.

Importante se faz referir que, no quadro teórico da gramática gerativa, os trabalhos de David Lightfoot, já na década de 70, são pioneiros em associar o estudo da mudança sintática à aquisição de uma língua natural por uma criança quando exposta a amostras de Língua-E.

Demais questões tais como as de por que, em que circunstâncias e em que direção as línguas mudam estão sob a rubrica do problema empírico de encaixamento na matriz social e lingüística no estudo da mudança, tal como proposto por WLH. Como já dito, é fato que as línguas mudam; é também um fato, sob o escopo da sociolingüística variacionista, que a variação é um aspecto inerente a toda e qualquer língua natural.

Uma questão formulada por Kroch (2001, p.700), e que parece central nos estudos de variação e mudança na sintaxe é: *as línguas, quando desconsiderados os efeitos de contatos lingüísticos e outras propriedades de cunho social, tendem a manifestar mudança ou estabilidade?* A resposta a essa indagação nos direciona para uma questão há muito debatida nos estudos lingüísticos: a busca por uma unidade estrutural de análise.

⁸ “The natural way for linguistic to think of this is that different childhood experiences, different sets of primary linguistic data (PLD), sometimes cross thresholds, which entails that the system shifts, and that a new grammatical property results. So the inventory of variable properties constitutes the set of fixed-point attractors. This provides a productive way of understanding what happens in grammatical change and supports the viability of thinking of a small number of parameter setting as defining the structurally stable systems which we call grammars. We shall see in a moment that linguistic variation is typically not a matter of free variance, but rather oscillation between two fixed points of divergence.” (LIGHTFOOT, 1999, p. 91).

Como referi acima, a mudança sintática via competição de gramáticas é, antes, um processo gradual. Uma questão interessante que se abre é: em que momento, e de que maneira, de fato, uma determinada gramática tem um de seus parâmetros alterado e entra em competição com um novo sistema gramatical inovador? Na proposta de Kroch, a reanálise gramatical é o resultado de uma falha na transmissão de traços lingüísticos. *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*, publicado em 1989, estabelece um ponto de diálogo interessante entre a origem gramatical da mudança sintática e a propagação da mudança no curso do tempo. É defendido nesse texto que a gradação na frequência de uso de formas variantes atestada em diferentes contextos superficiais em amostras de fala ou de escrita pode refletir, no curso do tempo, uma mesma mudança num parâmetro da gramática.

É importante considerar que a origem da mudança sintática na gramática é a reanálise de um parâmetro gramatical, e, nesse sentido, a teoria da gramática tem fornecido importantes informações em busca de explicações sobre a origem dessa mudança; sob outra perspectiva, temporal e cronológica, a origem da mudança na língua envolve questões diversas relacionadas ao proplema empírico de propagação, tais como situações de empréstimo ou de contato lingüístico, de crioulização, entre outros^{9/10}.

⁹ As palavras de Paixão de Sousa referem com propriedade essa questão: “... *essa sucessão dos ciclos temporais gramaticais entrecortados por catástrofes é uma análise teórica; mas não se imprime necessariamente no eixo da vivência empírica. No eixo do factual (que como já vimos, remete à dimensão do temporal-cronológico, do experimentado) a sucessão de eventos pode se apresentar como gradual – seja no tempo do acontecimento (pela percepção necessariamente limitada da vivência empírica), seja no tempo da narrativa (pelas condições de reconstrução da temporalidade...).* Daí se explicaria a aparência quase sempre gradual das mudanças lingüísticas no plano documental, ou seja: assim se explicaria o fato de que um acontecimento catastrófico por necessidade teórica – a substituição de gramáticas – imprima testemunhos linearmente graduais.” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 42-43).

¹⁰ Lightfoot propõe uma divisão entre mudança lingüística e mudança gramatical. Por um lado, segundo o autor, a mudança lingüística é um agrupamento de “*fenômenos*” distintos que pode abarcar diferentes usos da gramática no discurso, da variação social e de variedades geográficas. De outro lado, a mudança gramatical constitui um tipo (específico) de mudança, não que não esteja

Uma proposta de análise para a mudança sintática via competição de gramáticas se depara necessariamente com o fato de, numa perspectiva teórica a lá gerativismo, a alteração na fixação de um parâmetro na gramática de uma língua ser, antes de tudo, sempre catastrófica. A “falha” na transmissão de traços lingüísticos, como refere Kroch, gera uma reanálise na fixação de um parâmetro da gramática G1 que entra em competição com outra gramática G2; mas a mudança lingüística, de fato, é implementada num ambiente heterogêneo via competição entre diferentes gramáticas. Numa perspectiva diacrônica, os textos escritos refletem essa competição entre uma gramática inovadora, vernacular, e uma gramática conservadora, relacionada a questões sociolingüísticas e à pressão social de uma norma padrão ou de uma escrita conservadora.

Sempre que a frequência superficial de uso de uma dada forma/estrutura estiver mudando, os falantes são hábeis (i.e. competentes) para associar corretamente tais mudanças com suas origens (causas) gramaticais. A proporção da mudança, deste modo, segue uma escala logística (frequência de uso) que motiva um efeito de cadeia – pensado aqui sob a rubrica do problema empírico de *encaixamento* lingüístico (como proposto no trabalho pioneiro de WLH). Adiante, ou uma das formas torna-se obsoleta, devido a preferências estilísticas ou flutuações estatísticas associadas à frequência de uso, ou as duas formas tornam-se estáveis no sistema devido a diferenças de sentido e/ou de propriedades gramaticais¹¹.

imbricada com outros fatores não-estruturais (foco da mudança lingüística), mas, devido às restrições (biológicas) da Gramática Universal (doravante GU), está voltada aos aspectos da mudança que envolvem a variação e a aquisição de gramáticas pelas crianças (ver LIGHTFOOT, 1999; no prelo).

¹¹ De acordo com Kroch (1994), a opcionalidade entre formas variantes num mesmo sistema gramatical não é permitida devido a um princípio da gramática das línguas naturais, formulado por Aronoff (1976) para formativos morfológicos, que exclui a co-variação de opções que não sejam funcionalmente diferenciadas. Esse princípio é denominado *Efeito de Bloqueio*.

1.1.3 A propagação da mudança sintática

Como refere Kroch (2001, p. 719), o que se observa em estudos diacrônicos sobre mudança sintática é que a evolução das formas no curso do tempo é necessariamente gradual. A observação empírica do curso da mudança sintática mostra que as formas não se substituem abruptamente. Há no eixo temporal um processo gradual de substituição entre as formas, de modo que o curso de uma mudança sintática reflete sempre uma curva em S. A gradação da mudança no eixo temporal se reflete, nesse sentido, como um período de variação entre formas variantes.

A compreensão da mudança sintática via competição de gramáticas, no sentido de Kroch e colaboradores, tem se mostrado um campo fértil para o estudo da origem, no quadro teórico da gramática gerativa, e da propagação, no quadro teórico da sociolinguística variacionista, da mudança sintática. Abre-se, nesse sentido, um campo fértil de trabalho em busca de respostas aos problemas empíricos de encaixamento e propagação no estudo da mudança sintática (WLH, 1968).

O estudo da mudança sintática via competição de gramáticas tem mostrado que a gradação na frequência de uso de diferentes contextos superficiais reflete uma mesma (ou única) mudança paramétrica. Essa relação é denominada de *Hipótese da Taxa Constante (HTC)*, doravante). Por outros termos, a *HTC* revela que a gradação nas formas variantes no curso de uma mudança não é a mudança em si, mas, antes, é o reflexo de uma mudança na fixação de um mesmo parâmetro na gramática da língua.

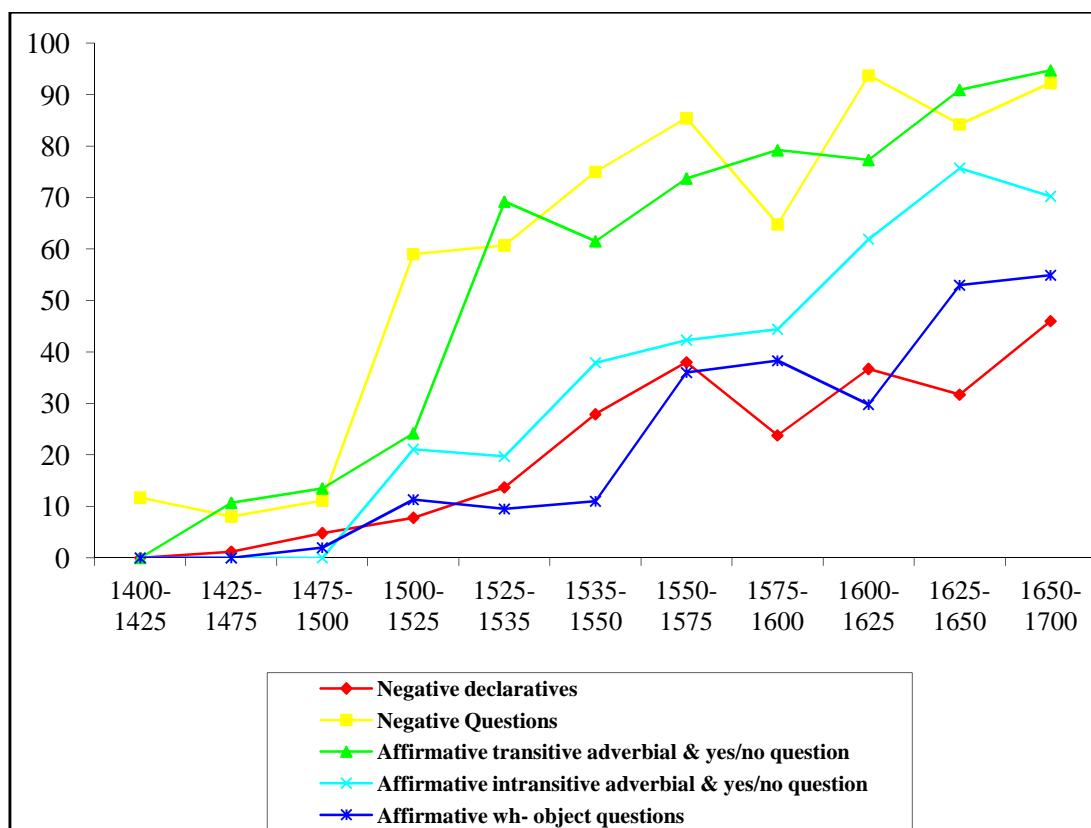
Nessa linha de raciocínio, o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na estrutura de um sistema linguístico não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou de um morfema particular, mas pela alteração na fixação de um Parâmetro. Nessa

perspectiva, a reflexão sobre o processo de mudança sintática é um convite à “garimpagem” de tais fenômenos “superficiais” em busca da origem da mudança.

Kroch (1989) traz resultados empíricos de alguns estudos diacrônicos a favor da *Hipótese da Taxa Constante*. Retomo no que segue aqueles apresentados pelo autor relacionados ao encaixamento do verbo auxiliar *do*, com base no estudo de Ellegard (1953), em vários contextos no sistema do inglês médio e do inglês moderno, no período correspondente aos anos entre 1400 a 1700.

A proporção do verbo auxiliar *do* perifrástico em orações negativas e interrogativas no inglês, apresentada no estudo de Ellegard (1953), está sistematizada nos gráficos da *Figura 1.1*, a seguir.

FIGURA 1.1 Verbo auxiliar *do* no Inglês em diferentes contextos (adaptado de KROCH, 1989, p. 22)



Como refere Kroch (1989, p. 23), tendo em vista as curvas relacionadas à evolução da entrada do *do* em contextos negativos e interrogativos no sistema do inglês médio, os gráficos apresentados na *Figura 1.1* desenharam uma curva em S em todos os contextos. Com base em instrumental estatístico, Kroch calcula a proporção da mudança em relação à função logística das curvas em S apresentadas nos gráficos para os diferentes contextos, ou mais especificamente, a proporção da inclinação das curvas desenhadas pelos gráficos em S, e encontra valores muito próximos para todos os contextos. Esse resultado é interpretado pelo autor como evidência de que a entrada do auxiliar *do* nos diferentes contextos, observados por Ellegard no estudo de 1953, reflete uma mudança paramétrica. Na proposta de análise delineada por Kroch, a natureza da mudança sintática está associada a uma reanálise do sistema dos verbos auxiliares e o licenciamento (ou não) do movimento do verbo no sistema do inglês no curso dos séculos. Não vou me ater à natureza da mudança, pelo que remeto o leitor interessado ao texto do autor. Quero reter da análise a relevante contribuição da *Hipótese da Taxa Constante* formulada por Kroch para o estudo dos problemas de encaixamento e de transição, conforme proposto em WLH (1978).

Nessa linha de pensamento, depreende-se que a unidade da gramática se vê nas inclinações das curvas (cf. gráficos na *Figura 1.1* acima). Tudo muda junto porque a origem da mudança é uma só. Tal evidência é argumento para o fato de que a mudança sintática pode ser entendida via competição de gramáticas (ou entre sistemas). Assim, a proporção em que uma nova forma substitui a forma conservadora é a mesma em todos os contextos. Quando observada a alteração nas taxas de frequência de uso de uma determinada forma no curso dos séculos (disponível apenas em textos escritos deixados pela história), o que se revela na gradação entre formas variantes é o reflexo do processo de mudança.

Como já referido, o fenômeno de ordenação de clíticos é bastante revelador de propriedades estruturais que identificam diferentes gramáticas do português. Na seção 1.2, que segue, retomo resultados de estudos empíricos e de análises teóricas sobre a sintaxe de ordenação de clíticos tendo em vista a análise de textos escritos na história do português. Em muitos dos resultados retomados há uma referência direta à proposta de competição de gramáticas, como é o caso dos trabalhos de Galves (200), Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Galves, Torres Morais e Ribeiro (2005), Carneiro (2005), Galves (2007).

1.2 A sintaxe da ordem dos pronomes clíticos em português: descrição e análise

“Diz-se que, na história das línguas, o século talvez seja a unidade mínima de contagem do tempo”.

Ivo Castro (2006)

Sistematizo, nesta seção, resultados diacrônicos de alguns estudos teóricos e quantitativos que buscam descrever a sintaxe de ordenação dos pronomes clíticos nas gramáticas do português no curso dos séculos. Antes, porém, algumas breves palavras sobre a periodização do português se fazem necessárias. De início, cito as palavras de Ivo Castro sobre a problemática da periodização das línguas.

É tradicional dividir o tempo das línguas em períodos, à semelhança do que se faz com a história dos povos. Trata-se de uma ilusão útil: ilusão, porque às fronteiras entre os períodos sempre falta fundamentação rigorosa, mas útil, porque com um nome podemos designar uma extensão de séculos, sem obrigação de precisar datas mais exactas. (CASTRO, 2006, p. 73).

Sobre a “ilusão útil” da periodização da língua portuguesa, o Português Arcaico (doravante PA) é o primeiro período histórico reconhecido na literatura tradicional (MATTOS E SILVA, 2004, 2006; CASTRO, 2006). Esse período se estende desde a língua representada nos primeiros textos escritos em português até aquela representada em textos escritos no final da idade média, em meados do século 16. Entre a língua representada em textos medievais e o PE e o PB, por seu turno, há um longo percurso interpretado de diferentes maneiras na historiografia do português.

Sistematizo as diferentes propostas a respeito da periodização da língua portuguesa, retomando as palavras de Charlotte Galves num artigo recente sobre *a língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro*.

Alguns autores, como Leite de Vasconcelos, Lima Coutinho, Mattoso Câmara rotulam simplesmente a fase da língua que vai dos primeiros documentos remanescentes ao século 16 de português “arcaico” ou “antigo”. Outros subdividem esse período em duas fases, com uma linha divisória se situando entre a metade e o fim do século 14 (1350, fim da produção da lírica galegoportuguesa, e 1385, advento da Dinastia de Avis). Antes, temos o “português trovadoresco” (Silva Neto, Haüy, Carolina Michaelis de Vasconcelos), o “galego-português” (Pilar Vasquez Cuesta, Paul Teyssier), ou ainda simplesmente o “português antigo” (Lindley Cintra, Ivo Castro). (GALVES, 2007, p. 3)

Com base em estudos dos textos que constituem o *Córpus Tycho Brahe* e em estudos de outros *córpus*, assim como na concepção de que a mudança sintática procede via competição de gramáticas, nos termos advogados por Kroch, Galves e suas colaboradoras defendem que os textos portugueses escritos no período correspondente à segunda metade do século 14 e o século 18 refletem diferentes períodos de transição da língua portuguesa: em uma ponta, que vai da segunda metade do século 14 a meados do século 16, os textos evidenciam padrões da gramática do PA e padrões de uma gramática inovadora, o PC; em outra ponta, que corresponde ao século 18, os textos evidenciam padrões da gramática do PC e padrões de uma gramática inovadora, o PE. Nessa perspectiva, o (complexo) período entre a segunda metade do século 14 e o final do século 18 na história do português é denominado pelas autoras de Português Médio (doravante, PM), (cf. GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; NAMIUTI, 2006; GALVES, 2007; NAMIUTI, 2008).

O período entendido como PM, desse modo, abarca os diferentes períodos de transição que marcam diferentes propriedades da língua portuguesa representada em textos escritos, conforme proposta de alguns estudos sobre a periodização do português, como, por exemplo, a definição de Português Médio assumida por Ivo Castro (2006) em companhia de Lindley Cintra.

Outra hipótese defendida por Galves e colaboradoras, e importante na discussão que segue, se destaca: a “*língua das caravelas*” trazida ao Brasil pelos colonizadores no século 16 é o PM, pelo que, a variedade brasileira do português (ou a gramática do PB), assim como a variedade europeia (ou a gramática do PE), tem como base comum o PM, ou, mais especificamente, a gramática do PC. Assim, a partir da gramática do PC, cá e lá, com diferentes sabores, as gramáticas do PE contemporâneo e do PB tomaram diferentes percursos. Na companhia das autoras, assumo neste trabalho que o PB se distancia da gramática do PC.

Há de se considerar que a “*língua das caravelas*” aqui aportada encontrará um ambiente sociolingüístico muito particular. Nas palavras de Mattos e Silva (1996, p. 3), “[...] a língua portuguesa que aqui chega em 1500, somada às sucessivas levas de colonizadores até o final do século XIX em complexas e variadas situações de contato multilingüístico, vem formando o português brasileiro. Essa multifacetada história está por ser reconstruída com rigor e precisão.”

Como já dito na *Introdução*, estudos em lingüística teórica têm evidenciado que a sintaxe de ordenação dos clíticos, em especial, é um fenômeno que por excelência reflete diferentes propriedades de diferentes gramáticas do português ao longo dos séculos. Nesse contexto, a análise da sintaxe dos clíticos pode ser um campo profícuo para o estudo da multifacetada história do PB, como bem refere Mattos e Silva. A descrição e a análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos nos textos catarinenses apresentadas nos capítulos 2 e 3 têm o objetivo central de contribuir com a descrição dessa história, sob uma perspectiva da história interna, ou da Língua-I, das gramáticas do português.

Para contextualizar a análise da escrita catarinense dos séculos 19 e 20 apresentada no capítulo 2, descrevo, na seção *1.2.1* que segue, de gramática a gramática(s), alguns dos recentes estudos diacrônicos com base em corpus vários sobre a ordem relativa clítico/verbo/clítico. É importante ter em conta que esses estudos estão voltados, sobretudo, à história interna do português, ou, mais especificamente, aos diferentes estágios gramaticais da língua portuguesa ao longo dos séculos. Na seção *1.2.2*, para dar suporte à análise que proponho no capítulo 3 para os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, retomo algumas análises teóricas, em diferentes modelos teóricos no quadro da teoria de Princípios e Parâmetros, sobre a derivação da próclise (e da ênclise) nas gramáticas do português.

1.2.1 Padrões empíricos

Considerando os diferentes estágios ou gramáticas do português, apresento, nesta seção, resultados de alguns estudos recentes que descrevem padrões empíricos gerais de ordenação de clíticos, com base em corpus de naturezas várias, em textos portugueses escritos no curso dos séculos 13 a 20. O percurso traçado tem por objetivo apresentar um panorama geral, de gramática a gramática(s) do português, dos processos de mudança que estão na base dos diferentes estágios gramaticais do português e que se refletem, em particular, na sintaxe de ordenação de clíticos.

1.2.1.1 De gramática a gramática: do PA ao PC

Joseph Huber em sua gramática do PA assume que os clíticos nesse estágio do português são essencialmente enclíticos, apenas *a sua relação com algo precedente fá-los deslocar-se o mais possível para o começo da frase* (HUBER, 2006[1933], p. 177). Vejamos a natureza desses constituintes em posição pré-verbal com os quais os proclíticos “se relacionam”.

De acordo com Ana Maria Martins (1994), na gramática do português Medieval e Clássico, de um lado, os clíticos podiam se antepor ou se pospor aos verbos em orações não-dependentes afirmativas (e não introduzidas por quantificadores, (determinados) advérbios ou sintagmas interrogativos ou focalizadores)¹². No PE (ou em textos portugueses escritos a partir do século 17), de outro lado, os clíticos necessariamente se pospõem aos verbos nesses tipos de construções. O novo padrão enclítico nesses contextos registraria o advento dessa nova gramática, em relação às anteriores, instanciada nos textos.

A. M. Martins apresenta uma descrição e análise dos padrões de ordenação dos pronomes clíticos em textos escritos dos séculos 13 a 16. A descrição tem como base um *cópus* de documentos notariais, editado pela autora, e dados de outras naturezas (tais como dados disponíveis em trabalhos já publicados sobre o assunto e em textos literários). Os padrões de colocação dos clíticos no português dos séculos 13 a 16 descritos pela autora estão elencados a seguir.

Em orações não-dependentes simples, principais e coordenadas não disjuntivas, há variação ênclise/próclise. A próclise é a única opção apenas nos seguintes ambientes sintáticos:

¹² A denominação de Português Medieval e Português Clássico proposta por A. M. Martins abarca o período correspondente aos séculos 13 a 17/18. Na análise defendida pela autora, o século 17 marcaria o advento de uma nova gramática: o PE.

(i) Orações com operadores de negação;

(1)

- a. e se algue veer asj da nosa parte como da estraya que este nosso feyto quiser britar nõ **lj** seya outorgado. (*Documentos Notariais, 1277*)
- b. E nõ **lhy** fazer o Mosteiro pela carreira mais dano do que lhy ante f[azia]. (*Documentos Notariais, 1308*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 17)

(ii) Orações com quantificadores (que ocupam uma posição interna à oração e não a de um adjunto frásico e que tenham uma leitura quantificacional e não de grupo);

(2) e todos assy **o** outorgarom. (*Documentos Notariais, 1458*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 19)

(iii) Orações com determinados advérbios em posição pré-verbal (*ainda*, cf. (3)a.; *ante(s)* – na acepção de “pelo contrário”, cf. (3)b; *aqui/ali*, cf. (3)c; *assi*, cf. (3)d; *bem/mal*, cf. (3)e; *item, mais* e *outrossi(y)* – na acepção de “também”, cf. (3)f; *já*, cf. (3)g; *logo*, cf. (3)h; *ora/agora*, cf. (3)i; *sempre*, cf. (3)j; e *dois de alguns dos advérbios associados*, cf. (3)k);

(3)

- a. et ajnda por esto **se** proua que... (*Orgando 1980*)
- b. e durante as ditas três vidas nom possam leixar o dicto casal nem o dicto moesteiro tolher ante lho faram de paz (*Documentos Notariais, 1458*)
- c. Et aqui se acaban as rrazões de Caim et de suas gerações et de suas poblas (*Orgando 1980*)
- d. E como a usarõ e possoyrã assy a hauede uos e possyde (*Documentos Notariais, 1285*)
- e. bem sse vinga per vós em mi (*Orgando 1980*)
- f. E ourossj os meteu e posse do Cassal (*Documentos Notariais, 1458*)

- g. Já os quis Deos de morte guarecer (*Orgando 1980*)
- h. E logo lhj abriu de todo mão que sseu era (*Documentos Notariais, 1339*)
- i. Agora vos diremos das geerações de Caym (*Orgando 1980*)
- j. et sempre os vencia (*Orgando 1980*)
- k. E bem asy as manter~e nas ditas três vidas de gujsa que no defiaçam (*Lx, 1494*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 26-29)

(iv) Orações iniciadas por constituintes focalizados.

(4)

- a. E esta doaçõ lhy faço por muyto be que ouuj desse Mosteiro (*Documentos Notariais, 1317*)
- b. E estes ditos hermeteos e bees lhj deu e outogou pêra senpre pêra prouemeto de sãs orrdes (*Documentos Notariais, 1350*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 40)

Em orações com o verbo em primeira posição absoluta, A. M. Martins, seguindo os resultados já atestados na gramática do PA de Huber, não encontra nenhuma ocorrência de anteposição do clítico. Esse é um contexto de ênclise absoluta mesmo em textos do século 16 em que a próclise passa a ser o padrão de colocação dos pronomes clíticos nos “contextos de variação diacrônica”, como descrito mais a seguir.

Para sumarizar, os resultados obtidos por A. M. Martins (1994) descrevem os seguintes contextos como “reguladores” da ordem relativa cIV em orações não-dependentes em textos portugueses escritos entre os séculos 13 e 16: (i) orações com um operador de negação predicativa; (ii) orações com quantificadores ou certos advérbios em posição inicial; (iii) orações com elementos focalizados na periferia esquerda da frase e (iv) orações com o verbo em posição absoluta. De acordo com a autora, *na ausência de qualquer um desses fatores, é possível*

*encontrar, durante todo o período medieval (séculos 13 a15) variação livre*¹³ [clV/Vcl] na colocação dos pronomes clíticos (A. M. MARTINS, 1994, p.53).

A descrição feita por A. M. Martins revela uma mudança em curso nos contextos de variação Vcl/clV refletida nos textos escritos entre os séculos 13 e 16, por ela analisados: em termos quantitativos, a frequência de clV em contextos de variação, pouco produtiva em textos do século 13, vai, ao longo dos séculos, se tornando o padrão até ser a ordem categórica (exceto nos ambientes de não-variação, como discutido acima) em textos do século 16 – 3 ocorrências de 45 dados (6,7%) em textos do século 13; 23 ocorrências de 85 dados (27%) no século 14; 54 ocorrências de 64 dados (84,4%) no século 15 e 61 ocorrências de 61 dados (100%) em textos do século 16, conforme resultados sistematizados pela autora no quadro I (A. M. MARTINS, 1994, p. 56).

Em relação às construções com sujeitos pré-verbais, que interessam particularmente no desenvolver da pesquisa que apresento, dentre os contextos de variação Vcl/clV, de acordo com A. M. Martins, em textos dos séculos 14 e 15, *as orações com um sujeito lexical (pré-verbal) apresentam majoritariamente colocação pré-verbal do clítico ao contrário do que acontece com as que têm um sujeito vazio* (p.77). A análise da autora identifica, em específico, que a existência de um sujeito lexical pré-verbal favorece a anteposição dos clíticos em textos dos séculos 14 e 15, conforme sistematizado em (5), a seguir.

¹³ É importante destacar aqui que os estudos em sociolinguística variacionista têm mostrado que não existe variação livre. Toda variação está encaixada numa matriz social e linguística ou estrutural. (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994).

(5)

Ênclises e próclises em orações com sujeitos pré-verbais em textos dos séculos 14 e 15 (A. M. Martins 1994, p. 78)

Século 14: 82,4% (14/17) de cIV em orações com sujeitos pré-verbais

11,1% (7/63) de cIV em orações com sujeitos nulos

Século 15: 100% (9/9) de cIV em orações com sujeitos pré-verbais

84,3% (56/63) de cIV em orações com sujeitos nulos

Ainda sobre a sintaxe de ordenação dos constituintes no PA, resalto o estudo de Fiéis (2003). Com base em amostras extraídas de textos literários e não-literários do *Córpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*¹⁴, a autora apresenta um estudo da ordem dos constituintes oracionais em textos escritos entre os séculos 13 e 16. A autora afirma que o PA (segundo a denominação de Said Ali em 1923) é uma língua de sujeito nulo e que a ordem básica dos constituintes em contextos finitos é SVO.

No que diz respeito à cliticização, Fiéis descreve e analisa 12.779 orações em contextos finitos e não-finitos com pronomes clíticos objetos, acusativos, dativos e aquelas com o clítico *se*. Seguindo a descrição em A. M. Martins (1994), a análise dos dados revela que em textos do século 13 e 16 em orações não-dependentes há variação ênclise/próclise, com aumento da próclise a partir do século 14. A ordem relativa clítico-Verbo é o padrão em orações não-dependentes na presença de *elementos desencadeadores de próclise* em posição pré-verbal, dentre eles, *certos advérbios, complementadores lexicais, palavras Wh, entre outros*.

No que se refere às orações dependentes, à exceção das subordinadas gerundivas afirmativas não introduzidas por preposição em que a próclise não é

¹⁴ O cópuz está disponível em «<http://cipm.fcsh.unl.pt/?mid=142>». Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

permitida, a ordem clítico-Verbo é o padrão na gramática do PA, conforme minuciosa descrição em A. M. Martins (1994, p. 93-140) e os resultados de Fiéis (2003).

Para sumarizar, os resultados empíricos obtidos em estudos sobre a ordenação dos clíticos em PA, mostram que, em contextos de “variação diacrônica” os textos do século 16 refletem um diferente padrão de ordenação Vcl/cIV quando comparados aos textos dos séculos que o antecedem: as ocorrências de cIV são pouco produtivas em textos do século 13; aumentam gradativa e significativamente em textos dos séculos 14 e 15; e estabelecem-se como o padrão (categórico, segundo os resultados de A. M. Martins) em textos do século 16. A alteração do padrão empírico (de enclítico para proclítico) em textos escritos no curso dos séculos 13 a 16 é interpretada como o reflexo de uma mudança gramatical (ou sintática) na língua portuguesa que instaura uma nova gramática, o PC.

Destaquemos, pois, nas palavras de Charlotte Galves, a importância do século 16 na história (não apenas lingüística) do português.

Lembramos que do ponto de vista tradicional, o grande divisor de águas da história do português é o século 16. As razões para isso são de duas ordens. Do lado da história externa, o século 16 é o século da expansão da tipografia e com ela da normatização da língua com o surgimento das primeiras gramáticas. Do lado da história interna, como mencionamos acima, é o marco final da presença de traços da língua arcaica nos textos. (GALVES, 2007, p. 12)

O novo padrão de ordenação cIV associado ao advento do PC, entretanto, não substitui imediatamente o antigo padrão Vcl do PA nos textos históricos. Sabe-se que formas novas não substituem imediatamente formas antigas num processo de mudança nas línguas naturais, mas sim que a mudança sintática no curso do tempo reflete um processo gradativo, frequentemente associado a uma

curva em S, conforme discutido nas seções 1.1.2 e 1.1.3, acima. Tomando por base o corolário proposto por Kroch (1989, 2001, em específico) de que a mudança sintática procede via competição de gramáticas, Galves (2004), Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) e Galves (2007) propõem que no período correspondente à segunda metade do século 14 e meados do século 16 convivem diferentes padrões de ordenação Vcl/clV, gerados, por sua vez, por diferentes gramáticas do português: o PA e o PC.

O PC, por sua vez, também segundo a proposta das autoras, perdura os séculos 16, 17 e 18, até que novos padrões de ordenação evidenciem diferentes propriedades de dois novos sistemas, *d'aquém-mar* e *d'além-mar*, o PE e o PB. Mais uma vez, na história lingüística – da Língua-I, do português (apreendida na observação de padrões de uso de fenômenos sintáticos em textos históricos), as formas antigas geradas por uma gramática conservadora são substituídas gradativamente pelas formas geradas por uma (ou mais) gramática inovadora. O século 18, nesse contexto, é cenário da competição entre diferentes gramáticas. Como já dito, o período que corresponde à origem do PC, na segunda metade do século 14, e às origens do PE e do PB, no início do século 18, é denominado por Galves de Português Médio. Estudos sobre os aspectos da sintaxe de colocação de clíticos no período que compreende aos séculos 16 e 20, no que respeita às origens do PE e PB, serão retomados na seção que segue.

1.2.1.2 De gramática a gramáticas: do PC ao PE e ao PB

1.2.1.2.1 do PC ao PE

Esta seção sistematiza resultados de alguns estudos recentes em sintaxe diacrônica sobre a ordenação de clíticos nas gramáticas do PC e do PE com base em dados de textos escritos extraídos de corpúscos vários; mais especificamente, sistematizo resultados relacionados à ordenação de clíticos que identificam diferentes padrões empíricos associados ao advento do PE contemporâneo no curso dos séculos (A. M. MARTINS, 1994; GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Considerando apenas os contextos de variação Vcl/cIV em orações finitas não-dependentes ‘neutras’, atestados em textos portugueses dos séculos 13 ao 16 (documentos notariais e textos literários), Ana Maria Martins, em seu estudo já referido sobre *os clíticos na história do português*, observa a evolução nos padrões de colocação dos clíticos em textos literários escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 16 ao 19¹⁵. De acordo com os resultados apresentados pela autora, há um aumento na frequência de cIV em textos do século 15 ao início do século 17¹⁶, com taxas de 73,5% no texto de *Afonso*

¹⁵ Os textos e seus respectivos autores, seguidos de ano de nascimento e morte, que constituem o corpúscos utilizado por Ana Maria Martins são: *Cartas de Afonso Albuquerque* de **Afonso de Albuquerque** (1462?-1515); *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel* de **Damião Góis** (1502-1574); *Peregrinações* de **Fernão Mendes Pinto** (1510?-1583); *Da Ásia* de **Diogo do Couto** (1542-1616); *Cartas familiares* de **D. Francisco Manuel de Mello** (1608-1697); *Sermões de Padre Antonio Vieira* (1608-1697); *Verdadeiro Método de Estudar* de **Luís António Verney** (1713-1792); *Doutrinas de Estética Literária* de **Almeida Garrett** (1799-1854) e *História da República Romana* de **J. P. Oliveira Martins** (1845-1894).

¹⁶ Importante se faz dizer que A. M. Martins considera a data de nascimento dos autores.

Albuquerque (1462?); 97,1% no texto de *Damião Góis (1502)*; 98,1% no texto de *Fernão Mendes Pinto (1510)*; 72,5% no texto de *Diogo do Couto (1542)* e 92,3% no texto de *D. Francisco Manuel de Mello (1608)*. Os Sermões do *Padre Antonio Vieira (1608)*, para A. M. Martins, refletem um novo padrão enclítico nos contextos de variação. A partir daí, a ordem Verbo-clítico é o padrão atestado nos textos em apreço de modo que a próclise cai significativamente, com taxas de 31,6% nos Sermões de *Vieira*; 27,3% no texto de *Luís António Verney (1713)*; 19,3% no texto de *Almeida Garrett (1799)* e 2,4% no texto de *J. P. Oliveira Martins (1845)*.

A. M. Martins afirma que é no século 17, mais especificamente nos Sermões do *Padre António Vieira*, que transparecem propriedades de uma gramática inovadora, o PE; ou seja, a ordem Vcl passa a ser o padrão na ordenação de clíticos, em contextos até então variáveis na história do português.

Para além do aumento significativo de ênclises em orações finitas não-dependentes ‘neutras’ (i.e., não introduzidas por quantificadores, determinados advérbios, sintagmas interrogativos ou focalizadores – por constituírem “ambientes proclisadores”), a perda da propriedade de interpolação de outros constituintes exceto o não (também evidenciada nos textos posteriores aos *Sermões de Vieira*) é interpretada por A. M. Martins como um fenômeno associado ao advento da gramática do PE. Olhemos mais de perto os argumentos da autora.

No que diz respeito à evolução das ordens Vcl/clV nos textos, como já dito, A. M. Martins encontra nos *Sermões de Vieira* apenas cerca de 30% de próclise. As próclises encontradas são interpretadas pela autora como associadas a construções de focalização, contexto este de não-variação na colocação dos clíticos na história do português.

Associados ao significativo aumento da ordem Verbo-clítico, atestado nos textos posteriores aos *Sermões de Vieira*, os resultados apresentados por A. M.

Martins mostram que a interpolação de constituintes diferentes de “não” entre o verbo e o clítico ocorre apenas em textos escritos até o século 17, exceto em *Os Sermões*. Por outros termos, a partir do texto de Vieira apenas a interpolação de “não” é encontrada nos textos de portugueses nascidos nos séculos 18 e 19. Nas palavras da autora, *o aparecimento em força da ênclise e a perda da interpolação ocorrem concomitantemente. [...N]os sermões do Padre António Vieira, a ênclise é dominante e só [o constituinte] “não” aparece interpolado* (A. M. MARTINS, 1994, p.276).

A. M. Martins defende, então, que *Os Sermões* do Padre Antonio Vieira por apresentar um padrão enclítico em orações finitas não-dependentes ‘neutras’ (já que os casos de próclise são interpretados como construções de focalização) e ausência de interpolação de demais constituintes exceto “*não*” é um texto representativo de uma nova gramática, o PE. Na análise, o advento do PE teria como marco o século 17.

Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) (doravante GBPS), com base na análise dos padrões de ordenação dos constituintes em textos de portugueses que constituem o *cópus Tycho Brahe*, propõem, entretanto, uma análise diferente. Vejamos em que direção.

GBPS apresentam uma análise dos padrões de colocação dos pronomes clíticos na história do Português, mais especificamente no período que corresponde aos séculos 16 a 19. As autoras apresentam a análise de 5.369 orações afirmativas não-dependentes extraídas de textos escritos por autores nascidos entre os anos de 1542 e 1836¹⁷. GBPS buscam evidências empíricas,

¹⁷ Os textos e seus respectivos autores, seguidos de ano de nascimento e morte, que constituem o *cópus* utilizado por GBPS (2005) estão listados no que segue: *Décadas* (publicadas em 1602) de **Diogo de Couto** (nascido em 1548); *A Vida de Frei Bertolomeu dos Mártires* (data considerada na produção, 1619) de **Luis de Sousa** (nascido em 1556); *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* (data considerada na produção, 1619) de **Francisco Rodrigues Lobo** (nascido em 1579); *A Arte de Furtar* (publicada em 1614-1744?) de **Padre Manuel da Costa** (nascido em 1601); *Cartas* (publicadas em 1735, data de produção considerada, 1670, data da escrita da última carta, segundo Paixão de Souza, 2004, anexo, 3) e *doze tomos*, data considerada, 1679, de **Padre Antonio Vieira**

considerando a alternância na ordem linear dos clíticos, de que os autores nascidos em meados do século 18 são representativos da primeira geração de falantes da gramática do PE. Na proposta das autoras, o início do século 18, como já proposto em Galves e Galves (1995) e Galves *et al.* (1998), marcaria o advento do PE, diferentemente da proposta de Ana Maria Martins que, com base nos padrões de ordenação de clíticos no texto *Os Sermões* de Vieira, defende ser no século 17.

Como referido na *Introdução*, a idéia que apresento neste trabalho se volta especificamente à escrita catarinense no cenário do PB nos séculos 19 e 20. Por conseguinte, não tenho nada a dizer sobre as origens da gramática contemporânea do PE. A argumentação que defendo sobre os padrões de colocação de clíticos na escrita catarinense, entretanto, referentemente ao processo de implementação da gramática do PB está centrada na hipótese defendida por Galves e colaboradoras de que o século 18 é o marco na efetivação da mudança que dá origem às duas gramáticas contemporâneas do português.

Voltando à análise de GBPS, as autoras, considerando os ambientes de variação e de não-variação na ordem linear clítico/Verbo/clítico atestados na

(nascido em 1608) com 57,088 palavras e (publicados em: 1679, 1699, 1710, 1748; *Cartas Familiares* (data considerada na produção, 1664) de **Francisco Manuel de Mello** (nascido em 1608); *Cartas Espirituais* (data considerada na produção, 1662) de **Frei Francisco das Chagas** (nascido em 1631); *Nova Floresta ou Silva de Vários Apotegemas* (data considerada na produção, 1706, 1708, 1711 e 1728, cinco tomos, data considerada, 1706, segundo Paixão de Souza, 2004, anexo, 3 de **Manuel Bernardes** (nascido em 1644); *Cartas* (publicadas em 1735) de **José Cunha Brochado** (nascido em 1651); *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus* (publicada em 1721) de **Maria do Céu** (nascida em 1658); *A Vida do Padre Antonio Vieira* (data considerada na produção, 1746) de **André de Barros** (nascido em 1675); *Cartas* (publicadas postumamente em 1841, 1943, data considerada, 1753, ano da morte de autor) de **Alexandre Gusmão** (nascido em 1695); *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Morais* (data considerada na produção, 1752) de **Matias Aires** (nascido em 1705); *Cartas de Abade António da Costa* (publicadas em ?1752, segundo Paixão de Souza, apêndice, 3) de **Antonio da Costa** (nascido em 1713); *Verdadeiro Método de Estudar* (data considerada na produção, 1746) de **Luis Antonio Verney** (nascido em 1714); *Dissertações* (data considerada na produção, 1778) de **Correia Garção** (nascido em 1724); *Inéditos, Cartas e Outros Escritos* (data considerada na produção, 1839) de **Marquesa de Alorna** (nascida em 1750); *Viagens à Minha Terra* (data considerada na produção, 1846) de **Almeida Garrett** (nascido em 1799); *Cartas a Emília* (data considerada na produção, 1914) de **Ramalho Ortigão** (nascido em 1836). O corpus está disponível em <<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>>.

história do português, organizam e classificam os dados em três (grandes) contextos, descritos a seguir.

- (i) Contextos de Variação I – Complexo Vcl precedido por sujeitos não-focalizados (como em orações com *só + sujeito* ou *o mesmo + sujeito*), conforme (6)a e (6)b, a seguir; por advérbios não fronteadores de VP, conforme (6)c e (6)d; ou por Sintagmas Preposicionais (não argumentos), conforme (6)e e (6)f.

(6)

- a. Eu corro-ME de dizer o que padeço (Melo, 1608)
- b. Ele ME disse que pasmava como lhe abastava o que tinha (Sousa, 1554)
- c. Depois sucedeo-LHE o Mirão, seu sobrinho, ... (Couto, 1542)
- d. Hoje ME parto. (A. Chagas, 1631)
- e. A esse respeito Prado diz-ME: Queiroz, não sei se Você já o viu depois de casado”. (Ortigão, 1836)
- f. Com este aviso LHE foi juntamente infundida notícia dos excessos que entre duas súbditas suas passava. (Bernardes, 1644)

(GBPS, 2005, p. 42-43)

- (ii) Contextos de Variação II – Orações segundas-coordenadas com o verbo em primeira posição, conforme (7)a e orações em que Vcl é precedido por orações dependentes, conforme (7)b, a seguir.

(7)

- a. Achou-os ditosamente, falou-lhes, e rendeu-lhes a largarem aquela vida brutal, e virem a ser filhos da Igreja, e vassallos do Império Português. (A. Barros, 1675)

- b. Para os começar a render, **amimou-os** com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligíveis, que grata. (A. Barros, 1675)

(GBPS, 2005, p. 49)

(iii) Contextos de não-variação – A próclise, de um lado, é categórica quando V é precedido por elementos focalizadores, operadores afetivos e advérbios de VP, conforme (8)a e (8)b; a ênclise, de outro lado, é categórica em orações em que o verbo ocupa necessariamente a primeira posição absoluta da oração, conforme (8)c, a seguir.

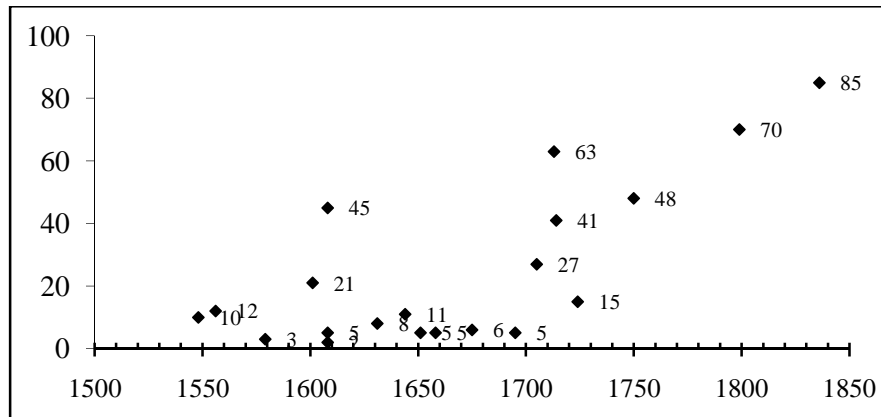
(8)

- a. Bem me importava entender ao certo o que se passa... (Melo, 1608)
- b. Muito vos desejei cá ontem para ouvires explicar a Ene este retrato. (Melo, 1608)
- c. **Defendeu-o**, emparou-o (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe... (Sousa, 1556)

(GBPS, 2005, p. 43)

A alternância ênclise/próclise nos *contextos de variação I* encontrada nos textos de portugueses nascidos entre 1548 e 1836, como evidenciam os resultados obtidos por GBPS, pode ser observada no gráfico da *Figura 1.2*, a seguir. As taxas de Vcl estão marcadas no gráfico e têm em conta o ano de nascimento dos respectivos autores dos textos, listados na nota 16.

FIGURA 1.2 Ênclise em *contextos de variação I* em português (adaptado de GBPS, 2005, p.44-45)



Como referem as autoras, dois diferentes momentos são evidenciados no gráfico da *Figura 1.2*: de um lado, a proporção de ênclise encontrada nos textos escritos por autores nascidos até o final do século 17 é, em média, de 10%, com exceção dos textos *A arte de Furtar* do Padre Manuel da Costa (com 21%) e *Os Sermões* de Vieira (com 45%¹⁸)¹⁹; de outro lado, há um aumento gradativo na proporção de ênclise nos textos escritos por autores nascidos a partir do início do século 18. Nos textos escritos pelo último autor representante do século 18, *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e pelo primeiro (e único) autor do século 19, *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, a proporção de ênclise chega, respectivamente, a 70% e 85%.

Voltemos agora às ênclises encontradas nos textos (barrocos) do Padre Antonio Vieira e do Padre Manoel da Costa. Em especial, *Os Sermões* de Vieira apresentam uma proporção de ênclise que destoa do padrão geral encontrado nos

¹⁸ É importante destacar que Ana Maria Martins e GBPS encontram diferentes percentuais de clV nos *Sermões do Padre Antonio Vieira*, 68% e 45%, respectivamente, porque consideram diferentes critérios de identificação dos contextos de variação. A. M. Martins, diferentemente de GBPS, não separa as orações segundas-coordenadas.

¹⁹ GBPS interpretam a elevada ocorrência de ênclises nestes textos como um contexto estilisticamente marcado, como veremos com mais vagar no texto que segue.

textos escritos por portugueses nascidos até o século 17. É o caso “*dos Sermões de Vieira*”... Como já dito, A. M. Martins encontra 68% de ênclise nos *Sermões* e interpreta esse resultado como evidência empírica de que esse texto é representativo de uma nova gramática, o PE.

No confronto do padrão de colocação dos clíticos nos *Sermões de Vieira* com aquele encontrado nos demais textos de autores nascidos neste século (como *A arte de Furtar* do Padre Manuel da Costa, nascido em 1601, também no começo do século 17 como Vieira), inclusive com o padrão atestado nas *Cartas* do próprio Vieira (com apenas 2% de ênclise), GBPS interpretam a elevada proporção de ênclise nos *Sermões* como um caso possível no Português Médio. Para as autoras, em textos escritos até o século 17 a ênclise e a próclise correspondiam a duas estruturas distintas com usos estilisticamente marcados: a próclise era uma construção neutra (ou não-marcada) e a ênclise, no período que corresponde ao PC, uma construção marcada. No espírito dessa análise, as ênclises encontradas nos *Sermões de Vieira* são interpretadas como construções marcadas em que o constituinte pré-verbal (no contexto XVcl) é um *tópico contrastivo*, e, conseqüentemente, associado a uma posição de adjunção²⁰.

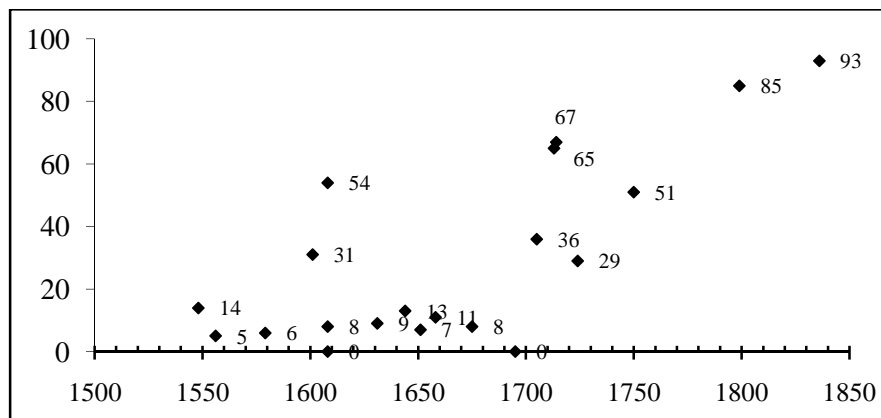
Logo, *Os sermões de Vieira* não seriam, necessariamente, representativos de uma nova gramática em que o padrão de colocação dos pronomes clíticos em contextos de variação é a ordem Verbo-clítico. As ênclises nesse texto seriam construções marcadas de tópico contrastivo em que o constituinte pré-verbal estaria associado a uma posição de adjunção, externa à estrutura oracional. A gramática do PE estaria refletida, segundo a análise de GBPS, apenas em textos do século 18, período em que há um aumento significativo na proporção de ênclise em textos escritos por portugueses nascidos a partir desse século.

²⁰ As diferenças estruturais entre as construções com ênclise e próclise no PC serão retomadas, com mais vagar, na seção 3.1 no capítulo 3.

Dentre os resultados gerais apresentados por GBPS acerca da variação Vcl/cIV no *contexto de variação I*, o contexto XV em que X é um sujeito lexical parece traçar mais claramente o percurso da mudança envolvendo a colocação de clíticos na história do português (europeu). Olhemos, pois, com mais vagar para esse contexto, particularmente relevante na pesquisa sobre a escrita catarinense.

Observem-se os resultados de GBPS projetados no gráfico da *Figura 1.3* que segue.

FIGURA 1.3 Ênclise em orações com sujeitos pré-verbais (adaptado de GBPS, 2005, p.46)



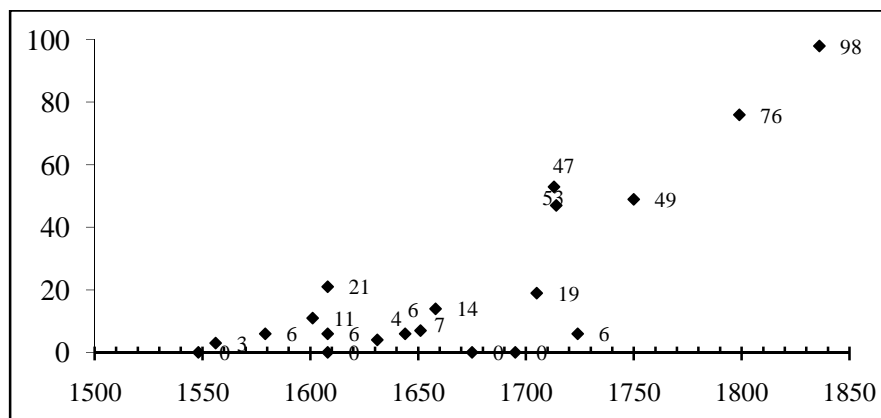
Com exceção de *Os Sermões* de Vieira, com 54%, e de *A arte de Furtar* de Manuel da Costa, com 31%, GBPS encontram, em textos escritos por portugueses nascidos até o final do século 17, baixas taxas de ênclise, de 10%, em média, em *contextos de variação I*. O aumento na proporção de ênclise em textos escritos por portugueses nascidos a partir do início do século 18 é mais significativo no contexto SV: de 70% e 85% nos textos de *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e de *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, para, 85% e 93%, respectivamente.

Os resultados obtidos por GBPS mostram que, em orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais, há um (significativo) aumento na proporção de ênclise de 0% a 36% entre os textos escritos pelo último autor representativo

do século 17, *Alexandre Gusmão* (nascido em 1695), e o primeiro autor representativo do século 18, *Matias Aires* (nascido em 1705), respectivamente.

Observando o tipo de clítico nas construções com sujeitos pré-verbais, as autoras constataam que a alta ocorrência de ênclise parece estar associada ao clítico *se*. Retirando da amostra as construções com *se*, GBPS encontram as seguintes taxas de frequência da ordem Vcl nos textos: 0%, 3%, 6%, 11%, 0%, 6%, 21%, 4%, 6%, 7%, 14%, 0%, 0%, 19%, 53%, 47%, 6%, 49%, 76% e 98%. As taxas estão projetadas no gráfico da *Figura 1.4*, a seguir.

FIGURA 1.4 Ênclise em orações com sujeitos pré-verbais, excluindo as construções com o clítico SE (adaptado de GBPS, 2005, p.48)



A ocorrência de Vcl em orações com os demais clíticos exceto o *SE* em contextos SV diminui significativamente nos textos escritos por portugueses nascidos até o fim do século 17, sobretudo, nos textos dos três autores mais enclíticos dos séculos 16 e 17 (*Diogo de Couto*, nascido em 1542; *Padre Manuel da Costa*, nascido em 1601, e em *Os Sermões* de *Padre António Vieira*, nascido em 1608). Esses resultados são interpretados por GBPS como uma correlação entre a ocorrência da ênclise no contexto SV e o clítico *se* em textos escritos por portugueses nascidos antes do século 18.

Especificamente, GBPS defendem que uma particularidade na sintaxe das construções com o clítico *se* superficializaria a ênclise em contextos SV nos textos escritos por portugueses nascidos nos séculos 16 e 17. Apoiadas na proposta de Raposo e Uriagereka (1996) em relação às construções com *SE passivo/indefinido*²¹ em português, as autoras defendem que os sujeitos pré-verbais nas construções com *se + verbos transitivos* nos textos escritos por portugueses nascidos nos séculos 16 e 17 ocupam uma posição externa na estrutura da oração, condição para a derivação da ênclise na gramática do PC, de acordo com a proposta defendida pelas autoras sobre a mudança que dá origem ao PE²².

GBPS propõem que os diferentes padrões empíricos atestados nos textos escritos dos séculos 16 ao 19 refletem uma mudança na estrutura da frase no sistema do português médio. *A natureza da mudança gramatical* proposta pelas

²¹ Raposo e Uriagereka (1996) defendem que as construções com *SE* passivo (aquelas que superficializam concordância entre o verbo transitivo e o seu argumento interno) têm, na verdade, uma estrutura ativa. Os autores assumem que enquanto o *SE* nas construções com concordância é indefinido nas construções sem concordância o *SE* é genérico. As construções com *SE*-indefinido são o objeto de estudo dos autores. A linha condutora da argumentação dos autores é a análise na qual o *alegado DP 'sujeito'* quando em posição pré-verbal nas construções com *SE não está em [Spec, Infl] nem ligado a uma categoria vazia nesta posição*. Este constituinte está topicalizado na estrutura. A idéia central é a de que o *DP* pré-verbal nas construções com *SE*-indefinido ocupa uma posição de tópico na estrutura, diferentemente daquela freqüentemente defendida na literatura gerativista.

²² Sobre a sintaxe de colocação do clítico *se* em textos do banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*, ver Antonelli (2007). O autor apresenta uma análise alternativa para além daquela aventada em GBPS. Considerando as ordens *clV/Vcl* apenas em orações com *se* em construções com sujeitos passivos, sujeitos não-passivos e demais constituintes, em estruturas *XPV*, em textos escritos no curso dos séculos 16 ao 19, o autor observa que a sintaxe de colocação dos clíticos em orações com sujeitos passivos não se diferencia daquela atestada em orações com sujeitos não-passivos e demais constituintes. Segundo o autor, o sujeito pré-verbal de sentenças com *se* passivo se comporta como qualquer outro *XP* deslocado. A elevada freqüência de ênclise atesta nos três textos escritos nos séculos 16 e 17 no estudo de GBPS (especificamente, nos textos de *Diogo de Couto*, nascido em 1542; *Padre Manuel da Costa*, nascido em 1601; e *Padre Antônio Vieira*, nascido em 1608 – em *Os Sermões*) que não seria uma particularidade das construções com o clítico *se*, mas estaria correlacionada a fatores estilísticos e textuais presentes nos textos em apreço: o uso de construções com *se* é mais recorrente em textos em que há um elevado índice de construções com foco contrastivo.

autoras no sistema médio e na gramática do PE, como já dito, será retomada na seção 3.1.2 do capítulo 3.

Por ora, uma questão interessante a ser investigada e não mencionada no estudo apresentado por GBPS é a evolução da ênclise em contextos SV considerando as diferentes naturezas de S. Como mostro no capítulo 2, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 a proporção de Vcl em orações com sujeitos DPs se contrasta àquela atestada em orações com sujeitos pronominais pessoais. Nos textos do século 19 há uma significativa ocorrência de próclise em orações com sujeitos pronominais pessoais e não em orações com sujeitos DPs. A ocorrência da próclise nesse contexto parece estar correlacionada ao uso do pronome pessoal.

Para sistematizar os resultados do estudo de GBPS, os textos escritos a partir do século 18 apresentam uma alteração significativa nos padrões empíricos de ordenação de clíticos que, na interpretação das autoras, está relacionada a uma mudança gramatical que está na base do PE. Quero reter essa informação porque, como já dito, assim como no PE, no século 18 há também uma mudança que está na origem da gramática do PB. Ainda em relação à gramática do PE, no texto que segue, sistematizo os argumentos empíricos obtidos no estudo de Paixão de Sousa (2004), também com base em textos do corpus *Tycho Brahe* já mencionado²³, a favor da hipótese do PM e da implementação da gramática do PE, defendida por Galves (2004) e GBPS (2005).

Observando a evolução da ênclise nos, assim chamados, *ambientes de variação diacrônica* (orações em que o verbo é antecedido por um sujeito não-focalizado, por um PP ou um advérbio não-modal), de um lado, e em orações antecidas por orações dependentes e por complementos retomados, de outro lado, Paixão de Sousa (2004) observa que nos textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 19 a evolução da ênclise em orações principais com sujeitos pré-

²³ Os textos utilizados por Paixão de Sousa são os mesmos que os utilizados na análise de GBPS. A nota 17 nesta seção sistematiza as informações relevantes sobre os textos em apreço.

verbais (contextos *SVcl*) se diferencia daquela atestada em orações com demais constituintes em posição pré-verbal (contextos *XVcl*). Os gráficos nas *Figuras 1.5* e *1.6*, a seguir, sistematizam os resultados obtidos pela autora.

FIGURA 1.5 Ênclise em orações principais em contexto XV, sendo X um complemento retomado, uma oração dependente ou sujeito não-focalizado (adaptado de PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p.116 e gráfico 19/apêndice, p. 51)

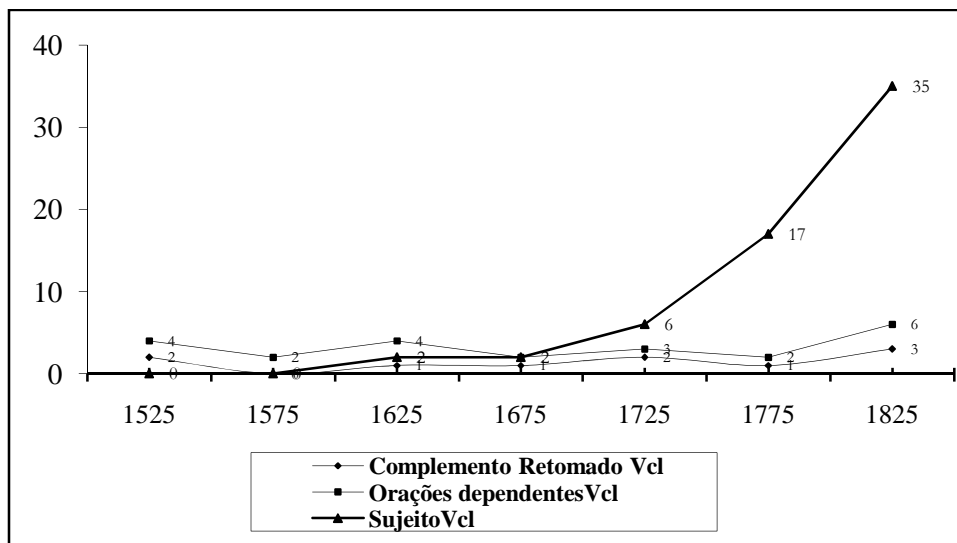
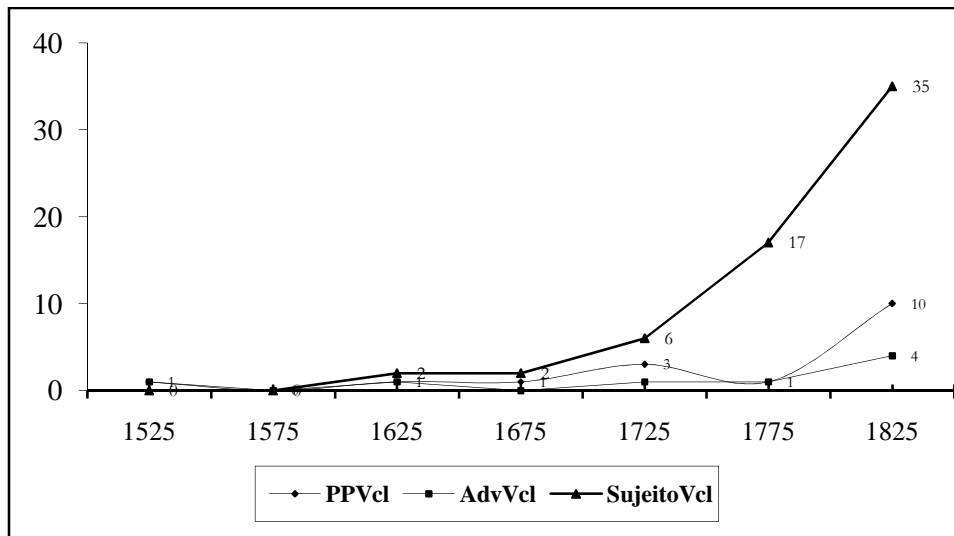


FIGURA 1.6 Ênclises em orações principais em contexto XV, sendo X um PP, um advérbio não-modal ou sujeito não-focalizado (adaptado de PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p.116 e gráfico 20/apêndice, p. 51)



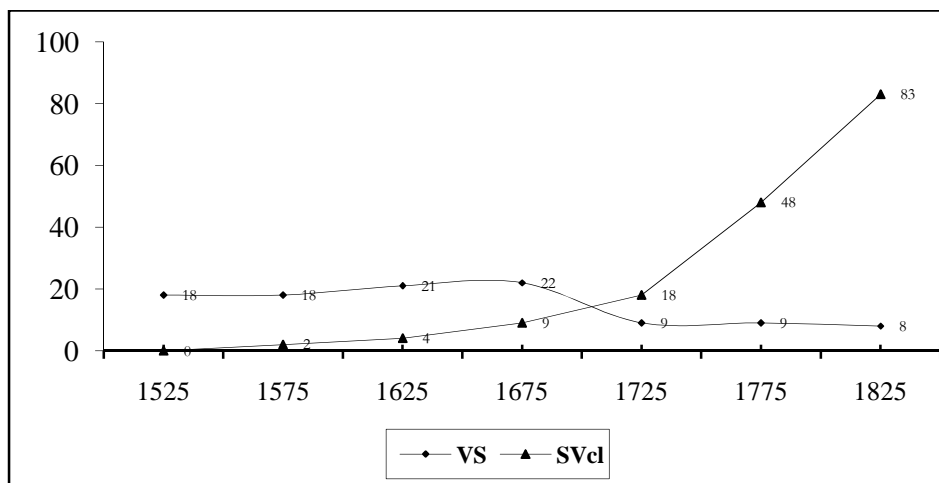
Observe-se que a proporção de ênclise em orações com sujeitos pré-verbais tem um aumento significativo nos textos do século 18 em relação às construções com demais constituintes pré-verbais. Paixão de Sousa interpreta esse resultado como uma mudança (estrutural) nas construções *SVcl* em relação às construções *XVcl*. Para a autora, as construções *SVcl* nos textos dos séculos 16 e 17 estão associadas às mesmas propriedades estruturais das demais construções XV (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 116). Esse mesmo padrão não é mais observado nos textos dos séculos 18 e 19.

A hipótese defendida por Paixão de Sousa é a de que a evolução particularizada de *Vcl* observada nos textos nos diferentes contextos está associada a diferentes propriedades nas gramáticas do PC e do PE: de fronteamento (configuração em que, derivado por movimento na sintaxe, o constituinte pré-verbal está numa posição interna na estrutura oracional) e de adjunção (configuração em que, sem movimento na sintaxe, o constituinte pré-

verbal está numa posição externa aos domínios oracionais). A gramática do PE teria perdido a propriedade de fronteamento. Voltarei a essa questão mais adiante.

Ainda em relação à virada do século 18, a análise de Paixão de Sousa evidencia que, no mesmo ponto do eixo temporal em que os textos apresentam uma acentuada queda na proporção da ordem VS, a proporção da ordem SV com ênclise tem um significativo aumento. Mais uma vez, este ponto de intersecção é o início do século 18, como mostram os resultados da autora sistematizados nos gráficos na *Figura 1.7* que segue.

FIGURA 1.7 VS (ênclise e próclise) e SV com ênclise (adaptado de PAIXÃO DE SOUSA, 2004, gráfico 20/apêndice, p. 65)



Note-se que, de um lado, a proporção de 18% de orações finitas com sujeitos pós-verbais nos textos escritos dos séculos 16 e 17 cai para 10% em textos dos séculos 18 e 19; de outro lado, a proporção da ênclise em construções com sujeitos pré-verbais tem um aumento significativo a partir dos textos do início do século 18.

Bastante interessante é o fato de que a perda do fenômeno V2, no plano temporal, pode ser relacionada quantitativamente ao aumento na frequência de uso

de construções enclíticas, conforme registrado por Paixão de Sousa (2004). Os textos analisados pela autora mostram que do início do século 18 em diante, momento no qual se observa uma mudança no padrão de ordenação de palavras, passando a predominantemente SV, se observa um crescimento significativo e sistemático nas taxas de *SVcl*.

Nesse passo da revisão que apresento, o tema em foco na próxima seção será a descrição de padrões empíricos na ordenação de clíticos em português e, conseqüentemente do processo de implementação da gramática do PB. A revisão, não exaustiva naturalmente, tem por objetivo rastrear propriedades que caracterizam a variedade brasileira do português em oposição à variante européia, quer em seu estágio contemporâneo (ou à gramática do PE) quer em estágios anteriores (ou, mais especificamente, à gramática do PC).

1.2.1.2.2 do PC ao PB

O estudo da sintaxe de ordenação de clíticos associado ao processo de implementação da gramática do PB tem sido um campo fértil de análises em português (cf. PAGOTTO, 1992, 1993; LOBO, 1992; ABAURRE; GALVES, 1996; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; CARNEIRO, 2005, entre outros). Muitos desses estudos serão retomados no capítulo 2, quando comparo os resultados neles obtidos àqueles obtidos na análise das peças de teatro catarinenses e lisboetas. Nesta seção, em específico, farei referência apenas a aspectos relacionados à evolução da próclise em *contextos de variação diacrônica* na história do português (cf. definido na seção anterior) e às inovações da gramática do PB. Sobre esse segundo aspecto, retomo resultados obtidos com base em análise de textos escritos sobre a próclise em orações finitas com o verbo

em primeira posição absoluta e sobre a próclise ao verbo temático (não-finito) em estruturas verbais complexas.

Antes de mais, como já referido, é importante dizer que muitos desses estudos, desde os trabalhos de Fernando Tarallo (TARALLO, 1992; 1993, por exemplo), apontam o século 19 como um marco no processo de implementação da gramática do PB, contrapondo a variedade brasileira à variedade europeia do português. De fato, a escrita brasileira do século 19 reflete um período complexo com padrões diversificados e uma sintaxe bastante específica, como muitos estudos têm evidenciado²⁴. Em relação às origens da variante brasileira do português, no entanto, assumo outra postura.

Como referido anteriormente, os trabalhos recentes de Charlotte Galves e colaboradoras no projeto temático *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística* (em específico, GALVES, 2004; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; NAMIUTI, 2006; GALVES, 2007) têm defendido que, assim como a gramática do PE, a gramática do PB, no século 18, se distanciou da gramática de um sistema médio (PM), ou da gramática do PC, conforme discussão na seção 1.2.1.2.1. Nesse sentido, e na companhia das autoras, assumo que “*o português d’aquém e d’além-mar*” (para retomar Tarallo) tem como herança comum a gramática do PC.

Muito embora muitos dos estudos por mim retomados no que segue não tenham como ponto de comparação a gramática do PB com a gramática do PC, minha perspectiva de análise e observação dos resultados apresentados será norteada pela comparação entre estas duas gramáticas do português. No que se refere ao português escrito no Brasil, no entanto, para além das questões relacionadas à dificuldade de acesso a textos escritos por brasileiros, há, sobretudo

²⁴ Vejam-se, por exemplo, os trabalhos organizados em Robert e Kato (1993) e, em relação à descrição e à análise dos padrões de ordenação de clíticos, em específico, o estudo de Pagotto (1992), o estudo de Carneiro (2005) sobre a escrita no litoral e sertão baiano e a descrição apresentada no capítulo 2 deste trabalho sobre a escrita literária catarinense.

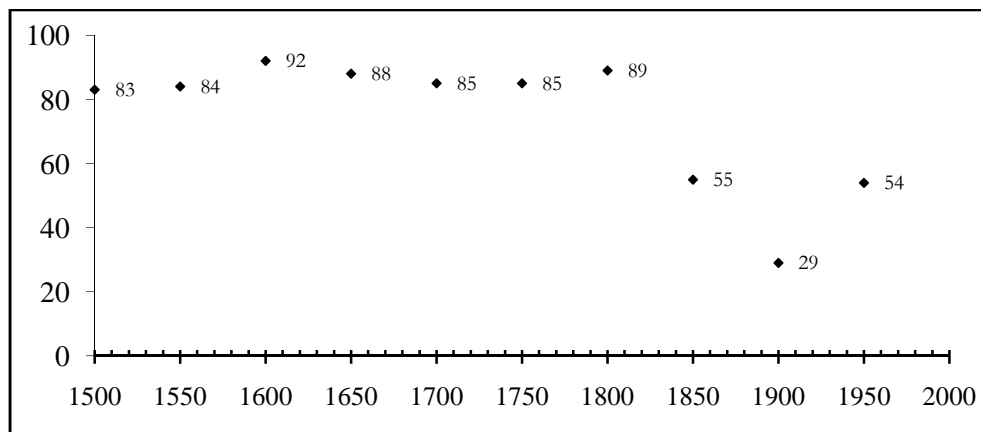
no curso do século 19, a influência nos textos, sob a pressão da norma da escrita, da gramática do PE. Por outras palavras, há na escrita brasileira, sobretudo do século 19, um fator complicador a mais, que me leva a defender que os textos escritos nesse período refletem a competição não entre duas, mas entre três gramáticas do português. Essa é a idéia que defendo no capítulo 3 com base na descrição e análise dos padrões empíricos apresentados no capítulo 2. Por ora, retomo alguns resultados de estudos já realizados sobre a sintaxe de ordenação dos clíticos na diacronia do PB.

Pagotto (1992) apresenta uma análise diacrônica da ordenação de clíticos em português com base numa amostra extraída de um *cópus* de natureza vária²⁵. A análise do autor contempla, num total de 1.436 orações, diferentes contextos sintáticos e, conseqüentemente, diferentes padrões de variação de ordenação em textos escritos no curso do século 16 ao século 20. Os dados analisados pelo autor estão divididos em quatro variáveis que correspondem a: (a) orações com um único verbo não precedido de negação ou advérbio; (b) orações com um único verbo precedido de negação ou advérbio; (c) orações com grupos verbais não precedidos de negação ou advérbio; e (d) orações com grupos verbais precedidos de negação ou advérbio. Retomo no que segue alguns de seus resultados relacionados aos contextos de variação diacrônica e àqueles característicos da gramática do PB.

Considerando os ambientes de variação diacrônica em que estão excluídos os casos em que o verbo é precedido por elementos “atratores”, como refere o autor, e por gerúndios e infinitivos, a variável (a) soma um total de 436 dados. A evolução da próclise nesse contexto no curso dos séculos está projetada no gráfico da *Figura 1.8*, a seguir.

²⁵ O *cópus* sistematizado pelo autor inclui cartas de natureza diversa, documentos notariais e textos literários. A nacionalidade, assim como o ano de nascimento, dos autores dos textos é também diversificada e não especificada por Pagotto. Uma das variantes consideradas no estudo de Pagotto são casos de interpolação que possuem uma sintaxe particular na história do português.

FIGURA 1.8 Próclise em *orações finitas não-dependentes com verbos simples* em português – resultados de Pagotto (1992, p. 69)



Os resultados obtidos por Pagotto mostram três quadros interessantes, como refere o próprio autor: primeiramente, a próclise é o padrão de ordenação em textos escritos até o início do século 19; em segundo lugar, apenas nos textos do final do século 19 há uma queda gradativa da próclise de 89% para 55% e para 29% nos textos do início do século 20; em terceiro lugar, há nos textos da segunda metade do século 20, novamente, um aumento na proporção da próclise para 54%. Em relação ao primeiro quadro, Pagotto assume que o padrão proclítico atestado nos textos não pode refletir a gramática do PB tendo em vista que os textos analisados desse período são, claramente, de autores portugueses. Em relação ao segundo quadro, o autor interpreta a queda da próclise nos textos do século 20 como reflexo da pressão do padrão enclítico da gramática do PE. O terceiro quadro parece revelar, enfim, nos textos da segunda metade do século 20 o padrão proclítico da gramática do PB.

Como bem refere Carneiro (2005, p. 19) em relação aos resultados obtidos por Pagotto, se a próclise atestada nos textos dos séculos 16-18 não corresponde à gramática do PB e os textos da segunda metade do século 19 e do século 20 refletem a pressão na escrita do padrão enclítico da gramática do PE, não fica

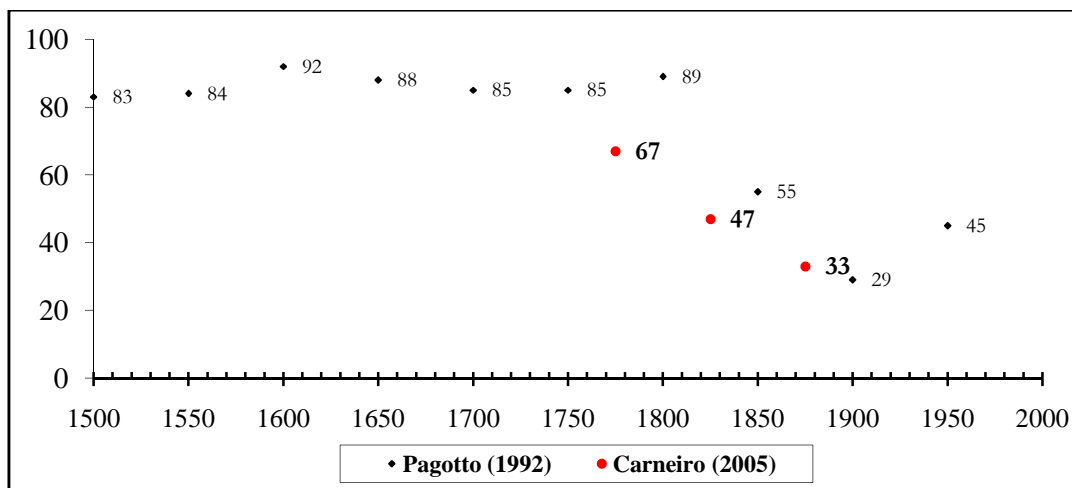
clara a implementação da gramática brasileira nos textos analisados por Pagotto. Ou, dito de outro modo, não se percebe nos textos o momento em que o padrão proclítico da variedade brasileira é depreendido nos textos.

Carneiro (2005) apresenta dados interessantes a esse respeito. A autora descreve os padrões de ordenação de clíticos num *cópus* de cartas pessoais escritas por brasileiros, nascidos no litoral e no sertão baiano, editadas pela autora, no período que compreende o século 19 – entre 1809 e 1907 mais especificamente. De modo geral, a autora encontra padrões diversificados na ordenação de clíticos. Retomo no que segue aqueles relacionados aos *contextos de variação diacrônica* em orações com verbos simples (que fazem referência, na verdade, aos contextos de variação relacionados aos resultados de Pagotto, apresentados acima - ou ao *contexto de variação I*, como denominado por GBPS, 2005).

Para uma análise comparativa com resultados de outros estudos (inclusive com os resultados obtidos por Pagotto) sobre a diacronia do português e considerando o ano de nascimento dos remetentes, Carneiro apresenta os padrões de ordenação de clíticos nas cartas em três grupos classificados (e marcados no gráfico da *Figura 1.9* que segue): em 1775 aqueles nascidos entre 1724 e 1799; em 1825 aqueles nascidos entre 1800 e 1850; e em 1875 aqueles nascidos entre 1851 e 1900²⁶. Projeto nos gráficos na *Figura 1.9*, a seguir, a proporção da próclise, por ano de publicação dos textos (cf. gráfico na *Figura 1.8*), conforme resultados obtidos por Pagotto, e por ano de nascimento dos remetentes das cartas da Bahia, conforme resultados obtidos por Carneiro:

²⁶ Em seu texto, a autora faz referência ao ano de 1800 (CARNEIRO, 2005, p. 172). Mas creio ser um equívoco, haja vista a seqüência cronológica por ela apresentada.

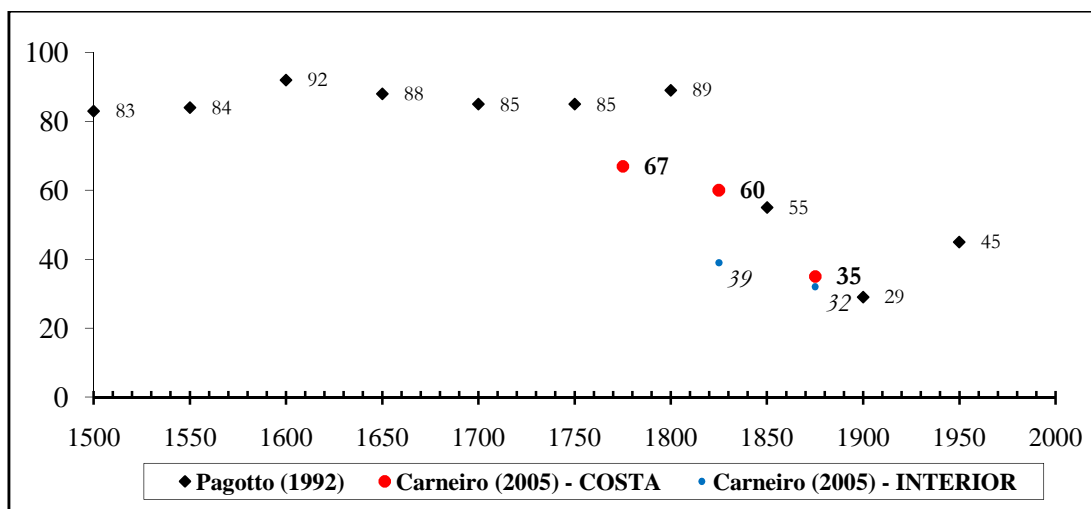
FIGURA 1.9 Próclise em *contextos de variação diacrônica* em português – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos



Bastante interessante é o fato de a proporção de clV nas cartas brasileiras mostrar uma defasagem na queda da próclise em relação à proporção de clV nos textos analisados por Pagotto; ou seja, quando considerada a data de nascimento do autor e não a data de publicação do texto, uma queda significativa na proporção de clV é atestada já na escrita de brasileiros nascidos na segunda metade do século 18.

Carneiro observa, ainda, que a proporção de clV nas cartas é sensível ao local (costa ou sertão baiano) de nascimento e ao grau de instrução (com ou sem formação superior ou equivalente) dos remetentes. A autora apresenta a proporção de clV em cartas de brasileiros da costa/cultos (com formação superior) e de brasileiros do interior/semi-cultos (sem formação superior). As proporções de clV em *contextos de variação diacrônica* encontradas por Carneiro, considerada a distinção interior/semi-cultos e costa/cultos, assim como o ano de nascimento dos remetentes, e aquelas encontradas por Pagotto (1992), por ano de publicação dos textos, estão projetadas no gráfico na *Figura 1.10*, a seguir.

FIGURA 1.10 Próclise em *contextos de variação diacrônica* em português – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos



Os resultados mostram que a proporção de cIV é bastante elevada nas cartas de brasileiros cultos nascidos no final do século 18 e início do século 19 na costa (67% e 60%), e não tão significativa nas cartas de brasileiros semi-cultos nascidos no início do século 19 no interior (39%). Paradoxalmente, é nos textos destes últimos que Carneiro encontra uma maior recorrência de construções características da gramática do PB, tais como a próclise ao verbo em primeira posição absoluta e a próclise ao verbo temático em estruturas verbais complexas (cf. (9)a e (9)b, a seguir).

(9)

- a. (sei lá...) **Me diz** a consciência que ainda não commetti acto com relação a sua pessoa pelo qual se posso dizer que eu hoje sou menos dedicado a si, entretanto que aqui se diz o contrário, e se me tem como um dos mais dedicados e afeiçoados seu. (1875²⁷)

(CARNEIRO, 2005, p. 149)

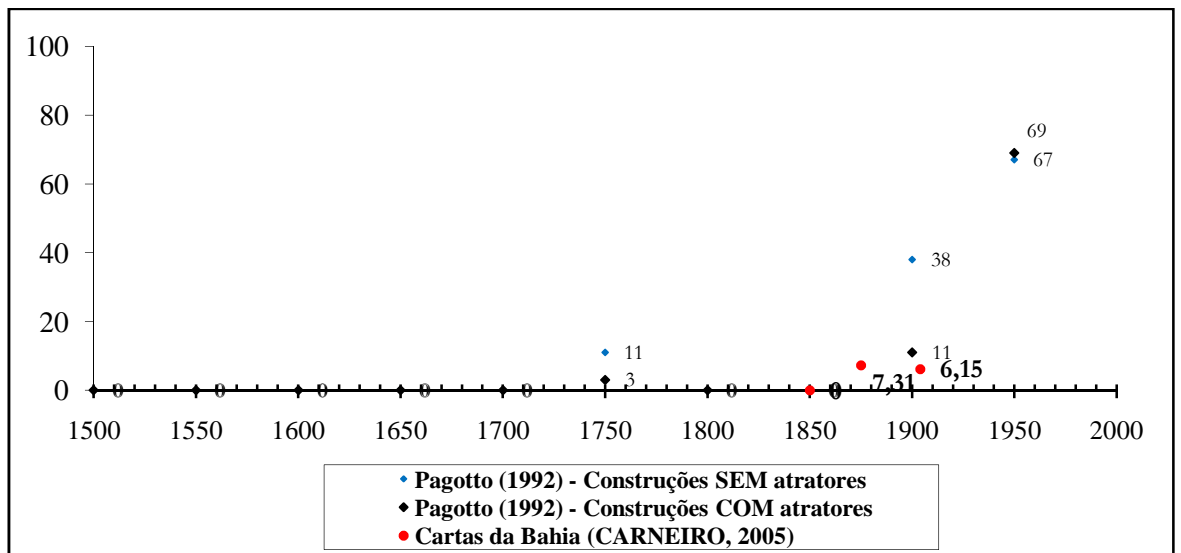
²⁷ Data em que a carta foi escrita.

- b. **Quero** ainda uma vez **lhe agradecer** as boas e generosas| palavras com que hontem| eloquentemente saudou-me em nome do povo bahiano!

(CARNEIRO, 2005, p. 192)

Em relação aos padrões característicos da gramática do PB, em específico relacionado à próclise ao verbo não finito em estruturas verbais complexas, Pagotto (1992) e Carneiro (2005) encontram resultados interessantes. Retomarei esses resultados no capítulo 2, quando confrontarei tais resultados com os padrões encontrados nas peças de teatro escritas por catarinenses e lisboetas. Por ora, sistematizo nos gráficos na *Figura 1.11*, a seguir, a proporção de cIV ao verbo não finito, na construção V_1 finito cIV_2 não-finito, encontrada por Pagotto e Carneiro.

FIGURA 1.11 Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na diacronia do português (do Brasil) – resultados de Pagotto (1992) e de Carneiro (2005), por ano de publicação dos textos



Observe-se que, considerando os resultados de Pagotto, a construção inovadora da gramática do PB, com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, é já atestada em textos do século 18 (11% em contextos SEM atratores e 3% em contextos COM atratores). Por esse motivo defende o autor que este seja o século em que houve uma mudança paramétrica que está na origem da gramática vernacular brasileira. Nos resultados de Carneiro estão reunidos no ano 1850 os autores nascidos entre 1727 e 1788, no ano 1875, aqueles nascidos entre 1800 e 1850 e no ano 1904 os nascidos entre 1851 e 1880. Retomarei esses resultados na seção 2.2.2 no capítulo 2.

Uma análise sincrônica dos padrões de ordenação de clíticos em PB, comparativamente aos padrões de ordenação em PE, é delineada em Galves, Torres Moraes e Ribeiro (GTMR, doravante, 2005). As autoras apresentam uma análise comparativa dos padrões de colocação dos clíticos em PB e em PE na versão original do romance “O Alquimista” do brasileiro Paulo Coelho, publicada em 1990, e numa versão portuguesa, publicada em 1999. As autoras não quantificam dados, mas apresentam resultados reveladores das diferenças entre a sintaxe de ordenação dos clíticos nas duas variedades do português.

Seguindo a descrição em muitos estudos sobre a sintaxe de ordenação de clíticos em PE, em contextos finitos, GTMR evidenciam que na versão portuguesa do romance de Paulo Coelho a ênclise é categórica (i) em orações com o verbo em primeira posição absoluta e (ii) em orações afirmativas em contextos V2 em que o verbo não está sob o escopo de um constituinte focalizado ou quantificado ou certos advérbios – com sujeitos, sintagmas preposicionais e determinados advérbios pré-verbais.

Referentemente aos contextos (i) e (ii), GTMR encontram: (i) próclise majoritária na versão original, brasileira, do romance; (ii) próclise majoritária em orações com o verbo em primeira posição absoluta; e (iii) próclise em orações com sujeitos, sintagmas preposicionais e determinados advérbios pré-verbais. As autoras interpretam as ênclises encontradas na versão original (brasileira) como o

reflexo da norma escrita, especialmente nas orações com o verbo em primeira posição absoluta, associada à outra gramática. A variação clV/Vcl atestada no texto é referida pelas autoras como o reflexo da competição entre diferentes gramáticas. Voltarei ao estudo das autoras na seção 1.2.2.2 quando apresento a análise teórica proposta para a derivação da ênclise e da próclise nas gramáticas do português em questão.

1.2.1.3 Em síntese, os padrões empíricos de ordenação de clíticos na história do português (séculos 13 a 20)

Considerando os resultados empíricos apresentados ao longo desta seção, apresento no que segue uma síntese dos padrões empíricos de ordenação de clíticos nas gramáticas do português no curso dos séculos 13 a 20.

Tendo em vista a análise de textos portugueses escritos entre os séculos 13 e 16 (cf. HUBER, 2006 [1933]; MATTOS E SILVA, 1991, 1994; A. M. MARTINS, 1994; FIÉIS, 2003; entre outros), a sintaxe da ordem dos clíticos na gramática do PA pode assim ser sistematizada: (i) próclise categórica em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores (que ocupam uma posição interna à oração e que têm uma leitura quantificacional), com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) ênclise categórica em contextos V1; (iii) variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação de constituintes instanciados por núcleos (X^o) ou projeções máximas (XP).

Na gramática do PC, instanciada em textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos 16 e 18 (cf. A. M. MARTINS, 1994; FIÉIS, 2003; GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GBPS, 2005; GALVES; PAIXÃO

DE SOUSA, 2005), há (i) próclise categórica em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) ênclise categórica em contextos V1; (iii) próclise largamente majoritária em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação reduzida.

Em textos portugueses dos séculos 18 e 19, há próclises e ênclises categóricas nos contextos descritos, respectivamente, em (i) e (ii) acima; (iii) variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da ênclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação residual. Na gramática do PE, a ênclise é o padrão no contexto descrito em (iii) (cf. A. M. MARTINS, 1994; BARBOSA, 2000; RAPOSO, 2000; DUARTE; MATOS, 2000, 2005; GTMR, 2005; entre outros).

Em textos brasileiros dos séculos 18 a 20 a ordenação de clíticos é bastante complexa, sobretudo na escrita do século 19. Tem-se assumido que nessa nova variedade do português, em sua versão vernacular, a próclise é o padrão de ordenação de clíticos. A análise da escrita, em particular do século 19, tem mostrado padrões interessantes na ordenação de clíticos: há (i) próclise categórica, com alguns poucos casos de ênclise (interpretados como *hipercorreção*), em orações com operadores de negação predicativa, com quantificadores, com determinados advérbios em posição pré-verbal e em orações iniciadas por constituintes focalizados; (ii) o aumento progressivo da próclise em contextos V1; (iii) variação ênclise-próclise, com aumento progressivo da próclise, em orações finitas não-dependentes “neutras”; e (iv) interpolação bastante residual, sobretudo na escrita do século 18, e mais residual ainda no século 19. Na gramática do PB há próclise categórica em orações finitas não-dependentes em contextos “neutros”, aumento progressivo de próclise em contextos V1, cliticização a V e ausência de interpolação. (cf. PAGOTTO, 1992, 1993; LOBO, 1992; ABAURRE; GALVES, 1996; GTMR, 2005; CARNEIRO, 2005, entre outros).

Na próxima seção, apresento aspectos de algumas recentes propostas de análise, tendo em vista a teoria de *Princípios e Parâmetros* do gerativismo, para a derivação da próclise nas gramáticas do PE e do PB.

1.2.2 *Propostas teóricas*

Muitas análises em gramática gerativa, no âmbito da teoria de *Princípios e Parâmetros*, têm sido propostas para a sintaxe de ordenação de clíticos nas gramáticas do português (assim como nas gramáticas das demais línguas românicas em geral). Importante se faz lembrar que essas análises têm como ponto de partida o trabalho pioneiro de R. Kayne (1991). Muito resumidamente, Kayne propõe que a ordenação de clíticos nas línguas românicas é fruto de operações sintáticas, com base na idéia central de movimento cíclico e de adjunção do clítico à esquerda de um núcleo funcional.

Referentemente ao português, e considerando que a ênclise nesse contexto é uma propriedade característica da variedade contemporânea do português europeu, muitas análises estão relacionadas à derivação de Vcl em contextos “neutros” em PE, em comparação com as demais línguas românicas.

A maioria das análises sobre a ordenação de clíticos nas gramáticas do português, a ênclise é considerada a ordem natural e a próclise derivada, ou devido a operações sintáticas, mais especificamente, à projeção de uma categoria funcional na sintaxe, ou a propriedades morfofonológicas, como a restrição ao clítico em primeira posição. Sob essa perspectiva, as análises para a derivação da próclise nas gramáticas do português estão associadas ou a operações no componente sintático, propriamente dito, ou a operações no componente morfofonológico da gramática.

Considerando a derivação da próclise nesses dois contextos, em específico, apresento nas seções que seguem algumas das recentes análises divididas em dois grupos: na seção 1.2.2.1, apresento análises em que a ordem clV está associada à projeção de uma categoria funcional acima (ou nos domínios) de IP no componente sintático; na seção 1.2.2.2, apresento, muito brevemente, análises em que a ordem clV está associada a operações no componente morfofonológico da gramática.

1.2.2.1 A derivação da PRÓCLISE nos domínios do componente sintático

Nesta seção, apresento propostas de análises recentes em teoria gerativa sobre a ordenação de clíticos nas gramáticas do português em que a derivação da próclise é, necessariamente, o resultado de operações no componente sintático. Muito naturalmente, aspectos da derivação da ênclise, em oposição à derivação da próclise, serão mencionados. Especificamente, apresento análises em que há a projeção de uma categoria funcional acima (ou nos domínios) da categoria funcional Tempo (T) na estrutura oracional (cf. A. M. MARTINS, 1994; COSTA; A. M. MARTINS, 2003; RAPOSO, 2000; GALVES, 2000, 2001). Há outras propostas de análises em que a próclise é o resultado de operações na sintaxe sem se recorrer à projeção de demais categorias funcionais “extras” na sintaxe (cf. DUARTE; MATOS, 2000; BARBOSA, 2000; DUARTE; MATOS; GONÇALVES, 2005). Uma revisão detalhada dessas análises não será feita aqui, pelo que remeto o leitor interessado às referências citadas.

É importante dizer que, nas análises aqui retomadas em que a próclise é o resultado da projeção de uma categoria funcional no componente sintático, estão pressupostos teóricos de diferentes modelos da teoria de Princípios e Parâmetros no empreendimento gerativista, sobretudo, em sua versão minimalista. Quando

pertinente, farei na apresentação das propostas referência aos pressupostos assumidos.

Vale dizer ainda que, na revisão dos padrões teóricos sobre a derivação da próclise nas gramáticas do português apresentada nesta seção, a idéia central é trazer argumentos teóricos, que me permitam, no capítulo 3, interpretar os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, descritos e analisados no capítulo 2. Mais especificamente, as propostas teóricas que associam a próclise à projeção de uma categoria funcional na sintaxe aqui apresentadas darão suporte à interpretação que defendo.

Ana Maria Martins em seu trabalho sobre *os clíticos na história do português* (A. M. MARTINS, 1994, 1997) assume que os pronomes clíticos em PE são núcleos que se movem da sua posição de base para uma posição de adjunção à esquerda de um núcleo flexional (em consonância com a proposta de Kayne, 1991). Na proposta de A. M. Martins, os clíticos em português estão adjungidos à categoria Funcional AgrS.

Para explicar a ordenação de clíticos em português, a autora relaciona fenômenos como a possibilidade de resposta mínima a uma interrogativa total (como em *Viste o João? Vi/Sim*) e a legitimação de elipse de VP com a natureza “forte” ou “fraca” da categoria funcional Sigma Σ nas línguas românicas²⁸. Na análise, de acordo com a natureza de Σ , as línguas românicas se separam entre aquelas em que Σ tem traços verbais (Verbais-V)-fortes e aquelas em que Σ tem traços V-fracos. A “força” do traço-V nas línguas seria identificada a partir da possibilidade de resposta a interrogativas totais e à legitimação ou não de VP nulo: de um lado, Σ possui traços V-fortes em línguas que licenciam apenas a

²⁸Lembro aqui que ΣP é uma categoria funcional de polaridade (que marca informações tais como se uma oração é negativa ou positiva na gramática das línguas naturais) na estrutura da oração situada entre CP e IP. Ana Maria Martins retoma a categoria ΣP do estudo de Laka (1990).

realização do verbo como resposta a interrogativas totais (como em *Viste o João?* *Vi*) e que licenciam construção com VP nulo. De outro lado, Σ possui traços V-fracos em línguas em que a resposta a interrogativas totais seja possível apenas com a palavra “sim” (como em *Viste o João?* *Sim*) e que não licenciam VP nulo²⁹. Nas palavras da autora, *a ênclise, a construção VP nulo e o padrão de resposta afirmativa a interrogativas totais consistindo apenas no verbo ocorrem nas línguas em que Σ tem traços fortes e estão ausentes das línguas em que Σ tem traços-Vfracos* (A. M. Martins, 1997, p. 3).

Na análise em apreço, a derivação de cIV ou de Vcl depende da presença/ausência de conteúdo lexical em Σ , e, conseqüentemente, da força do traço verbal de Σ na gramática das línguas naturais que faz com que haja movimento do verbo para essa categoria. Em tese, de um lado, em línguas que licenciam o verbo como resposta a interrogativas totais e licenciam VP nulo, Σ tem traços-V fortes que forçam o movimento do verbo para esta categoria na sintaxe. Apenas em casos em que Σ esteja, por algum motivo, lexicalizado (como em construções com o operador de negação “neg”, por exemplo) o verbo não se move. Línguas que licenciam “sim” como resposta a interrogativas totais e não licenciam VP nulo, por outro lado, Σ tem traços-V fracos e o movimento do verbo para essa categoria na sintaxe não é licenciado.

A ênclise, nessa proposta de análise, é sempre o resultado do movimento do verbo para Σ em sintaxe visível, o que ocorre apenas em línguas em que Σ tem traços V-fortes. Sendo o PE uma língua em que a resposta a interrogativas totais consiste apenas na realização do verbo e que licencia VP nulo, por conseguinte, PE é uma língua em que Σ tem traços V-fortes e possibilita, em determinados contextos, que a ênclise seja derivada na gramática dessa língua. Especifiquemos esses contextos.

²⁹ Ver A. M. Martins (1994, p. 338-350) e A. M. Martins (1997) para maiores detalhes sobre a implementação da análise.

Assume-se, então, que a ênclise não é o padrão *default* de ordenação dos clíticos na gramática do PE. Ela é derivada apenas em casos em que o movimento do verbo, por algum motivo, se aplica na sintaxe.

A próclise é derivada, por sua vez, sempre que o verbo não se movimentar para Σ na sintaxe visível. Vejamos por quais motivos. O verbo não se move para Σ e a próclise é derivada (i) quando Σ está preenchido por palavras lexicais (em orações negativas, por exemplo, em que o núcleo de Σ P está ocupado, por Neg(ação)); (ii) quando Σ está em C (em domínios encaixados, como em orações subordinadas, por exemplo) e (iii) em orações não-dependentes introduzidas por determinados operadores – sintagmas QU- de interrogativas parciais, quantificadores, determinados advérbios (cf. *ainda, assim, até, bem, cá, já, lá, sempre, só e também*) e sintagmas sintaticamente focalizados.

Cabe salientar que A. M. Martins assume que todos os constituintes em posição pré-verbal listados em (iii) ocupam uma posição dentro da categoria funcional que marca focalização (FP) e que FP é uma instanciação marcada de Σ P. Como FP não possui traços-V, o movimento do verbo se dá somente até AgrS, e a ênclise não é derivada. Desse modo, sempre que FP for projetado na estrutura, a próclise é derivada.

Levanto duas questões empíricas que não corroboram a análise da autora. Primeiramente, na análise de A. M. Martins a ênclise é derivada em contextos em que o verbo se move para Σ . Os trabalhos de João Costa (COSTA, 1998, 2004) sobre o PE, entretanto, têm mostrado que não há evidências empíricas que sustentem análises de que o verbo se move para cima da categoria que carrega tempo (TP), o que incluiria Σ P, na gramática dessa língua. Em segundo lugar, o PB tem o verbo como possibilidade de resposta a interrogativas totais e licencia VP nulo, o que caracterizaria o PB como uma língua em que Σ tem traços-V

fortes. No entanto, na sua versão vernacular, a ênclise não é licenciada na gramática dessa língua³⁰.

A. M. Martins retoma a análise proposta em 1994 e 1997 com algumas implementações numa comunicação apresentada com João Costa (COSTA; A. M. MARTINS, 2003). Em *Clitic placement across grammar components* Costa e A. M. Martins assumem que a ordem cIV é derivada no componente sintático e que a ordem Vcl é o resultado de operações no componente morfofonológico. Os autores derivam a análise de três observações relacionadas à sintaxe de ordenação de clíticos no PE em relação às demais línguas românicas. Resgato no que segue as três observações, assim como as hipóteses a elas correlacionadas, elencadas pelos autores.

A primeira observação diz respeito ao fato de as ordens relativas cIV e Vcl não estarem correlacionadas a duas diferentes posições do verbo em PE. Costa e A. M. Martins assumem que o verbo em PE sofre um movimento curto e não está, por esse motivo, locado ao núcleo funcional mais alto do domínio de IP (i.é, em Σ)³¹.

A segunda observação, centrada na análise de A. M. Martins (1994, 1997), correlaciona a derivação da ênclise à natureza “forte” ou “fraca” da categoria

³⁰ Muito precisamente, Maria Lobo me alertou que A. M. Martins (2003), na nota 38, como alternativa para a análise do PB, assume que os clíticos na gramática dessa língua são prefixos adjungidos a raízes verbais. Nas palavras de A. M. Martins, “*Brazilian Portuguese contrasts with European Portuguese in that this inversion operation does not take place. So Brazilian Portuguese displays generalized proclisis although Σ bears a strong V-feature in Brazilian Portuguese, as shown by the fact that VP-ellipsis is a grammatical option. I interpret these facts as indicating that clitics in Brazilian Portuguese are verbal prefixes adjoined to the Vroot; therefore clitics in Brazilian Portuguese do not block the adjacency between Σ and V that morphological merger requires. (Cf. the account given by Embick and Noyer (2001: 590) of the contrast between constituent negation and prefixal negation in relation to do-support).*”

³¹ Para uma proposta sobre o movimento curto do verbo em PE, ver Costa (1998, 2004), e em PE e PB, Costa e Galves (2002). Essas propostas serão brevemente retomadas na seção 3.1.1 do capítulo 3.

associada à natureza forte de Σ ; em PE, Σ possui traços morfofonológicos fortes; quando Σ está lexicalizado com o núcleo realizado (com a negação, por exemplo), ou com a posição de especificador projetada (com um operador), uma operação no componente morfofonológico (*morphological merger*³²) não se aplica e a próclise é derivada; quando Σ não está lexicalizado, *morphological merger* se aplica e obriga a inversão do clítico para estabelecer adjacência entre Σ e V, condição necessária para a operação que licenciará Σ na derivação.

Mais uma vez, a análise dos autores necessita de ajustes quando aplicada ao PB. O PB apresenta elipse de VP e tem como possibilidade de resposta mínima a uma interrogativa total apenas o verbo e, entretanto, deriva a próclise em estruturas em que Σ não está lexicalizado. Os autores defendem que os clíticos em PB, diferentemente do PE, se comportam como adjuntos ao verbo raiz o que lhes atribui propriedades distintas e que *morphological merger* nunca se aplica. De fato, a natureza dos pronomes clíticos em PB é bastante distinta da natureza dos pronomes clíticos em PE. A análise de outros fenômenos, como as propriedades estruturais da posição pré-verbal, entretanto, me leva a assumir que não só uma mudança na natureza dos clíticos está na origem da próclise generalizada em PB. Volto a essas questões no capítulo 3.

Raposo (2000) propõe, na mesma linha de pensamento da análise de A. M. Martins e de J. Costa e A. M. Martins, que a ordem clV decorre de operações especiais na sintaxe, ou mais especificamente, da projeção de uma categoria funcional acima de IP no componente sintático. A análise tem, no entanto, diferentes implementações. Vejamos em que direção.

³² Com base em Chomsky (2001) e Embick e Noyer (2001), Costa e A. M. Martins formulam que um núcleo funcional forte é licenciado apenas quando tem/adquire conteúdo lexical no componente sintático ou é concatenado a um núcleo lexical no componente morfológico. *Morphological merger* (que optei por não traduzir) é uma operação que concatena Σ a V no componente morfológico para garantir o licenciamento de Σ forte em PE.

Raposo, considerando a proposta de Kayne (1995), assume que a estrutura da frase do PE possui uma categoria funcional FP que figura entre CP e IP. Raposo questiona a generalização de análises como a de A. M. Martins (1994) em que independentemente da realização lexical do sujeito, como exemplificam os exemplos em (11)c e (11)d, a seguir, quando *Spec/FP* está preenchido por um operador a ordem clítico-verbo é sempre derivada por operações na sintaxe³³. Para Raposo, em PE a posição estrutural *Spec/FP* está sempre preenchida (ou lexicalizada), independentemente de haver ênclise ou próclise (RAPOSO, 2000, p. 269).

(11)

- a. (nós) demos-lhe muito vinho!
- b. *(nós) lhe demos muito vinho!
- c. (nós,) muito vinho lhe demos!
- d. *(nós,) muito vinho demos-lhe!

(RAPOSO, 2000, p. 268-269)

Considerando aspectos da sintaxe do PE tais como a inversão do sujeito e as construções com SE indefinido³⁴, Raposo apresenta evidências de que sempre há o alçamento do verbo para F em PE e que, portanto, a legitimação dessa

³³ Raposo terá que assumir na análise que o sujeito pré-verbal em PE ocupa sempre uma posição de adjunção, de [*Spec/TP*]. Nos exemplos do autor, é mais fácil aceitar que o sujeito pré-verbal está deslocado à esquerda nas orações em (11)c e (11)d, dada a presença do operador “*muito vinho*” em [*Spec/FP*]. Mas o autor assume que, em todos os contextos em (11), o sujeito pré-verbal está em [*Spec/FP*]. Essa não é uma questão pacífica na literatura gerativista. Retomo essa questão na seção 3.1.2 do capítulo 3.

³⁴ Raposo assume a análise de Raposo & Uriagereka (1996). Ver nota 21 neste capítulo para uma revisão da proposta dos autores. Ver também A. M. Martins (2005), para quem o SE-passivo do PA originou dois tipos de estruturas ativas com SE no Português Moderno padrão: as construções com e as construções sem concordância entre o DP argumento interno e o verbo. Ver, ainda, o trabalho de Sílvia Cavalcante sobre as construções com *se* em construções infinitivas em textos portugueses do período que compreende os séculos 16 a 19 (CAVALCANTE, 2006).

categoria na estrutura não é possível apenas em construções com próclise. Nas palavras do autor, *o movimento do verbo para [Spec/F] é uma operação de Último Recurso que se aplica para satisfazer propriedades da categoria funcional F [...], independente da presença de um clítico em F* (p. 280 – tradução minha).

Ancorado na análise de Uriagereka (1995), segundo a qual FP possui uma matriz com traços morfológicos, Raposo propõe que o pronome clítico é a realização desses traços em PE e que a direção de afixação do clítico é, necessariamente, devido a propriedades estruturais da arquitetura da gramática das línguas naturais, da direita para a esquerda. Dito de outro modo, os clíticos em PE são sempre a realização de traços morfológicos relevantes de FP e ocupam, por conseguinte, o núcleo da categoria F. Em tese, em PE os clíticos são sempre enclíticos, de modo que a próclise é *an epiphenomenon of a distinct grammatical interplay* (RAPOSO, 2000, p. 280).

Raposo assume, então, a generalização de que os clíticos em PE enquanto realizações de traços morfológicos de F são sempre enclíticos, e que o licenciamento de F está associado a propriedades distribucionais das relações de *precedência* e *dominância* da teoria de Princípios e Parâmetros, em seus desdobramentos minimalistas. Por outros termos, F tem seus traços morfológicos lexicalizados por pronomes clíticos e F é sempre um enclítico. (12), a seguir, sistematiza as propriedades estruturais de F.

(12)

Como um enclítico, F não pode ser licenciado na primeira posição estrutural de uma construção.³⁵

(RAPOSO, 2000, p. 281)

³⁵ Tradução minha. Nas palavras de Raposo, “*As an enclitic, F cannot be sentence initial.*”

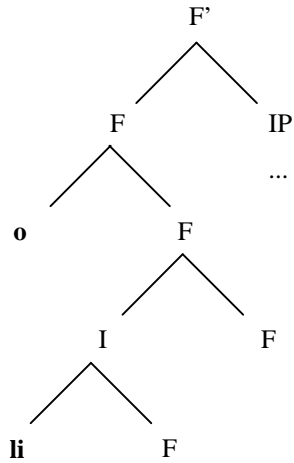
É importante dizer, ainda, que o autor assume a hipótese de adjunção de May (1985) segundo a qual o processo de adjunção objetiva forma uma categoria complexa com múltiplos segmentos. Nesse sentido, a adjunção do verbo a F gera, portanto, uma categoria complexa com múltiplos segmentos. Em tese, sendo o clítico a realização dos traços morfológicos de F, um clítico é, portanto, uma categoria com múltiplos segmentos.

Pois bem, para melhor explicar a proposta de cliticização de Raposo, tomo as palavras e os exemplos do autor: uma estrutura como **O li*, em (13), a seguir, não é uma boa formação em PE porque se um clítico Z (como exemplifica o clítico de terceira pessoa – *o*, em (13)) é uma categoria com múltiplos segmentos *é necessário que todo segmento de Z preceda ou anteceda o hospedeiro que satisfaz a propriedade clítica de Z* (RAPOSO, 2000, p. 282); ou seja, todo segmento de Z deve preceder ou anteceder o verbo da estrutura.

Observe-se a construção em (13) representada na estrutura arbórea em (14). A categoria F tem três segmentos. O verbo *li* em F, embora preceda o segmento mais baixo de F (que é irmão de I), é dominado por seus dois segmentos mais altos. Logo, não há relação de *precedência* e *dominância* entre os segmentos de F, e, muito embora esteja o verbo em F, essa categoria não satisfaz suas propriedades enclíticas.

(13) *O li

(14)

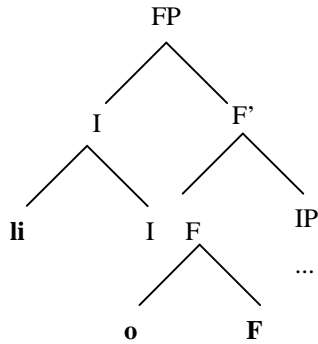


(RAPOSO, 2000, p. 281)

Já a estrutura em (15), no que segue, é bem formada em PE. Nela, o verbo em [Spec,F] estabelece uma relação de domínio com todos os segmentos da categoria F, o que assegura a propriedade enclítica de F, conforme representação arbórea em (16). Note-se que a ênclise na análise é, portanto, uma consequência (por isso entendida por Raposo como um *epifenômeno*) da relação de domínio estabelecida entre os segmentos devido a propriedades da arquitetura da gramática.

(15) Li-o

(16)

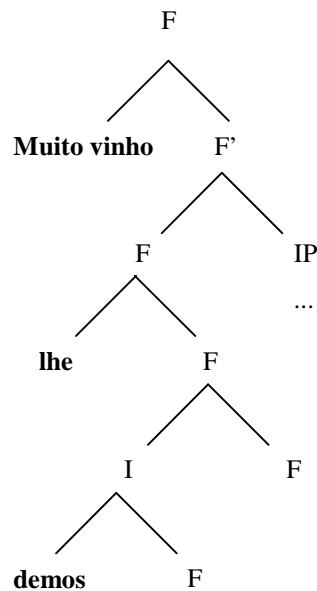


(RAPOSO, 2000, p. 282)

Em construções como (11)c, retomada a seguir em (17), a presença de um operador afetivo em *[Spec/FP]* garante a propriedade enclítica de F, não se aplicando o movimento do verbo para esta posição e a ordem clV não é alterada, conforme estrutura arbórea em (18), a seguir. É importante lembrar que, na análise, o sujeito *nós*, quando realizado, está topicalizado.

(17) (nós,) muito vinho lhe demos!

(18)



Propõe Raposo que, quando *[Spec/FP]* não está preenchido por um operador (o que derivaria a próclise), há necessidade de o verbo se movimentar para esta posição para que a propriedade enclítica de **F** seja satisfeita. O movimento do verbo, nesse sentido, é requerido por questões de precedência e dominância impostas pela arquitetura da gramática para a legitimação de **F**.

Para sumarizar, na proposta de Raposo, a ordem *clV* é *default* na gramática das línguas em que os clíticos são realizações de traços morfológicos de **F** e a ordem *Vcl* é derivada na sintaxe a partir do movimento do verbo para **F**, motivado por especificações estruturais da natureza enclítica de **F** (cf. especificado pela generalização em (12)).

Numa perspectiva mais ampla, a análise de Raposo pressupõe que em estruturas com ênclise não é o clítico em si que segue a restrição à primeira

posição absoluta proposta na literatura, mas sim F, de modo que em línguas com o clítico em primeira posição absoluta (como o PB e o Espanhol, por exemplo) a mudança não estaria correlacionada ao estatuto dos clíticos, mas às propriedades dos traços morfológicos de F.

Assim como na proposta de Raposo, para Galves (2000, 2001)³⁶ os pronomes clíticos são realizações de traços-phi interpretáveis. Na formulação da análise para a derivação da próclise e da ênclise nas gramáticas do Português, Galves assume que (i) há na derivação de constituintes no sistema computacional a projeção de uma categoria funcional acima de T – a categoria funcional *Pessoa*³⁷; (ii) AGR não é uma categoria funcional, mas sim um traço formal não-interpretável em *COMP*, *Pessoa* e *Tempo*, parametrizável nas línguas naturais. Logo, a derivação da ênclise e da próclise está associada à parametrização dos traços de AGR e dos traços-V das categorias funcionais *COMP*, *T* e *P* nas gramáticas do PC, do PE e do PB; (iii) as três gramáticas do português legitimam construções em que o verbo e o sujeito não estão em configuração Especificador/Núcleo; e (iv) a derivação da ênclise exige que o verbo esteja em *Spell-Out* em um núcleo que não contenha AGR. O traço AGR é incompatível com a ênclise porque este traço força uma configuração Especificador/Núcleo.

Pois bem, em PC o traço-V é forte em *COMP*, *P* e *T*, de modo que o verbo se movimenta para *COMP*, o que caracteriza a gramática desse língua como V2. O traço-AGR é forte em *P* e *T*, de modo que numa configuração XV, de um lado, a ênclise é derivada sempre que um XP externo a CP é projetado. Nesses termos,

³⁶ Como já dito, mas vale a pena salientar, os trabalhos recentes de Charlotte Galves e colaboradoras, vinculados ao projeto temático padrões rítmicos ao banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*, propõem que o advento das gramáticas do PE e do PB tem como base comum a gramática do PC. Essa linha de raciocínio está presente na análise de Galves que apresento.

³⁷ Observe-se que é mais uma nomenclatura por trás de uma mesma idéia: a projeção de uma categoria funcional extra acima de IP na sintaxe.

a ordem *Vcl* é derivada somente com um XP externo porque, estando o verbo em *COMP*, ainda que o traço-AGR não seja forte nesta categoria, a ênclise é incompatível com uma relação Especificador/Núcleo. A presença de um XP interno a CP estabelecerá uma relação Especificador/Núcleo. De outro lado, sempre que um XP interno a CP é projetado na estrutura, a próclise é derivada.

Em PE, apenas *P* e *T* têm o traço-V forte. Há, portanto, a perda do movimento do verbo para *COMP* na gramática dessa variedade do português. PE é uma língua não-V2. Por sua vez, o traço-AGR é forte apenas em *COMP*. A presença de AGR apenas em C prediz que o sujeito em PE seja externo (i.e., se mova, necessariamente para C) e que a ênclise seja derivada sempre que o verbo seja precedido por um tópico ou por um sujeito específico. Observe-se que o verbo está em *P/T*, que não tem o traço-AGR forte, e o X-sujeito está em *COMP*, de modo que não se configura uma relação Especificador/Núcleo. Numa configuração XV, com sujeitos referenciais, a ênclise é derivada. A próclise será derivada na presença de traços operadores em *COMP*, que por hipótese força o movimento do verbo (adjungido ao clítico) para CP.

Em PB, os traços-V e AGR são fortes apenas em *T*. Para Galves, justificase com isso a perda do movimento do verbo para *COMP* e, por conseguinte, da propriedade de uma língua V2 e da ênclise na gramática dessa variedade. O verbo está em *T* que tem o traço-AGR forte. Apenas a próclise é derivada.

Diferentemente das análises até aqui apresentadas, numa outra linha de argumentação, Pilar Barbosa (cf. BARBOSA, 2000), Inês Duarte, Gabriela Matos e Anabela Gonçalves (cf. DUARTE; MATOS 2000; DUARTE; MATOS; GONÇALVES, 2005) defendem que a derivação da próclise em português não envolve a projeção de uma categoria funcional (extra) no componente sintático. A derivação da próclise na proposta das autoras, naturalmente, com diferentes implementações, está relacionada à restrição ao clítico em primeira posição.

Na próxima seção, apresento brevemente algumas propostas de análises em que a derivação da próclise em português não está relacionada ao componente sintático, mas ao componente morfofonológico da gramática.

1.2.2.2 A derivação da PRÓCLISE em outros domínios...

Algumas análises recentes vêm sendo defendidas em que a derivação da próclise nas gramáticas do português é, necessariamente, o resultado de operações no componente morfofonológico (cf. GALVES; SÂNDALO, 2004; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO 2005).

Em uma análise comparativa no que se refere à sintaxe de colocação dos pronomes clíticos em português, GTMR (2005) defendem que o diferente comportamento dos clíticos em PE e em PB é reflexo da interação de propriedades sintáticas e morfofonológicas. Nessa proposta, não só a ênclise, mas também a próclise é resultado de operações no componente morfofonológico.

Referentemente à primeira propriedade elencada pelas autoras, a sintática, a análise de GTMR se apóia no diferente comportamento dos clíticos e, especialmente, nas diferenças observadas nos paradigmas pronominais instanciadas pelas gramáticas do PE e do PB. GTMR analisam a versão original, brasileira, do romance “O Alquimista” de Paulo Coelho publicado em 1990 e uma versão portuguesa publicada em 1999. Diferentemente dos padrões observados na versão portuguesa, na versão original o uso do clítico de terceira pessoa é recorrentemente substituído pelo uso de objetos nulos, pronomes fortes, pela retomada do SN e pelo pronome dativo “lhe”.

Os padrões empíricos atestados nas duas versões do romance de Paulo Coelho evidenciam a especificidade do paradigma pronominal, com especial

atenção à perda do clítico acusativo de terceira pessoa, associado ao enfraquecimento de *Infl*. Com base nesse contraste, GTMR defendem que os clíticos dativos/ acusativos de primeira e segunda pessoas “me” e “te” e o dativo/acusativo “se” em PB perderam seus traços de clíticos acusativos e se tornaram *puras formas dativas*. (GTMR, 2005, p. 164).

Para as autoras, os clíticos em PB são marcados com caso inerente de dativo e necessariamente adjungidos na derivação ao verbo que lhes atribui papel temático, o que os caracteriza como *V-clitics*. Em PE, assim como nas demais línguas românicas de sujeito nulo, os clíticos são adjungidos a *Infl* e por isso são *Infl-clitics*. Assim, a distinta propriedade dos clíticos garante que, diferentemente do PE, os clíticos em PB são sempre adjungidos ao verbo temático da estrutura, conforme contraste entre (19) e (20), a seguir.

(19) clíticos em complexos verbais em PE

- a. Não **te quero** ver
- b. Não quero **ver-te**

(20) clíticos em complexos verbais em PB

- a. Não quero [**te ver**]
- b. Não posso no momento [**lhe ver**]
- c. Estava sempre [**te vendo**]

A diferente ordenação de clíticos em complexos verbais em PE e em PB corrobora a análise das autoras. Observe-se que as orações com complexos verbais e a realização de um advérbio entre o auxiliar e o clítico (cf. (20)b e (20)c) são evidências de que o clítico está proclítico e adjungido ao verbo não-finito ou temático da oração em PB.

Na proposta de GTMR, centrada na hipótese de que as gramáticas do PB e do PE evoluíram independentemente (e em direções opostas) tendo em comum a gramática do PC, a ênclise generalizada no PE é uma inovação. O que mudou no PB, em relação ao PC, foi o fato de os clíticos não mais serem licenciados por *Infl*, mas pelo verbo temático da estrutura. Esta mudança em si, no entanto, não está relacionada à ordem relativa clítico/verbo nestas gramáticas. Cria apenas uma nova posição para os clíticos no PB que não existia no PC (e não existe no PE). A derivação da próclise e da ênclise está relacionada à segunda propriedade, morfofonológica, elencada por GTMR.

GTMR assumem a proposta de Galves e Sândalo (2004) para quem os clíticos não são elementos sintaticamente autônomos, mas sim saídas morfológicas de traços funcionais e estão sujeitos, portanto, às regras de formação de palavras como os demais afixos nas gramáticas das línguas (cf. proposta de Anderson, 2000). Para as autoras, a ordem relativa verbo/clítico é obtida a partir da interação de duas restrições, descritas em (21), a seguir.

(21)

- (I) *Edgemost*: um clítico é alinhado à borda esquerda de I-barra e
- (II) *Non-Initial*: um clítico não pode ser o primeiro elemento da oração

A restrição *Edgemost* vem do estudo de Prince e Smolensky (1993) que define a noção de prefixo e de sufixo como morfemas sujeitos à restrição *Edgemost* (à direita ou à esquerda) que alinha os morfemas à borda das palavras no componente morfológico (GALVES; SÂNDALO, 2004).

Galves e Sândalo (2004) propõem que os clíticos estão sujeitos à restrição *Edgemost* e são sempre alinhados à esquerda de X-barra. A anteposição ou posposição dos clíticos é o resultado da interação das restrições *Edgemost* e *Non-Initial*, de modo que as línguas que têm ativa a restrição *Non-Initial* proíbem que

um clítico ocorra em primeira posição absoluta num determinado domínio estrutural. Assim, em línguas em que *Non-Initial* está ativa *Edgemost* é violada e o clítico ocorre posposto ao verbo; quando não, a restrição *Edgemost*, que é *default* e alinha sempre o cl à esquerda do verbo, garante a anteposição do clítico.

Na análise de GTMR, e de Galves e Sândalo, a próclise é ordem natural, ou não marcada, e os diferentes padrões de colocação dos clíticos nas gramáticas do PC, do PE e do PB estão associados às propriedades das restrições *Edgemost* e *Non-Initial*. No PC, a restrição *Non-Initial* está ativa e nunca permite clV em construções V1 (com o verbo em posição inicial ou em contextos XV em que X esteja numa posição externa à oração). No PE, a restrição *Non-Initial* ainda está ativa, mas há uma mudança no domínio a que ela se aplica: do primeiro X-barra, como na gramática do PC, para o primeiro I-barra. Essa mudança explica a ênclise generalizada em orações com sujeitos referenciais no PE, uma vez que o domínio estrutural que proíbe o clítico em primeira posição é I-barra (e o sujeito em Spec de IP está fora deste domínio). No PB, a restrição *Non-Initial* não está mais ativa e a próclise não é barrada, não violando a restrição *Edgemost*.

É sobejamente referido que a ênclise é obrigatória em contextos V1 em PE. Como já dito, esse contexto pode se refletir superficialmente em contextos em que o verbo ocupe a primeira posição absoluta do período ou em contextos XV em que X seja um constituinte externo aos domínios da oração (i.e., externo aos domínios de *Infl*). A obrigatoriedade da ênclise em orações com sujeitos pré-verbais não-focalizados foi palco de uma longa discussão acerca da (não-) externalidade do sujeito em PE. A proposta defendida por Barbosa é de que o sujeito pré-verbal referencial está numa posição (externa) de adjunção à IP. Note-se que a proposta de Galves e Sândalo (2004), retomada em GTMR (2005), contra a proposta de Barbosa, explica a ênclise generalizada nesse contexto sem a necessidade de se postular que o sujeito em PE esteja externo.

GTMR (2005) defendem, então, que a sintaxe de colocação dos clíticos nas gramáticas do português é o resultado da interação de duas propriedades:

- (i) Sintática, segundo a qual os clíticos em PB são adjungidos ao verbo que lhes atribui papel temático – são *V-clitics* – enquanto em PC e em PE são adjungidos à categoria funcional *Infl* – são *Infl-clitics*.
- (ii) Morfofonológica segundo a qual anteposição ou posposição dos clíticos se relacionam às restrições *Edgemost* e *Non-Initial*. A restrição *Edgemost* garante que os clíticos sejam alinhados à esquerda de uma fronteira estrutural. Quando a restrição *Non-Initial* está ativa na gramática de uma língua, *Edgemost* é violado e a ênclise é derivada. A restrição *Non-Initial* está ativa (em diferentes domínios) nas gramáticas do PC e do PE, mas não em PB.

1.2.2.3 Em síntese, as propostas teóricas para a derivação da próclise nas gramáticas do português

O meu objetivo nesta seção foi retomar algumas das recentes propostas teóricas para a derivação da próclise nas gramáticas do português. Voltei minha atenção à derivação da próclise porque o foco da análise que defendo se volta à evolução das taxas de clV na escrita catarinense e, muito particularmente, à implementação da gramática do PB instanciada nos textos analisados.

Apresentei análises teóricas em que, com diferentes implementações, a derivação da próclise é sempre o resultado da projeção de uma categoria funcional “extra” na sintaxe: ΣP , na análise de A. M. Martins (1994, 1997); *FP*, na análise de Raposo (2000); *PessoaP*, na análise de Galves (2000, 2001). Na estrutura da frase considerada nas análises, essa categoria é sempre alocada entre CP e IP/TP e possui traços específicos que devem ser saturados na sintaxe.

De um modo geral, as análises teóricas retomadas para a derivação da próclise em PC, PE e PB se relacionam, direta ou indiretamente, à projeção de uma categoria funcional “extra” na sintaxe. Retomo as propostas apresentadas no capítulo 3, quando procuro defender que a derivação de clV se relaciona a mudanças gramaticais relacionadas à natureza de uma categoria funcional entre CP e TP e à natureza dos pronomes clíticos nas diferentes gramáticas.

Importante se faz lembrar que o objetivo do trabalho que defendo não é o de propor uma nova análise teórica para a derivação da próclise nas gramáticas do português. Antes, o objetivo a ser perseguido nos capítulos 2 e 3 é mais modesto. Como já dito, buscarei defender a hipótese de que os padrões empíricos atestados na escrita catarinense são instanciados por três gramáticas do português: PB, PC e PE. Naturalmente, os padrões em competição são derivados, por sua vez, por diferentes gramáticas.

1.3 Conclusões e encaminhamentos

Apresentei, neste capítulo 1, um panorama geral do enquadramento teórico que está na base da análise que defendo em relação aos padrões empíricos atestados na escrita catarinense. Na análise a ser desenvolvida nos capítulos 2 e 3, utilizo amostras de Língua-E, extraídas de textos escritos por catarinenses, em busca do conhecimento gramatical dos autores que os produziram; ou, em termos mais técnicos, considerando amostras de Língua-E, busco reconstituir a(s) gramática(s) dos autores. Em tese, o conhecimento lingüístico dos autores é instanciado nos textos e pode refletir padrões gerados por diferentes gramáticas. A hipótese de partida é a de que os padrões de ordenação de clíticos atestados na escrita catarinense parecem refletir um período de mudança sintática (i.e., mudança gramatical) que pode ser interpretado via competição de gramáticas, no sentido empregado por Kroch, em específico, em *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*.

Nesses termos, ao longo da pesquisa, a referência à gramática do PB, à gramática do PC ou à gramática do PE faz, necessariamente, alusão a teorias sobre o conhecimento lingüístico (i.e., à Língua-I) dos autores. Essas gramáticas são, por sua vez, instanciadas nos textos escritos analisados. Sobre essa temática, ocupei-me na seção *1.1*.

Na seção *1.2*, mostrei, de gramática a gramática(s), que os diferentes padrões de ordenação de clíticos encontrados em textos escritos ao longo dos séculos 13 a 20 podem ser interpretados como reflexos das mudanças gramaticais que estão na origem de diferentes gramáticas do português. É com base nesse percurso descrito que apresento, no capítulo 2, a descrição e análise dos padrões de ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20. Apresentei, ainda, na seção *1.2*, diferentes propostas teóricas para a derivação da próclise e da ênclise nas gramáticas do português. Considerando as propostas apresentadas,

retomo no capítulo 3 aquelas por mim assumidas para a derivação da próclise e da ênclise nas gramáticas do PC, do PB e do PE

Capítulo 2

*Padrões empíricos de ordenação de clíticos
na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*

2.0 Introdução

Este capítulo 2 visa à descrição e análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira) dos séculos 19 e 20. Tem por base a ordenação de clíticos em orações finitas não-dependentes com verbo simples e em estruturas verbais complexas em amostras extraídas de vinte e quatro peças de teatro escritas por catarinenses e de vinte e uma peças de teatro escritas por lisboetas, nascidos no período em questão.

De um modo geral, os resultados apresentados ao longo deste capítulo, sobretudo relacionados a textos escritos por catarinenses nascidos no século 19, evidenciam padrões empíricos complexos na ordenação de clíticos, que podem refletir aspectos do processo de implementação da mudança sintática que está na origem da gramática do PB. Como dito na *Introdução*, a análise da escrita do século 19 no Brasil, como muitos estudos têm evidenciado (cf. TARALLO, 1993; e os demais trabalhos publicados em ROBERTS; KATO, 1993), tem revelado uma significativa contribuição nesse empreendimento.

Este capítulo está assim dividido: na seção 2.1, apresento os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, tais como a metodologia de coleta e organização dos textos que constituem o *córpus* e a organização, classificação e categorização dos dados analisados; na seção 2.2, apresento a descrição e análise dos padrões empíricos de ordenação dos clíticos nos textos catarinenses e lisboetas em orações finitas com verbo simples e em estruturas verbais complexas e, ainda, alguns casos de interpolação; na seção 2.3, por fim, sistematizo os resultados obtidos e encaminho a discussão para o terceiro e último capítulo.

2.1 Dados diacrônicos: o contexto da pesquisa

Nesta seção, contextualizo a pesquisa empírica apresentada neste trabalho. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação e mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994), e no corolário proposto por Anthony Kroch para o estudo da mudança sintática via competição de gramáticas, justifico o cópua e o período estudado – peças de teatro escritas por catarinenses e lisboetas nascidos no curso dos séculos 19 e 20 – e descrevo a metodologia de organização, classificação e categorização dos dados que compõem as amostras.

2.1.1 Um (conhecido) problema metodológico em estudo diacrônico

Uma dificuldade particular em estudos diacrônicos e, em específico, em estudos sobre mudança sintática no quadro teórico gerativista é a formação de um cópua representativo para análise. Antes de mais, é importante deixar claro que o objeto de estudo no gerativismo não é a língua, mas a gramática das línguas particulares, entendida como um conjunto de regras internalizadas que cresce na mente/cérebro dos indivíduos da espécie humana numa determinada comunidade lingüística.

Numa perspectiva sincrônica de análise, dispõe-se de testes empíricos, tais como testes de aceitabilidade com informantes, sobre os critérios de boa formação de uma determinada construção na gramática de uma língua. Por outros termos,

tem-se acesso a evidências positivas e negativas sobre a boa formação (ou não) de estruturas geradas pela gramática de uma língua particular.

Em materiais históricos, entretanto, não se dispõe de evidências negativas em relação aos critérios de boa formação de formas lingüísticas geradas pela gramática de uma língua. Essa restrição imposta pelo acesso a, apenas, evidências positivas registradas em materiais históricos gera um impasse para o estudo da gramática no quadro da teoria gerativa. Se num cópuz representativo formado por materiais históricos uma dada construção não for encontrada é porque, muito provavelmente, essa não pertence àquele estado de gramática refletido nos textos.

Como referido por Paixão de Sousa (2004), foi Anthony Kroch quem primeiro observou esse impasse nos estudos diacrônicos em sintaxe gerativa. Para Kroch, em *Reflexes of Grammar in patterns of language change*, a relevância do estudo da gramática numa perspectiva diacrônica em teoria gerativa está centrada na mudança gramatical, ou mais precisamente, no curso da mudança na gramática de uma língua ao longo dos séculos. Apenas em materiais históricos encontramos um tipo de informação que é/está necessariamente ausente em dados sincrônicos: informações sobre o curso de tempo de uma mudança na gramática de uma língua.

O acesso às informações disponíveis em materiais históricos pode fornecer subsídios para o estudo do processo de mudança gramatical nas línguas naturais no curso do tempo. Por outros termos, a observação e análise de dados extraídos de textos históricos viabiliza o estudo dos problemas de *implementação* e de *transição*, ou de como e por que as línguas particulares mudam no tempo, como proposto pelo trabalho pioneiro de Weinreich, Labov & Herzog (1968). A investigação diacrônica com base em materiais históricos possibilita, nesse sentido, a compreensão dos processos através dos quais as línguas mudam, assim como a explicação de princípios internos de organização das gramáticas das línguas naturais.

É importante salientar que, sob essa perspectiva, o objeto de estudo da teoria gerativa é visto sob diferentes pontos de vista: enquanto na sincronia é a descrição e, sobretudo, a explicação de propriedades da Faculdade da Linguagem, na diacronia o foco de análise é a mudança sintática (i.e. a mudança gramatical)³⁸.

Numa perspectiva gerativista, em sintaxe diacrônica os padrões atestados nos textos históricos são evidências empíricas que devem ser interpretadas teoricamente em busca de hipóteses sobre um determinado processo de mudança gramatical. A evolução nas taxas de uso (ou na frequência) de uma dada construção sintática atestada em textos históricos não pode ser entendida como uma mudança na gramática de uma língua. Antes, deve ser interpretada como o reflexo de uma mudança paramétrica na gramática dessa língua.

Na proposta de análise delineada por Kroch (1989), o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na gramática de uma língua não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou de um morfema particular, mas pela estrutura sintática, cuja existência pode somente ser o produto de uma análise gramatical independente dos falantes. Assim, a análise gramatical que define o contexto de uma mudança lingüística é bastante abstrata.

Paixão de Sousa (2004, p. 16) sintetiza muito precisamente a proposta de Kroch em *Reflexes of Grammar in patterns of language change* ao afirmar que “*toda a proposta [do texto] é justamente uma metodologia para mediar o retrato empírico da mudança retratada nos textos, com ferramental estatístico, e assim chegar a analisar os reflexos da mudança gramatical que podem estar ali manifestos*” (grifo nosso).

³⁸ Nas palavras de Paixão de Sousa, “*o objeto teórico relevante para os estudos históricos da língua pode ser localizado, assim, não na diversidade diacrônica das formas lingüísticas (i.e.: na sucessão de sincronias em contraste), mas sim na progressão dinâmica dos padrões lingüísticos na dimensão temporal. A investigação da lingüística histórica é portanto relevante teoricamente não enquanto estudo sincrônico “adaptado”, mas sim ao abordar a dimensão dinâmica da língua – ou seja, muito simplesmente, a mudança.*” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 14, grifo da autora).

Em outras palavras, a proposta estatística sistematizada por Kroch procura mapear a dinâmica dos padrões empíricos atestados nos textos que podem ser o reflexo de uma dada mudança gramatical. Os padrões empíricos (em si e por si) não constituem a mudança, mesmo porque a definição de mudança sintática na gramática de uma língua natural está associada, impreterivelmente, a uma interpretação mediada por uma teoria da gramática.

Pois bem, sabe-se que os dados de que dispomos para os estudos diacrônicos são, de fato, aqueles oriundos de materiais históricos. Sabe-se, ainda, que os dados “garimpados” em textos históricos refletem propriedades da gramática de indivíduos imersos num ambiente heterogêneo e o processo de mudança numa língua particular estará necessariamente inserido nesse contexto.

Tendo por base materiais históricos, e objetivando diagnosticar propriedades de diferentes estágios (i.e. diferentes gramáticas) do português no curso dos séculos, muitos estudos, particularmente relacionados à sintaxe da ordem dos constituintes, vêm sendo desenvolvidos em sintaxe diacrônica, conforme já mencionado (A. M. MARTINS, 1994; TORRES MORAIS, 1995; GALVES, 2001, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; NAMIUTI, 2008). A preocupação central desses estudos tem sido a reconstrução da trajetória da mudança refletida nos dados empíricos atestados em textos portugueses escritos no curso dos séculos. Textos literários, entre outros, tais como documentos notariais e cartas pessoais, formam os diferentes *córpus* utilizados. Além do controle da data de produção/publicação dos textos históricos analisados, o ano de nascimento dos autores tem sido uma informação relevante controlada nos estudos em sintaxe diacrônica em torno das gramáticas do português.

A observação do ano de nascimento dos autores, quando pode ser recuperada (e em textos literários, me parece, há mais facilidade nesse empreendimento), associada à observação da produção/publicação do texto tem fornecido valiosas informações acerca das propriedades gramaticais refletidas nos

textos escritos deixados pela história. Mais especificamente, o autor deste ou de séculos passados, pertence a uma comunidade lingüística heterogênea e tem em sua gramática (ou em suas gramáticas) traços lingüísticos em comum com essa comunidade³⁹. Logo, quando observado o período de nascimento do autor, possibilita-se a identificação de uma geração de “falantes” que “compartilham” propriedades de uma determinada gramática⁴⁰.

O cópús utilizado nesta pesquisa é constituído de textos literários, ou, mais especificamente, de peças de teatro⁴¹ escritas por brasileiros e por portugueses, nascidos no curso dos séculos 19 e 20, respectivamente, no litoral de Santa Catarina e em Lisboa. Entendo que a fala das personagens reproduzidas em textos

³⁹ Guy (2000) refere que uma definição de comunidade de fala deve considerar, necessariamente, três aspectos:

(i) Características lingüísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não fora dela.

(ii) Densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais freqüência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.

(iii) Normas compartilhadas; isto é, atitudes em comuns sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

(GUY, 2000, p.18) (grifo nosso)

Especificamente sobre a primeira distinção elencada por Guy, a definição de uma comunidade de fala está vinculada à participação (ou não) do indivíduo em um determinado grupo a partir do uso de traços lingüísticos específicos e compartilhados por esse mesmo grupo. Dito de outro modo, o compartilhamento de uma determinada expressão ou estrutura – fonética, morfológica, sintática etc. – caracteriza um indivíduo como integrante de uma determinada comunidade de fala.

⁴⁰ Nas palavras de C. Galves, “os textos que compõem a matéria prima da lingüística histórica são amostras da Língua-Externa da sua época. O que queremos, a partir deles, é desvendar a Língua-Interna dos seus falantes. Assumindo que, num determinado período, os falantes de uma determinada comunidade compartilham da mesma Língua-I, consideraremos que essa Língua-I é a gramática do período em questão.” (C. GALVES, 2007, p. 514).

⁴¹ Para algumas “reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua”, ver o artigo de Berlinck, Barbosa e Marine (2009).

dramáticos, escritos, fundamentalmente, para serem representados, mais se aproxime da língua que caracteriza o que seria o vernáculo do autor⁴².

Descrevo, na seção que segue, os procedimentos de recolha dos textos que constituem o *córpus*.

2.1.2 *A pesquisa empírica*

Como já dito, a pesquisa empírica tem por base amostras extraídas de um *córpus* constituído de textos dramáticos escritos por brasileiros e portugueses nascidos entre os séculos 19 e 20. De um lado, com o interesse de diagnosticar os padrões de variação, e de não-variação, na ordem linear verbo-clítico, e, por conseguinte, as gramáticas do português subjacentes em textos escritos no Brasil no curso dos séculos 19 e 20, o *córpus* se constitui de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros nascidos, em sua maioria, no litoral de Santa Catarina, no sul do Brasil. De outro lado, considerando que um dos objetivos da pesquisa, como já dito, é diagnosticar padrões de variação (e de não variação) na ordem linear verbo-clítico em textos escritos por brasileiros, e a influência do padrão da gramática do português europeu na escrita desses textos, sobretudo no curso do século 19, o *córpus* se constitui, ainda, de vinte e uma peças de teatro escritas por portugueses nascidos em Lisboa entre os séculos 19 e 20.⁴³

⁴² Muito embora seja necessário considerar que a REAL definição do vernáculo de uma determinada comunidade lingüística, mesmo identificada a partir de dados de fala, é, antes de tudo, uma abstração (ver a argumentação em Milroy e Gordon (2003, capítulo 3 – *Data Collection*) para uma discussão a respeito).

⁴³ Fazem parte do *córpus* os seguintes textos e respectivos autores:

Peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina – *A casa para alugar* (1867) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-

É importante destacar que a análise dos padrões de ordenação dos pronomes clíticos em textos escritos por portugueses será, sobretudo, para contrapor à análise dos padrões encontrados nos textos escritos por brasileiros. O objetivo geral é identificar, nos textos escritos por brasileiros, padrões atribuíveis à gramática do PE, além daqueles relacionados à gramática do PB, e, ainda, à gramática do PC.

O conjunto de textos escritos por brasileiros é oriundo de um projeto, em curso, *sobre a diacronia do português em Santa Catarina* vinculado ao Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto em curso visa à elaboração de um banco de dados para estudos diacrônicos, formado em sua maioria por peças de teatro escritas por brasileiros, de ascendência portuguesa, nascidos no litoral de Santa

1902); *Raimundo* (1868), de **Álvaro Augusto de Carvalho** (1829-1865); *Os ciúmes do capitão* (1880), de **Arthur Cavalcanti do Livramento** (1853-1897); *Um cacho de mortes* (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892), de **Horácio Nunes** (1855- 1919); *Brinquedos de Cupido* (1898), de **Antero Reis Dutra** (1855-1911); *A engeitada* (19??) de **Joaquim Antonio de S. Thiago** (1856-1916); *Hilda, a filha do suposto traidor* (1918), *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942), de **Ildefonso Juvenal** (1884-1965); *Ilha dos casos raros* (1928), de **Nicolau Nagib Nahas** (1898-1934); *A morte de Damião* (1954) de **Ody Fraga** (1927-1987); *O dia em que os porcos comerão sal* (1978), *A Estória* (1970), *Os Lobos* (1980), *Fragmentos* (1991) e *O que a vida vez de mim, de nós* (1996), de **Ademir Rosa** (1950-1997); *O dia do Javali* (1982), de **Mário Júlio Amorim** (1939-); *Flores de Inverno* (1992) e *As quatro estações* (1998), de **Antonio Cunha** (1961-); *Agnus Dei* (1994) de **Sulanger Bavaresco** (1969-).

Peças de teatro escritas por portugueses nascidos em Lisboa – *O último acto* (1859) de **Camilo Castelo Branco** (1825-1890); *Inter duo Litigantes...* (1863) de **Eduardo Garrido** (1842-1912); *Para as Eleições* (1868) de **Júlio César Machado** (1835-1890); *Guerra aos Nunes* (1869) de **Matos Moreira** (1845-1899); *Clero, Nobreza e Povo* (1871) de **César de Lacerda** (1825-1903); *Quem desdenha...* (1874) de **Manoel Pinheiro Chagas** (1842-1895); *Paris em Lisboa* (1879) de **Carlos de Moura Cabral** (1852-1922); *O festim de Baltasar* (1894) de **Gervásio Lobato** (1850-1895); *O beijo do Infante* (1898) de **D. João da Câmara** (1852-1908); *Cavalheiro Respeitável* (1914) de **André Francisco Brun** (1881-1926); *A onda* (1915) de **António Cardoso Ponce de Leão** (1891-1918); *Penélope* (1919) de **Manuel Gustavo de Abreu de Sousa** (1893-1980); *Viva da Costa!* (1925) de **Vasco Mendonça Alves** (1883-1962); *Lua-de-mel* (1928) de **Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga** (1888-1940); *O trivial* (1928) de **Vitório Chagas Roquete** (1875-1940); *Três Gerações* (1931) de **Almicar da Silva Ramada Curto** (1886-1961); *A prima Tança* (1934) de **Alice Ogando** (1900-1981); *A menina Feia* (1954) de **Manuel Frederico Pressler** (1907-); *É urgente o amor* (1958) de **Luiz Francisco Rebello** (1924-); *Os preços* (1976) de **Jaime Salazar Sampaio** (1925-); *António, um rapaz de Lisboa* (1995) de **Jorge Silva Melo** (1948-).

As informações relevantes dos textos que compõem o corpús em apreço estão listadas no *Apêndice I*.

Catarina, e conta com a minha colaboração, da doutoranda Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e demais pesquisadores vinculados ao projeto VARSUL, sob a coordenação da professora Doutora Izete Lehmhuhl Coelho.

O trabalho de recolha e organização dos textos é fruto de pesquisas em acervos da Biblioteca Estadual de Santa Catarina, do Centro de Cultura Açoriana e da Academia Catarinense de Letras, assim como de contatos com pesquisadores e estudiosos da história do teatro em Santa Catarina, sobretudo com a professora Doutora Zilma Nunes do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC, com a professora Doutora Vera Colaço da Universidade Estadual de Santa Catarina e com o escritor e diretor de teatro do Grupo *teatral Armação*, Antonio Cunha⁴⁴.

O conjunto de textos escritos por portugueses nascidos em Lisboa é fruto de pesquisas em acervos públicos em Lisboa durante meu estágio de doutoramento junto ao Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa em 2007/2008. Considerando apenas textos dramáticos escritos por lisboetas nascidos no curso dos séculos 19 e 20, como já dito, três critérios em específico nortearam a recolha e organização dos textos. Primeiramente, todos os textos deveriam ser escritos por portugueses nascidos em Lisboa no período delimitado.

Em segundo lugar, busquei reunir textos que retratassem a atualidade em que foram escritos, procurando fugir de ambientes criados pelos autores, na tentativa de reconstrução de uma determinada época histórica, por exemplo. Como já dito, entendo que o drama, por ser um texto escrito para ser, fundamentalmente, apresentado, possui uma maior maleabilidade em relação às regras (e pressões) da escrita.

Finalmente, em terceiro lugar, no momento em que garimpava peças de teatro escritas por portugueses tinha já organizado os textos escritos por catarinenses. Considerando que o meu objetivo era constituir amostras

⁴⁴ Ratifico aqui nossa gratidão a todos pelas valiosas informações sobre a história do teatro catarinense e, sobretudo, pelos textos cedidos.

comparáveis entre si, busquei, na medida do possível, reunir textos portugueses publicados/apresentados nas mesmas datas dos textos brasileiros.

Em Lisboa, acolhido pelo Centro de Lingüística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – FCSH/UNL – sob a orientação da professora Doutora Maria Lobo, em acervos da Biblioteca Nacional de Lisboa, da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Biblioteca da FCSH/UNL, em livrarias e demais casas especializadas, selecionei vinte e uma peças de teatro escritas por lisboetas nascidos entre os séculos 19 e 20.

Dentre os textos selecionados, muitos foram extraídos da edição organizada por Luiz Francisco Rebello em dois volumes: *Teatro Português em um acto (1800-1899)* e *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Confrontei a edição do autor com as edições originais nos acervos da Biblioteca Nacional e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No que se refere à sintaxe das orações, nenhuma alteração na edição de Rebello em relação aos originais consultados foi verificada. Tomo, por exemplo, o texto *O Último Acto* de Camilo Castello Branco⁴⁵. As diferenças se restringem à grafia de algumas palavras. No que respeita a aspectos sintáticos, e, mais especificamente, à colocação dos clíticos não há nenhuma alteração na edição.

Saliento que as informações relevantes das edições utilizadas na pesquisa estão listadas no *Apêndice*.

⁴⁵ Confrontei a edição de Rebello de *O último Acto* com uma segunda edição do texto publicada em 1884: Castello-Branco, Camilo. *O último acto*. 2ª edição. A.M.P. Lisboa, 1884.

2.1.3 Organização/classificação/categorização dos dados

O foco de análise é o aumento nas taxas de próclise em textos escritos por catarinenses, ou mais precisamente, os padrões empíricos de ordenação de clíticos encontrados nos textos. Utilizo, no entanto, os resultados relacionados aos textos escritos por portugueses como parâmetro na identificação dos padrões da gramática do PE nos textos dos brasileiros, buscando diagnosticar padrões associados a diferentes gramáticas do português nos textos escritos, sobretudo, no Brasil do século 19.

Antes de mais, é necessário dizer que a variação atestada na escrita catarinense, em especial do século 19, é mais abrangente que aquela atestada na história do português (europeu), e, por conseguinte, nos textos dramáticos escritos por portugueses nascidos em Lisboa entre os séculos 19 e 20. A hipótese que defendo é a de que a variação empírica na ordem relativa verbo/clítico atestada nos textos brasileiros reflete propriedades de três gramáticas do português: propriedades da gramática do PB, da gramática do Português Europeu e propriedades da gramática do Português Clássico.

Meu olhar para os dados empíricos será, fundamentalmente, variacionista. Deve-se considerar, no entanto, que a sintaxe de colocação dos clíticos na história do português, e mesmo nos textos escritos por brasileiros, envolve ambientes de não-variação (isto é, contextos em que a próclise ou a ênclise é categórica). Assim, os dados foram organizados/classificados/categorizados de acordo com variáveis independentes que contemplassem os contextos de variação e os contextos de não-variação na história do português, sobretudo aqueles contextos correlacionados às gramáticas do PE, do PB e do PC, já descritos na literatura, como apresentado na seção *1.2.1* no capítulo 1.

Descrevo e analiso a sintaxe de colocação dos clíticos em estruturas finitas com verbo simples e em estruturas verbais complexas. Para esse empreendimento, quatro amostras foram organizadas: duas amostras constituídas de orações finitas com verbos simples, extraídas de peças de teatro escritas por catarinenses e de peças de teatro escritas por lisboetas; duas amostras constituídas de estruturas verbais complexas, também extraídas dos textos catarinenses e lisboetas.

2.1.3.1 Orações finitas com verbos simples

Os dados relevantes na análise são orações finitas (dependentes e não-dependentes) com anteposição ou posposição de clíticos em textos dramáticos escritos por brasileiros e portugueses. Considero na organização, classificação e categorização dos dados ambientes em que a ênclise ou a próclise é categórica e ambientes em que a variação *clV/Vcl* é atestada na história do português (cf. descrição apresentada na seção *1.2.1* no capítulo 1).

No que se refere às amostras constituídas por orações finitas com verbos simples, os dados foram organizados e classificados conforme as variáveis apresentadas a seguir. Os dados extraídos dos textos escritos por catarinenses foram categorizados de acordo com a metodologia da sociolinguística variacionista e submetidos aos programas do pacote estatístico *GOLDVARB2001* (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

Por não apresentarem variação, os dados extraídos dos textos escritos por portugueses não foram submetidos à análise variacionista⁴⁶.

No levantamento dos dados, encontrei nos textos dramáticos escritos por brasileiros e portugueses poucas ocorrências de (i) *orações exclamativas/desiderativas com sujeitos pré-verbais e pós-verbais* e de (ii) *orações com sujeitos e demais constituintes com marcas explícitas de focalização*. Assim como já descrito em estudos sobre a sintaxe de ordenação dos clíticos na história do português (cf., por exemplo, PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005), esses são ambientes categóricos de próclise⁴⁷. Desse modo, essas ocorrências não foram consideradas na análise. Do conjunto de dados relevantes extraídos dos textos, listo a seguir algumas ocorrências.

(1) *Orações exclamativas/imperativas/desiderativas com sujeitos pré-verbais e pós-verbais*⁴⁸

Textos catarinenses

- a. Deus TE ajude sempre, meu filho. [CARVALHO, 1829]⁴⁹

⁴⁶ Essa é uma questão delicada que precisa ser esclarecida. É importante enfatizar que tomo por variação aqui apenas aqueles contextos que, em análise, estão associados a distintos estágios (ou gramática) do português no curso dos séculos. Os textos escritos por portugueses refletem padrões mais estáveis nos contextos considerados.

⁴⁷ Como referido no capítulo 1, GBPS (2005) apresentam uma análise dos padrões de colocação dos pronomes clíticos na história do português, mais especificamente no período correspondente entre os séculos 16 e 19. Com base no banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*, as autoras apresentam uma análise de 5.369 orações afirmativas não-dependentes extraídas de textos escritos por autores nascidos entre os anos de 1542 e 1836. As autoras não consideram na análise construções cujo complexo (cl)V(-cl) é precedido por sujeitos focalizados (em estruturas como em só + sujeito ou o mesmo + sujeito, GBPS, p.42). Na história do português, esses são contextos de próclise categórica.

⁴⁸ A próclise é o padrão nessas construções, exceto em orações em que o verbo ocupa a primeira posição, contexto em que apenas a ênclise é atestada.

⁴⁹ Os exemplos das amostras doravante citados estão seguidos do sobrenome do autor e de seu respectivo ano de nascimento. Demais informações relevantes dos textos estão listadas no *Apêndice*.

- b. Deus NOS acuda!... [CARVALHO, 1829]
- c. Deus TE abençoe! [CARVALHO, 1829]
- d. Deus O acompanhe. [CARVALHO, 1829]
- e. Deus LHE dê resignação. [CARVALHO, 1829]
- f. Má raios O partam, e mais a parteira! [CARVALHO, 1829]
- g. E os diabos ME levem se eu voltar. [CARVALHO, 1829]
- h. Valha-me Deus! [CARVALHO, 1829]
- i. Valha-me Nossa Senhora! [CARVALHO, 1829]
- j. Deus ME livre! [COUTINHO, 1841]
- k. Valha-TE Deus! [COUTINHO, 1841]
- l. Que Deus TE abençoe e proteja! [THIAGO, 1856]
- m. Que a Virgem Santa TE proteja e te guarde. [THIAGO, 1856]
- n. Nossa Senhora TE abençoe e proteja meu filho, afim de que sejas sempre o orgulho dos teus pais. [JUVENAL, 1884]
- o. Deus TE ouça, companheiro, e que os anjos digam amém! [AMORIM, 1939]

Textos lisboetas

- a. Se não me caso com aquela mulher... levo-me à breca! Deus ME livre! [LACERDA, 1825]
- b. São Barnabé TE valha, filho! Acomodai-vos que tudo se há-de arranjar com o auxílio de Deus! [LACERDA, 1825]
- c. Deus TE ajudará! [LACERDA, 1825]
- d. Valha-te a Virgem da Agrela, filho! [LACERDA, 1825]
- e. Os demônios TE confundam... respeitando-te a coroa, desastrado! [LACERDA, 1825]
- f. Os diabos OS levem! [LOBATO, 1850]
- g. Deus NOS valha! Que tempo! [CÂMARA, 1852]
- h. Deus SE amerceie de ti. Deus SE amerceie de nós. [CÂMARA, 1852]
- i. Deus ME perdoe! [CÂMARA, 1852]
- j. Deus ME valha! [CÂMARA, 1852]
- k. Macacos ME mordam se percebo alguma coisa do que estás para aí a dizer... [BRUN, 1881]
- l. Raios TE partam! [ALVES, 1883]
- m. Diabos ME levem se te entendo! [Rebello, 1958]
- n. Valha-ME a Nossa Senhora das Candeias! [CHAGAS, 1842]
- o. Salve-A Deus! [CÂMARA, 1852]
- p. Valha-me Deus! [LOBATO, 1850]

(2) Orações com sujeitos e demais constituintes focalizados

Textos catarinenses

- a. É já a polícia, sem dúvida! Ah! SÓ um recurso ME resta: é morrer também.! [NUNES, 1855]
- b. ATÉ no mapa SE vê quanto Ella é linda... [JUVENAL, 1884]
- c. Zé Luis – Devemos matá-lo de uma vez. SÓ assim NOS livraremos dessas múmias mais cedo. [ROSA, 1950]
- d. O beijo é o premio dos vencidos. SÓ quem se rende O merece. [CUNHA, 1961]

Textos lisboetas

- a. Agora SÓ duas penas NOS acompanham! [GARRIDO, 1842]
- b. Aquele homem não pode negar que é um pelintra... ATÉ as cartas O sabem. [BRUN, 1881]
- c. SÓ da cabeça SE faz um jantar para uma família! [ALVES, 1883]
- d. Ciúme! Mais leal não quero que haja! Bem o mostrou. Nem à hora da morte lhe saiu da boca para fora uma queixa. SÓ uma vez ME disse: “Não acredites em palavras do coração!” [ALVES, 1883]

Para sistematizar a organização dos dados que compõem as amostras, observo as ocorrências das ordens lineares clítico-Verbo (clV)/Verbo-clítico (Vcl) e a correlação com variáveis independentes lingüísticas (i.e., os contextos sintáticos relevantes na derivação da próclise e da ênclise na história do português⁵⁰) e extralingüísticas tais como o ano de produção/publicação das peças de teatro e, principalmente, o ano de nascimento dos autores.

Nas subseções que seguem, passo à caracterização e à descrição das variáveis independentes observadas, ou, mais especificamente, dos contextos

⁵⁰ Para uma descrição dos padrões de ordenação de clíticos em português, já no início do século 20, ver Figueiredo (1917 [1909]).

sintáticos relevantes na derivação de cIV e de Vcl na história do português (cf. discussão na seção 1.2.1 no primeiro capítulo).

2.1.3.1.1 Tipos de orações

Considerando o tipo de oração, classifico os dados das amostras em (a) orações não-dependentes⁵¹ afirmativas simples, principais e primeiras coordenadas e (b) orações não-dependentes negativas, conforme dados das amostras em (3), a seguir⁵².

(3)

- a. Esse Valentim é insupportável. Por ser muito estúpido tirei-O do serviço do exército e o trouxe para casa; mas vou despedil-o. [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Não SE lembra de nada fora do comum que tenha acontecido nesta ocasião? [BAVARESCO, 1969]

⁵¹ A. M. Martins (1994, p. 15), ao descrever a colocação dos pronomes clíticos na história do português entre os séculos 13 e 16, designa de não-dependentes as orações simples, principais e as coordenadas não disjuntivas. Assumirei com a autora essa designação na caracterização dos meus dados. Classificarei, no entanto, as coordenadas disjuntivas juntamente com as segundas coordenadas sindéticas.

É importante dizer, ainda, que, por não ser um fator significativo no que se refere aos padrões de colocação dos pronomes clíticos na história do português (salvo as interrogativas parciais com operadores WH, que estão classificadas separadamente, cf. seção 2.1.3.3), estão agrupadas sob o rótulo de não-dependentes (afirmativas e negativas) as orações declarativas, exclamativas, imperativas e interrogativas. Ver Mateus et. al. (2003, p. 852) para demais informações sobre uma classificação dos tipos de orações em português.

⁵² Num primeiro momento da análise, considerei também as orações finitas dependentes afirmativas e negativas que foram organizadas, classificadas e categorizadas, juntamente com os demais dados da amostra. A análise dos dados revelou, no entanto, que há variação cIV / Vcl nesse ambiente. Por não ser este um contexto de variação diacrônica na história do português, deixo os dados coletados para uma análise futura. Faço menção aos resultados gerais na seção de análise. Cf. nota 59, na seção 2.2.1, no que segue.

A próclise em orações afirmativas não-dependentes primeiras coordenadas com o verbo em primeira posição absoluta não é encontrada em nenhum momento da história do português. As orações segundas coordenadas sindéticas e coordenadas disjuntivas, por sua vez, apresentam variação na ordenação do clítico neste contexto, pelo que a distinção entre orações não-dependentes afirmativas primeiras e segundas coordenadas se faz relevante. Classifico, então, separadamente as orações não-dependentes afirmativas segundas coordenadas (cf. (4)⁵³).

- (4) Em 1863 estava eu na Bahia. Tinha concluído meus estudos e formara-ME naquele ano. Como riqueza, possuía um diploma de médico, e nada mais! [NUNES, 1855]

Poucas são as ocorrências de orações parentéticas e apositivas (cf. (5)) e de orações alternativas (cf. (6)) na amostra. Estes dados foram classificados em separado.

(5)

- a. Bibiano - Decididamente este criados antheptisão commigo! Interessante é [que] julgaram-me camponio na cidade, quando foi d' aqui que, há muito planejei a minha carreira política! Ah! Aquele maldito Chico Romulado, lá da freguezia! Eu bem dizia ao Juíz de Paz, na véspera da eleição: - Cuidado, seu Roberto olhe que o Chico é muito espertalhão. Qual seu Bibiano, respondia-ME elle; em eleições ninguém me passa a perna, e além d'isso elle é da opposição... [DUTRA, 1855]
- b. Foi o Barão das Águas Mornas, como já TE disse, minha filha. [JUVENAL, 1984]

⁵³ Paixão de Sousa (2004) encontra ampla variação cIv /Vcl em textos escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 16 e 19 em sentenças independentes segundas coordenadas com os conectivos *e* e *mas*: 255 ocorrências de 543 dados desse tipo de oração.

- (6) Ou o senhor explica-SE de modo que eu o compreenda, ou considero-O um miserável.
[NUNES, 1855]

2.1.3.1.2 Posição superficial do verbo

Dentre os (muitos) estudos já realizados acerca da sintaxe de colocação dos pronomes clíticos na história do português, o que de fato se apresenta como fator relevante na derivação da próclise e da ênclise em contextos finitos é a presença, a ordem e a natureza de constituintes que antecedem imediatamente o verbo. De um lado, a presença de operadores de negação e sintagmas-Q (constituintes interrogativos) em orações não-dependentes e de sintagmas-Q (relativos) em orações dependentes desencadeiam (majoritariamente) a ordem clítico-verbo em todos os estágios do português. A ordem verbo-clítico, de outro lado, é sempre desencadeada em contextos em que o verbo ocupe necessariamente a primeira posição absoluta na oração.

Não se encontra na diacronia do português a ordem clV em contextos em que o verbo está na primeira posição absoluta da estrutura oracional. A próclise nesse contexto passa a ser uma inovação da gramática do PB, razão pela qual tem sido interpretada como uma propriedade que diferencia essa gramática em relação à gramática do PE e àquelas de períodos anteriores.

Consciente de que os constituintes em posição pré-verbal podem ocupar uma posição interna ou externa à estrutura da oração e que, portanto, esta distribuição não corresponde à posição estrutural do verbo finito⁵⁴, considero na classificação dos dados a ordem superficial do verbo em relação aos demais constituintes. Logo, classifico como V1 orações como (7)a; XV orações como (7)b e XXV orações como (7)c.

⁵⁴ Ver Paixão de Sousa (2004) para uma descrição detalhada das possíveis ordens lineares e estruturais dos constituintes, tendo em vista a ordenação dos clíticos no português escrito entre os séculos 16 e 17.

(7)

- a. ME sinto com vinte anos. [CUNHA, 1961]
- b. O tratante convidou-ME para fazer parte de uma sociedade que dizia trazer grandiosos resultados. [JUVENAL, 1884]
- c. Senhor meu sogro, a situação assim O exige. [NUNES, 1855]

2.1.3.1.3 Natureza do constituinte que antecede o verbo

Os fatores em análise nesta variável visam à identificação da natureza dos constituintes que antecedem o verbo na oração e a correlação desses com a ocorrência da ênclise e da próclise nos textos.

Na classificação/organização/categorização dos dados relacionados a esta variável, considere a natureza do constituinte que antecede o complexo verbo-clítico, exceto em orações com *COMP* preenchido tendo em vista a clara correlação desse contexto com a próclise, como ilustram os exemplos em (8), a seguir.

(8)

- a. Como eu amo o César, e como o César ME ama! [NUNES, 1855]
- b. Como eu ME sinto feliz! [JUVENAL, 1884]
- c. Onde vocês SE encontravam? [BAVARESCO, 1969]

Os fatores considerados estão listados nas subseções que seguem.

2.1.3.1.3.1 *Quantificadores/Expressões quantificadas*

Classifico em separado as orações iniciadas por sujeitos e expressões quantificadas (cf. (9)) porque a ordenação de clíticos nesses contextos tem propriedades particulares. Em geral, a próclise é o padrão, mas, nalguns contextos a ênclise é atestada.

(9)

- a. Ninguém MO tira da cabeça... [COUTINHO, 1841]
- b. Alguém TE ensinará; [CARVALHO, 1829]
- c. Todos O considerariam como o homem de mais juízo desde mundo e classificariam de filosofia a sua maluquice! [NUNES, 1855]
- d. Tudo ME pertuba os sentidos! [JUVENAL, 1884]
- e. Nada LHE falta. [JUVENAL, 1884]

2.1.3.1.3.2 *Sintagmas-Q (interrogativos e exclamativos)/COMP preenchido*

Por Sintagmas-Q entendo os constituintes interrogativos que marcam o foco da interrogação nas orações interrogativas parciais ou de instanciação⁵⁵ e os sintagmas exclamativos (cf. em (10)a-b, a seguir). Classifico, nesta variável ainda, as orações com *COMP* preenchido (cf. (10)c-e).

(10)

- a. E quem TE disse que precisavas de exercer as tuas habilitações? [DUTRA, 1855]

⁵⁵ Ver Mateus *et al.* (2003, p. 469) para uma detalhada descrição dos constituintes interrogativos em português.

- b. Por que ME aqueces e depois me esfrias? [CUNHA, 1961]
- c. Como LHE fica no chic esta calça novinha em folha, em! [DUTRA, 1855]
- d. Se ME recordo! [CUNHA, 1961]
- e. Ah! Se eu descobro que ela me engana... Com que feroz alegria A matarei!... [NUNES, 1855]

2.1.3.1.3.3 Vocativos e elementos discursivos

Agrupo, neste fator, as orações finitas em que o verbo é antecedido por um vocativo (cf. (11)a) ou um elemento discursivo (cf. (11)b).

(11)

- a. Hilda, amo-TE como sempre... [JUVENAL, 1884]
- b. Pois abracem-SE. Sem cerimônia. Daqui a quinze dias, caso-os. [NUNES, 1855]

2.1.3.1.3.4 Orações dependentes

Orações com verbos antecidos por orações dependentes (cf. (12)) apresentam uma sintaxe particularizada em relação à ordenação dos clíticos na história do português, pelo que agrupo em separado este contexto.

(12)

- a. Para guiar aquela “geringonça” eu não sirvo, querem gente nova, almofadinha, mas, quando é para limpar as rodas, lembram-SE logo do Maneca!... [JUVENAL, 1884]
- b. Deus, porém, que solicito vela por todas as cousas, ao isolar a secular arvore, expondo-a as duras lufadas da tempestade, deixou-LHES as possantes e intermináveis raízes que a sustentam. [THIAGO, 1856]

2.1.3.1.3.5 Sujeitos

Nos contextos SV, observo, ainda, a correlação entre a alternância ênclise/próclise e a *natureza do sujeito pré-verbal* nos textos escritos. Os diferentes tipos de sujeitos considerados são: (a) sujeitos DPs simples, (b) sujeitos pronomes pessoais, (c) sujeitos DPs complexos – incluindo uma relativa, (d) pronomes demonstrativos e (e) uma forma de tratamento, conforme, respectivamente, exemplos em (13), a seguir.

(13)

- a. A esposa acorda-SE e depara com aquelle homem monstro, deitado a seu lado ainda com as vestes com que partiu hontem do lar, hulmidecidas pelo suor dos folguedos depravantes! [JUVENAL, 1884]
- b. Ela ME sorri ao despertar, e abençoa-me à noite... [CARVALHO, 1829]
- c. A amizade que sinceramente te dedico trouxe-TE aqui. [JUVENAL, 1884]
- d. Isso A incomoda? [BAVARESCO, 1969]
- e. V. Ex.^a despertou-ME recordações mui saudosas. [CARVALHO, 1829]

2.1.3.1.3.6 Advérbios

Muitos estudos evidenciaram que na história do português determinadas partículas adverbiais em posição pré-verbal desencadeiam necessariamente a próclise. Para identificar os padrões de variação nos textos escritos por brasileiros e retirar da análise esses contextos categóricos, classifico as orações considerando, ainda, a *natureza dos advérbios pré-verbais*. Os fatores observados, associados aos advérbios encontrados nas amostras, dizem respeito aos advérbios (i) *focalizadores* (cf. (14)a), (ii) *quantificadores* (cf. (14)b), (iii) *de localização espacial e temporal dêiticos* (cf. (14)c), (iv) *advérbios que quantificam sobre*

eventos (cf. (14)d), (v) *modais/aspectuais* (cf. (14)e), (vi) *de atitude proposicional* (cf. (14)f) e (vii) *orientados para o sujeito agente* (cf. (14)g)⁵⁶.

(14)

- a. Só ME falta que apareça agora o marido de minha mulher! [COUTINHO, 1841]
- b. Meu caro senhor D. Leonardo, eu sou fidalgo e muito ME honro em sê-lo. [CARVALHO, 1829]
- c. Hoje calcula-SE a sua fortuna em perto de duzentos contos. [NUNES, 1855]
- d. Jamais NOS arreponderemos de ter contribuído com esse lenitivo ao sofrimento dos pobres. [JUVENAL, 1884]
- e. Já ME contaram que é porque muita gente desse partido vive nos ares mesmo. [ROSA, 1950]
- f. Talvez NOS seja possível encontrar sahida desta infernal floresta. [THIAGO, 1856]
- g. Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agasalhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e encarecidamente ME pediste agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [THIAGO, 1856]

2.1.3.1.3.7 Sintagmas preposicionais (PP)

Observo a correlação entre construções XV em que X é um PP (do inglês *Prepositional Phrase*), conforme exemplos em (15), e a evolução da ordem cIV.

(15)

- a. Da folia ficava-TE o talo duro de roer, e os espinhos pra te fazer macia a cama. [CARVALHO, 1829]

⁵⁶ Tomo por referência para a classificação dos advérbios do português aqui considerados aquela proposta em Mira Mateus *et al.* (2003).

- b. Estou sempre preparado! Na minha bagagem SE encontram os livros apropriados. O alcorão quando vou ao Islã; o Talmud, a Israel; o Missal, ao Vaticano; Shakespeare, à Inglaterra; um livro para cada ocasião. [FRAGA, 1927]

2.1.3.1.3.8 Tópicos marcados (Deslocação à Esquerda Clítica/Topicalização)

Dentre as construções com tópico marcado em português (cf. classificação proposta em Mira Mateus *et al.*, 2003, pp. 495-501), encontro nos textos orações com constituintes topicalizados ou retomados por um pronome clítico com a mesma função sintática na estrutura da frase, denominadas na literatura de construções de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC, doravante), conforme dados em (16), ou, geralmente, co-indexado com uma categoria vazia, conforme dados em (17), denominada construção de Topicalização (CINQUE, 1990; DUARTE, 1987).

(16)

- a. A ti parece-TE fácil, porque não é de ti que se trata... [COUTINHO, 1841]
- b. O resto deixemo-LO ao acaso... [COUTINHO, 1841]
- c. As suas duas filhas, uma de dois, outra de sete anos, tinha-AS eu sentadas nos meus joelhos. [BRANCO, 1825]
- d. Esse pedaço de minha alma sinto-O, sinto-o a querer subir-me aos lábios para o dar ao meu neto!... [CÂMARA, 1852]
- e. *Madalena* – Dás-ME vontade de rir... Tu não podes mandar calar os pensamentos. / *Alberto* – Os meus pensamentos guardo-OS para mim. Não tenho que os dar a conhecer a ninguém. E tu devias fazer o mesmo. [REBELLO, 1924]
- f. A mãe, levo-A eu ao hospital... e tu... pá caminha... hã? [MELO, 1948]

(17)

- a. *Oliveira* – Sim. Sim. É como se diz lá pela roça: tu que sabes e eu que sei, cala-te e eu me calarei. (*Batem à porta da entrada, que cede logo por apenas estar encostada, e entra Anselmo com uma mala na mão direita e um pequeno pacote na mão esquerda.*) / *Anselmo* (*Entra. Vai direto à meza onde estão Marcellino e Oliveira, e apontando os com o pacote, diz-lhes*) – Dois bugios! / *Marcellino* – Em?! / *Oliveira* – Bugio parece-ME tu, com essa cara mesmo de macaco. [DUTRA, 1855]
- b. *Noronha* (*indo a eles*) – Oh! Sr. Baltasar, o senhor manda-me dar uma gota de água com vinho e açúcar. / *Ermengarda* – Uma sangria... pois não! (*sobe*) / *Baltasar* – Sangria dava-TE eu, a ti e a toda essa cambada... [LOBATO, 1850]

2.1.3.1.3.9 Constituintes focalizados

Considerarei neste fator a presença de constituintes (argumentais ou não) focalizados na periferia esquerda da estrutura oracional, conforme dados em (18). A inversão do sujeito e o estatuto informacional (informação nova) foram os critérios de identificação da focalização.

(18)

- a. Senhor!... Contenho-me em atenção a D. Manoel; caro, porém, LHE custará O ATREVIMENTO. [CARVALHO, 1829]
- b. Bastante preocupações NOS trouxe A SUA ENFERMIDADE... [JUVENAL, 1884]
- c. Fácil SE tornava A VICTÓRIA DO NOSSO LADO. [THIAGO, 1856]
- d. De ti ME separam SESSENTA LÉGUAS: de balde me buscarás, ignóbil monstro! [BRANCO, 1825]

2.1.3.1.4 Realização/Ordem relativa do sujeito

A realização ou não do sujeito, assim como a sua ordem anteposta ou posposta ao verbo, em orações finitas está correlacionada à sintaxe de colocação dos clíticos na diacronia do português (cf. A. M. MARTINS, 1994; GALVES, 2001; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; entre outros). Observo, pois, nos textos em análise, a ausência, a anteposição ou a posposição do sujeito na oração, conforme, respectivamente, dados em (19).

(19)

- a. Sinto-ME sufocado no meio desta gente, e permita Deus que o vento mude a ver se me vejo livre desta... [CARVALHO, 1829]
- b. Você ME ensinou que a vida, se bem vivida, leva o tempo de uma vida. [CUNHA, 1961]
- c. Revolta-ME o procedimento deste rapaz... [COUTINHO, 1841]

2.1.3.1.5 Século de publicação/apresentação dos textos e ano de nascimento dos autores

Para observar a evolução da próclise em textos escritos por brasileiros (e por portugueses) e delinear diferentes padrões de colocação associados a diferentes gramáticas do português, observo o ano de publicação/apresentação dos textos e, especialmente, o ano de nascimento dos autores.

2.1.3.2 Estruturas verbais complexas

A sintaxe de colocação de clíticos em estruturas verbais complexas tem propriedades particulares. Entendo por construção complexa a seqüência V_1 *finito* + V_2 *não-finito* em que um clítico pode estar enclítico/proclítico ao verbo finito ou enclítico/proclítico ao verbo (temático) não-finito. As possibilidades de ordenação estão, pois, associadas ao alçamento ou não do clítico ao verbo finito de uma estrutura verbal complexa, o que tem sido denominado em sintaxe gerativa como subida de clíticos.

De acordo com o alçamento ou não do clítico ao verbo finito, os dados extraídos das peças de teatro catarinenses foram organizados e classificados tendo em vista duas variáveis: construções COM alçamento (I), com duas variantes, e construções SEM alçamento (II), com três variantes. Especifico as variáveis no que segue⁵⁷.

I. Construções com alçamento de clíticos

Variante I.1: cl V_1 (X) V_2 – próclise ao verbo finito com ou sem a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 (cf. dados em (20));

Variante I.2: V_1 cl(X) V_2 – ênclise ao verbo finito com ou sem presença de material interveniente entre V_1 e V_2 . Identifico essa construção quando há alguma marca gráfica que garanta que o clítico está enclítico a V_1 ou quando há a presença de material interveniente entre V_1 e V_2 (cf. dados em (21)).

⁵⁷ Importante se faz dizer que as estruturas verbais complexas encontradas nas peças de teatro são constituídas pelas seguintes construções verbais:

(i) (semi-)auxiliares temporais ou aspectuais: ir/vir + infinitivo; ter/haver + participípio; ir/vir/estar/andar, ficar e acabar (aspectuais) + gerúndio;

(ii) Modais/aspectuais/volitivos/causativos/perceptivos e outros.

(20)

- a. Se o Sr. D. Manoel SE tivesse lembrado dos amigos velhos, teria tido, de certo muito bem que o auxiliasse. [CARVALHO, 1829]
- b. Antônio – (Com leve despeito) Continua a zombar? Faz mal... Não digo mais que a verdade... E quer a senhorita saber mais? Foi somente com o fim de tornar-me agradável aos seus olhos que trabalhei com afinco na obra da minha regeneração... / Matilde – Oh! O senhor Avelar confunde-me... Em que LHE pude EU merecer tanto favor? [COUTINHO, 1841]

(21) Que punição merece então o homem, que vai, a sangue frio, calmo, com a consciência tranqüila, lançar a desonra e a morte no seio de uma família?... Pode-se cometer outro qualquer crime, porque momentos há de desespero tão profundo, tão grande, que o homem perde a razão. [NUNES, 1855]

II. Construções sem alçamento de clíticos

Variante II.1: V₁(X)V₂cl – ênclise ao verbo não-finito com ou sem a presença de material interveniente entre V₁ e V₂ (cf. dados em (22));

Variante II.2: V₁(X)cl-V₂ – próclise ao verbo não-finito com ou sem a presença de material interveniente entre V₁ e V₂. Identifico essa construção em duas situações: quando há material interveniente entre V₁ e V₂ (o que garante que o clítico esteja proclítico a V₂) ou quando há “constituintes oracionais que desencadeariam necessariamente a próclise”, tendo em vista que nesses contextos a ênclise a V₁ não é atestada na diacronia do português. Observem-se os exemplos em (23).

(22)

- a. Zélia – Me dê os fios, vou guardá-LOS! [ROSA, 1950]
- b. Que importa? Não vou EU confiar-LHE tudo? (Ouve-se Antônio tossir). Ah!... Creio que me assustei sem razão... Escondamos isto! [COUTINHO, 1841]

(23)

- a. *Vitor* – Taí, conversar! Por que é que eu não me lembrei disso? Quem sabe você me conta as suas aventuras nos castelos, hei? Aquele negócio de arrastar correntes, atravessar paredes e andar com a cabeça debaixo do braço, hei? Você pode ATÉ ME ensinar! [AMORIM, 1939]
- b. Faça isso sempre. E se acordar mais cedo ainda do que estou, não terei uma hora de sono, com certeza. Mas não posso ME queixar. Tô bem de saúde e tenho como vir todo ano aqui. [ROSA, 1950]

Variante II.3: V_1clV_2 ⁵⁸ – em tese, não é possível atestar se há ênclise a V_1 ou próclise a V_2 nessas construções, tendo em vista que nenhuma das alternativas listadas para a identificação da *variante II.2* foi observada (cf. dados em (24)).

(24)

- a. Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Elle disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]
- b. 2 – (Sensibilizado)... pois daqui a pouco a gente pode SE amar... [ROSA, 1950]

Os dados extraídos das peças de teatro portuguesas foram classificados também de acordo com o alçamento ou não do clítico ao verbo finito da oração. Em relação às construções COM alçamento (I), encontram-se as mesmas variantes: *variante I.1* – $clV_1(X)V_2$; e *variante I.2* – $V_1cl(X)V_2$. No que se refere às construções SEM alçamento de clíticos, apenas orações com ênclise ao verbo não-finito – $V_1(X)V_2cl$ – foram encontradas. Como já dito, a variante com próclise ao verbo não-finito é uma inovação atestada apenas na gramática do PB.

⁵⁸ Considero as construções ambíguas como variantes da variável sem alçamento de clíticos porque, me parece, é mais provável que o clítico esteja proclítico ao verbo não-finito. Os resultados apresentados na seção 2.2.2 confirmam essa interpretação.

Encontro, ainda, nos textos orações com constituintes interpolados entre o clítico e o verbo. Estes dados foram agrupados num arquivo em separado e os resultados gerais estão apresentados na seção 2.2.3.

2.2 Descrição e análise dos dados

O fenômeno de ordenação de clíticos em português tem sido um campo profícuo de estudos em lingüística diacrônica e teórica, sobretudo, em busca de hipóteses acerca das propriedades estruturais que identifiquem diferentes gramáticas do português ao longo dos séculos (cf. A. M. MARTINS, 1994; GALVES, 2001; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; entre outros).

A descrição e análise apresentadas nesta seção visam à identificação de padrões empíricos de ordenação dos pronomes clíticos em orações finitas não-dependentes com um único verbo e em estruturas verbais complexas em textos escritos por brasileiros e portugueses nascidos entre os séculos 19 e 20. O objetivo é, sobretudo, comparar os padrões encontrados nos textos escritos por catarinenses aos padrões de colocação atestados na diacronia do português (cf. referido na seção 1.2.1 do capítulo 1) e nos textos escritos por lisboetas. Minha expectativa é que os textos escritos por brasileiros, nascidos, sobretudo, no século 19, apresentem diferentes padrões empíricos na ordenação de clíticos.

No que se refere às orações com verbo simples, como já dito, na história do português alguns contextos sintáticos são ambientes de não-variação na ordenação dos clíticos. De um lado, a ordem Vcl é categórica em contextos em que o verbo ocupa a primeira posição absoluta da oração. É importante salientar que esse é um contexto categórico de ênclise na história do português. De outro lado, a ordem clV é categórica nos seguintes contextos: (i) em orações com operadores de negação; (ii) em orações com sintagmas-Q (pronomes interrogativos e relativos) e (iii) em orações iniciadas por quantificadores, constituintes focalizados e determinados advérbios.

Considerando que o objetivo central da pesquisa é identificar os padrões empíricos (de variação e de não-variação) de ordenação de clíticos, que podem ser

interpretados como indicativos de diferentes gramáticas do português, é necessário isolar os dados em que a variação é atestada e aqueles em que, de fato, não há variação. Por outras palavras, é necessário identificar nos textos os contextos de não-variação clV/Vcl; esses contextos de não-variação (i.e., de ênclise ou próclise categórica) atestados no curso dos séculos na diacronia do português não estão relacionados à mudança.

Os contextos de variação, por sua vez, são bastante reveladores de diferentes estágios do português ao longo dos séculos. É sabido que o advento da gramática do PE em relação à gramática do PC está correlacionado, entre outros, ao fenômeno de colocação dos clíticos em contextos finitos. Em textos portugueses escritos até o século 17/18 se atesta a variação na colocação dos clíticos em contextos XV em que X é um sujeito não-focalizado, um advérbio de determinada natureza ou um sintagma preposicional. Em textos de portugueses nascidos a partir do século 18 (i.e., por “falantes” de uma nova gramática: o PE) esses mesmos contextos são ambientes categóricos de ênclise (cf. revisão apresentada na seção *1.2.1* no capítulo 1). A análise dos textos escritos por catarinenses apresentada nesta seção levará em conta os padrões associados às gramáticas do PE e do PC, assim como aqueles associados à gramática do PB, descritos em estudos sobre o fenômeno de colocação dos clíticos em português (cf. seção *1.2.2* no capítulo 1).

Apresento, nesta seção, também uma descrição da ordem relativa verbo-clítico atestada em textos dramáticos escritos por portugueses nascidos em Lisboa nos séculos 19 e 20. O objetivo dessa descrição é a comparação dos padrões de colocação indicativos da gramática do PE com aqueles encontrados na escrita catarinense. Nesse sentido, a análise da escrita lisboeta serve, em tese, de referência para o que se considera ser a gramática do PE e de termo de comparação para os padrões encontrados nos textos dos autores catarinenses.

A descrição e a análise dos dados estão apresentadas como segue: na seção 2.2.1 apresento os padrões de colocação atestados em orações finitas com verbo

simples; na seção 2.2.2 apresento resultados relacionados às estruturas verbais complexas; o fenômeno de interpolação, importante na identificação de diferentes gramáticas do português ao longo dos séculos, é o tema da seção 2.2.3.

2.2.1 Orações finitas não-dependentes com verbo simples

Os dados relevantes de anteposição/posposição de pronomes clíticos em orações finitas não-dependentes com verbo simples extraídos dos textos dramáticos constituem duas amostras distintas⁵⁹. Os dados de cada amostra foram organizados, classificados e categorizados de acordo com a metodologia apresentada na seção 2.1.3.

A amostra extraída dos textos escritos por brasileiros foi submetida à metodologia da sociolinguística variacionista e ao programa estatístico *GoldVarb2001* (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Considere-se, pois, na análise que segue, a soma de 2.319 orações. Seguindo a metodologia da sociolinguística variacionista, os dados foram categorizados de acordo com as variáveis listadas na seção 2.1.3, retomadas a seguir, e submetidos à análise estatística: (1) tipo de orações; (2) posição superficial do verbo; (3) natureza do constituinte que antecede imediatamente o verbo, no contexto (X)XV;

⁵⁹ Considero na análise apenas as orações finitas não-dependentes. Na diacronia do português, orações finitas dependentes são contextos de próclise majoritária. Na amostra extraída dos textos escritos catarinenses encontrei 765 ocorrências de orações finitas dependentes com clíticos. Deste total, 659 ocorrências (87%) apresentam a ordem cV e 106 (13%) apresentam a ordem Vcl. Na amostra extraída dos textos escritos lisboetas, encontrei 365 orações finitas dependentes afirmativas. Destas, em 356 orações (97,5%) se atesta a ocorrência de próclise e em apenas 9 orações (2,5%) a ocorrência de ênclise. Por se tratar de um contexto bastante particular, resolvi deixar os padrões de ordenação de clíticos, instanciados pelos textos catarinenses e lisboetas, para um estudo futuro.

(4) realização/ordem relativa do Sujeito e (5) século de publicação/apresentação dos textos e ano de nascimento dos autores.

A amostra extraída dos textos escritos por portugueses é constituída de 2.014 orações finitas com verbos simples. Por não apresentar contextos significativos de variação na ordenação dos clíticos (ao menos significativa e teoricamente, como veremos), a amostra não foi submetida à metodologia variacionista. Os resultados relacionados aos padrões de ênclise e próclise serão retomados ao longo do texto com o objetivo de comparação com os padrões de ordenação dos clíticos encontrados nos textos escritos por brasileiros.

Voltando às 2.319 orações que constituem a amostra extraída dos textos catarinenses, uma primeira rodada estatística foi realizada com o total de ocorrências. Essa rodada teve por objetivo identificar os contextos categóricos (e/ou majoritários⁶⁰) de ênclise e de próclise na amostra e identificar os contextos em que se verifica, de fato, variação nas ordens Vcl/clV nos textos escritos. Como já dito, a variação clV/Vcl nas peças de teatro escritas por brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20 vai além dos padrões de variação identificados na história do português (europeu). A descrição dos contextos categóricos (e/ou majoritários) de próclise e ênclise está descrita, respectivamente, nas seções 2.2.1.1 e 2.2.1.2, subseqüentes.

Para diagnosticar a variação na ordenação dos clíticos atestada nos textos de brasileiros nascidos no curso dos séculos 19 e 20 e identificar os padrões empíricos em que a variação clV/Vcl é atestada nos textos, sobretudo de

⁶⁰ É importante esclarecer porque digo categórica ou majoritária: em alguns contextos específicos como em orações introduzidas por Sintagma-Q, em que a próclise é categórica na história do português, há nos textos escritos por brasileiros um pequeno (e insignificante estatisticamente) percentual de variação, como detalharei nas subseções que seguem. Esse pequeno percentual não me parece estar associado ao padrão de colocação instanciado por uma gramática do português em específico. Interpreto esses dados como um uso equivocado, talvez associado à hipercorreção, do padrão instanciado por uma gramática com valor social. Volto a essa questão nas subseções que seguem e na *seção* 3.2 do capítulo 3.

catarinenses nascidos no século 19, os contextos de cIV e de Vcl categóricos (e/ou majoritários) foram retirados da amostra e analisados em separado.

Retirados da amostra os contextos categóricos de cIV e de Vcl, respectivamente, uma segunda rodada estatística foi realizada com o auxílio do pacote estatístico *GoldVarb2001* tendo por base a soma de 1.438 orações finitas não-dependentes com verbo simples em contextos de variação, quais sejam: (A) orações com o verbo em primeira posição absoluta e (B) orações com o verbo precedido por sujeitos (não-focalizados), por advérbios não-modais e por sintagmas preposicionais. A descrição dos resultados relevantes da variação nesses contextos é o tema da seção 2.2.1.3.

É importante salientar que os resultados estatísticos apresentados se referem apenas à análise unidimensional oferecida pelo programa *GoldVarb2001*. A análise disponibiliza as frequências de distribuição das ordens relativas Vcl e cIV em relação às diferentes variáveis lingüísticas e extralingüísticas observadas.

2.2.1.1 Contextos de cIV

Específico, nesta seção, os contextos em que a ordem cIV é categórica (ou majoritária) nas amostras em análise.

2.2.1.1.1 Orações não-dependentes com operadores de negação

Das 2.319 orações finitas não-dependentes com verbo simples da amostra extraída dos textos catarinenses, 331 são ocorrências com operadores de negação (*não*, *nem*) em posição pré-verbal. Desse total, 328 ocorrências (99%) são de

orações com próclise, como exemplificam os exemplos da amostra em (25), a seguir.

(25)

- a. Não LHES digas que estou há dias n'esta cidade. [DUTRA, 1855]
- b. Estas coisas não SE fazem assim: é um modo de proceder inconveniente. [CARVALHO, 1829]
- c. Bem, a definição não ME parece tão má assim. Faz sentido. [AMORIM, 1939]
- d. Não ME apetezem os rapazes. Prefiro os maduros. [CUNHA, 1961]

Há na amostra, no entanto, três ocorrências de ênclise em orações não-dependentes. Os dados relevantes estão listados em (26), a seguir.

(26)

- a. Será que, julgando possível o meu casamento com D. Adelaide, veja frustrados os seus intentos no mesmo sentido? Talvez... porém. elle só fala em politica. Mas será para illudir?... Eu não finjo-ME também de sereno e calmo, quando essa serenidade e essa calma são cinzas que circumdão brazas? Ora eu estou louco! Pois o Snr. Oliveira concederia a mão de sua filha a um Snr. Bibiano? Mas porque, ou para que, espreita-me este homem? [DUTRA, 1855]
- b. Bibiano - Quem é esse Chico Hypolito? / Alfredo - É um endiabrado competidor do Sr. Bibiano. É verdade, Sr. Bibiano, o Sr. ainda não contou-ME toda a historia da formação da meza eleitoral. [DUTRA, 1855]
- c. Alfredo - Então não amavas, sei que és um scéptico. Divertias-TE. / Ludovino - Não divertia-ME, pois que abandonava os estudos. [DUTRA, 1855]

Observe-se que os dados em (26) são de um mesmo texto: *Brinquedos de Cupido* escrito por *Antero dos Reis Dutra*, nascido em 1855. Se verticalizarmos nosso olhar para este texto em específico, encontramos o total de 8 orações com os operadores de negação *não* e *nem*: 8 ocorrências em construções não-

dependentes e 4 em construções dependentes; desse total, 3 (37%) são ocorrências de ênclise.⁶¹

Do total de 2.014 dados extraídos dos textos dramáticos escritos por portugueses, 235 (11,7%) são orações não-dependentes com operadores de negação. A próclise é categórica nesta amostra.

2.2.1.1.2 Orações não-dependentes introduzidas por quantificadores/expressões quantificadas

Somam em 54 as orações finitas com verbos simples introduzidas por quantificadores/expressões quantificadas na amostra de textos catarinenses; em 50 (93%), cIV é a ordem atestada (cf. exemplos em (27)) e em apenas quatro orações (7%) a ordem Vcl foi encontrada (cf. dados em (28)) a seguir.

(27)

- a. Alguém TE ensinará; [CARVALHO, 1829]
- b. Uma ME telefona, o outro manda dinheiro. [CUNHA, 1961]
- c. Todos NOS chamam, que importa? [NAHAS, 1898]
- d. Tudo LHE enjoa! [COUTINHO, 1841]

⁶¹ Encontrei ainda duas ocorrências de ênclise em orações dependentes em contextos de negação, listados em (i), a seguir: uma no texto de *Dutra* e outra no texto de *Idelfonso Juvenal*, nascido em 1884.

(i)

- a. Alfredo (A Bibiano) Eis o amigo que e esperava, o Sr. Ludovico. / Bibiano - Já tenho a honra d' o conhecer. (Comprimentam-se). Tem vindo aqui mais vezes, o senhor é que não disse-ME que amigo esperava. [DUTRA, 1855]
- b. Oh! Meu Deus que nunca me desamparaste! Oh! Céus! Mas quem ousou afirmar-lhe semelhante cousa, si todos os dias leio attentamente os jornaes e não deparou-SE-ME o seu nome na lista dos que pereceram tão nobremente? [JUVENAL, 1884]

(28)

- a. Pois bem. Uma noite, uma sociedade particular representava a Dalila no teatro "Santa Isabel". V.Ex.^a estava encostada ao peitoril de um camarote da primeira ordem, à direita. De repente, escapou-lhe da mão o leque - um leque cor de rosa com arminhos - e caiu na platéia. Alguém apanhou-O e foi entregar-lho... [NUNES, 1855]
- b. Calcule. Fui rodeado por todos: moços, moças, velhos e velhas. Ainda se fosse só pelas moças, a coisa seria outra... Mas pelas velhas! Livra! Um puxava-ME pelas abas da casaca, outro pela gola, este pelas mangas, aquele... As velhas eram as piores: chegavam a puxar-me pela ponta do nariz e a dar-me beliscões nas barrigas das pernas!... [NUNES, 1855]⁶²
- c. *Carlos* – Nem sempre. Ouro, em certas mãos, é um caudal de sorrisos; é o manto da misericórdia que cobre os nus, é o olhar de Deus que enxuga todas as lágrimas... / *Augusto* – Mas nem todos chamam-SE Barão das Laranjeiras ou Carlos de Sá; nem todos pensam e obram como esses dois protótipos de honra e da caridade... [NUNES, 1855]
- d. As dores todas cortidas durante vinte e um annos; o longo penar de milhares de horas cruciantes que passei a contar com ânsia, minuto a minuto, para a prescrição de um falso crime, a medonha soledade a que me condenou a tua infame deleção; tudo, tudo reúne-SE nesse momento embaralhando o meu cérebro, amaldiçoando a memória de um homem, pedindo vingança contra um homem em cujas veias corre um sangue igual ao meu! [THIAGO, 1856]

Nos textos escritos por portugueses, 26 orações com quantificadores ou com expressões quantificadas foram encontradas. Em apenas uma oração, transcrita em (29), a seguir, atesta-se a ordem Vcl.

(29)

- a. *Chefe* – Então, Simões? Encontrou o processo que procurava? / *Agente* – Encontrei. Mas não foi nada fácil, entre aquela papelada toda... É um processo antigo, de há trinta e tal anos...

⁶² Como lembra Maria Lobo, em construções com determinadas expressões quantificadas, tais como “um” ou “uma”, a ênclise é preferida no PE. É o mesmo caso da ênclise em (29), com a expressão “algumas folhas”, extraída das peças de teatro lisboetas. Interessante observar que as ênclises encontradas na escrita catarinense nesse contexto, listadas em (28), parecem refletir o padrão da gramática do PE.

Algumas folhas lêem-SE com dificuldade. O tempo amareleceu-as, apagou-lhes a tinta...
[REBELLO, 1924]

2.2.1.1.3 Orações introduzidas por Sintagmas-Q/COMP preenchido

Encontrei 128 orações introduzidas por sintagmas-Q e com *COMP* preenchido. Desse total, 123 ocorrências (97%) são de cIV (cf. (30)). Em apenas cinco orações interrogativas parciais (3%), transcritas em (31), a seguir, encontrei a ordem Vcl.

(30)

- a. Para que ME conjuguei eu com semelhante tyrano?... [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Mas onde SE meteria a Gertrudes?... [NUNES, 1855]
- c. O que TE ficou nas mãos? [CARVALHO, 1829]
- d. Que bons ventos O trazem por cá tão cedo? [NUNES, 1855]

(31)

- a. Será que, julgando possível o meu casamento com D. Adelaide, veja frustrados os seus intentos no mesmo sentido? Talvez... porém. elle só fala em politica. Mas será para illudir?... Eu não finjo-me também de sereno e calmo, quando essa serenidade e essa calma são cinzas que circumdão brazas? Ora eu estou louco! Pois o Snr. Oliveira concederia a mão de sua filha a um Snr. Bibiano? Mas porque, ou para que, espregia-ME este homem? [DUTRA, 1855]
- b. Muito bem! Mas agora precisamos resolver uma questão de alta transcendência para a história. A que país refere-SE o escritor: ao país, ou ao país jornal? Aqui é que bate o ponto! [NUNES, 1855]
- c. Que fatalidade arremessou-A dos esplendentes salões, onde ofuscaria, com essa atrahente e angélica belleza, todas as suas rivaes, a esta solitária e miserável vivenda? [THIAGO, 1856]
- d. *Matheus (à Hilda e Alfredo)* – Vocês meus velhacos, onde metteram-SE que não foram tomar chá? [JUVENAL, 1884]

- e. Sê benvindo, meu filho. O que motivou-TE tão breve regresso? Houve porventura alguma contrariedade?! [JUVENAL, 1884]

Interpreto as ênclises nesse contexto como um desvio (um “erro”/equivoco) no uso do padrão enclítico da gramática do PE. Por outros termos, há uma hipercorreção pela ênclise (padrão na gramática do PE em outros contextos, como em orações com sujeitos, determinados advérbios e sintagmas preposicionais em posição pré-verbal) em contextos em que o padrão é, necessariamente, proclítico em toda a história do português. Volto a essa questão no capítulo 3.

Foram encontradas 88 orações finitas com verbo simples introduzidas por sintagmas-Q nos textos escritos por portugueses. Esse é um contexto de próclise categórica na amostra.

2.2.1.1.4 Orações não-dependentes introduzidas por advérbios focalizadores e quantificadores, advérbios que quantificam sobre eventos, aspectuais/modais e advérbios de atitude proposicional

Na história da alternância clítico/verbo em português, determinados advérbios em posição pré-verbal desencadeiam, obrigatoriamente, a próclise. Na amostra extraída dos textos escritos catarinenses, dentre as 265 orações em que o verbo é antecedido por um advérbio, aquelas em que o verbo é antecedido por advérbios *focalizadores*, *quantificadores*, *advérbios que quantificam sobre evento*, *aspectuais/modais* e *de atitude proposicional* são ambientes categóricos (ou majoritários) de clV. Descrevo os padrões empíricos encontrados na amostra nesses contextos no que segue.

As orações com os advérbios focalizadores *só* e *apenas* em posição pré-verbal são ambientes categóricos de cIV. Encontrei 25 ocorrências na amostra, dentre as quais alguns exemplos estão listados em (32), a seguir.

(32) *Advérbios focalizadores (só e apenas)*

- a. Só NOS faltou gozarmos da sociedade de V.Ex.^a; [CARVALHO, 1829]
- b. Apenas O vi mexer nos papéis, entrei, e disse-lhe que se retirasse; respondeu-me que procurava umas tábuas que estavam com Vossa Mercê, e que lhe faziam falta porque ia de viagem; mas não as achou... [CARVALHO, 1829]
- c. Apenas LHE peço que não me obrigue a aceitar a mão de um homem a quem meu coração repele. [CARVALHO, 1829]
- d. Só ME faltava um indício: o número da casa. [COUTINHO, 1841]
- e. Apenas O vi de relance... [COUTINHO, 1841]
- f. Fizeram muito bem e só ME resta agradecer-lhes tanta delicadeza. [LIVRAMENTO, 1853]
- g. O Sr. Ludovico não veio visitar-nos, Papae, veio visitar ao Sr. Alfredo, portanto só LHE devemos a metade da visita. [DUTRA, 1855]
- h. Só SE lembram que existimos em épocas eleitorais... [NUNES, 1855]
- i. Para ser um anjo, só LHE faltam as asas! [NUNES, 1855]
- j. Só SE salvará o mundo com o fogo de um incêndio tremendo e sem fim. [NAHAS, 1898]
- k. Só SE aguarda o momento da partida. [THIAGO, 1856]
- l. Só ME faltava essa: bater numa casa com um presunto! [AMORIM, 1939]
- m. Não, senhora, é a pura verdade e exprimindo encanto que seus atractivos despertarão apenas LHE faço justiça. [LIVRAMENTO, 1853]
- n. Para ser perfeita a minha felicidade na terra, só ME falta a minha pobre Maria... [NUNES, 1855]
- o. Agora, irmão desafortunado, eu só TE odeio e desprezo! [THIAGO, 1856]

- p. De hontem para hoje só SE vê caras estranhas pela estrada, e ainda não há muitas horas que passou no atalho um carro muito bonito que trazia dois sujeitos trepados numa cousa a modo dum balaio e que pareciam mascarados. [THIAGO, 1856]
- q. Meus operários só ME devem gratidão! [FRAGA, 1927]
- r. Apenas ME aproprio das estórias que os outros me contam, nada mais. [ROSA, 1950]

Do mesmo modo, as 12 orações introduzidas pelos advérbios quantificadores *muito* e *quase* encontradas na amostra são contextos categóricos de próclise. Alguns dos dados em apreço estão listados em (33).

(33) *Advérbios quantificadores (muito e quase)*

- a. Pois muito ME contas... [CARVALHO, 1829]
- b. Ora muito ME contas do tal mariola. [CARVALHO, 1829]
- c. Estou perfeitamente convencido do que diz e muito LHE agradeço. [THIAGO, 1856]
- d. Dentre quinhentos alunos, a ti, meu filho, coube o primeiro lugar, com distinção e louvor, e essa honra muito NOS envaidece. [JUVENAL, 1884]
- e. Já que nos conhecemos, muito ME alegraria se V.S. tomasse commigo alguma coisa à saúde da nossa amizade que começa. [NAHAS, 1898]
- f. Quase ME botaram pra fora do ônibus. [AMORIM, 1939]
- g. Foi o que me salvou, meu chapa, e quase ME matou de susto, também. [AMORIM, 1939]
- h. Ele em seguida pediu desculpas pelos palavrões e quase SE ajoelhou aos meus pés pedindo para não publicar aquele deslize. [ROSA, 1950]
- i. Muito NOS interessa a circunsntância. [CUNHA, 1961]

Na amostra, dentre as 37 orações introduzidas por advérbios que quantificam sobre eventos – *jamais*, *nunca* e *sempre* – a ordem majoritária atestada é clV (cf., respectivamente, alguns exemplos em (34), (35) e (36) a seguir); apenas uma ocorrência de ênclise com o advérbio *nunca* foi encontrada

(cf. (35)r). Assim como as ênclises com *Sintagmas-Q*, descritas na seção 2.1.1.3, interpreto essa ocorrência de ênclise numa oração com *nunca* como um caso de hipercorreção, ou de uso equivocado (ou generalizado) da ênclise na gramática do PE em textos escritos por brasileiros. Note-se que todas as ocorrências com ênclise nestes contextos são de textos escritos por brasileiros nascidos no século 19.

Advérbios que quantificam sobre evento

(34) *Jamais*

- a. Jamais ME passou pela cabeça semelhante coisa. [ROSA, 1950]
- b. Arrumada, sim. Pronta, nunca. Jamais SE entra em cena totalmente segura. [CUNHA, 1961]
- c. Esses factos hediondos e horripilantes, jamais SE desenrolaram no casebre de um pobre pescador ou na choupana de um humilde lavrador. [JUVENAL, 1884]
- d. Si viver só, no mundo, fosse um viver doce e feliz, Adão jamais SE atreveria a pedir ao Senhor uma companheira, nem tampouco consentiria que de uma costella se fizesse a Mulher, a causadora do Peccado Original! [JUVENAL, 1884]

(35) *Nunca*

- a. Nunca ME viste... [COUTINHO, 1841]
- b. Nunca O esperei. [COUTINHO, 1841]
- c. Nunca ME persuadi que o velho fidalgo tal fizesse, e quando o soube, por D. Luís, o Governador, meti-me a bordo do primeiro barco que saiu. [CARVALHO, 1829]
- d. Nunca O vi mais gordo, patrão. [NUNES, 1855]
- e. Nunca SE viu uma coisa assim!... [NUNES, 1855]
- f. Nunca LHE fiz mal algum. [JUVENAL, 1884]
- g. Nunca O vi. [ROSA, 1950]
- h. Mas, meu pai, nunca ME disse... [DUTRA, 1855]
- i. Pois deveras nunca TE falei nisto? [COUTINHO, 1841]

- j. Ele nunca ME fez mal... [COUTINHO, 1841]
- k. E nunca a sua filha O esquecerá. [CARVALHO, 1829]
- l. Os amigos nunca NOS incomodam, Sr. D. Manoel. [CARVALHO, 1829]
- m. E por que nunca ME disse? [NUNES, 1855]
- n. No entanto, nunca SE lembraram de fazer-me deputado providencial. [NUNES, 1855]
- o. Mas os socialistas nunca ME convenceram. [ROSA, 1950]
- p. Responda! Você nunca ME responde. [BAVARESCO, 1969]
- q. Nunca mais A verei! [CARVALHO, 1829]

- r. Nunca tive-LHE afeição alguma. [CARVALHO, 1829]

(36) *Sempre*

- a. Sempre NOS penhoram as atenções dispensadas a amigos nossos, ainda mesmo por estranhos, quanto mais pelo Sr. Ludovino. [DUTRA, 1855]
- b. Sempre TE supus mais atirado!... [COUTINHO, 1841]
- c. Sempre LHE encontrei... [JUVENAL, 1884]
- d. Sempre ME socorro a elas. [ROSA, 1950]
- e. Mas Deus sempre NOS ampara com a sua divina misericórdia. [COUTINHO, 1841]
- f. Quando alguém passa por aqui sempre ME diz que o bispo mantém um padre de plantão para qualquer eventualidade. [ROSA, 1950]
- g. Nessas ocasiões sempre ou quase sempre ME atropelo. [ROSA, 1950]
- h. Papai sempre ME disse que todo mundo tem um preço. [CUNHA, 1961]
- i. Eu sempre TE ajudei. [CUNHA, 1961]

Referentemente aos *advérbios aspectuais ou modais em posição pré-verbal*, há na amostra um total de 106 ocorrências: 15 ocorrências com o advérbio *bem* – todas com anteposição do clítico (cf. alguns exemplos em (37)); 59

ocorrências com o advérbio *já* – em 58 ocorrências deste total (98%) a ordem é cIV (cf. (38)a-u) e em uma oração apenas se atesta a ordem Vcl (cf. (38)v); sete ocorrências com *também* – em cinco se verifica a ordem cIV (cf. (39)a-d) e em duas a ordem Vcl (cf. (39)e e (39)f).; 13 ocorrências com o advérbio *ainda*, em que cIV é a ordem majoritária (cf. (40)a-k) – em apenas uma encontrei a ordem Vcl (cf. (40)l); e 12 ocorrências com o advérbio *assim (de modo)*, nas quais a próclise é categórica (cf. (41)). Do total de ocorrências, alguns dos dados relevantes estão listados a seguir.

Advérbios aspectuais/modais em posição pré-verbal

(37) *Bem*

- a. Bem ME parecia que tinha dente de coelho! [COUTINHO, 1841]
- b. Bem O sei; [COUTINHO, 1841]
- c. Bem O vês... [COUTINHO, 1841]
- d. Bem ME entendes!... [COUTINHO, 1841]
- e. Bem TE percebo... [COUTINHO, 1841]
- f. Bem ME dizia a velha: [CARVALHO, 1829]
- g. Eu bem LHE dizia que detestava os romances [COUTINHO, 1841]
- h. Eu bem LHE disse que foi a fatalidade que a trouxe hoje cá. [NUNES, 1855]
- i. Eu e eles bem TE conhecemos e te estimamos, [JUVENAL, 1884]

(38) *Já*

- a. Já ME lembrei disso... [COUTINHO, 1841]
- b. Já ME fede com seu ar de... não sei o que... do diabo! [COUTINHO, 1841]
- c. Já NOS servimos de azeite do contrato. [COUTINHO, 1841]
- d. Já SE foi o Padre? [CARVALHO, 1829]

- e. Sabes que minha saúde é fraca, e que eu padeço muito; já TE disse que somos pobres, e dir-te-ei mesmo que a nossa casa, rica outrora, está hoje completamente arruinada. [CARVALHO, 1829]
- f. já ME vou. [LIVRAMENTO, 1853]
- g. já LHE disse! [LIVRAMENTO, 1853]
- h. Entrei por engano; mas já ME retiro... [NUNES, 1855]
- i. [Sua mulher] Era bonita, já MO disse; [NUNES, 1855]
- j. Já ME defendi, já disse toda a verdade. [NUNES, 1855]
- k. Já LHE disse uma vez que não me justificaria mais. [NUNES, 1855]
- l. Já O tenho mesmo de olho, posso até dizer fechando a mão!... [NUNES, 1855]
- m. Já A amava, e julguei um momento que ela me amasse também... [NUNES, 1855]
- n. Pois eu tenho todos os documentos que provam a sua culpabilidade e já O denunciei à polícia. [JUVENAL, 1884]
- o. já LHE disse. [NAHAS, 1898]
- p. Já ME arrependi faz horas... [ROSA, 1950]
- q. Estava escuro e já NOS recolhêramos quando os gritos começaram. [BAVARESCO, 1969]
- r. Você já SE dá ao luxo de ficar ofendido? [FRAGA, 1927]
- s. Onde já SE viu ficar com uma foto de meus filhos, se não tem a menor intimidade com eles, não os conhece. [ROSA, 1950]
- t. Agora se você me perguntar de muitas eu já ME complico. [ROSA, 1950]
- u. Alguém já LHE disse isto antes? [CUNHA, 1961]
- v. Embora sendo meu pae contrario ao meu enlace com Waltrudes, a elle não posso abandonar, pois já entreguei-LHE uma partícula do meu amor puro e santo. [JUVENAL, 1884]

(39) *Também*

- a. Sim; tens razão: o cão que nos lambe a mão também NOS tem amizade, e nós o acariciamos; mas nem o cão se eleva a nós, e nem nós nos baixamos ao cão. [CARVALHO, 1829]

- b. Creio que os nossos oficiais valem muito, e que a Armada Real os têm excelentes, mas... também OS têm incapazes e cheios de si; e esses não trazem letreiro. [CARVALHO, 1829]
- c. O cão que nos lambe a mão também NOS tem amizade. [CARVALHO, 1829]
- d. Creio que os nossos oficiais valem muito, e que a Armada Real os têm excelentes, mas... também OS têm incapazes e cheios de si; e esses não trazem letreiro. [CARVALHO, 1829]
- e. Silêncio! Ela também O supõe... mas está enganada! também O supõe... [COUTINHO, 1841]
- f. Perdão, Snr. Alfredo, se a solidão convida a pensar em derrotas a quem não tem a felicidade de ser estudante, também ME parece que o Snr. Alfredo não pensa em victorias, a notar se pela sua phisionomia; de certo tempo à está parte pelo menos. [DUTRA, 1855]
- g. Se o céu me deo prendas tentadoras, também deo-ME virtudes incorruptíveis; e te parece justo que na sua idade se tornasse tão ciumento? [LIVRAMENTO, 1853]
- h. Mas qual a relação dessa estória do macaco com a separação dos seus pais? Por acaso seu pai também tornou-SE um bicha? [ROSA, 1950]

(40) *Ainda*

- a. As pernas ainda ME agüentam. [CARVALHO, 1829]
- b. Que ainda ME rio, ah! Ah! Ah! [CARVALHO, 1829]
- c. Ainda ME parece preta!... [CARVALHO, 1829]
- d. Eu era bem criança, mas ainda ME lembro como se hoje fosse: [CARVALHO, 1829]
- e. Ainda ME sinto toda agitada... [COUTINHO, 1841]
- f. Ainda O defendes? [COUTINHO, 1841]
- g. Há dez anos que a perdi, e ainda A choro. [NUNES, 1855]
- h. As velhas ainda ME metem mais medo! [NUNES, 1855]
- i. O senhor ainda ME parece angustiado. [CUNHA, 1961]
- j. Ele ainda TE ama. [CUNHA, 1961]

- k. Meu pae era um valoroso coronel do glorioso exercito de Garibaldi e à tua saudosa mãe ainda ligavam-LHE laços de parentesco com a real família italiana. [JUVENAL, 1884]

(41) *Assim (de modo)*

- a. Oh! Meu pai!... mas que boa alma! pelo menos assim O julgo. [CARVALHO, 1829]
- b. Tu assim O queres? [CARVALHO, 1829]
- c. Nunca assim ME falaste... [CARVALHO, 1829]
- d. Pelo menos assim O espero. [COUTINHO, 1841]
- e. Mas a fatalidade assim O quis, e ninguém foge à fatalidade. [NUNES, 1855]
- f. Senhor meu sogro, a situação assim O exige. [NUNES, 1855]
- g. Assim O permita Deus. [THIAGO, 1856]
- h. Assim ME parece. [ROSA, 1950]
- i. Pobre feiticeira que amaldiçoou Bela Adormecida! Sua atitude assim SE justifica! [CUNHA, 1961]

Há, ainda, três ocorrências em que o advérbio *assim* não tem um valor de modificador do predicado, mas de conector discursivo, com diferentes propriedades sintáticas. *Assim* nas orações listadas em (42) tem uma leitura *consequencial*. A ênclise foi atestada nos três exemplos da amostra.

(42)

- a. E assim achou-SE velho, viúvo, com uma filha, e pobre. [CARVALHO, 1829]
- b. E assim chama-ME gata sem mais nem menos! É muito bruto! [NUNES, 1855]
- c. E assim compromete-SE um pobre contra-regra, que está cumprindo o seu dever! [NUNES, 1855]

Encontrei, ainda, na amostra três ocorrências com o advérbio de atitude proposicional *talvez*. A ordem atestada é a próclise (cf. (43)).

(43) *De atitude proposicional (talvez)*

- a. O Serafim tem a cabeça fraca e o vinho talvez LHE fizesse macaquinhos no sótão. [NUNES, 1855]
- b. Talvez NOS seja possível encontrar sahida desta infernal floresta. [THIAGO, 1856]
- a. Talvez LHE agrade saber que fui um fracasso como esposa, e mãe... [BAVARESCO, 1969]

Para sumarizar, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, orações introduzidas por *advérbios focalizadores (só e apenas)*, *quantificadores (muito e quase)*, *advérbios que quantificam sobre eventos – jamais, nunca e sempre*, *advérbios aspectuais ou modais (bem, já, também, ainda e assim – de modo)* e *atitude proposicional (talvez)* são ambientes categóricos (e/ou majoritários) de clV. Como já dito, são ambientes categóricos de próclise também na história do português, assim como na gramática do PE. Observemos no que segue o padrão desses contextos nas peças de teatro lisboetas.

No que diz respeito à sintaxe de ordenação de clíticos em orações com advérbios pré-verbais em textos escritos por portugueses nascidos em Lisboa no curso dos séculos 19 e 20, somam em 193 as orações finitas com verbo simples introduzidas por advérbios na amostra extraída dos textos escritos por portugueses. São ambientes categóricos de próclise as orações antecidas por advérbios (i) focalizadores – *só* e *até* – (cf. (44)a-b); (ii) quantificadores – *muito* – (cf. (44)c); (iii) advérbios que quantificam sobre evento – *nunca* e *sempre* – (cf. (44)d-e); (iv) aspectuais/modais – *bem, já, também, ainda* – (cf. (44)f-i); (v) locativos em construções apresentativas – *aqui, lá, cá* – (cf. (44)j-l); e (vi) de atitude proposicional – *talvez* – (cf. (44)m).

(44)

- a. Só ME falta vender um meio cento de sardinhas e esta pescada. [ALVES, 1883]
- b. Até ME deitei cedo! [PRESSLER, 1907]
- c. Olha, se me puderes falar em estilo da Rua dos Fanqueiros, muito ME obsequias... [CABRAL, 1852]
- d. Nunca ME prometeste nada! [REBELLO, 1924]
- e. Sempre LHE digo que este é que está mesmo na conta. [MOREIRA, 1845]
- f. Bem NOS dizia o tal bigorrilhas que estavas resolvida a fugir com ele! [MOREIRA, 1845]
- g. Dá-me um copo de leite! E já TE disse que te vai levar à tourada... [MELO, 1948]
- h. O Sr. Pinto tem dó de mim... Também ME absorve, não é verdade? [BRANCO, 1825]
- i. Ainda ME lembro duma vez em que correram um cavalo e um cão e ganhou o cão. [CABRAL, 1852]
- j. Aqui ME tem, Sr. Pinto, acuse-me. [BRANCO, 1825]
- k. Uns cantam amores, penas e bondade e são falsos e ruins; outros cantam de valentes e honrados e são uns marotos e fogem de medo se... uma mulher lhe abre os olhos! E os que cantam a verdade... Coitados! São como os cegos da guitarra. Lá LHES dão uma esmolinha para... os não ouvir. Tudo cantigas! Todos andamos ao mesmo. Cada um quer vender o seu peixe. [ALVES, 1883]
- l. Bem, vou-me chegando até casa... Cá LHE mando o jornal daqui a bocado... [ROQUETE, 1875]
- m. Seja homem, seja Deus, seja lá quem for... tenho duas ou três coisas a dizer-lhe... E talvez LHE pregue um pontapé no rabo... [SAMPAIO, 1925]

2.2.1.1.5 *Constituintes focalizados*

Na amostra extraída dos textos escritos catarinenses encontrei três ocorrências de orações com constituintes focalizados. Em todas as ocorrências, a ordem clV é a única atestada (cf. (45)).

(45)

- a. Senhor!... Contenho-me em atenção a D. Manoel; caro, porém, LHE custará O ATREVIMENTO. [CARVALHO, 1829]
- b. Bastante preocupações NOS trouxe A SUA ENFERMIDADE... [JUVENAL, 1884]

- c. Fácil SE tornava A VICTÓRIA DO NOSSO LADO. [THIAGO, 1856]

Da mesma forma, também as quatro ocorrências encontradas nos textos escritos por portugueses são contextos categóricos de próclise (cf. (46)).

(46)

- a. De ti ME separam SESSENTA LÉGUAS: de balde me buscarás, ignóbil monstro! [BRANCO, 1825]
- b. Para melhor VOS quer DEUS! [LACERDA, 1825]
- c. Mais nada e não é pouco. Tantas vezes de luto encheram a nossa casa! Nas ondas NOS ficaram O MEU FILHO, O VOSSO, O MEU HOMEM... Tantos...! Já lá vão dois anos sem novas... [CÂMARA, 1852]
- d. Mendes (mexendo as cartas) – Quem é a mão? / Alfredo – Sou eu. / Gama – Tenho o basto. / Mendes – Disso ME queixo EU... de ti. Andas há uns tempos para cá muita fugida, minha ingrata. [ABREU E SOUSA, 1893]

2.2.1.2 Contextos de Vcl

Na história do português, o contexto descrito como ambiente de ênclise categórica é aquele em que o verbo ocupa necessariamente a primeira posição absoluta da oração (contextos V1). Como já dito, a variação cIv/Vcl na escrita catarinense, sobretudo do século 19, é mais ampla. Os três contextos de Vcl, reunidos nessa seção 2.1.1.2, dizem respeito a ambientes V1 estruturais: orações com tópicos marcados e orações iniciadas por vocativos e elementos discursivos e por orações dependentes. Dos contextos apresentados, a ênclise é categórica apenas em orações com tópicos marcados. Nos demais, na amostra extraída de textos catarinenses, a ênclise é majoritária, mas encontrei poucas ocorrências de próclise. As próclises nesses contextos podem ser interpretadas como próclises a

V1, haja vista que essas orações são consideradas em muitas análises construções XV superficiais e V1 estruturais (PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GBPS, 2005).

Deixo registrado aqui que, apesar de incluir os dados relativos aos dois contextos especificados acima nesta seção, reconheço que podem ser considerados contextos V1 e a que as próclises atestadas evidenciam a inovação da gramática do PB nos textos analisados.

2.2.1.2.1 Verbo precedido por vocativos e elementos discursivos

Nos textos catarinenses, encontrei 39 orações com vocativos e 24 orações com o verbo antecedido por elementos discursivos. A ênclise é majoritária em todos os contextos (cf. dados da amostra em (48)). Encontrei, apenas, duas ocorrências de próclise em orações com vocativos em textos de autores nascidos no século 20 (cf. dados em (49)).

(48)

- a. Meus extremosos pais, suplico-LHES mil vezes perdão pela irreverência do meu gesto e das minhas palavras... [JUVENAL, 1884]
- b. Minha senhora, peço-LHE que guarde esta bolsa para entregá-la no momento em que lhe for pedida. [NUNES, 1855]
- c. Ah! Não aplaudem?... Pois declaro-LHES que não lhes dou o gostinho de morrer, e que vou mandar descer o pano sem a surpresa final! [NUNES, 1855]
- d. Ora, agradeça-ME o senhor! [LIVRAMENTO, 1853]

(49)

- a. Senhores, ME permitem um aparte? Nós estamos aqui apresentando uma homenagem, ou melhor, uma solidariedade ao teatro, que tem sofrido muito, principalmente pela boca de meia dúzia de afoitos. [ROSA, 1950]

- b. Meu rapaz, ME leve até ela! [CUNHA, 1961]

É importante, no entanto, relativizar os resultados tendo em vista que foram as ocorrências em (49) as únicas encontradas na amostra. Os dados em (49) podem ser interpretados como estruturas V1 e a próclise registraria a inovação da gramática do PB.

Nos textos escritos por portugueses, encontrei 40 orações com verbos precedidos por vocativos, elementos discursivos e pronomes de tratamento. Em todas as ocorrências, a ênclise é categórica.

2.2.1.2.2 *Verbos precedidos por orações dependentes*

Nas peças escritas por brasileiros, em 97% (94 ocorrências de 97 dados) das orações finitas com verbo simples antecedido por orações dependentes encontrei a ordem verbo-clítico. Alguns dos dados de Vcl estão listados em (50), no que segue.

(50)

- a. Submisso às leis de V. Ex. entrego ME a prisão. [DUTRA, 1855]
- b. Se não é doído, parece-O! [COUTINHO, 1841]
- c. Quando ele se achava pouco mais ou menos à distância de uma braça descarreguei-LHE uma tão rija pancada entre os dois chifres que o animal braqueou no chão [COUTINHO, 1841]
- d. Veio ao Rio, e guiado por Deus relacionou-SE com um negociante, amigo de seu sobrinho; [CARVALHO, 1829]
- e. Se é assim, dá-ME um abraço, minha pombinha! [LIVRAMENTO, 1853]
- f. Se me pegam no meio de tanto defunto, enforcam-ME como assassino! [NUNES, 1855]

- g. No breve instante que me foi possível encarar o rosto do salvador do Alberto, pareceu-ME reconhecer, apesar das cans e das innumeráveis rugas, as feições do meu inditoso amigo e protector. [THIAGO, 1856]
- h. Por ser eu estudante e filho de homem rico, tornei-ME operário também, para o qual já tinha inclinação, e assim, pude comover o seu doce coração. [JUVENAL, 1884]

Encontrei três ocorrências de cIV na amostra: uma no texto de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853, e duas em textos de *Ademir Rosa*, nascido em 1950. Como já dito, esse é um contexto XV superficial e V1 estrutural. As ocorrências listadas em (51) são, então, próclises a V1.

(51)

- a. Em vinte annos que temos levado de conjugal conjugação sómente dous passaste a meo lado; e agora que podias consagrar-te inteiramente às minhas expansões gratuitas, ME repelles... És um tyrado!... [LIVRAMENTO, 1856]
- b. H – O Padre correu, tropeçou numa pedra e caiu feito um doido. Tiveram que socorrê-lo (ri). Em seguida, a polícia veio para cima de mim, mas como me conhecem dessa praça ME deixaram em paz. O Padre está se convalescendo numa clínica fora da cidade. Queria que ele morresse para deixar de ser besta. [ROSA, 1950]
- c. M – (*Pacientemente*) Veja bem, acompanhe o meu raciocínio. Não entre na sua loucura, siga a minha racionalidade. Eu cheguei aqui faz pouco mais de uma hora, o senhor se mostrou muito cortês, gentil mesmo. Começou a falar de sua vida, perguntar da minha, contou as desventuras do seu casamento e agora que anoitece e não passa mais ninguém por aqui, ME vem e faz esta proposta. [ROSA, 1950]

Na amostra extraída dos textos escritos lisboetas, a ênclise é categórica nas 60 ocorrências em que o verbo em orações finitas com verbo simples é precedido por uma oração dependente. Em (52) apresento alguns exemplos da amostra.

(52)

- a. Se ele receia aproximar-se de mim, levem-ME ao pé de meu irmão. [BRANCO, 1825]
- b. Se me dão licença retiro-ME ao albergue onde reside um Mendes abandonado! [PONCE DE LEÃO, 1891]
- c. Se se convence que fizemos alguma coisa, mata-NOS! [PRESSLER, 1907]
- d. Se estivesse aqui o meu rapaz, resolvia-ME isto num abrir e fechar de olhos. Você não imagina! [REBELLO, 1924]

2.2.1.2.3 Orações com tópicos marcados

Nos textos catarinenses, encontrei 12 ocorrências em que uma oração é antecedida por um tópico marcado: sete orações com DEC (cf. dados em (53)) e cinco orações com topicalização (cf. (54)). Não foram encontradas próclises nesse contexto.

(53)

- a. Eu sei! Tenho tanta vergonha! A ti parece-TE fácil, porque não é de ti que se trata... [COUTINHO, 1841]
- b. Antônio - Perfeitamente... Sei onde quer chegar... / Eugênia - Muito o estimo... O resto deixemo-LO ao acaso... [COUTINHO, 1841]
- c. Que excelente memória de menina! Oito anos, é verdade. Esses três meses que estivemos fora, passamo-LOS em casa dos Avelares... Oh! que amável família, minha sobrinha! [COUTINHO, 1841]
- d. Descanse, Sr. D. Manoel, seu sobrinho nada quer... nem o nome de família! Seu sobrinho não quer um nome que seu pai nunca levou: ele é filho não do fidalgo, mas sim do heróico soldado. A fortuna... guarde-A!... minha mãe, que morreu na miséria, a atira às faces para dar pagamento ao marido que comprou para sua filha. [CARVALHO, 1829]
- e. A verdade! A verdade tive-A diante dos olhos. [NUNES, 1855]
- f. Mulher 4 - (...) Abandonei meu marido, com vinte anos de atraso. Nos primeiros anos amei. Nos seguintes, esperei que pudesse ser amada. Depois fiquei esperando que ainda pudesse esperar. Por fim, coube-me fazer a conta: somaram-se os beijos falsos, multiplicaram-se as

noites vazias, dividiu-se a nossa cama, subtraíram-se as alegrias. Me resignei, me contive. Cortei minha vida em fatias. As partes boas, vivi-AS. As partes podres, guardei-AS, fingindo que me esquecia. [CUNHA, 1961]

(54)

- a. O que te ficou nas mãos? o talo e os espinhos. Pois assim é: enquanto durasse a folia era um vidão; mas ospois, eras um grosseirão, um marinheiro, e... lá vinham de enfiados os avós morgados: da folia ficava-TE o talo duro de roer, e os espinhos pra te fazer macia a cama. [CARVALHO, 1829]
- b. *Raimundo* – Quando, porém, não se tem pai, e nem mãe; quando não se sabe se é filho natural ou espúrio, incestuoso ou sacrílego; quando se é um miserável enjeitado, filho da prostituição ou do crime, encontrado sobre a lama das calçadas, recolhido pela caridade de um soldado, e levado a pontapés pelo mundo, então tem-se um nome pior que o de cão leproso: descende-se da escuma do povo!... / *João André* – Diabo! / *Raimundo* – A um homem de tal parentela dá-SE o nome de... Raimundo! [CARVALHO, 1829]
- c. *Oliveira* – Sim. Sim. É como se diz lá pela roça: tu que sabes e eu que sei, cala-te e eu me calarei. (*Batem à porta da entrada, que cede logo por apenas estar encostada, e entra Anselmo com uma mala na mão direita e um pequeno pacote na mão esquerda.*) / *Anselmo* (*Entra. Vai direto à meza onde estão Marcellino e Oliveira, e apontando os com o pacote, diz-lhes*) – Dois bugios! / *Marcellino* – Em?! / *Oliveira* – Bugio parece-ME tu, com essa cara mesmo de macaco. [DUTRA, 1855]
- d. *Pantaleão* – Espere, major, espere... Irra! que pressa! Roma não se fez num dia... / *Major* - Alto lá! Desse pondo de história estou bem a par. Roma fez-SE de noite. (À parte) Dei-lhe um quinau! [NUNES, 1855]
- e. Calmos e ditosos desdobravam-SE os meus dias no meio desta simplicidade que me rodeia. [THIAGO, 1856]

Nos textos lisboetas, encontrei uma oração com topicalização (cf. (55)) e 14 orações com DEC (cf. dados em (56)). A ênclise é categórica nesses contextos.

- (55) *Noronha* (*indo a eles*) – Oh! Sr. Baltasar, o senhor manda-me dar uma gota de água com vinho e açúcar. / *Ermengarda* – Uma sangria... pois não! (*sobe*) / *Baltasar* – Sangria dava-TE eu, a ti e a toda essa cambada... [LOBATO, 1850]

(56)

- a. As suas duas filhas, uma de dois, outra de sete anos, tinha-AS eu sentadas nos meus joelhos. [BRANCO, 1825]
- b. A casa tem-NA empenhadíssima, porque já assim lhe envio de seu pai o barão... [LACERDA, 1825]
- c. Ao teu tio dei-LHE já um laniré, mas ele embespinhou-se imediatamente. [LOBATO, 1850]
- d. Pois dais crédito às coisas más que se aventam? Foi ar mau que deu por todos! Um imagina e o eco repete sem saber o que diz. Porque não há notícias da armada, querem pôr espantalhos à gente! Só nesta casa, porque hão medo de resposta, ninguém se atreve a falar. Mas as meninas oiço-AS no vento, e, quando noites eternas não durmo, aí, minha avó, que mas dizem também os meus pesadelos! [CÂMARA, 1852]
- e. Mulheres! Por dois trovões!... A mim alegre-ME o temporal,e o cheiro deste ar faz-me saudades. [CÂMARA, 1852]
- f. Mulheres! Por dois trovões!... A mim alegre-ME o temporal,e o cheiro deste ar faz-me saudades. [CÂMARA, 1852]
- g. Esse pedaço de minha alma sinto-O, sinto-o a querer subir-me aos lábios para o dar ao meu neto!... [CÂMARA, 1852]
- h. Caíram-lhe as lágrimas e não deu um fala. A minha irmã assomou à porta. Lançou-nos a vista a uma e a outra e logo o coração lhe adivinhou a nossa conversa ou leu na minha cara não sei o quê – susto, a ânsia de saber o que a mãe iria fazer. Ficamos assim a modos que espantadas. A mãe a olhar para ela muito triste, muito triste com as lágrimas a correr pela cara abaixo... Só deu esta palavra: “Filha!”. Depois abraçaram-se a chorar e então eu... eu botei-me a rir, nem sei se de contente porque, já vê, a mãe tinha-lhe perdoado! E gritei-lhes para animar... “– tristezas não fazem vida e amores leva-OS o vento!”. [ALVES, 1883]
- i. Não ha nada como o calor do lume, com a chama e brasa. Além de aquecer é um regalo para os olhos, ver arder a lenha ou o carvão. A mim entretém-ME. Os velhos e os gatos são borralheiros... [RAMADA CURTO, 1886]
- j. A mim parece-ME que ela não leva a mal o namorico. O António, esse é que anda perdido. Já deixa enferrujar a caçadeira ao canto do quarto, o Foguete sem trabalho engorda à manjedoura, e o brasileiro da quinta nova morre de aborrecimento, sem companheiro par ao solo. Como pouco e anda magro o rapaz. Perguntei-LHE há dias: “O que tens?”! “Mal do coração”, me respondeu. E tanto caturei, tanto o apertei que por fim confessou tudo. [ABREU E SOUSA, 1893]

- k. *Madalena* – Dás-ME vontade de rir... Tu não podes mandar calar os pensamentos. / *Alberto* – Os meus pensamentos guardo-OS para mim. Não tenho que os dar a conhecer a ninguém. E tu devias fazer o mesmo. [REBELLO, 1924]
- l. A mãe, levo-A eu ao hospital... e tu... pá caminha... hã? [MELO, 1948]
- m. A mim cheira-ME que o escritório do Nuno... [MELO, 1948]
- n. Não ouviste? A Rita, trouxeste-A para cara? [MELO, 1948]
- o. *António* – ... que trouxe... foi quando trouxe a mulher dele... a mim deu-ME a gravata, tás a ver a gravata azul? [MELO, 1948]

2.2.1.3 Contextos de variação clV / Vcl

Apresentei nas seções 2.2.1.1 e 2.2.1.2 os padrões empíricos de ordenação de clíticos categóricos (e/ou majoritários) de clV e de Vcl atestados em textos dramáticos escritos por catarinenses e lisboetas nascidos no curso dos séculos 19 e 20. O meu objetivo central foi, com base em dados empíricos, delinear padrões gerais da sintaxe de colocação dos pronomes clíticos na escrita catarinense. De um modo geral, os padrões descritos vão ao encontro daqueles apresentados em estudos acerca da ordem dos pronomes clíticos na história do português – conforme Mattos e Silva (1991, 1994), A. M. Martins (1994), Fiéis (2003), sobre o Português Antigo; Paixão de Sousa (2004), GBPS (2005), sobre o português dos séculos 16 e 17; Barbosa (2000), Raposo (2000), Duarte e Matos (2000; 2005), Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005) sobre o PE contemporâneo; e Lobo (1992), Pagotto (1992), Galves (2001), Abaurre e Galves (1996), Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005), Carneiro (2005), entre outros, sobre o PB.

Nesta seção, isolo apenas os contextos em que se atesta, de fato, variação entre as ordens clV e Vcl nos textos escritos por brasileiros. Meu principal interesse é, sobretudo, diagnosticar diferentes padrões empíricos de variação, que

possam, por sua vez, ser instanciados por diferentes gramáticas do português e, por conseguinte, reveladores de mudança em curso.

De um modo geral, os resultados relacionados à análise dos textos dramáticos escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 19 e 20 vão ao encontro daqueles já descritos na literatura (e apresentados no capítulo 1). No que se refere à gramática do PE, os padrões de colocação nesta amostra são bastante estáveis e a variação não é atestada. Na análise que segue, faço menção aos padrões empíricos atestados nos textos escritos por portugueses para comparar aos padrões de ordenação de clíticos encontrados nos textos escritos por brasileiros.

Nos textos catarinenses, do total de 2.319 orações finitas com verbo simples, organizadas, classificadas e categorizadas segundo exposto na seção 2.1.3 deste capítulo, retirei para análise os contextos em que, de fato, a alternância ênclise/próclise é atestada. Por outras palavras, retirei da amostra os contextos categóricos (ou majoritários) de *cIV* e de *Vcl* (cf. seções 2.1.2 e 2.1.2). De um lado, como exposto na seção 2.1.1, a próclise é categórico-majoritária em (i) *orações não-dependentes com operadores de negação*; (ii) *orações não-dependentes introduzidas por quantificador/expressão quantificada*; (iii) *orações não-dependentes introduzidas por Sintagma-Q/COMP preenchido*; (iv) *orações não-dependentes introduzidas pelos seguintes advérbios: focalizadores, quantificadores, quantificadores de eventos, aspectuais ou modais e de atitude proposicional* e (v) *por constituintes focalizados*. De outro lado, na seção 2.1.2, sistematizei os contextos em que a ênclise é categórico-majoritária: (vi) *orações com verbo precedido por vocativos, elementos discursivos*; (vii) *orações com verbo precedido por orações dependentes* e (viii) *orações com tópicos marcados (DEC e topicalização)*.

Retirados da amostra os dados relacionados aos contextos de não-variação, elencados de (i) a (viii) acima, somam em 1.438 as orações finitas não-dependentes que classifico nos seguintes contextos de variação: (A) orações com o verbo em primeira posição absoluta, i.e. contextos *V1*, e (B) orações com o

verbo precedido por sujeitos não-focalizados, por advérbios não-modais ou por sintagmas preposicionais (PP), i.e. contextos (X)XV. A análise dos padrões empíricos encontrados nos contextos de variação A e B e, sobretudo, da evolução da próclise nesses contextos, é o interesse central da discussão que segue.

Considerando as variáveis independentes elencadas na seção 2.1.3, as orações não-dependentes afirmativas com verbo simples foram submetidas ao programa estatístico *GoldVarb2001* (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Como já dito, os resultados apresentados contemplam apenas a análise unidimensional oferecida pelo programa estatístico que disponibiliza as frequências de clV e Vcl em relação aos contextos observados⁶³.

A próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta é uma das características que marcam o advento da gramática do PB, uma vez que a ordem clV nesse contexto não é atestada na história do português. A variação em contextos V1 é o tema da seção 2.2.1.3.1, a seguir.

Antes, observe-se na *Tabela 2.1*, a seguir, por ano de nascimento dos autores, a distribuição geral das taxas de clV nos ambientes de variação A e B, i.e. em contextos V1, XV e XXV.

⁶³ Observei também na amostra os tipos de clíticos. Para deixar registrado, listo no que segue os percentuais encontrados: 611 ocorrências do clítico *ME*, sendo 196 (32%) em próclise; 167 ocorrências de *TE*, sendo 67 (40%) em próclise; 295 ocorrências de *SE*, sendo 44 (14%) em próclise; 134 ocorrências de *LHE*, sendo 26 (19%) em próclise; 50 ocorrências de *NOS*, sendo 17 (34%) em próclise; seis ocorrências de *VOS*, sendo quatro (66%) em próclise e 166 ocorrências de *O/A*, sendo 53 (31%) em próclise. Note-se que os pronomes *SE* e *LHE* são os que mais resistem à próclise.

TABELA 2.1 Próclise nos contextos de variação A e B na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>VI</i>	<i>XV</i>	<i>XXV</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	5/144 – 3%	29/123 – 24%	5/13 – 38%	39/280 – 14%
José C. de Lacerda Coutinho (1841-1902)	1/153 – 1%	13/45 – 29%	3/5 – 60%	17/203 – 8%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	5/36 – 14%	10/21 – 48%	2/3 – 67%	17/60 – 28%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	0/32 – 0%	4/14 – 29%	0/1 – 0%	4/47 – 9%
Horácio Nunes (1855- 1919)	0/197 – 0%	22/87 – 25%	8/19 – 42%	30/303 – 10%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	1/39 – 3%	11/27 – 41%	9/11 – 82%	21/76 – 26%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	5/77 – 6%	16/33 – 48%	12/17 – 71%	33/127 – 26%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	2/10 – 20%	26/39 – 67%	2/6 – 33%	30/55 – 55%
Ody Fraga (1927-1987)	0/5 – 0%	5/5 – 100%	0	5/10 – 50%
Mário Júlio Amorim (1939-)	22/34 – 65%	7/8 – 88%	4/4 – 100%	33/46 – 72%
Ademir Rosa (1950-1997)	42/52 – 81%	37/39 – 95%	9/10 – 90%	88/101 – 87%
Antônio Cunha (1961-)	17/37 – 46%	32/34 – 94%	5/5 – 100%	54/76 – 71%
Sulanger Bavaresco (1969-)	6/16 – 38%	33/35 – 94%	3/3 – 100%	42/54 – 78%
TOTAL	106/831 – 13%	245/510 – 48%	62/97 – 64%	413/1438 – 29%

Em todos os contextos, há um aumento progressivo do uso de próclise. Em contextos VI, a próclise alcança taxas de 65% e 81% nos textos de *Mário Júlio Amorim* e de *Ademir Rosa*, nascidos em 1939 e 1950, respectivamente. Em contextos XV, a próclise é o padrão em textos de catarinenses nascidos no curso do século 20, diferentemente do padrão (ainda enclítico) atestado nos textos de catarinenses nascidos no século 19. Voltarei, nas sessões que seguem, às taxas da ordem clV nos contextos específicos.

Na *Tabela 2.2*, a seguir, apresento os resultados relacionados à proporção de clV no conjunto de dados que denomino contexto de variação B⁶⁴.

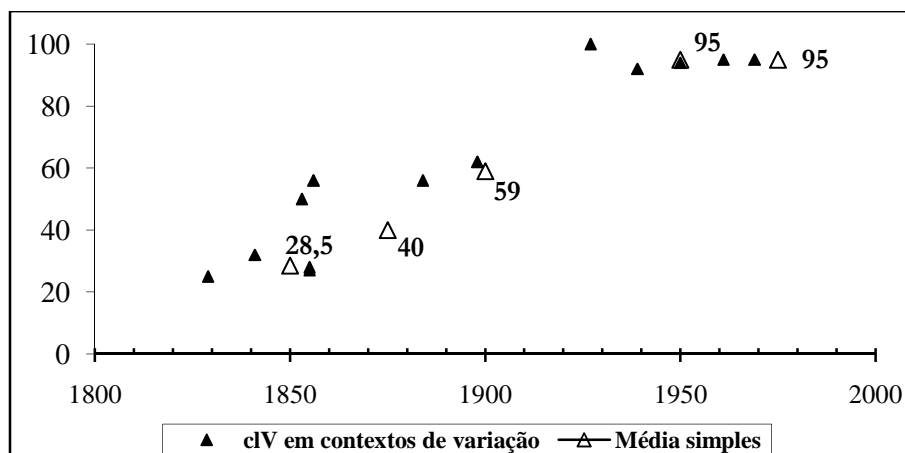
⁶⁴ Lembro aqui que na classificação dos dados proposta na seção 2.1.3.1 inclui nos contextos SV as ocorrências com pronomes demonstrativos. Na amostra analisada, os resultados mostram que esse é um contexto particular em que a ênclise parece ser o padrão de ordenação, pelo que não o incluí nas rodadas aqui realizadas.

TABELA 2.2 Próclise em contextos de variação B (em contextos (X)XV) na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>SV</i>	<i>AdvV</i>	<i>PPV</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	27/106 – 25%	7/21 – 33%	0/9 – 0%	34/136 – 25%
José C. de Lacerda Coutinho (1841-1902)	10/36 – 28%	5/9 – 56%	1/5 – 20%	16/50 – 32%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	8/18 – 44%	2/3 – 67%	2/3 – 67%	12/24 – 50%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/8 – 38%	1/4 – 25%	0/3 – 0%	4/15 – 27%
Horácio Nunes (1855- 1919)	20/72 – 28%	8/16 – 50%	2/18 – 11%	30/106 – 28%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	14/23 – 61%	3/6 – 50%	3/9 – 33%	20/38 – 56%
Ildfonso Juvenal (1884-1965)	22/39 – 56%	2/4 – 50%	3/5 – 60%	28/50 – 56%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	26/39 – 67%	2/3 – 67%	0/3 – 0%	28/45 – 62%
Ody Fraga (1927-1987)	4/4 – 100%	0	1/1 – 100%	5/5 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	9/9 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	11/12 – 92%
Ademir Rosa (1950-1997)	32/33 – 97%	7/8 – 88%	7/8 – 88%	46/49 – 94%
Antônio Cunha (1961-)	34/35 – 97%	1/1 – 100%	2/3 – 67%	37/39 – 95%
Sulanger Bavaresco (1969-)	31/31 – 100%	5/5 – 100%	0/2 – 0%	36/38 – 95%
<i>TOTAL</i>	240/453 – 53%	45/82 – 55%	22/72 – 31%	307/607 – 51%

Considerando o total de ocorrências de clV no contexto de variação B, por ano de nascimento dos autores as taxas, e as médias simples marcadas nos anos de 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, de próclise em contextos (X)XV estão projetadas no gráfico na *Figura 2.1*, a seguir.

FIGURA 2.1 Próclise em contextos de variação B na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



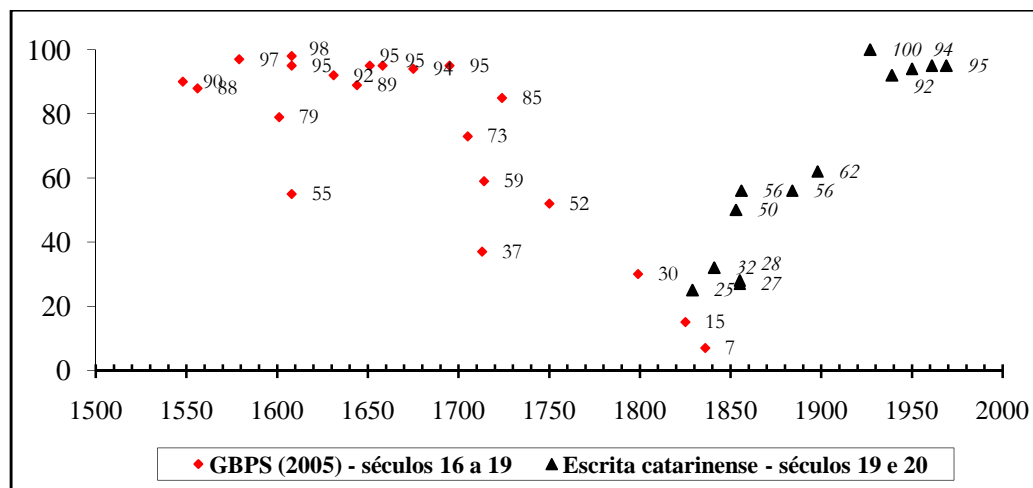
Há uma aparente evolução na taxa de cIV nos textos catarinenses. De um lado, as médias das taxas de cIV em textos de autores representativos da primeira metade do século 19 não ultrapassam 40% e de autores representativos da segunda metade as taxas não ultrapassam 60%. De outro lado, em textos de autores representativos do século 20 ficam na margem dos 96%⁶⁵. Observar essa evolução nos contextos de variação particularizados, assim como correlacioná-la aos diferentes padrões associados às gramáticas do português, será o foco da discussão que segue.

É importante salientar que esses mesmos contextos são ambientes de ênclise categórica na gramática do PE. De certo modo, esse é o quadro geral que encontrei nos textos dramáticos escritos por portugueses nascidos em Lisboa. Farei menção no texto que segue aos resultados relevantes obtidos na análise dessa amostra.

Numa perspectiva diacrônica, tendo em conta os padrões de variação na ordenação de clíticos na diacronia do português, projeto, comparativamente, nos gráficos da *Figura 2.2*, na seqüência, as taxas de cIV encontradas em textos catarinenses e aquelas encontradas por GBPS (2005) em textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19. É importante dizer que os contextos de variação nas amostras são os mesmos. Esses contextos são analisados por GBPS sob a rubrica de *Contextos de Variação I*.

⁶⁵ Nos resultados apresentados por GBPS (2005), na análise dos textos do corpus *Tycho Brahe*, em textos de autores nascidos até o século 17, há uma diferença significativa entre o aumento da ênclise em orações com o clítico *SE* e em orações com os demais clíticos. Em contextos *SV*, a ênclise é mais recorrente em orações com o clítico *SE* (cf. seção 1.2.1.2.1, no capítulo 1). Fiz uma rodada com os dados referentes aos contextos de variação B retirando da amostra as ocorrências com o clítico *SE*, a fim de verificar se essa co-relação se atesta nos dados da pesquisa. Os resultados, no entanto, não são muito diferentes daqueles apresentados na *Tabela 2.2* e nos gráficos na *Figura 2.1*. Por ano de nascimento dos autores, os percentuais obtidos foram: referentes às construções *ScIV*, 30%, 29%, 57%, 50%, 33%, 71%, 61%, 71%, 100%, 100%, 96%, 100% e 100%; referentes às construções *AdvV*, 41%, 62%, 67%, 0%, 54%, 60%, 75%, 0%, /, 100%, 83%, 100% e 100%; referentes às construções *PPV*, 0%, 20%, 67%, 0%, 12%, 33%, 50%, /, /, 50%, 100%, 67% e 0%.

FIGURA 2.2 Próclise em contextos de variação B em textos portugueses (GBPS, 2005, p. 44) e na escrita catarinenses dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores



Observe-se que, quando confrontamos as taxas de clV encontradas nos textos catarinenses àquelas obtidas em textos portugueses no curso dos séculos 16 a 19 (cf. resultados de GBPS, 2005), o século 19 apresenta um padrão bastante complexo, aparentemente relacionado ao padrão enclítico da gramática do PE. É necessário, portanto, observar a proporção da próclise nos diferentes contextos, a fim de evidenciar por que (ou quais) gramática(s) do português as próclises e as ênclises são instanciadas na escrita catarinense. Que o século 19 apresenta padrões bastante mesclados fica desde já evidenciado. Como já mostrei, a variação não está restrita aos contextos reunidos por mim sob a rubrica em B (ou a contextos I como denominado por GBPS).

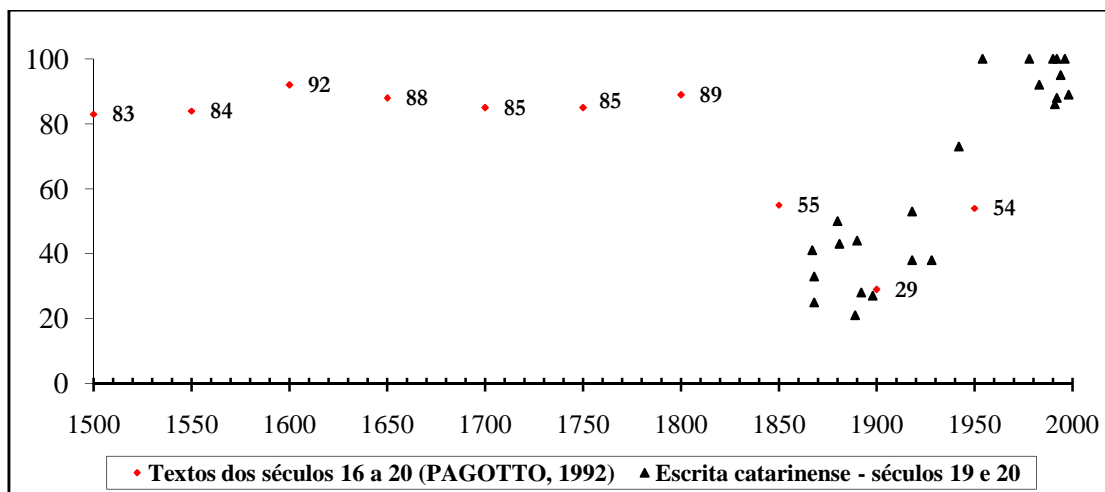
Os gráficos apresentados na *Figura 2.2* fazem referência ao ano de nascimento dos autores. Para confrontar os resultados obtidos na análise com os resultados obtidos por Pagotto (que, em tese, se volta à diacronia do PB), apresento na *Tabela 2.3*, a seguir, as taxas de clV referentes ao ano de publicação/apresentação dos textos catarinenses.

TABELA 2.3 Próclise nos contextos de variação B na escrita catarinense, por ano de publicação/apresentação dos textos

<i>Peças de teatro catarinenses (ano de publicação/ apresentação)</i>	<i>SV</i>	<i>AdvV</i>	<i>PPV</i>	<i>TOTAL</i>
<i>A casa para alugar (1867)</i>	3/11 – 27%	3/4 – 75%	1/2 – 50%	7/17 – 41%
<i>Quem desdenha quer compra... (1868)</i>	7/25 – 28%	2/5 – 40%	0/3 – 0%	9/27 – 33%
<i>Raimundo (1968)</i>	27/106 – 25%	7/21 – 33%	0/9 – 0%	34/136 – 25%
<i>Os ciúmes do capitão (1880)</i>	8/18 – 44%	2/3 – 67%	2/3 – 67%	12/24 – 50%
<i>Um cacho de mortes (1881)</i>	1/2 – 50%	1/1 – 100%	1/4 – 25%	3/7 – 43%
<i>Dolores (1889)</i>	5/33 – 15%	4/7 – 57%	1/7 – 14%	10/47 – 21%
<i>O Idiota (1890)</i>	6/10 – 60%	1/2 – 50%	0/4 – 0%	7/16 – 44%
<i>Fatos Diversos (1892)</i>	8/27 – 30%	2/6 – 33%	0/3 – 0%	10/36 – 28%
<i>Brinquedos de Cupido (1898)</i>	3/8 – 38%	1/4 – 25%	0/3 – 0%	4/15 – 27%
<i>Hilda, a filha do supposto trahidor (1918)</i>	6/12 – 50%	1/2 – 50%	1/1 – 100%	8/15 – 53%
<i>Waltrudes, o nauta veneziano (1918)</i>	8/19 – 42%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	9/21 – 43%
<i>Ilha dos casos raros (1928)</i>	3/9 – 33%	2/3 – 67%	0/1 – 0%	5/13 – 38%
<i>A filha do operário (1942)</i>	31/38 – 82%	1/1 – 100%	1/6 – 17%	33/45 – 73%
<i>A morte de Damião (1954)</i>	4/4 – 100%	0	1/1 – 100%	5/5 – 100%
<i>O dia em que os Porcos Comerão Sal (1978)</i>	6/6 – 100%	1/1 – 100%	1/1 – 100%	8/8 – 100%
<i>O dia do Javali (1983)</i>	9/9 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	11/12 – 92%
<i>A Estória (1990)</i>	8/8 – 100%	1/1 – 100%	2/2 – 100%	11/11 – 100%
<i>Fragmentos (1991)</i>	5/5 – 100%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	6/7 – 86%
<i>Os Lobos (1992)</i>	9/10 – 90%	4/5 – 80%	1/1 – 100%	14/16 – 88%
<i>Flores de Inverno (1992)</i>	21/21 – 100%	0	0	21/21 – 100%
<i>Agnus Dei (1994)</i>	31/31 – 100%	5/5 – 100%	0/2 – 0%	36/38 – 95%
<i>O que a vida fez de mim, de nós (1996)</i>	4/4 – 100%	0	3/3 – 100%	7/7 – 100%
<i>As quatro estações (1998)</i>	13/14 – 93%	1/1 – 100%	2/3 – 67%	16/18 – 89%
TOTAL	240/453 – 53%	45/82 – 55%	22/72 – 31%	307/607 – 51%

Retomo na *Figura 2.3*, a seguir, os resultados obtidos no estudo de Pagotto (1992), conforme apresentado na seção *1.2.1.2.2* no capítulo 1, relacionados às taxas (médias simples) extraídas de textos dos séculos 16 a 20 e aqueles obtidos na análise dos textos catarinenses nos contextos de variação B.

FIGURA 2.3 Próclise em contextos de variação B em textos dos séculos 16 a 20 (cf. PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinenses dos séculos 19 e 20, por ano de publicação/apresentação dos textos



Os gráficos na *Figura 2.3* mostram que, quando considerado o ano de publicação/apresentação dos textos e não o de nascimento dos autores, há uma defasagem no aumento do valor da taxa de próclise nos textos das amostras. Note-se que, assim como nos textos analisados por Pagotto, na escrita em Santa Catarina do início do século 20 há uma baixa ocorrência da ordem cIV (34,7% e 29%, respectivamente) que vai crescendo gradativamente até alcançar taxas de 51,7% e 54% na metade do século e, finalmente, uma taxa de 95% em textos do final do século 20.

Nas seções subseqüentes, apresento a análise individualizada dos padrões empíricos de ordenação de clíticos em orações com o verbo em primeira posição absoluta, na seção 2.2.1.3.1, em orações com sujeitos pré-verbais, na seção 2.2.1.3.2, com advérbios não-modais pré-verbais, na seção 2.2.1.3.3, e com PP pré-verbais, na seção 2.2.1.3.4.

2.2.1.3.1 Orações com o verbo em primeira posição

Um aspecto interessante da variação Vcl/clV atestada na escrita catarinense, revelador da gramática do PB, como já evidenciado em muitos estudos (cf. PAGOTTO, 1992; LOBO, 1992; ABAURRE; GALVES, 1996; GALVES, 2001; CARNEIRO, 2005), é a próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta (contextos V1). Destaco, pois, para discussão nesta no texto que segue a evolução da próclise nas construções V1.

Num primeiro momento, observei a frequência de próclise a V1 incluindo orações independentes, principais e primeiras e segundas coordenadas. A análise contempla 831 orações (58% do total de 1.438 orações) com o verbo em primeira posição.

Na *Tabela 2.4*, a seguir, apresento as taxas de próclise segundo o ano em que os textos foram publicados/apresentados. Observe-se que em contextos V1⁶⁶ há uma evolução na taxa de clV de 3% em textos do século 19 para 34% em textos do século 20.

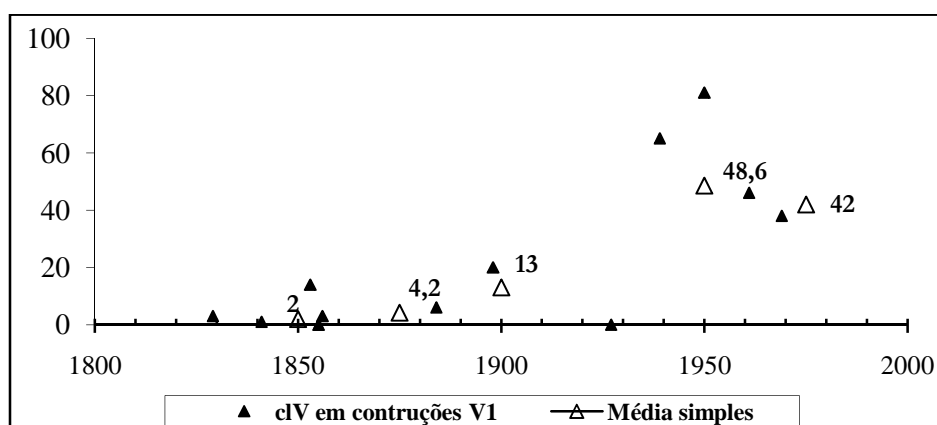
TABELA 2.4 Próclise em orações finitas não-dependentes na escrita catarinense, por século de publicação/apresentação dos textos

<i>Contextos de variação A e B</i>	<i>Século 19</i>	<i>Século 20</i>	<i>TOTAL</i>
V1 (clV)	16/566 – 3%	91/265 – 34%	106/831 – 13%
XV (XclV)	78/290 – 27%	167/220 – 76%	245/510 – 48%
XXV (XXclV)	18/41 – 44%	44/56 – 79%	62/97 – 64%
TOTAL	11/897 – 12%	302/541 – 56%	413/1438 – 29%

⁶⁶ Há um aumento significativo de ocorrências de clV também nos contextos (Y)XV em que X é um sujeito não focalizado, um advérbio de certa natureza ou um sintagma preposicional. A variação nestes contextos será abordada na seção que segue.

A proporção de cIV nos textos é ainda mais significativa quando considerado o ano de nascimento dos autores. Para evidenciar a frequência de uso de cIV associada ao ano de nascimento dos autores, retomem-se as taxas de cIV distribuídas na *Tabela 2.1* (3%, 1%, 14%, 0%, 0%, 3%, 6%, 20%, 0%, 65%, 81%⁶⁷, 46% e 38%) no gráfico da *Figura 2.4*, a seguir.

FIGURA 2.4 Próclise a V1 em orações independentes, principais e primeiras e segundas coordenadas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



É importante considerar que o gráfico da *Figura 2.4* acima faz referência à gradação de cIV em orações independentes principais e primeiras e segundas coordenadas com o verbo em primeira posição. Evidencia-se um aumento na proporção de cIV em construções V1 de menos de 10% em textos de catarinenses representativos do século 19 para mais de 40% em textos de autores representativos do século 20. Não há nenhuma ocorrência nos textos de *Antero*

⁶⁷ As taxas de cIV nos textos de *Mário Júlio Amorim*, nascido em 1939, e de *Ademir Rosa*, nascido em 1950, de 61% e 78%, respectivamente, parecem bastante elevadas. O texto que utilizo de Amorim é um manuscrito cedido por Antônio Cunha, o que, me parece, garante ao texto uma determinada peculiaridade, tendo em vista que não passou por um processo de editoração. As próclises em Ademir Rosa, por sua vez, me parecem relacionadas ao estilo arrojado e, muitas vezes, irreverente e desprezido de regras e etiquetas do autor. Sobre os textos de Ademir Rosa, utilizo versões manuscritas do autor e as confronto com versões editadas, numa coletânea de 2007 (cf. Apêndice, ao final da tese). Sobre as diferenças relacionadas à colocação de clíticos encontradas nas versões dos textos de Ademir Rosa, ver nota 68, adiante.

dos Reis Dutra e de Horácio Nunes, nascidos em 1855, e de Ody Fraga, nascido em 1927.

Os números podem parecer sobremaneira elevados. Mas é importante salientar que são casos de cIV em início de orações independentes principais e primeiras e segundas coordenadas. A próclise nesse contexto é também atestada na história do português (cf. A. M. MARTINS, 1994; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005). Listo em (57), a seguir, algumas ocorrências de cIV em segundas coordenadas que serão retiradas da amostra, para uma análise da próclise em contextos V1 absolutos.

(57)

- a. O oceano nos abre os braços e NOS promete um abrigo contra os ódios e perseguições... [CARVALHO, 1829]
- b. Será difícil tarefa, Sr. D. Manoel, mas, com o tempo, D. Maria reconhecerá o seu erro, e ME fará justiça. [CARVALHO, 1829]
- c. Olha, Raimundo, vê esta flor?... é bonita, cheirosa, pois sim... é uma rosa, e TE parecerá a figura da fidalga: e agora? [CARVALHO, 1829]
- d. A paixão cega-a e A leva a insultar uma pessoa digna do seu respeito e consideração. [COUTINHO, 1841]
- e. Esse Valentim é insupportável. Por ser muito estúpido tirei-o do serviço do exercito e O trouxe para casa; [LIVRAMENTO, 1853]
- f. Socega filhinha que já tens um pae e TE agasalha um berço! [THIAGO, 1856]
- g. Da estrada em que te lançaram, eu te levantei, e TE criei como filha! [THIAGO, 1856]
- h. O seu divino exemplo frutificou na terra e está pelos céus predestinado que a humanidade para ser feliz e obter a eterna salvação, há-de seguir o exemplo edificante do Divino Mestre, mas os homens sempre cruéis e egoístas, olvidaram as palavras do doce Nazareno e SE dividiram e SE distinguiram em classes sociais... [JUVENAL, 1884]
- i. Eu te saúdo, e ME sinto feliz nesta hora sublime. [NAHAS, 1898]

- j. Daí ele pediu ajuda a uma senhora que estava passando e ME botou sentado de volta no banco. [ROSA, 1950]
- k. Depois tirou uma pasta de hóstia e ME fez engolir. [ROSA, 1950]
- l. E a senhora vem e ME diz uma barbaridade dessas... [ROSA, 1950]
- m. To gostando desses exercícios, deveríamos fazê-los diariamente. Ajuda a passar o tempo e NOS dá mais energia. [ROSA, 1950]
- n. Porras, me esforço um montão, o cara capricha na iluminação, a platéia atenta, nem respirava enquanto eu dizia o texto e você vem e ME fala assim dos artistas. [ROSA, 1950]
- o. Aí ele me botou pra fora do taxi e ME chamou de comunista filho da puta. [AMORIM, 1939]
- p. Ele foi sacana e ME botou numa fria danada... [AMORIM, 1939]
- q. Ela ficaria zangada e ME castigaria. [BAVARESCO, 1969]

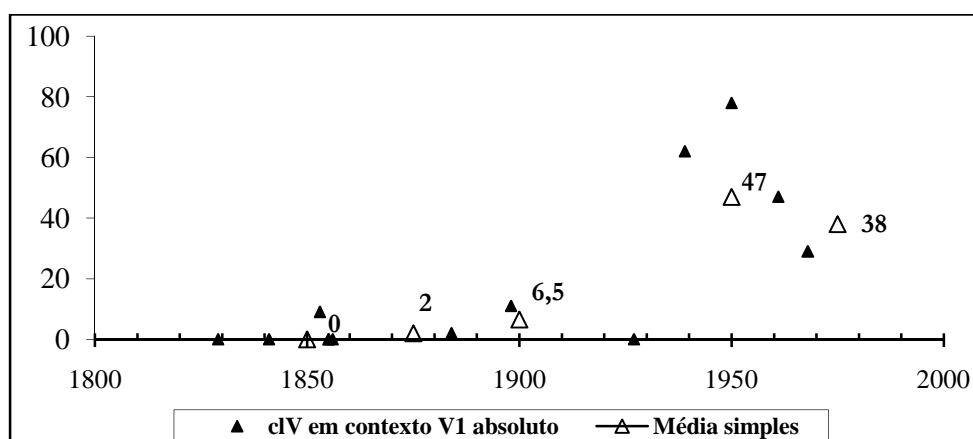
Como já referido, é sabido que a próclise em orações segundas coordenadas é também atestada em demais estágios do português. E, nesse contexto, importante se faz observar, em nossa amostra, a recorrência de c1V isoladamente em contextos em que o verbo ocupe a primeira posição absoluta da oração, ou seja, apenas em orações simples, principais e primeiras coordenadas. Retiradas, então, da amostra as orações segundas coordenadas, os dados em contextos V1 perfazem um total de 731 orações. Os percentuais de c1V nos dados, distribuídos por autores, estão listados na *Tabela 2.5*, a seguir.

TABELA 2.5 Próclise a V1 em orações independentes, principais e primeiras coordenadas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>VI</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	0/109 – 0%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	0/144 – 0%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	3/33 – 9%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	0/28 – 0%
Horácio Nunes (1855- 1919)	0/177 – 0%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	0/32 – 0%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	1/66 – 2%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	1/9 – 11%
Ody Fraga (1927-1987)	0/5 – 0%
Mário Júlio Amorim (1939-)	20/32 – 62%
Ademir Rosa (1950-1997)	36/46 – 78%
Antônio Cunha (1961-)	17/36 – 47%
Sulanger Bavaresco (1969-)	4/14 – 29%
TOTAL	82/731 – 11%

As taxas de cIV apresentadas na *Tabela 2.5* estão projetadas nos gráficos da *Figura 2.5*, a seguir.

FIGURA 2.5 Próclise a V1 em orações independentes principais e primeiras coordenadas na escrita catarinense



Com exceção dos textos de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853 e dos dois últimos representantes do século 19, *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1884, e *Nicolau Nagib Nahas*, nascido em 1898, que apresentam, respectivamente, taxas de freqüências de cIV de 6% (2 ocorrências de 32 dados), 2% (1 ocorrência de 65 dados) e 11% (1 ocorrência de 9 dados), a ênclise nesse contexto é categórica nos textos escritos por brasileiros nascidos até 1927. Totalizando os dados, encontrei cinco ocorrências de próclise em V1 em textos do século 19. Os dados relevantes listados em (58), no que segue, dão rosto aos números.

(58)

- a. ME chamaste, meo coração? [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Ai! Que eu estou sufocado! ME largue! [LIVRAMENTO, 1853]
- c. TE recordas se Valentim era ruivo?... [LIVRAMENTO, 1853]
- d. *Maria Rosa* – Já sei; já sei que a festança vai ser grossa, pois foi convidada toda aquela gente rabujenta e de altos coturnos que aqui estive no dia em que os patrões festejaram as bodas de prata. / *Maneca (Aproxiamndo-se)* – Mas, TE digo, Maria Rosa, com muita sinceridade: não tenho inveja de nada disso... [JUVENAL, 1884]
- e. Não me culpes. ME perdoa. Foste mais forte, confesso. [NAHAS, 1898]

Se observarmos a evolução na média da freqüência de cIV nos textos, marcadas no gráfico nos anos de 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, encontramos, respectivamente, taxas de 0%, 2%, 6,5%, 47% e 38%. Note que, com exceção do texto de *Ody Fraga*, nascido em 1927 em que não encontrei nenhuma ocorrência de cIV (e é importante salientar que há apenas um texto com poucos dados desse autor), há nos textos de catarinenses nascidos no século 20 um significativo aumento na proporção de próclise em orações com o verbo em primeira posição. As taxas de cIV em contextos V1 têm um (elevado) acréscimo nos textos de

Mário Júlio Amorim, nascido em 1939, e de Ademir Rosa, nascido em 1950, respectivamente, para 62% (20 ocorrências de 32 dados) e 78% (36 ocorrências de 46 dados)⁶⁸, e se mantém significativamente acentuada nos textos de Antônio Cunha, nascido em 1961, em 47% (17 ocorrências de 36 dados), e de Sulanger Bavaresco, nascida em 1969, em 29% (4 ocorrências de 14 dados). Alguns dos dados relevantes estão elencados em (59), (60), (61) e (62), a seguir.

⁶⁸ Cabem ainda duas notas sobre os textos de Ademir Rosa que constituem o *cópus* em análise. Utilizo na análise uma versão editada em 2007 das peças escritas pelo autor. Mesmo porque os demais textos utilizados dos demais autores catarinenses são, em sua grande maioria, publicados. Tive acesso, num primeiro momento, no entanto, aos manuscritos das peças *A Estória* e *Os Lobos* desse autor. Algumas diferenças, significativas na discussão da pesquisa aqui apresentada, foram observadas. No texto editado de *A Estória* encontro (i), a seguir.

(i) *H – Meu pai se separou de minha mãe quando ele era funcionário público e depois de vinte anos de casados. Coitado. Era semi-analfabeto. Ela queria que ele fosse militar, piloto de aviação... Como chegar a pilotar um desses aviões modernos, era viajar demais, um dia ele foi ao circo e viu uma cena que o impressionou demais. Era um circo desses bem pobres, com o leão caindo de fome, dentes velhos, sem nenhuma força muscular. Mas a moral da estória era que o circo tinha um macaco bicha. Inacreditável, mas era verdade. Não podia ver um homem. O dono do circo dizia que a macaca começou a voar alto demais, sim, voar literalmente, pois galgou à condição da maior trapezista do circo, que o macaco caiu no desespero e por inconformismo ou revolta, como queira, se tornou o primeiro macaco bicha de que se tem notícia na história do reino dos animais. Meu pai chegou em casa e não contou tempo, pediu a separação. M – Mas qual a relação dessa estória do macaco com a separação de seus pais? Por acaso seu pai também SE tornou um homossexual? / H – A relação é que meu pai tornou-SE impotente para sustentar as alegorias, as viagens de minha mãe. (Sussurrando) Ela era viciada em maconha, só maconha.*

No texto manuscrito do autor encontro a ordem *Vel* no texto sublinhado em (i): “*Por acaso seu pai também tornou-SE um bicha?*”. A edição publicada do texto corrige a ênclise numa oração em que o verbo é imediatamente antecedido pelo advérbio *também*. Essa mesma edição, no entanto, não é sensível à ênclise na oração subordinada “*a relação é que meu pai tornou-SE impotente (...)*”, que não foi “corrigida” na versão publicada do texto.

Uma segunda nota interessante diz respeito ao texto *Os Lobos* e não está relacionada, ao menos diretamente, à colocação dos clíticos em contextos finitos, mas à natureza dos clíticos em PB. No texto não publicado do autor há o uso do clítico *lhe* como acusativo (cf. em (ii)).

(ii) 2 – *Já disse que não lhe ajudo.*

Na edição publicada o *lhe* é alterado pelo clítico de terceira pessoa acusativo (cf. (iii)). O contexto, no entanto, é uma conversa entre duas personagens, 1 e 2; neste contexto, em específico, um se refere diretamente ao outro.

(iii) 2 – *Já disse que não o ajudo.*

(59)

- a. *Vitor* – (...) Tou procurando um fio!... ME ajuda aqui! [AMORIM, 1939]
- b. *Everardo* – Malandro, vou te contar! ME senti importante paca! Tu já pensou? [AMORIM, 1939]
- c. ME dá mais um tempo. [AMORIM, 1939]
- d. *Erverado* – Aí quando eu vi que tinha chegado gente na nossa frente, não deu pra fazer mais nada. ME joguei no chão e achei essa pasta aí. [AMORIM, 1939]
- e. *Everardo* – (...) Era só professor prá cá, professora prá lá! Malandro, foi demais! ME levaram prum salão cheio de bacana, tudo no maior rango, e eles começaram a bater palma pra mim. [AMORIM, 1939]
- f. ME joguei no chão e fui rastejando até a outra entrada. [AMORIM, 1939]
- g. *Vitor* – Brincado o quê?! Você acha que eu ia brincar como uma coisa dessas? ME agarrou, sim! E não adiantou nada eu explicar que era engano; que só estava indo na farmácia, por causa do meu nariz. [AMORIM, 1939]
- h. *Vitor* – (...) Tomei um ônibus e, de cara, me incomodei com a mulher que ia ao meu lado, que cismou que eu estava encostando a perna na dela. Fez um escândalo dos diabos. ME chamou de tarado e disse que eu não devia ser boa coisa mesmo, com aquela cara toda cortada. Quase me botaram prá fora do ônibus. [AMORIM, 1939]
- i. *Everardo* – Pera aí! (...) ME conta aí, direitinho, como é que tu sabe da feijoada do tio Leopoldo?! [AMORIM, 1939]
- j. ME diz uma coisa: há quanto tempo você anda aí pela estratosfera? [AMORIM, 1939]
- k. *Vitor (Para o cadáver)* – TE sacanearam! Te sacanearam! [AMORIM, 1939]

(60)

- a. *M* - Perguntou primeiro o que para ele? / *H* - Por quanto tempo os fiéis ficariam privados do seu pastor. (*Imitando o padre*). ME respondeu dizendo que "quem mandava na vida dele era Deus e só Ele é que poderia revelar o tempo". Perguntei como estava a igreja de Jesus e ele me disse: (*Imitando o padre*) "Precisamos de umas reformas, pinturas" e reclamou que as comunidades não dão mais a atenção necessária e que o procuram na hora da morte. Estava ressentido com a cidade. [ROSA, 1950]

- b. ME despedi dele prometendo fazer-lhe uma nova visita. *[ROSA, 1950]*
- c. ME separei do meu marido por causa deles. *[ROSA, 1950]*
- d. A noite parece que vai ser mesmo longa. ME dê um pouco de conhaque. *[ROSA, 1950]*
- e. ME dê mais um pouco desse conhaque. *[ROSA, 1950]*
- f. ME passa a garrafa por favor. *[ROSA, 1950]*
- g. ME aguarde pois volto. *[ROSA, 1950]*
- h. TE encontro depois da missa atrás da sacristia. ME encontrará sempre por aqui. *[ROSA, 1950]*
- i. Faço fogo, café, pesco, ME preocupo com um monte de coisas e você não tá nem aí... *[ROSA, 1950]*
- j. ME acho perfeitamente em idade de me suicidar... *[ROSA, 1950]*
- k. Oh cara, TE orienta, piorou novamente, é? *[ROSA, 1950]*
- l. Porras, TE manda, me deixa só! *[ROSA, 1950]*
- m. Porras, ME esforço um montão, o cara capricha na iluminação, a platéia atenta, nem respirava enquanto eu dizia o texto e você vem e me fala assim dos artistas. *[ROSA, 1950]*
- n. ME parece que ninguém cai mais nessa de bobo alegre. *[ROSA, 1950]*
- o. ME parece que você não percebe que não estamos mortos, que um monte de coisas ainda têm sentido. *[ROSA, 1950]*
- p. ME acompanhe, vai. *[ROSA, 1950]*
- q. ME ajude no trabalho. *[ROSA, 1950]*
- r. ME faltam forças para um monte de coisas, até prá isso... *[ROSA, 1950]*
- s. ME disse que estava cheio de hematomas, era como se estivesse lá... *[ROSA, 1950]*
- t. ME incomodaram o bastante, o suficiente para que o sono fosse interrompido. *[ROSA, 1950]*
- u. Vai acabar mais louco. SE olhe no espelho, faz quanto tempo que você não se enxerga? *[ROSA, 1950]*
- v. ME pareceu bem determinada. *[ROSA, 1950]*
- w. Porras, TE manda, me deixa só! *[ROSA, 1950]*

(61)

- a. *Moça 1* – ME ajuda mesmo? [CUNHA, 1961]
- b. *Moça 1* – ME ajuda agora. ME diz o que se faz quando se pára. [CUNHA, 1961]
- c. *Moça 1* – Dorme minha amiga. Dorme por mim, que dormir não posso. ME sinto uma taça transbordante, pronta para escorrer. [CUNHA, 1961]
- d. *Rapaz* – ME dá um beijo. [CUNHA, 1961]
- e. *Mulher 2* – Pois eu estou apaixonada. ME sinto com vinte anos. Ele é mais velho, já vão longe os seus vinte anos, mas quando me ama uma vez, peço-lhe mais vinte, e se vinte me ama, ainda peço mais uma. [CUNHA, 1961]
- f. *Homem* – ME perdoe pela demora. [CUNHA, 1961]
- g. *Ela* – Não faz diferença para quem espera. Aliás, a você eu dediquei as minhas mais longas esperas. ME dê um abraço. Há tanto tempo que você não me abraça! [CUNHA, 1961]
- h. *Menina* – ME põe a venda? [CUNHA, 1961]
- i. E por que, então? ME diz! [CUNHA, 1961]
- j. *(Cessa a música e a luz sobe em resistência. Tem-se a visão de uma rua deserta. É noite, faz frio e chove. Sob um guarda-chuvas, de capa e chapéu, surge Eugênio. Numa das mãos segura um buque de flores. Pára, puxa do bolso uma pequena garrafa, bebe um gole e torna a guardá-la. Sem que perceba, surge também Klaus. Ao notar a sua presença, Eugênio se visa de sobressalto.) Klaus (Envolto num cobertor) – Só estava passando. O assustei? [CUNHA, 1961]*
- k. *Eugênio* – Eu tenho o bastante ainda. / *Klaus* – ME consegue um? [CUNHA, 1961]
- l. *Eugênio* – Eu gostaria de saber mais de você, Klaus. O seu irmão de nome inglês... / *Klaus* - O que é que tem ele? / *Eugênio* - O ajuda, por certo! Deixa algum sustento! / *Klaus* - Eu me sustento. William me traz presentes. Eu não sou inválido. [CUNHA, 1961]
- m. Eu pago! Quanto você quer? ME diga: cem... duzentos... [CUNHA, 1961]

(62)

- a. *Agnes* – Nunca tenho certeza se é ela ou a santa quem me diz as coisas. Elas brigam por minha causa o tempo todo. Eu vi a santa quando eu tinha dez anos. Estava deitada na grama, olhando para o sol, e o sol virou uma nuvem e a nuvem virou a santa, e ela me disse que falaria comigo e depois seus pés começaram a sangrar e eu vi que havia buracos em suas mãos e tentei pegar o sangue que caía do céu, mas não pude ver mais nada porque meus olhos doíam. Ela me diz coisas, como agora, quando está gritando: Marie, Marie! Mas não sei o que isso significa. Ela me usa pra cantar. É como se jogasse um grande anzol pelo ar.

ME pega por baixo das costelas e tenta me levantar, mas eu não posso me mexer porque mamãe está segurando meus pés. [BAVARESCO, 1969]

- b. ME conte! [BAVARESCO, 1969]
- c. Martha - Que sua mãe fazia com você? Se não pode falar mexa a cabeça para indicar sim ou não! Ela batia em você? Obrigava a fazer alguma coisa que não queria? E você se sentia contrariada? SE sentia envergonhada? O que ela obrigava a fazer?
- d. Agnes – Ela me obriga a tirar as roupas... e depois... Ela faz... SE diverte comigo... [BAVARESCO, 1969]

Para se observar a evolução da taxa de cIV em contextos V1 na história do português (do Brasil), na tentativa de diagnosticar o processo de mudança que os resultados sugerem, apresento alguns estudos com resultados também diacrônicos.

Retomemos do estudo de Pagotto (1992) (cf. referência na seção 1.2.1.2.2 no capítulo 1) as taxas de frequência de uso de cIV em orações com o verbo em posição inicial. O autor observa a variação cIV/Vcl em contextos V1 com sujeitos nulos, construções (s)V, e com sujeitos pós-verbais, construções VS. No que se refere às construções (s)V, de um lado, encontra 9% (1 ocorrência de 11 dados) em textos dos séculos 16 ao 18, 0% (nenhuma ocorrência de 6 dados) em textos do século 19 e 11% (3 ocorrências de 27 dados) em textos do século 20. De outro lado, em relação às construções VS, encontra 25% (2 ocorrências de 8 dados) em textos dos séculos 16 ao 18, 0% (nenhuma ocorrência de 1 dado) em textos do século 19 e nenhum dado em textos do século 20.

Dentre os resultados apresentados por Pagotto, quero destacar três aspectos, em específico. Em primeiro lugar, a respeito da ocorrência de próclise em orações com o verbo em primeira posição encontrada em textos dos séculos 16 ao 18, Pagotto encontra 1 ocorrência de cIV em contexto (s)V e 2 ocorrências em VS em textos datados entre os séculos 16 ao 18, mas não apresenta exemplos dos dados em questão, como também não faz menção aos contextos observados – se orações simples, principais, primeiras ou segundas coordenadas. Num artigo em que o autor retoma os resultados em questão (PAGOTTO, 1993), há referência de

que os contextos observados incluem *sentenças raiz –coordenadas ou não –* (Pagotto, 1993, p. 187). Baseado em resultados de outros estudos que não encontram nenhuma ocorrência de próclise em construções V1 em orações simples, principais e primeiras coordenadas na história do português (cf. A. M. MARTINS, 1994; GBPS, 2005), sou levado a acreditar que os casos apresentados por Pagotto se tratam de orações segundas coordenadas. O único exemplo de cIV neste contexto dado pelo autor parece ser de um texto do século 20 (cf. (63) abaixo) e não há demais informações sobre o exemplo.

(63) LHE peço que você não se esqueça da gente.

(PAGOTTO, 1993, p. 80)

Em segundo lugar, quero destacar a baixa frequência/ausência de cIV em orações com o verbo em primeira posição em textos do século 19 analisados por Pagotto. Nenhuma ocorrência é encontrada. Nas peças de teatro escritas por brasileiros, quando consideramos o ano de publicação/apresentação dos textos⁶⁹, encontramos apenas 13 ocorrências de próclise nesse contexto, em sua maioria em orações segundas coordenadas (cf. discussão acima).

Em relação à próclise em contextos V1 em textos do século 19, o estudo de Carneiro (2005), num *cópus* de cartas brasileiras editado pela autora, encontra 13 ocorrências de cIV (de um total de 379 dados observados) em contextos com o verbo em primeira posição absoluta⁷⁰. A autora considera orações com verbo simples e grupos verbais em contextos V1 não incluindo as orações segundas coordenadas. Os resultados apresentados por Carneiro são interessantes no sentido

⁶⁹ É importante notar que Pagotto considera apenas o ano de publicação/produção dos textos por ele analisados.

⁷⁰ Interessante observar que os dados com próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta são produzidos por autores nascidos no século 19.

de que registram a ocorrência de próclise com o verbo em primeira posição absoluta em textos escritos por brasileiros nascidos já no século 19. Como já dito, esse é um contexto categórico de Vcl na história do português, de modo que a ordem clítico-Verbo em construções V1 absolutas é entendida como uma forte característica da gramática do PB. Retomaremos os resultados obtidos por Carneiro, a seguir.

Voltando aos resultados de Pagotto, em terceiro lugar, quero destacar a ausência de dados com clV em contextos VS, aparentemente relacionada à baixa frequência/ausência da ordem VS em textos do século 20. Este resultado parece ser o reflexo de a ordem VS ser marcada na gramática do PB (cf., por exemplo, BERLINCK, 1989; COELHO, 2000, 2006).

Interessante se faz uma projeção das taxas de clV atestadas nas peças de teatro catarinenses dos séculos 19 e 20 em resultados de um estudo que considere o ano de nascimento dos autores dos textos observados. A análise de GBPS (2005) apresenta resultados diacrônicos acerca da alternância clV/Vcl na história do português em textos escritos por portugueses nascidos no período correspondente aos séculos 16 a 19⁷¹. Com base no banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*, as autoras apresentam uma análise de 5.369 orações afirmativas não-dependentes extraídas de textos escritos por autores nascidos entre os anos de 1542 e 1836 (cf. discussão no capítulo 1). GBPS consideram, na análise, o ano de nascimento dos autores em busca de evidências empíricas de que portugueses nascidos em meados do século 18 são representativos da primeira geração de “falantes” da gramática do Português Europeu.

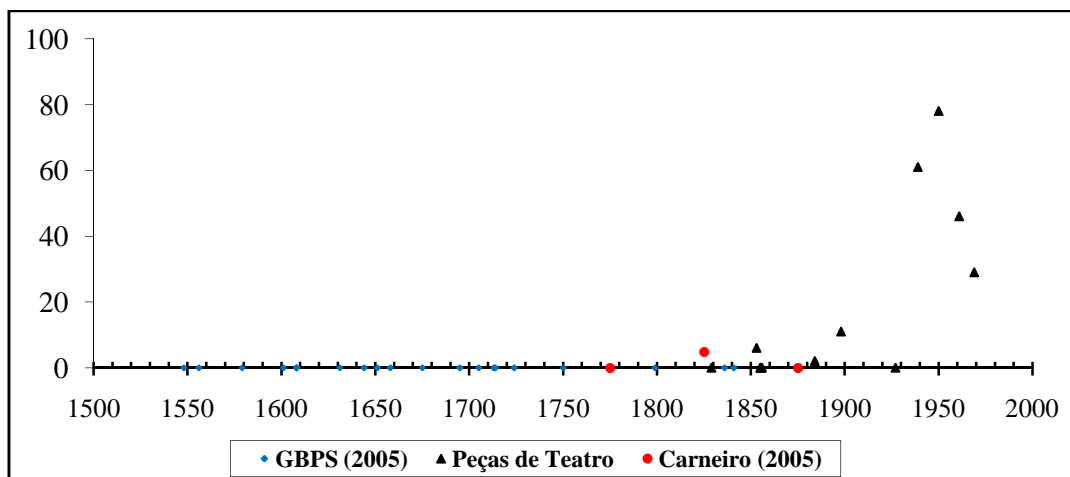
No que se refere às construções com o verbo em primeira posição absoluta, nos resultados apresentados por GBPS (2005) não há referência a

⁷¹ Os textos e seus respectivos autores que constituem o corpus utilizado por GBPS (2005) estão listados na nota 17 no capítulo 1.

nenhuma ocorrência da ordem clítico-verbo em textos escritos por portugueses nascidos no curso dos séculos 16 ao 19.

Com base na investigação de GBPS e na análise das peças de teatro escritas por catarinenses nascidos entre os séculos 19 e 20, na tentativa de diagnosticar a evolução da taxa de frequência da ocorrência de cIV em orações com o verbo em primeira posição na história do português, dado que esse é um fenômeno característico da emergência da gramática do PB, projeto nos gráficos na *Figura 2.6*, a seguir, a proporção de cIV em contextos V1 no curso dos séculos 16 a 20. As taxas de cIV em textos de brasileiros nascidos entre 1829 e 1969 são de 0%, 0%, 6%, 0%, 0%, 0%, 2%, 11%, 0%, 61%, 78%, 46%, 29%.

FIGURA 2.6 Próclise a V1 em textos portugueses (cf. GBPS, 2005), em cartas da Bahia (cf. CARNEIRO, 2005) e na escrita catarinense



Como pode se observar, na *Figura 2.6* projeto, ainda, os resultados obtidos por Carneiro (2005) na análise de *Cartas Brasileiras* em textos do século 19 em relação à próclise nesse contexto em orações declarativas, afirmativas principais com verbo único. Seguindo a análise da autora, os pontos marcados no gráfico em 1775 (0%), 1825 (4,88%) e 1875 (0%) estão associados ao ano de nascimento dos

autores e, respectivamente, agrupados entre 1724 e 1799, 1800 e 1850 e entre 1851 e 1880.

Observe-se que no curso dos séculos a próclise em contextos V1 em português não é uma constante nos textos escritos analisados. Pelo contrário, é apenas a partir de textos do século 19 que se registra alguma ocorrência⁷². No século 19, há algum registro (ainda que pequeno) de cIV em cartas bahianas escritas por brasileiros nascidos entre 1826 a 1850 – 4,88%, 8 ocorrências de 164 dados (cf. CARNEIRO, 2005, pp. 172-177); e nas peças de teatro catarinenses escritas por *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853, *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1894, e por *Nicolau Nagib Nahas*, nascido em 1898: respectivamente, 9% (3 ocorrências de 34 dados), 2% (1 ocorrência de 61 dados) e 10% (1 ocorrência de 10 dados).

As orações relevantes de próclise a V1 com um único verbo extraídas de *Cartas Brasileiras* (cf. CARNEIRO, 2005) estão listadas em (64), a seguir.

(64)

- a. ME parece que não proponho, nem tenho pe-|dido nenhum de proposito, para que ate hoje| não tenha sido attendido, e tenha de ver a offi-|cina continuar no estado pouco lisongeiro| em que a consideram.| carta 158
- b. ME entendi com o João Victorino a serca| do seo boi que matarão, e depois disto>| 4r. tudo resolvido trataremos da liqui|dação, me pairesse é que o tal sugei=|to não terá com que pague, com quanto| á pesar de ser morador aqui eu| não conheço bem se elle pode pa|gar.| carta 418
- c. ME diz a consciencia que ainda| não commetti acto algum com| relação a sua pessoa pelo qual|2r. se posso dizer que eu hoje sou menos| dedicado a si, entretanto que aqui| se diz o contrario, e se me tem como| um dos mais dedicados e afeiçoados| seu. carta 442

⁷² Importante ressaltar o registro de Huber em sua gramática do português antigo (com a sua segunda versão publicada em 2006) de que no PA quando o verbo inicia a frase, e a oração principal não é precedida por nenhuma subordinada, o pronome clítico sempre está em posição pós-verbal. (HUBER, 2006, pp.181-182). Da mesma maneira, o estudo de Ana Maria Martins (1994) com base em documentos notariais, não atesta essa construção. Cf. seção 1.2.1 do capítulo 1. Cf. Lei Tobler-Mussafia.

- d. NOS dê suas| notícias. *carta 463 h.*
- e. ME| disse o Vigário Sabino que a mortandade *que*| fêz Moreira Cezar, calcula-se em dois mil pois não se pode contar, isso dito por dois| individuos *que* o conselheiro fez prisioneiro, *equ*| depois soltou-os *que* tinham marchado com o ga-|do. *carta 464 i.*
- f. LHE dirigi carta *por* o Coronel Porfirio do-| Geremoábo que passou *para* Bahia em 7 do-| corrente que não acusa recebida.|*carta 464*
- g. ME| responda se a relação tem pode-|res de impedir que se faça inventario| *porque* o Gallo <ou outra pessoa> me disse *que* eu requerese| a relação alegando motivo justo| que não havia bens a inventario eu ig|noro *Porque* o *que* tenho é *para* os filhos, afim| de ver se posso realizar a educação| delles, *para que* se repartir? *carta 472*

(CARNEIRO, 2005, pp. 148-150)

É em textos de catarinenses nascidos no século 20, todavia, que registramos uma maior recorrência de cIV em orações com o verbo em primeira posição absoluta nas peças de teatro. Nos textos de *Mário Júlio Amorim* e de *Ademir Rosa* as taxas de próclise parecem até bastante elevadas, 62% (20 ocorrências de 32 dados) e 78% (36 ocorrências de 46 dados). Saliento que estes autores têm uma escrita peculiar, com um estilo coloquial (cf. notas 28 e 29). O texto de Amorim é, ainda, uma versão manuscrita, não publicada. O texto de *Sulanger Bavaresco*, nascida em 1969, com 29% (4 ocorrências de 14 dados), também é um manuscrito. Já as peças de Antônio Cunha, nascido em 1961, são textos publicados e apresentam uma taxa (também elevada) de 47% de cIV (17 ocorrências de 36 dados).

Nesse confronto de resultados, importante se faz salientar que os corpús utilizados por GBPS (2005) e Carneiro (2005) incluem textos literários (de natureza vária) e cartas pessoais e o corpús da pesquisa aqui apresentada é constituído de peças de teatro.

Na amostra extraída das peças de teatro escritas por portugueses, encontrei 646 ocorrências de orações finitas não-dependentes com verbo simples com o

verbo em primeira posição. A ênclise é categórica nesse contexto. Encontrei apenas uma única ocorrência de próclise no texto *Clero, Nobreza e Povo* de Augusto César Correia de Lacerda, nascido em 1825, transcrito em (65), a seguir. Esta parece se tratar, no entanto, de uma construção enfática com sujeito pronominal nulo. Assim como as construções com sujeito lexical pronominal, a próclise é o padrão nessas construções na gramática do PE⁷³.

(65) Cala a boca, cala, egoísta de uma figa, que não fazes senão dizer destemperos! Pára de te finares também de paixão, meu “baboso”! Ora o demo do homem! TE arrenego, lembrança parva! Na cova!... Cruzes canhoto! [LACERDA, 1825]

Passo agora à descrição e análise dos padrões empíricos relacionados às orações com sujeitos pré-verbais.

2.2.1.3.2 Orações com sujeitos pré-verbais

Referentemente às orações finitas com verbo simples antecedido por sujeitos não-focalizados, a amostra extraída de peças de teatro catarinenses se constitui de 453 orações com anteposição e posposição de clíticos pronominais, conforme resultados sistematizados na *Tabela 2.2*, acima⁷⁴. Considero no total dos

⁷³ De acordo com Maria Lobo, encontra-se também próclise no PE em orações que correspondem a um ato ilocucionário declarativo (batismos, casamentos, nomeações etc.), como em *eu te nomeio*; *eu te batizo*.

⁷⁴ Do total descrito na *Tabela 2.2*, encontrei oito ocorrências de orações introduzidas por sujeitos demonstrativos e cinco por sujeitos com formas de tratamento. Por apresentarem um padrão bastante regular na ordenação de clíticos, retirei esses contextos da amostra. A próclise foi o único padrão encontrado em orações com sujeitos demonstrativos e a ênclise em orações com sujeitos realizados por formas de tratamento (cf., respectivamente, dados em (i) e (ii), a seguir). Encontrei ainda uma oração com o demonstrativo *tal* (cf. (iii)), também com próclise. Esses dados não serão, portanto, considerados na análise que segue sobre a variação clV / Vcl nos contextos SV.

dados sujeitos DPs simples, sujeitos pronominais pessoais e sujeitos DPs complexos – incluindo relativas ou apostos ao sujeito.

Os dados em (66), a seguir, ilustram a variação nesses contextos.

(66)

- a. *Raimundo (Só) - Ela ama-ME e tem pejo de o confessar. [CARVALHO, 1829]*
- b. *Teu tio, que é um homem de bom conselho, entendeu-SE primeiro ali com a senhora que não apresentou a menor objeção... [COUTINHO, 1841]*
- c. *Fernando, tu ME amas muito, muito, não é assim? [JUVENAL, 1884]*
- d. *A comoção que se apoderou de mim ao ouvir a voz do senhor Fernando, ME fez até olvidar a devida atenção para convosco... [JUVENAL, 1884]*
- e. *Martha – Quem você viu no estábulo? / Agnes – Eu O odeio pelo que fez comigo, pelo que me fez passar... [BAVARESCO, 1969]*

As taxas de clV em orações com sujeitos pré-verbais encontradas (25%, 28%, 44%, 38%, 28%, 61%, 56%, 67%, 100%, 100%, 97%, 97% e 100%, cf. *Tabela 2.2*) são retomadas e projetadas no gráfico da *Figura 2.7*, a seguir.

(i)

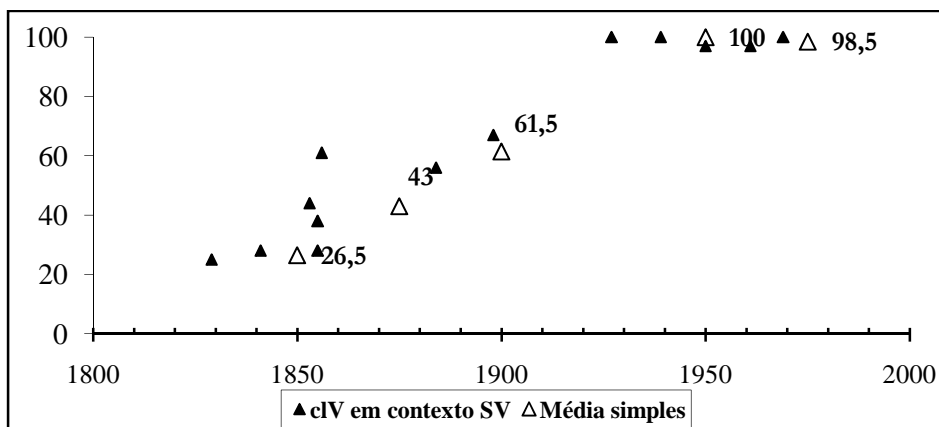
- a. *E isto ME aborrece seriamente. [NUNES, 1855]*
- b. *Isso O faria feliz? [NUNES, 1855]*
- c. *É que sonhei um monte de coisas... foi terrível, sonhei não, aquilo ME deu a impressão de um trator passando sobre a minha cabeça. [ROSA, 1950]*
- d. *Isso A incomoda? [BAVARESCO, 1969]*
- e. *Ela voltou a comer e isso ME parece o mais importante na ocasião. [BAVARESCO, 1969]*
- f. *Mas isso A torna duplamente responsável, não é? [BAVARESCO, 1969]*

(ii)

- a. *Lá isso é verdade; V. Ex.^a maçou-ME de veras! [COUTINHO, 1841]]*
- b. *V. Ex.^a despertou-ME recordações mui saudosas. [CARVALHO, 1829]*

(iii) *Raimundo - Isso é amor. / João André - Tal LHE disse eu: mas ela riu-se e... daí a dias vendíamos fruta juntos! Aquilo era um bom barco. [CARVALHO, 1829]*

FIGURA 2.7 Próclise em SV na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



Note-se um significativo aumento no uso da próclise nos textos no curso dos séculos 19 e 20. No texto do primeiro autor representativo do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho*, nascido em 1829, a taxa de próclise é de 25% enquanto nos textos dos dois últimos autores representantes do século 20, *Antônio Cunha* e *Sulanger Bavaresco*, nascidos em 1961 e 1969, respectivamente, a taxa de próclise chega a 97%. As médias das taxas de próclise, marcadas no gráfico em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, registram também o aumento na proporção da próclise nesse contexto. É a partir do texto de *Ody Fraga*, o primeiro autor representante do século 20 nascido em 1927, que a próclise se estabelece como o padrão de colocação dos clíticos nos textos escritos por brasileiros.

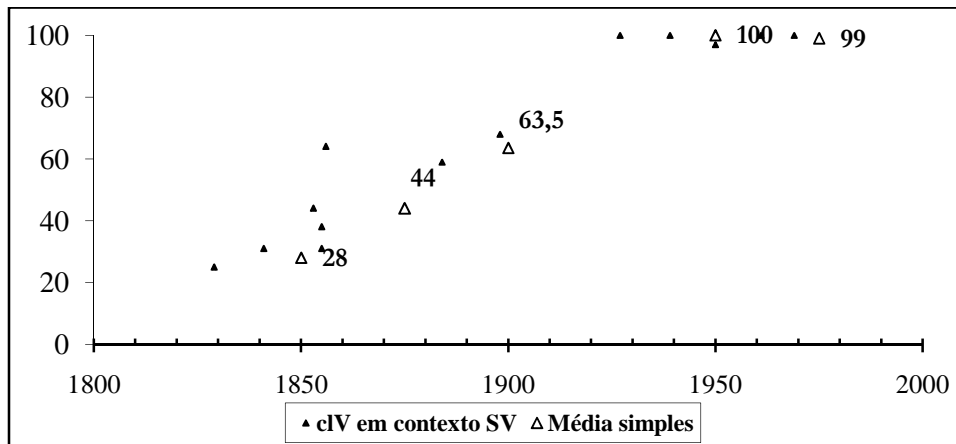
A proporção de cIV apresentada, como já dito, se refere a sujeitos DPs simples, sujeitos pronominais pessoais e sujeitos DPs complexos. Na *Tabela 2.6*, a seguir, apresento as taxas de ScIV considerando os diferentes tipos de sujeitos.

TABELA 2.6 *ScIV* em contextos (X)XV na escrita catarinense

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>Sujeito Pronominal</i>	<i>Sujeito DP</i>	<i>Sujeito Complexo</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	20/31 – 65%	5/69 – 7%	2/6 – 33%	27/106 – 25%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	9/15 – 60%	1/17 – 6%	0/4 – 0%	10/36 – 28%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	7/8 – 88%	1/10 – 10%	0	8/18 – 44%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/5 – 60%	0/3 – 0%	0	3/8 – 38%
Horácio Nunes (1855- 1919)	13/21 – 62%	7/44 – 16%	0/7 – 0%	20/72 – 28%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	8/8 – 100%	6/13 – 46%	0/2 – 0%	14/23 – 61%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	13/14 – 93%	9/23 – 39%	0/2 – 0%	22/39 – 56%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	16/16 – 100%	9/21 – 43%	1/2 – 50%	26/39 – 67%
Ody Fraga (1927-1987)	1/1 – 100%	3/3 – 100%	0	4/4 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	6/6 – 100%	3/3 – 100%	0	9/9 – 100%
Ademir Rosa (1950-1997)	24/24 – 100%	8/9 – 89%	0	32/33 – 97%
Antônio Cunha (1961-)	18/18 – 100%	13/13 – 100%	3/4 – 75%	34/35 – 97%
Sulanger Bavaresco (1969-)	25/25 – 100%	6/6 – 100%	0	31/31 – 100%
TOTAL	163/192 – 85%	71/274 – 30%	6/27 – 22%	240/453 – 53%

Observe-se que as taxas de *cIV* em orações com sujeitos DPs complexos são inferiores àquelas atestadas nas orações com demais tipos de sujeitos. Há de se considerar que são poucos os dados com sujeitos DPs complexos na amostra e que não há muito a dizer sobre a aparente disparidade nos resultados. As 27 ocorrências com DPs complexos foram, então, retiradas da amostra e uma nova rodada foi realizada. As taxas de *cIV* relacionadas ao total de 426 ocorrências de orações com sujeitos DPs simples e com sujeitos pronominais pessoais, por autor, são de 25%, 31%, 44%, 38%, 31%, 64%, 59%, 68%, 100%, 100%, 97%, 100% e 100% e estão projetadas, assim como e as médias simples marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, nos gráficos na *Figura 2.8*, a seguir.

FIGURA 2.8 *ScIV*, sendo S um DP simples ou um pronome pessoal, na escrita catarinense



Observe-se que há um aumento na proporção de cIV em orações com sujeitos DPs e pronominais pessoais nos textos e que a ordem cIV é o padrão em todos os textos de catarinenses nascidos no século 20. Apenas no texto *Os Lobos* de *Ademir Rosa*, nascido em 1950, encontro uma ocorrência de ênclise em uma oração com sujeito DP simples. É importante salientar que se trata de uma longa fala e com o dativo *lhe*. O contexto está transcrito em (67), a seguir.

(67) 2 - Absolutamente, o suicídio é pra gente jovem, eu, por exemplo. ME acho perfeitamente em idade de me suicidar... agora você não, já pensou... ninguém dará a mínima pra você... os jornais, as rádios, ninguém noticiará, portanto ninguém ficará sabendo de nada sobre o ocorrido. (*Entusiasmando-se*) No máximo sua família lamentará a pouca aposentadoria e mandará rezar a missa de sétimo dia (*ênfatiza*), na véspera, como geralmente acontece, que é pra ir esquecendo logo sua figura. O contrário ocorrerá se for um jovem. Aí sim, todo mundo comentará... haverá festa, rolará cerveja e, em conformidade com a mídia, até uma viagem promoverão dando ao vencedor o direito de escolha para qualquer capital. (...) Tudo isto patrocinado por um grande traficante, que certamente, de fachada, possui lojas de discos, vende carros e comercializa roupas para senhoras. Na última primavera a câmara de vereadores agradeceu-LHE com o título de cidadão hononário, pelos grandes serviços prestados à cidade. (...) [ROSA, 1950]

Os gráficos na *Figura 2.8* sugerem que, de um lado, em textos do século 20 a próclise é o padrão (se não a única opção) de colocação dos clíticos em contextos SV. De outro lado, em textos da primeira metade do século 19, a ênclise parece ser o padrão de colocação. Outro resultado que deve ser mencionado é o considerável aumento nas taxas de próclise no curso dos séculos: de 23% num texto escrito por um brasileiro nascido em 1829 para 100% em textos escritos por brasileiros nascidos a partir de 1927. De um modo geral, os padrões encontrados nos textos de catarinenses nascidos no século 20 refletem propriedades da gramática do PB: a próclise parece ser já o (único) padrão disponível de colocação de clíticos em orações com sujeitos pré-verbais, diferentemente do que se observa na escrita de brasileiros nascidos no século 19. Os padrões de variação refletidos nos textos escritos por brasileiros nascidos no século 19 são complexos, tendo em vista que apresentam o padrão enclítico da gramática do PE, mas apresentam, também próclise em contextos SV. Uma questão interessante que se abre é a seguinte: se as construções SclV são o padrão na gramática inovadora do PB e também o padrão na gramática do PC, as próclises em orações com sujeitos pré-verbais na escrita catarinense do século 19 são instanciadas por que (ou quais) gramática(s)? Refinemos a análise observando a natureza do sujeito pré-verbal em contextos SV.

Voltando aos resultados sistematizados na *Tabela 2.6*, observe-se, ainda, que, quando considerada a natureza do sujeito pré-verbal, se DP ou pronominal, a evolução da ordem clV não se dá numa mesma proporção nos textos catarinenses. Considero, na análise que segue, a proporção de clV em contextos SV apenas em orações com sujeitos DPs e pronominais pessoais. Os gráficos nas *Figuras 2.9* e *2.10*, a seguir, projetam, com base no ano de nascimento dos autores, o total de ocorrências com sujeitos DPs e com sujeitos pronominais encontradas nos textos (cf. *Tabela 2.6*, acima).

FIGURA 2.9 *ScIV* com sujeitos *DPs simples* na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

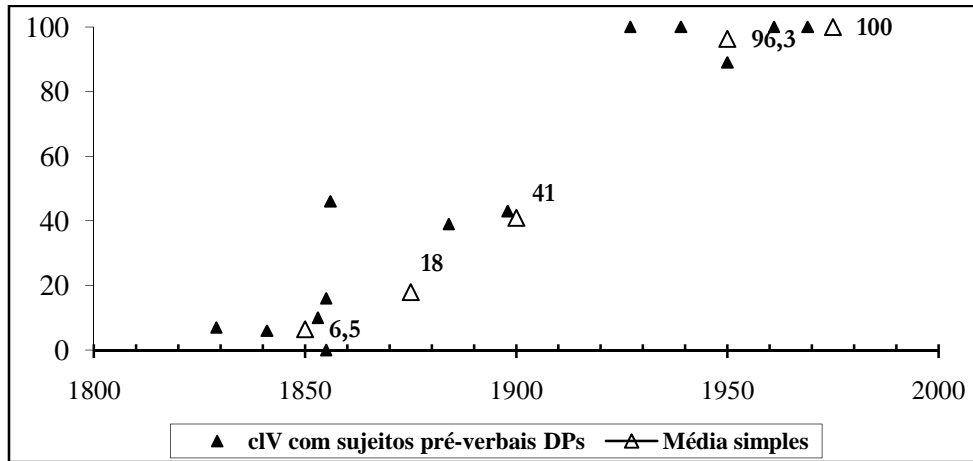
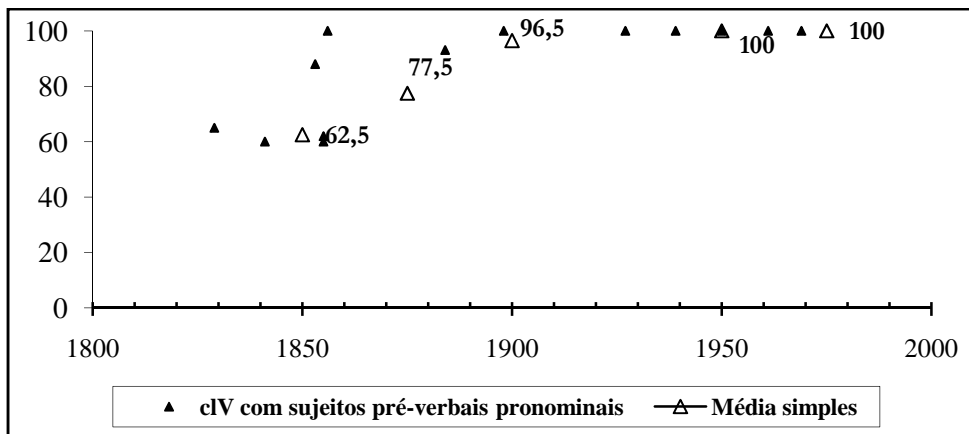


FIGURA 2.10 *ScIV* com sujeitos pronominais pessoais na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



A proporção da ordem *cIV* em orações com sujeitos DPs se contrasta àquela encontrada em orações com sujeitos pronominais. Em textos de autores nascidos no século 19, entre 1829 e 1898, em orações com sujeitos pronominais encontramos já uma elevada frequência de *cIV* (65%, 60%, 88%, 60%, 62%, 100%, 93% e 100%, cf. *Tabela 6*, acima) se comparada à ocorrência de *cIV* em orações com sujeitos DPs (7%, 6%, 10%, 0%, 16%, 46%, 39% e 43%). As diferentes proporções de *cIV* refletidas nos textos parecem evidenciar que (1) ou a

mudança que envolveu a colocação dos pronomes clíticos em construções com sujeitos pré-verbais na gramática do PB está correlacionada à natureza do sujeito (DP e pronominal) da estrutura oracional ou (2) alguma especificidade nas construções com sujeitos pronominais favorece a próclise. Voltarei a uma e outra hipótese no texto que segue.

Nos gráficos projetados nas *Figuras 2.9 e 2.10*, enquanto em orações com sujeitos DPs as médias de cIV, marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, são, respectivamente, de 6,5%, 18%, 41, 96,3% e 100%, em orações com sujeitos pronominais são de 62,5%, 77,5%, 96,5%, 100% e 100%. Os resultados evidenciam que, sobretudo em textos escritos por brasileiros nascidos na primeira metade do século 19, em 1829 e 1841 (i.e., no início do século 19), a média da frequência de uso de cIV em orações com sujeitos DPs é bastante inferior àquela em orações com sujeitos pronominais, no curso dos séculos.

O contraste apresentado desenha diferentes percursos. Observem-se os textos escritos pelos quatro primeiros autores representantes do século 19. De um lado, atesta-se uma baixa frequência de cIV com sujeitos DPs, com 7% no texto de *Álvaro Augusto de Carvalho*, nascido em 1829, 6% nos textos de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1841, 10% no texto de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853, e nenhuma ocorrência nos textos de *Antero dos Reis Dutra* e de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1855. Há, de outro lado, elevadas taxas de cIV em orações com sujeitos pronominais nos textos escritos por esses mesmos autores: 65%, 60%, 88% e 60%, respectivamente.

Os dados da amostra em (68) e (69), a seguir, dão rosto aos números.

(68) Orações com sujeitos DPs pré-verbais

- a. Senhor Mordomo: Desculpe a indiscrição... O senhor ME diga uma cousa: Afinal de contas, que festança é essa a realizar-se hoje aqui e que está movimentando tudo, como si os patrões estivessem esperando a visita de qualquer monarca?! [JUVENAL, 1884]

- b. *Dolores (Muito comovida) – Ao... senhor... / Augusto (Tomando-lhe as mãos com ardor) – A mim!... Oh! Repita essa palavra, Dolores!... / Dolores – O senhor ama-ME também?... [NUNES, 1855]*
- c. *Dolores – Tomou as minhas mãos entre as suas e apertou-as, apesar da minha resistência. No momento em que meu pai apareceu, acabava ele de enlaçar-me pela cintura. É esta a verdade, meu irmão. Pode acreditar ou não. A minha consciência está tranqüila... / Doutor (Hesitando) e E... a Sra. ama-O? [NUNES, 1855]*

(69) Orações com sujeitos pronominais pessoais pré-verbais

- a. *Raimundo – Ela ama-ME ... ama-me! [CARVALHO, 1829]*
- b. *Matilde – Porém... diga... Qual é o expediente que escolheste! / Eugênia – Ei-lo; confessa-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos dele... Que o não amas e que amas a outro... Ele ama-TE e tem um grande coração. Sofrerá, mas saberá calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para ele. Bem o vê... Não pode ser mais simples, nem mais fácil... Quanto ao resultado, creio que posso assegurar-to... [COUTINHO, 1841]*
- c. *Oh! Pérfidos! Tudo compreendo agora! Eles SE amavam! Foi um ajuste entre ambos... Uma negra traição que me urdiram!... [COUTINHO, 1841]*
- d. *Pai – Falou com o Ernesto? Ele vem quando? / Mãe – Falei com o sargento e ele ME disse que ficará detido por duas semanas. [ROSA, 1950]*
- e. *Martha – Ama o padre Martineau? / Agnes – Amo, sim. / Martha – Acha que ele ama você? / Agnes – Tenho certeza. / Martha – Ele LHE disse isso? [BAVARESCO, 1969]*

Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005), ao apresentar uma análise comparativa dos padrões de colocação dos clíticos em PE e em PB com base na versão original do romance “O Alquimista” do brasileiro Paulo Coelho e numa tradução portuguesa, referem que a próclise em orações com sujeitos não-focalizados, PPs e advérbios não-modais pré-verbais na versão brasileira pode refletir o padrão (proclítico em todos os contextos) da gramática do PB, mas pode também refletir o padrão (proclítico nesses contextos) da gramática do PC.

Os resultados apresentados em relação à natureza dos sujeitos pré-verbais não-focalizados podem fornecer alguns elementos para essa discussão. Os

gráficos das figuras 8 e 9 mostram que a evolução da próclise em orações com sujeitos DPs e com sujeitos pronominais pré-verbais em textos escritos por brasileiros nascidos no curso do século 19 é bastante distinta. Levantei acima duas hipóteses em torno dessa evolução: ou a mudança que envolveu a colocação dos pronomes clíticos em construções com sujeitos pré-verbais na gramática do PB está correlacionada à natureza do sujeito (DP e pronominal) da estrutura oracional (a hipótese (1)), ou alguma especificidade nas construções com sujeitos pronominais favorece a próclise (a hipótese (2)). Observemos com mais vagar cada uma das hipóteses.

Antes de mais, é importante esclarecer que, em companhia com Torres Moraes (1993), Galves (2001), Paixão de Sousa (2004) e GBPS (2005), Galves (2007), entre outros, assumo que a mudança hoje atestada na gramática do PB não seria fruto de uma mudança ocorrida na variedade brasileira em relação à gramática do PE, mas sim que ambas as gramáticas teriam origem numa mesma base comum, o sistema médio, ou a gramática do português clássico (PC).

Em relação à hipótese aventada em (1), acima, as taxas de evolução da próclise em orações com sujeitos DPs e pronominais nos textos podem estar relacionadas ao processo de mudança que envolveu a colocação dos pronomes clíticos (em construções com sujeitos pré-verbais) no advento da gramática do PB. Desse modo, a derivação da ordem cIV está correlacionada à natureza do sujeito da estrutura oracional; ou seja, diferentemente das construções com sujeitos DPs, há alguma especificidade na construção com sujeito pronominal que favorece a derivação de próclise. Essa especificidade das construções com sujeitos pronominais não está associada à gramática do PB, em específico, porque, me parece, a proporção da próclise nessas construções sempre é mais elevada na história do português (cf., por exemplo, os resultados apresentados por Pagotto (1992) que retomarei mais adiante).

Em relação à hipótese em (2), a proporção de próclise em orações com diferentes sujeitos pré-verbais, DP e pronominais pessoais, pode fornecer pistas

acerca da natureza da próclise nesses contextos, ou, mais especificamente, pode ajudar a diagnosticar nos textos padrões instanciados por diferentes gramáticas do português. Por outros termos, as taxas de clV podem refletir propriedades da gramática do PB (em que a próclise passa a ser o padrão neste e outros contextos), propriedades da gramática do PE (por influência da norma escrita) ou, ainda, propriedades de uma gramática anterior que originou ambas, o PC. Volto a essa diferença na proporção de clV em construções com diferentes sujeitos pré-verbais no capítulo 3, quando defenderei que as próclises em contextos DPclV nos textos catarinenses de autores nascidos no século 19 são instanciadas pela gramática conservadora do PC e não pela gramática inovadora do PB.

A variação clV/Vcl atestada nos textos do século 19 nesses contextos abre uma questão: o que justifica a diferença nas taxas de clV em orações com sujeitos DPs e com sujeitos pronominais nos textos? Observe-se que a próclise em orações com sujeitos pronominais pessoais é já o padrão no século 19.

Assumindo uma análise como a de Galves e outros, uma hipótese seria dizer que, neste período, os sujeitos pronominais são mais frequentemente analisados como internos à oração (desencadeando próclise) do que os sujeitos DPs, que seriam mais facilmente deslocados (desencadeando ênclise). Posteriormente, enfraquecendo-se a restrição ao clítico inicial e passando V a ser o hospedeiro do clítico, essa distinção deixaria de existir.

Com fins de comparação, observemos no que segue os padrões de ordenação de clíticos nestes contextos nas peças de teatro lisboetas dos séculos 19 e 20.

Nos textos escritos por lisboetas nascidos entre 1825 e 1948, encontrei 214 orações finitas com verbo simples com sujeitos pré-verbais DPs e pronominais. As taxas de evolução da próclise nos textos, com base no ano de nascimento dos autores, estão dispostas na *Tabela 2.7* que segue.

TABELA 2.7 Próclise em contextos SV na escrita lisboeta dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>Sujeito DP</i>	<i>Sujeito Pronominal</i>	<i>TOTAL</i>
Camilo Castelo Branco (1825-1890)	0/7 – 0%	1/3 – 33%	1/10 – 10%
Augusto César Correia de Lacerda (1825-1903)	0/6 – 0%	3/5 – 60%	3/11 – 27%
Júlio César Machado (1835-1890)	0/1 – 0%	0/2 – 0%	0/3 – 0%
Eduardo Garrido (1842-1912)	0/3 – 0%	1/2 – 50%	1/5 – 20%
Manoel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895)	0/5 – 0%	2/10 – 20%	2/15 – 13%
João Batista de Matos Moreira (1845-1899)	0/5 – 0%	1/3 – 33%	1/8 – 12%
Gervásio Jorge Gonçalves Lobato (1850-1895)	0/14 – 0%	1/9 – 11%	1/23 – 4%
Carlos de Moura Cabral (1852-1922)	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/6 – 0%
D. João Gonçalves Zarco da Câmara (1852-1908)	0/7 – 0%	0	0/7 – 0%
Vitório Chagas Roquete (1875-1940)	0/1 – 0%	0	0/1 – 0%
André Francisco Brun (1881-1926)	0/5 – 0%	0/7 – 0%	0/12 – 0%
Vasco Mendonça Alves (1883-1962)	0/3 – 0%	2/4 – 50%	2/7 – 28%
Amílcar da Silva Ramada Curto (1886-1961)	0/3 – 0%	0	0/3 – 0%
Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga (1888-1940)	0/2 – 0%	0/1 – 0%	0/3 – 0%
António Cardoso Ponce de Leão (1891-1918)	0/9 – 0%	0	0/9 – 0%
Manuel Gustavo de Abreu e Sousa (1893-1980)	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/2 – 0%
Alice Ogando (1900-1981)	0/4 – 0%	0/2 – 0%	0/6 – 0%
Manuel Frederico Pressler (1907-)	0/13 – 0%	2/4 – 50%	2/17 – 11%
Luiz Francisco Rebello (1924-)	0/16 – 0%	0/15 – 0%	0/31 – 0%
Jaime Salazar Sampaio (1925-)	0/8 – 0%	0/6 – 0%	0/14 – 0%
Jorge Silva Melo (1948-)	0/7 – 0%	0/13 – 0%	0/20 – 0%
TOTAL	0/123 – 0%	13/90 – 14%	13/213 – 6%

Observe-se que, dentre as 123 orações finitas com verbos simples com sujeitos DPs nos textos escritos por portugueses, a ênclise é a única possibilidade de colocação atestada em textos de portugueses nascidos nos séculos 19 e 20. Diferentemente, nas orações com sujeitos pronominais atestam-se algumas ocorrências de próclise. Especificamente, nos textos escritos por portugueses nascidos na primeira metade do século 19, encontrei uma ocorrência de clV no texto de *Camilo Castelo Branco*, nascido em 1825; três ocorrências no texto de *Augusto César Correia de Lacerda*, nascido em 1825; uma ocorrência no texto de *Eduardo Garrido*, nascido em 1842; duas ocorrências no texto de *Manoel Joaquim Pinheiro Chagas*, nascido em 1842; uma ocorrência no texto de *João Batista de Matos Moreira*, nascido em 1845; e uma ocorrência no texto de *Gervásio Jorge Gonçalves Lobato*, nascido em 1850. Os dados relevantes estão listados em (70), a seguir.

(70)

- a. *Eduardo Severino* – é a morte que a deixa adormecer no seu regaço. (Ergue-se) Que te disse ela ontem? Conta-me tudo, filha... Não enganes teu pai... Porque ficou ela sozinha contigo? Porque saíste a chorar do quarto? (Luísa chora) Aí está o que é atormentar-me./*Luísa* – Eu LHO direi quando... [BRANCO, 1825]
- b. *Major* – Sr. Dona Sofia; essa senhora... isto é – essa mulher... ou por outra - essa mulherzinha que lhe disse tanta coisa é uma refinadíssima... intrigante, já que diante da senhora não lhe posso chamar outra coisa. Tudo isso é uma... patifaria! Desculpe o termo; não acho outro. / *Sofia (admirada)* – O quê? Pois é falso... / *Major* – Falsíssimo, desgraçadamente! Eu LHE leio os apontamentos que coligi; depois acredite lá em que quiser! [LACERDA, 1825]
- c. *Sofia* – Mas zelos... de quê? De quem?/ *Barão* – Ora... deste eterno major, que é a paródia viva da sombra de V Ex.^a! *Sofia* – Do major!... (rindo) Ah!... Ah!... Pobre major!/ *Barão* – Enfim, minha senhora; as câmaras estão a fechar-se, a sua demanda vai decidir-se... Eu ME encarrego de falar a todo o mundo, agora que vou ter o tempo livre dos compromissos do parlamento. [LACERDA, 1825]
- d. *Barão (rindo)* – Bravo! Isso honra muito a memória do seu defunto!/ *Sofia (rindo também)* – e honra mesmo: quer dizer que não era homem de excepções; não quis nunca desacreditar o seu sexo./ *Barão* – Pois eu O desacreditarei, se V. Ex.^a quiser. [LACERDA, 1825]
- e. *Bernardo* – Abençoada mala-posta que num rufo me livraste dessa fera!/ *Macário* – Incomparável progresso, eu TE saúdo! [GARRIDO, 1842]
- f. *Henrique* – Ânimo, Eleutério! É a ventura que o espera! / *Eleutério* – Mas isso de declarações como é? / *Henrique* – Eu LHE digo: “Há duas espécies de declarações, a declaração por insinuação quando se marcha em terreno desconhecido, e a declaração *ex-abrupto* quando se está certo da vitória! [CHAGAS, 1842]
- g. *Elvira* – Mentira! E o retrato era também mentira? Não o tive eu nas mãos? / *Henrique* – O retrato... (*neste momento entra Fulgêncio, trazendo dois floretes debaixo do braço.*) / *Fulgêncio* – Vamos a isto, vamos a isto, que já me ferve o sangue. Eu LHE direi quem é o rapaz. [CHAGAS, 1842]
- h. *José* – Não se aflija, menina Emília, tenha esperança. Ora diga-me porque não há-de o senhor Ernesto entrar também no concurso?/ *Emília* – Mas se não conhece o meu tio.../ *José* – Isso não quer dizer nada. Olhe, escreva-lhe, dizendo-lhe que a venha pedir em casamento, mas que seja o primeiro, bem sabe quanto o sei tio embirra com o número um! Eu O farei entrar em ocasião oportuna. Entretanto irei palpitando o patrão a ver se descubro o modo de o vencer, por outra, quais as habilitações que exige para lavar o despacho. [MOREIRA, 1845]

- i. *Baltasar* – Hein! Ela convidou-o? / *Goguinho* – Sim, senhor, e eu aceitei. / *Baltasar* (à parte)
– Pateta! Eu LHE direi! Esta mania de dar *bodo* a toda a gente! [*LOBATO, 1850*]

Com exceção dos textos de *Vasco Mendonça Alves*, nascido ainda no século 19, em 1883, e de *Manuel Frederico Pressler*, nascido em 1907, em que encontrei, respectivamente, ainda, duas e três ocorrências de próclise, em todos os demais textos a ênclise é categórica. Listo os dados dos textos de *Alves* e *Pressler* em (71).

(71)

- a. *José* – Vês? Gato escaldado... / *Maria* – Nenhum me escaldou, está enganado! Poe esta! (Beija uma cruz que faz com os dedos indicadores) Eu ME torne agora mesmo bexigosa e vesga se algum me buliu! [*ALVES, 1883*]
- b. *Maria* – Qual justiça? Esteja calado! Seriadamente: vocemecê pensa que o homem tinha poderes para me tirar o inocente? / *José* (senta-se na pedra) – Está claro que tinha. Pois se era o pai... Tudo depende do interior da pessoa. Se o caso fosse comigo e viessem acusar-me de desprezar um filho, não sabendo eu que esse filho existia... Um homem não é santo, pode não ter conhecimento... Eu TE digo: haviam de me entregar o miúdo. [*ALVES, 1883*]
- c. *José* – Bom dia, Tomaz. Bom dia, Filipe. Sr. Sequeira... (*apertos de mão a todos*) Ora aqui me têm disposto a começar uma vida de trabalho e a dignificar-me. Já que trabalho dignifica o homem. / *Tomaz* – E muito satisfeito, segundo parece. / *José* – Eu TE digo, meu rapaz: o que tem de ser, tem de ser mesmo. Por isso, cara alegre e boa disposição que com tristezas ninguém se governa. [*PRESSLER, 1907*]
- d. *Luísa* – (*Imperativa*) Ninguém sai dos lugares em que está! (*José e Tomaz estacam*) Admirável quadro! Parece que cheguei mesmo em boa altura! (*Um tempo*) É então assim que se trabalha neste escritório?! / *José* – Eu TE digo, filhinha... [*PRESSLER, 1907*]

Para sumarizar, atesta-se a próclise em orações com sujeitos pronominais em textos de portugueses nascidos no curso do século 19, sobretudo na primeira metade, e no texto de um autor nascido no início do século 20. Em orações com sujeitos DPs, a próclise não foi encontrada.

Pois bem, tendo em vista os resultados, uma explicação para as próclises encontradas nos textos escritos por portugueses nascidos no curso do século 19 seria a de que há uma especificidade na sintaxe das orações com sujeitos pronominais que permitiria a derivação de cIV nos textos do século 19. Voltarei a essa questão no terceiro capítulo. Uma segunda explicação seria a de que a variação encontrada nos textos do século 19 é o reflexo da competição de padrões gerados pela gramática do PE e resquícios de padrões gerados pela gramática do PC.

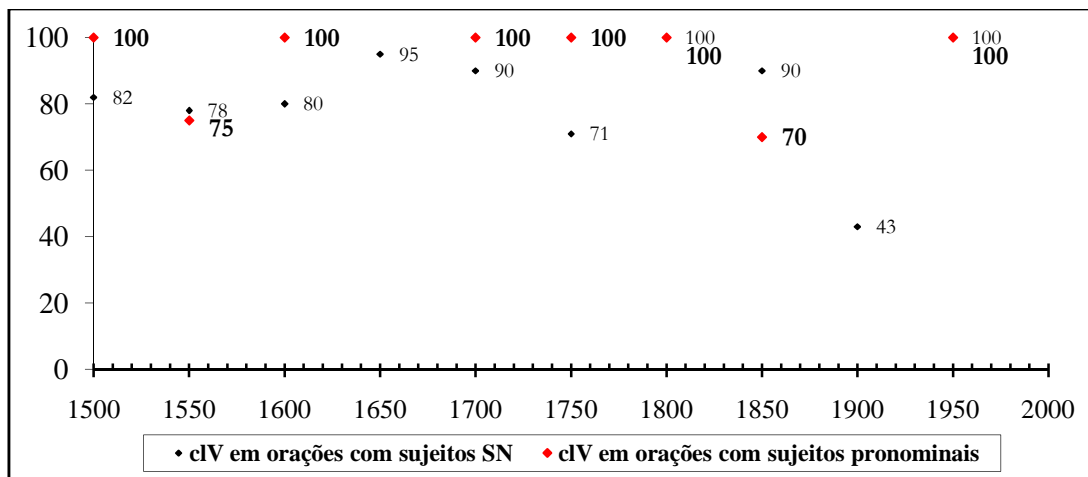
É importante considerar que, tendo em vista a análise de dados disponíveis em materiais históricos guiada pelo modelo de mudança sintática via competição de gramáticas, conforme proposto por Kroch e colaboradores (cf. seção 1.1.2 no capítulo 1), o processo de mudança é gradual; ou seja, as formas conservadoras não desaparecem imediatamente no eixo temporal, mas são substituídas, gradativamente, por formas inovadoras. Na evolução aqui delineada das freqüências de uso da próclise em orações com sujeitos pronominais e com sujeitos DPs, diferentes padrões gerados por diferentes gramáticas parecem conviver, portanto, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20.

Numa perspectiva diacrônica, os resultados apresentados contemplam apenas a evolução de cIV em textos de catarinenses e de lisboetas, nascidos no curso dos séculos 19 e 20. Para observar a evolução na taxa de cIV em contextos SV na história do português (do Brasil, especificamente) – ou em termos mais técnicos, a *Hipótese da Taxa Constante*, como proposto por Kroch (1989), retomo alguns estudos também diacrônicos, a fim de diagnosticar o processo de mudança que os resultados sugerem.

A análise de Pagotto (1992) mostra a evolução da próclise em contextos SV em textos escritos no curso dos séculos 16 ao 20, considerando a natureza dos sujeitos pré-verbais. Em dois momentos para cada século, Pagotto apresenta as seguintes taxas de evolução de cIV em orações com sujeitos pré-verbais SN: 82% e 78% em textos do século 16, 80% e 95% em textos do século 17, 10% e 71% em

textos do século 18, 100% e 90% em textos do século 19, 43% e 100% em textos do século 20, em orações com sujeitos DPs; e, respectivamente para os mesmos séculos, as seguintes taxas de cIV em orações com sujeitos pronominais: 100% e 75%, 100% e 100%, 100% e 100%, 100% e 70%, 0% e 100% em orações com sujeitos pronominais. Como já dito, Pagotto tem como base uma amostra de 436 orações com verbo simples extraída de um corpus de natureza vária. Os resultados obtidos por Pagotto estão projetados nos gráficos da *Figura 2.11*, a seguir.

FIGURA 2.11 Próclise em orações com sujeito *pré-verbal*, por ano de publicação, em textos escritos entre os séculos 16 e 20 (PAGOTTO, 1992, p. 74)



Observamos, nas taxas apresentadas no estudo de Pagotto, de um lado, que a próclise em orações com sujeitos pronominais é a opção (quase) categórica no curso dos séculos, com exceção da segunda metade dos séculos 16 e 19 (com 75% e 70%, respectivamente) e da primeira metade do século 20 (com ausência de próclise neste contexto). Penso que os 30% de ênclise na segunda metade do século 19 e a ausência na primeira metade do século 20 estão correlacionados à gramática do PE, por se tratar de textos escritos por portugueses ou por brasileiros cultos influenciados pela norma portuguesa, tendo em vista que a autoria dos

textos não é identificada por Pagotto. De outro lado, observamos que a frequência de próclise em orações com sujeitos DPs, embora também seja alta no curso dos séculos, apresenta taxas inferiores àquelas encontradas nas orações com sujeitos pronominais. Em seu estudo, Pagotto relaciona a evolução na colocação dos clíticos à perda do movimento do verbo e do movimento longo do clítico na gramática do PB.

Para confrontar nossos resultados aos obtidos por Pagotto, apresento, por ano de publicação/apresentação dos textos⁷⁵, na *Tabela 2.8*, a seguir, a proporção de clV.

TABELA 2.8 Próclise em contextos SV, por ano de publicação/apresentação, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Peças de teatro catarinenses (ano de publicação/apresentação)</i>	<i>Sujeito DP</i>	<i>Sujeito Pronominal</i>	<i>TOTAL</i>
<i>A casa para alugar (1867)</i>	1/7 – 14%	2/2 – 100%	3/9 – 33%
<i>Quem desdenha quer compra... (1868)</i>	0/10 – 0%	7/13 – 54%	7/23 – 30%
<i>Raimundo (1968)</i>	5/69 – 7%	21/31 – 65%	25/100 – 25%
<i>Os ciúmes do capitão (1880)</i>	1/10 – 10%	7/8 – 88%	8/18 – 44%
<i>Um cacho de mortes (1881)</i>	1/2 – 50%	0	1/2 – 50%
<i>Dolores (1889)</i>	0/20 – 0%	5/9 – 56%	5/29 – 17%
<i>O Idiota (1890)</i>	2/6 – 33%	4/4 – 100%	6/10 – 60%
<i>Fatos Diversos (1892)</i>	4/16 – 25%	4/8 – 50%	8/24 – 33%
<i>Brinquedos de Cupido (1898)</i>	0/3 – 0%	3/5 – 60%	3/8 – 38%
<i>Hilda, a filha do supposto traidor (1918)</i>	2/3 – 33%	4/4 – 100%	6/10 – 60%
<i>Waltrudes, o nauta veneziano (1918)</i>	4/14 – 29%	4/5 – 80%	8/19 – 42%
<i>Ilha dos casos raros (1928)</i>	1/7 – 14%	2/2 – 100%	3/9 – 33%
<i>A filha do operário (1942)</i>	11/17 – 65%	19/19 – 100%	30/36 – 83%
<i>A morte de Damião (1954)</i>	3/3 – 100%	1/1 – 100%	4/4 – 100%
<i>O dia em que os Porcos Comerão Sal (1978)</i>	2/2 – 100%	4/4 – 100%	6/6 – 100%
<i>O dia do Javali (1983)</i>	3/3 – 100%	1/1 – 100%	4/4 – 100%
<i>A Estória (1990)</i>	5/5 – 100%	3/3 – 100%	8/8 – 100%
<i>Os Lobos (1992)</i>	0/1 – 0%	9/9 – 100%	9/10 – 90%
<i>Fragmentos (1991)</i>	0	5/5 – 100%	5/5 – 100%
<i>Flores de Inverno (1992)</i>	11/11 – 100%	10/10 – 100%	21/21 – 100%
<i>Agnus Dei (1994)</i>	6/6 – 100%	25/25 – 100%	31/31 – 100%
<i>O que a vida fez de mim, de nós (1996)</i>	1/1 – 100%	3/3 – 100%	4/4 – 100%
<i>As quatro estações (1998)</i>	2/2 – 100%	8/8 – 100%	10/10 – 100%
TOTAL	71/234 – 30%	163/192 – 85%	234/426 – 55%

⁷⁵ Importante lembrar que as informações acerca das edições das peças de teatro utilizadas estão listadas no Apêndice I.

Ainda numa perspectiva diacrônica, os gráficos nas *Figuras 2.12 e 2.13*, a seguir, apresentam a proporção de cIV ao longo do eixo temporal entre os séculos 16 e 20, por ano de publicação/apresentação, nas peças de teatro catarinenses e nos textos analisados por Pagotto.

FIGURA 2.12 Próclise em SV com sujeitos *DPs simples* em textos escritos dos séculos 16 a 20 (PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

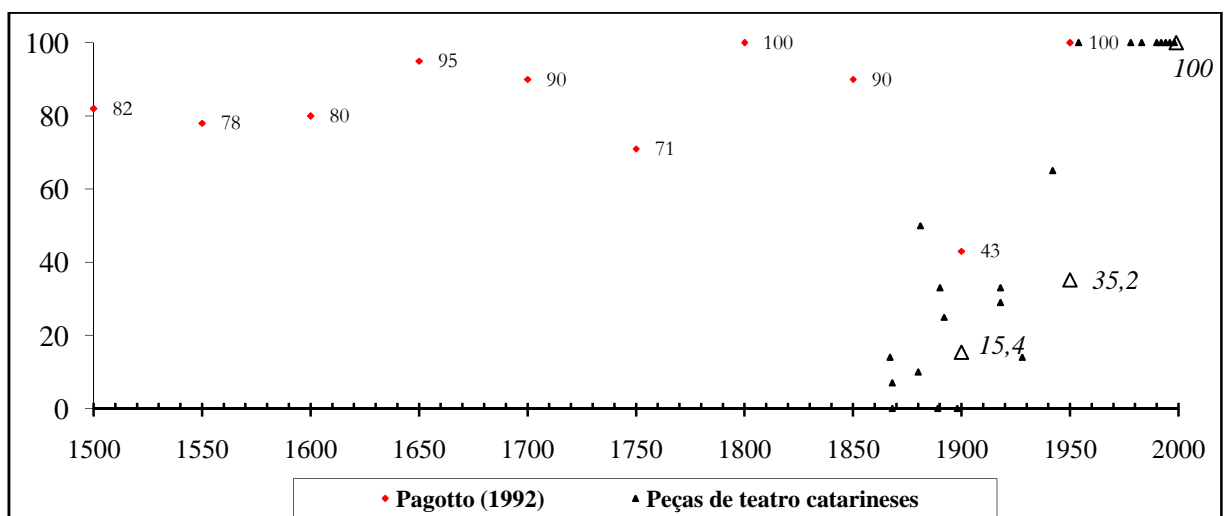
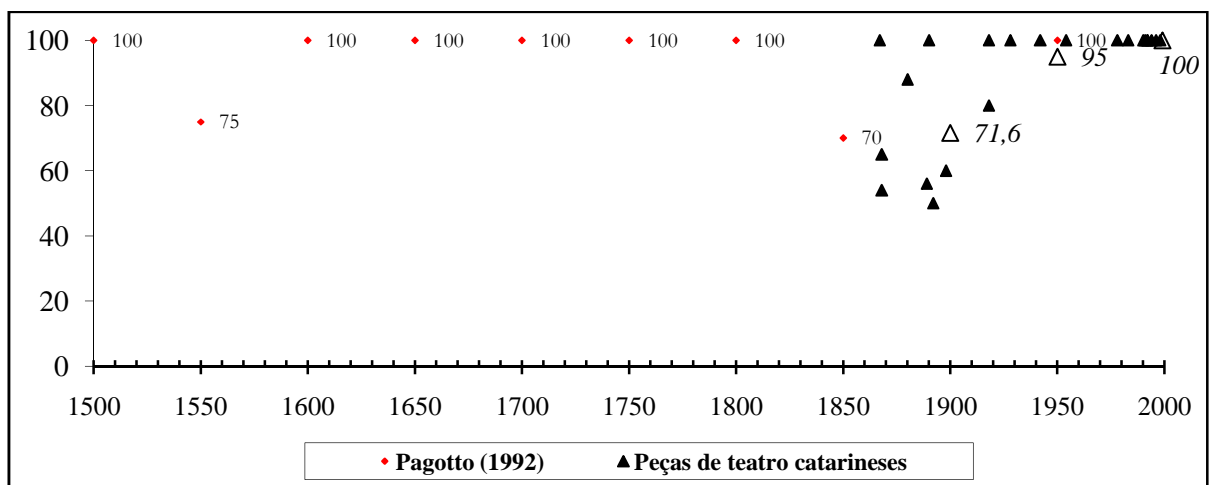


FIGURA 2.13 Próclise em SV com sujeitos pronominais pessoais em textos escritos dos séculos 16 a 20 (PAGOTTO, 1992) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

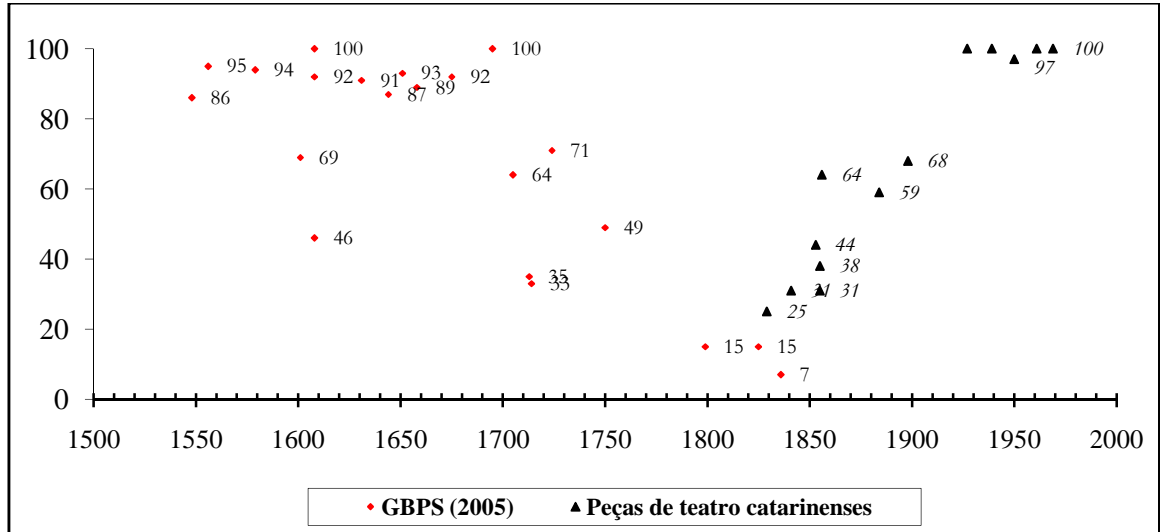


Observe-se a clara diferença na evolução da proporção de cIV em orações com sujeitos DPs e em orações com sujeitos pronominais pessoais no curso dos séculos em textos escritos. Sem dúvida, o século 19 mostra um cenário bastante complexo em ambos os contextos, com uma queda na proporção da próclise; entretanto as construções com sujeitos pronominais pessoais parecem menos sensíveis ao padrão enclítico. Ou, dito de outro modo, as construções com sujeitos DPs são mais sensíveis à ênclise, aparentemente instanciada nos textos catarinenses pela gramática do PE. É importante destacar, ainda, que os resultados fazem referência às datas de publicação/apresentação dos textos, e, sob essa perspectiva, os resultados parecem deslocar para o final da segunda metade do século 19 a queda na proporção de cIV nos textos.

Ainda em relação ao famigerado século 19, Carneiro (2005), com base em 141 orações com verbo simples e sujeitos pré-verbais extraídas de *Cartas Brasileiras* do século 19, encontra um percentual de 44% de próclise em contextos SV. Embora não apresente resultados relativos aos padrões de próclise e ênclise relacionados à natureza do sujeito pré-verbal no contexto SV, Carneiro diz que em estruturas com sujeito formado por nome próprio prevalece a ênclise.

Consideremos agora os resultados diacrônicos obtidos no estudo de GBPS (2005). Nos gráficos da *Figura 2.14*, que segue, confronto os padrões de colocação nos textos dramáticos escritos por catarinenses àqueles encontrados na análise diacrônica de GBPS com base no banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*.

FIGURA 2.14 Próclise em contextos SV em textos portugueses (GBPS, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



Importante se faz dizer que o interesse da projeção dos resultados nos gráficos acima é mapear a evolução da próclise na gramática do PB. Assim, as taxas apresentadas nos gráficos na *Figura 2.14* de SclV em texto de portugueses nascidos entre 1500 e 1850, espelhadas nos resultados de GBPS (2005, p. 44), são: 86%, 95%, 94%, 69%, 92%, 100%, 46%, 91%, 87%, 93%, 89%, 92%, 100%, 64%, 35%, 33%, 71%, 49%, 15%, 7%⁷⁶. Observe-se que a ordem clV em contextos SV é a opção mais recorrente em textos escritos por autores nascidos entre 1548 e 1705. Em *Cartas* escritas por *Antonio Vieira*, nascido em 1608, e em *Cartas* escritas por *Alexandre Gusmão*, nascido em 1695, a próclise é a única opção atestada no estudo de GPPS. Há uma queda na proporção de próclise de 100% para 64% observada entre o texto escrito pelo último autor representativo do século 17, *Alexandre Gusmão*, nascido em 1695, e o texto do primeiro autor representativo do século 18, *Matias Aires*, nascido em 1705. A queda na frequência de próclise é ainda mais acentuada entre o texto escrito pelo último

⁷⁶ As taxas marcadas no gráfico fazem referência ao ano de nascimento dos autores dos textos analisados pelas autoras. Ver nota 17 na seção 1.1.2, no capítulo 1 (em que listo os autores por elas analisados).

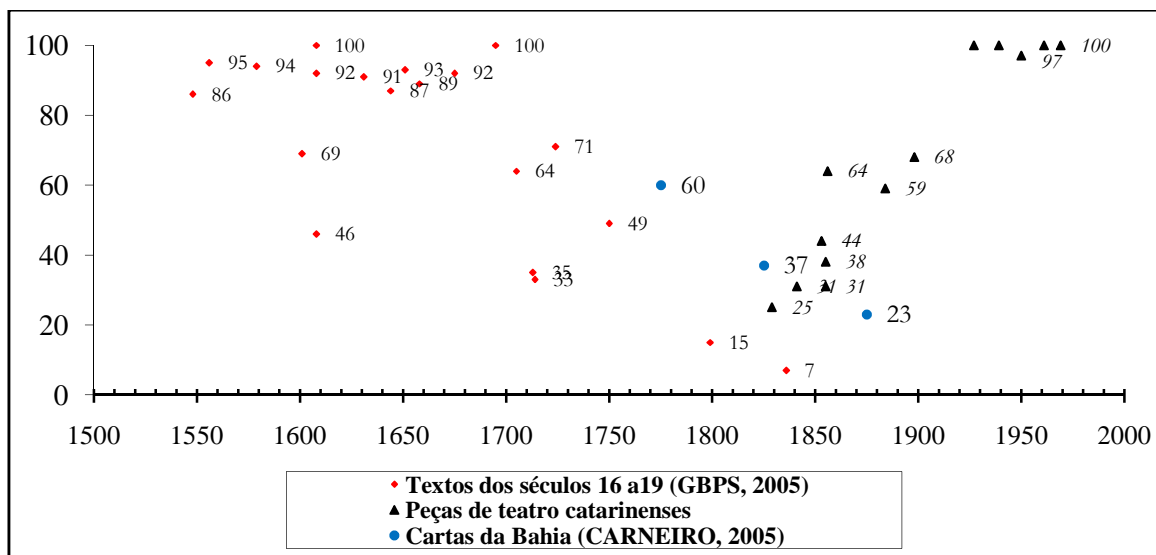
representante do século 18, *Almeida Garrett*, nascido em 1799, e o único representante do século 19, *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836, de, respectivamente, 15% para 7%.

Como já dito, as taxas de cIV nas peças de teatro escritas por brasileiros nascidos entre 1829 e 1969, apresentadas na *Figura 2.8* e retomadas na *Figura 2.14* acima, são de 25%, 31%, 44%, 38%, 31%, 64%, 59%, 68%, 100%, 100%, 97%, 100% e 100% ⁷⁷. Observe que, entre o último representante do século 19, *Nicolau Nagib Nahas*, nascido em 1989, e o primeiro representante do século 20, *Ody Fraga*, nascido em 1927, há um aumento significativo de 63% para 100% na proporção de cIV. Já em textos escritos por brasileiros nascidos no século 20, a ordem cIV é categórica, com exceção do texto de *Ademir Rosa*, nascido em 1950, com uma ocorrência de ênclise, como já discutido.

Projeto nos gráficos da *Figura 2.15*, que segue, a proporção das taxas de cIV em orações com sujeitos pré-verbais nas peças de teatro catarinenses dos séculos 19 e 20 e aquelas obtidos em GBPS (2005) e em Carneiro (2005) em *Cartas Brasileiras*.

⁷⁷ As taxas estão associadas ao ano de nascimento dos autores.

FIGURA 2.15 Próclise em contextos SV em textos português dos séculos 16 a 19 (GBPS, 2005), em cartas da Bahia do século 19 (CARNEIRO, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



É importante dizer que, nos resultados apresentados por Carneiro (2005), a proporção de cIV é de 60%, 37% e 23% e está marcada no gráfico da *Figura 2.15*, respectivamente, nas seguintes datas⁷⁸: 1775, 1825 e 1875. Carneiro observa que, embora as taxas obtidas em *Cartas Brasileiras* de autores nascidos no século 18 acompanhem a curvatura geral da colocação dos clíticos no português europeu, considerada a partir dos resultados de GBPS, a proporção de ênclise nas cartas aparece com percentuais inferiores àquela obtida na história do português.

Os resultados apresentados por Carneiro mostram que, em cartas da Bahia escritas por brasileiros nascidos até meados do século 18 (reunidos no ano de 1775), a proporção de cIV é bastante elevada (com o percentual de 60% de próclise em contextos SV). A autora interpreta esse resultado como reflexo da competição entre diferentes gramáticas do português. Considerando as taxas de cIV apresentadas em *Cartas Brasileiras*, é apenas em textos escritos por autores

⁷⁸ Tabela 3.16/gráfico 3.8 no texto da autora (CARNEIRO, 2005, pp. 179-180). Há divergência entre os valores da taxa associada ao ano de 1825 apresentados na tabela 3.16 e no gráfico 3.8 no texto de Carneiro. Considerei aqui a média dos dados brutos apresentados na tabela do texto da autora.

nascidos a partir do século 19 (reunidos no ano de 1825 e 1875, com os percentuais de 37% e 23%, respectivamente, de próclise em contextos SV) que se verifica a alternância entre padrões gerados pela gramática do PB e padrões da gramática do PE, qual seja entre as ordens clV e Vcl, respectivamente.

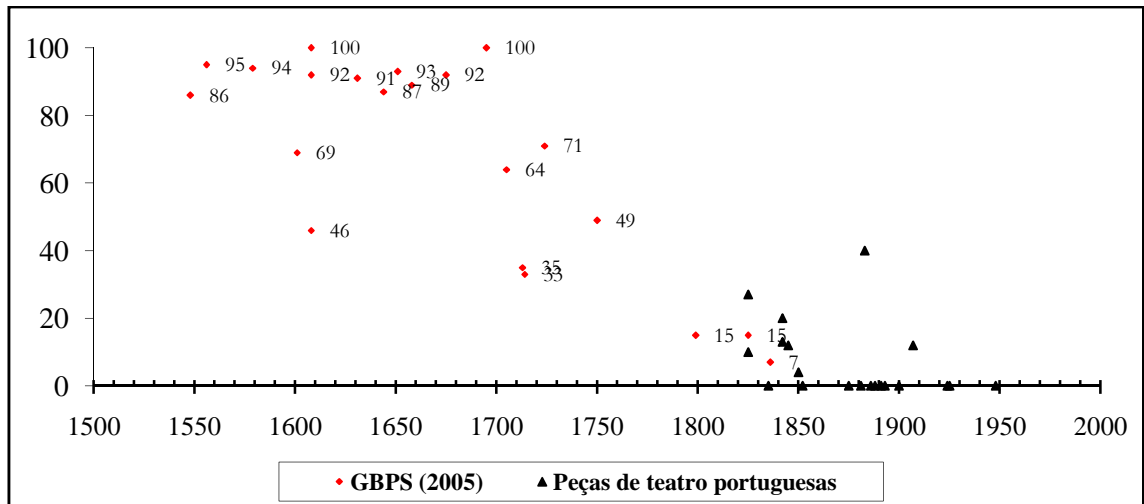
Retomando os gráficos da *figura 3.15*, acima, observamos que os padrões de colocação de clíticos em peças de teatro escritas por catarinenses nascidos, mais especificamente, no curso do século 19 refletem um quadro bastante complexo. De um lado, na proporção de clV encontrada em *Cartas Brasileiras* por Carneiro, há uma queda de clV, de 37% para 23%, que reflete, segundo a autora, a evolução (defasada) da curva apresentada pelo padrão de colocação em textos escritos por portugueses (ou da gramática do PE) segundo os resultados de GBPS. De outro lado, com exceção do texto de *Joaquim Antonio de S. Thiago*, nascido em 1856, que apresenta padrões diferenciados, nas peças escritas por catarinenses nascidos no século 19, a média de clV é de 30%. Em outras palavras, estes resultados parecem refletir a competição entre um sistema cujo padrão de colocação é clV e outro em que o padrão é a ordem Vcl. Como muitos estudos apontam, a ordenação de clíticos em textos escritos no Brasil do século 19 apresenta clara influência do padrão da gramática do PE (PAGOTTO, 1992, 1993; CARNEIRO, 2005). Os resultados de GBPS são bastante claros a respeito do fenômeno de colocação dos clíticos no português europeu: as autoras encontram apenas 7% de clV no texto de *Ramalho Ortigão*, nascido em 1836.

Se observarmos a proporção de clV na peça de teatro escrita pelo brasileiro *Joaquim Antonio de S. Thiago*, nascido em 1856, encontramos uma taxa de 72% da ordem clítico/verbo em contextos SV. Há uma disparidade entre esse resultado e aqueles obtidos em textos escritos pelos demais catarinenses nascidos no século 19. No capítulo 3, mostro que os textos de catarinenses representativos da segunda metade do século 19 apresentam particularidades.

Projeto nos gráficos da *Figura 2.16*, a seguir, os padrões encontrados por GBPS (2005) nos textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos 16 e

19 e aqueles encontrados nos textos dramáticos escritos por portugueses nascidos em Lisboa no curso dos séculos 19 e 20 (cf. *Tabela 2.6*, acima).

FIGURA 2.16. Próclise em contextos SV em textos portugueses dos séculos 16 a 19 (GBPS, 2005) e na escrita lisboeta dos séculos 19 e 20



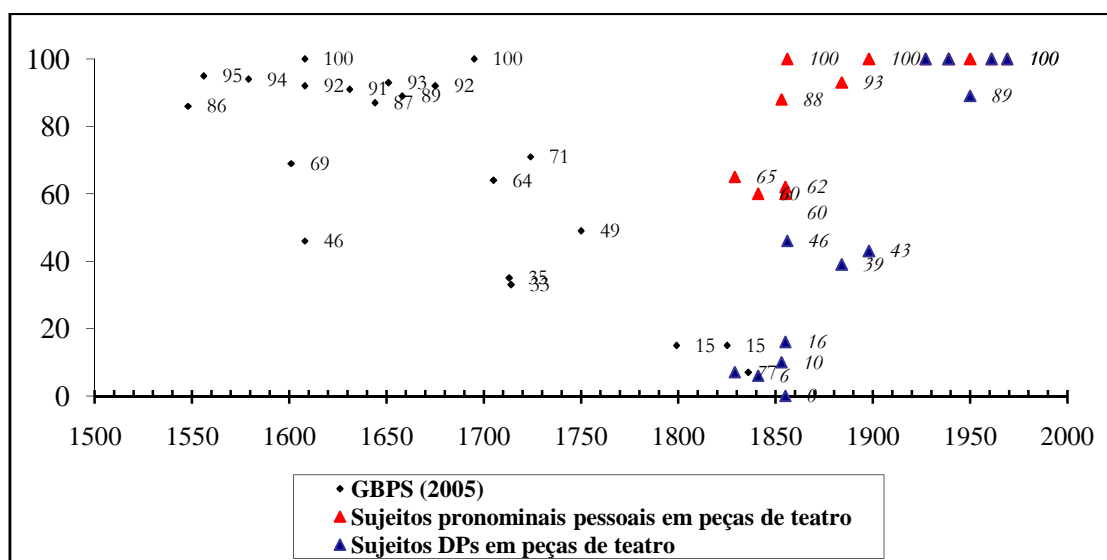
As taxas de cIV em contextos SV, sendo S um sujeito pronominal, encontradas nos textos dramáticos escritos por portugueses são: 10%, 27%, 0%, 20%, 13%, 12%, 4%, 0%, 0%, 0%, 40%, 0%, 0%, 0%, 0%, 0%, 12%, 0%, 0% e 0%.

Observe-se que, diferentemente do padrão proclítico encontrado nos textos escritos por brasileiros nascidos no século 20, o padrão nos textos escritos por portugueses nascidos nesse século é a ênclise. Interpreto a variação cIV / Vcl atestada em textos escritos por portugueses nascidos no século 19 como o reflexo de padrões de colocação associados a diferentes gramáticas do português: o padrão enclítico da gramática do PE e resquícios do padrão (proclítico) da gramática do português Clássico.

Por sua vez, a variação atestada nos textos escritos por brasileiros, nascidos, sobretudo, no século 19, pode ser entendida como o reflexo da competição entre o padrão enclítico da gramática do PE e (1) o padrão proclítico da gramática do PB ou (2) o padrão proclítico da gramática do PC. No que se refere à natureza do sujeito pré-verbal nas construções SV nesses textos, se observa que a evolução da próclise segue diferentes caminhos em orações com sujeitos DPs e em orações com sujeitos pronominais nos textos: orações com sujeitos pronominais apresentam elevadas taxas de cIV já em textos do século 19. Também nos textos escritos por portugueses nascidos no século 19 se observa uma pequena taxa de cIV em orações com sujeitos pronominais. Voltarei a essa diferença (e a uma possível explicação) no capítulo 3.

Por ora, na *Figura 2.17*, a seguir, projeto a proporção de cIV em orações com sujeito pronominal e sujeitos DPs (cf. *Figuras 2.9 e 2.10*) obtida nos textos catarinenses e na diacronia do português (cf. GPBS, 2005).

FIGURA 2.17 Próclise em contextos SV em textos portugueses dos séculos 16 a 19 (GPBS, 2005) e na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 – DPs simples e pronominais pessoais



Observe-se que, em peças de teatro escritas por brasileiros no século 19, as taxas de frequência de cIV em orações com sujeitos pronominais se aproximam daquelas obtidas por GBPS em textos do *corpus Tycho Brahe* de portugueses nascidos até o século 18. Esses resultados serão retomados no terceiro capítulo, onde defendo que as próclises atestadas em construções S(DP)cIV na escrita catarinense do século 19 são instanciadas pela gramática conservadora do sistema médio, ou pela gramática do PC, e não pela gramática do PB.

2.2.1.3.3 Orações com advérbios não-modais

Na amostra extraída dos textos escritos por brasileiros encontrei 82 orações finitas com advérbios *de localização espacial e temporal dêiticos, não-modais e orientados para o sujeito* em posição pré-verbal (cf. *Tabela 2.2* no início da seção 2.2.1 e, respectivamente, os dados da amostra em (72), (73) e (74), a seguir). Daqui em diante, vou me referir à variação nesses contextos sob a rubrica de orações com advérbios não-modais em posição pré-verbal.

(72) *Advérbios de localização espacial e temporal dêiticos (Hoje/Amanhã/Ontem Cá/Aqui/Lá/Alí/agora)*

- a. Amanhã agarro-ME às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [CARVALHO, 1829]
- b. Hoje calcula-SE a sua fortuna em perto de duzentos contos. [NUNES, 1855]
- c. Ontem arrastei-ME a seus pés, chorei, supliquei, e ele, insensível, retirou-se, deixando-me banhada em lágrimas e como o coração despedaçado... [NUNES, 1855]

(73) *Advérbios não-modais/aspectuais/temporais (depois, então, deveras, antes e primeiro/primeiramente)*

- a. Depois LHE cantará uma ária de Rossini: [CARVALHO, 1829]

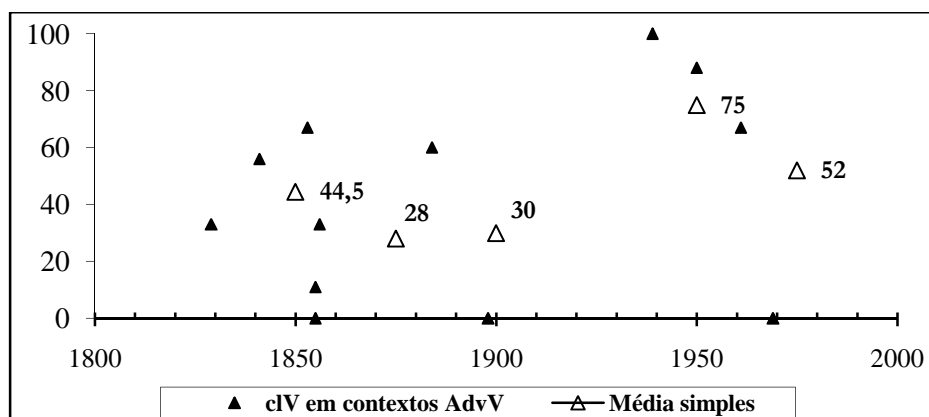
- b. Então ME diga: onde estão os lencóis? [BAVARESCO, 1969]
- c. Deveras aconselhas-ME que lhe diga tudo? [COUTINHO, 1841]
- d. Maria, dá-me o braço... mas antes alcança-ME dali o chapéu. [CARVALHO, 1829]
- e. Primeiro ME responda: sabe como entrou o bebê em você? [BAVARESCO, 1969]
- f. Primeiramente VOS manifesto ardente desejo de que Terezinha deixe o serviço da Fábrica para não prejudicar sua saúde. [JUVENAL, 1884]

(74) *Advérbios orientados para o sujeito*

- a. Desculpa minha filha; involuntariamente excedi-ME. [CARVALHO, 1829]
- b. Reconhecido, de coração humildemente VOS agradeço... [JUVENAL, 1884]
- c. Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agasalhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e encarecidamente ME pediste agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [THIAGO, 1856]

A proporção de clV nos textos está sistematizada na tabela 2 no início da seção 2.2.1 e retomada no gráfico da *Figura 2.18* que segue: 33%, 56%, 67%, 0%, 11%, 33%, 60%, 100%, 50%, 88%, 67% e 0%.

FIGURA 2.18 Próclise em AdvV na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



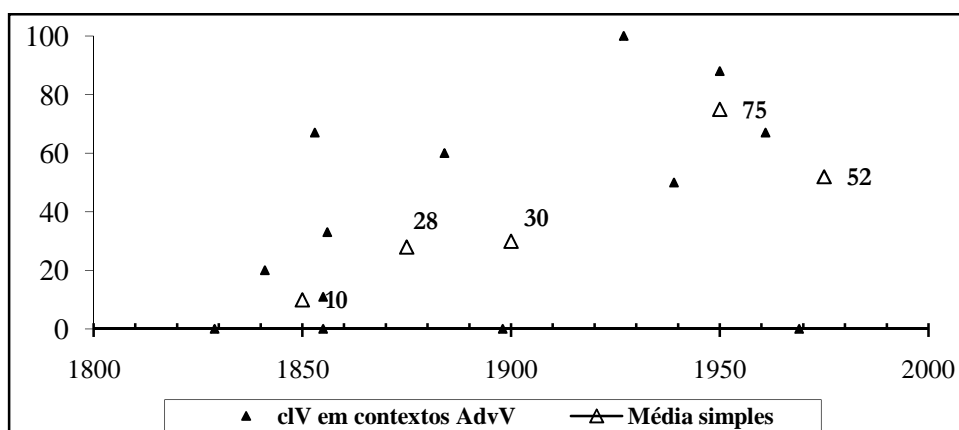
Observe-se que a proporção de cIV em orações com advérbios não-modais em posição pré-verbal não é sistemática. Há muita oscilação entre o uso da ênclise e o da próclise nesses contextos.

Na amostra extraída das peças de teatro escritas por portugueses a ênclise é categórica nesse contexto.

2.2.1.3.4 Orações com sintagmas preposicionais pré-verbais

A proporção de cIV nas peças de teatro catarinenses em orações com PPs pré-verbais, apresentada na *Tabela 2.2* da seção 2.1.3, está projetada no gráfico da *Figura 2.19*, a seguir: 0%, 20%, 67%, 0%, 11%, 33%, 60%, 0%, 100%, 50%, 88%, 67% e 0%.

FIGURA 2.19 Próclise em PPV na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



Alguns dados da amostra estão listados em (75) e (76), a seguir.

(75)

- a. Da folia ficava-TE o talo duro de roer, e os espinhos pra te fazer macia a cama. [CARVALHO, 1829]
- b. Em mim deu-SE inteiramente o oposto. [CARVALHO, 1829]
- c. Em resumo, salvaste-ME. [DUTRA, 1855]
- d. Ao contrário, ocorreu-ME um cento de expedientes pelo menos... [COUTINHO, 1841]
- e. Graças à sua poderosa influência julgo-ME hoje domesticado... [COUTINHO, 1841]
- f. Eu não entendo de sciencias a não ser a de encaixar na urna eleitoral tres ou quatro cédulas n'um envelope só, mas nisto mesmo, venceu-ME o diabo do Chico Hyppolito, a mim e ao juiz de Paz, presidente da mesa... [DUTRA, 1855]
- g. Ao menos dou-TE uma boa morte, porque dizem que os enforcados morrem com sensações deliciosas! [NUNES, 1855]
- h. Neste mundo engole-SE tudo e a senhora não é mais pintada do que as outras pessoas que têm engolido também! [NUNES, 1855]
- i. Em todo caso, penhoram-ME muito as palavras do senhor Conde, a quem peço acompanhar-me afim de se utilizar do pouco que, de coração, lhe podemos offerecer para mitigar a fome que deve sentir depois de tão longa viagem. [THIAGO, 1856]
- j. Cuidou extremosamente de meu filho, exerceu para com elle todos os encargos de irmã affectuosa, substituiu-me, emfim; pois bem, em recompensa dou-LHE o meu coração. [THIAGO, 1856]
- k. Por ventura intrigaram-ME com eles, inventando possuir defeitos morais? [JUVENAL, 1884]
- l. O jornal do Brasil em a sua edição de hoje refere-SE ecomiasticamente aos teus brilhantes exames. [JUVENAL, 1884]
- m. Nas minhas finas areias deitam-SE sereias, cantando canções de amor. [NAHAS, 1898]

(76)

- a. Estou sempre preparado! Na minha bagagem SE encontram os livros apropriados. O alcorão quando vou ao Islã; o Talmud, a Israel; o Missal, ao Vaticano; Shakespeare, à Inglaterra; um livro para cada ocasião. [FRAGA, 1927]

- b. Tomei um ônibus e, de cara, ME incomodei com a mulher que ia ao meu lado, que cismou que eu estava encostando a perna na dela. [AMORIM, 1939]
- c. O macaco caiu no desespero e por inconformismo ou revolta SE tornou o primeiro macaco bicha que se tem notícia na história do reino dos animais. [ROSA, 1950]
- d. No final da visita ME coloquei à sua disposição para qualquer serviço. [ROSA, 1950]

Referentemente à amostra extraída das peças de teatro lisboetas, encontrei 45 orações finitas com PP pré-verbal. A ênclise é categórica em todas as ocorrências.

2.2.2 Estruturas verbais complexas

Classifiquei as orações com estruturas verbais complexas extraídas das peças de teatro catarinenses e lisboetas em duas variáveis, tendo em vista o alçamento ou não do clítico para o verbo finito da estrutura, conforme descrição na seção 2.3.1.2: *I. Construções com alçamento de clíticos*, com duas variantes; *II. Construções sem alçamento de clíticos*, também com duas variantes e uma terceira variante com dados ambíguos V_1clV_2 . Na variável I, o clítico pode estar proclítico ao verbo finito – $clV_1(X)V_2$ – ou enclítico ao verbo finito – $V_1cl(X)V_2$; na variável II, o clítico pode estar proclítico ao verbo não-finito – $V_1(X)cl-V_2$ ou enclítico ao verbo não-finito – $V_1(X)V_2cl$. Lembro que os critérios utilizados para essa classificação estão descritos na seção 2.1.3. Saliento apenas que os contextos V_1clV_2 sem material interveniente entre V_1 e V_2 são classificados como contextos ambíguos.

A amostra extraída dos textos catarinenses se constitui de 553 orações, sendo 188 COM alçamento de clítico e 365 SEM alçamento de clítico. As

ocorrências das variantes em questão estão apresentadas, por autor, na *Tabela 2.9*, a seguir.

TABELA 2.9 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM e SEM alçamento de clítico na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>AUTOR/ANO DE NASCIMENTO</i>	<i>Construções COM alçamento de clíticos (clV₁(X)V₂/ V₁cl(X)V₂)</i>	<i>Construções SEM alçamento de clíticos (V₁(X)V₂cl/ V₁(X)clV₂)</i>	<i>Construções ambíguas (V₁clV₂)</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	38 – 47%	39 – 49%	3 – 4%	80
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	69 – 64%	31 – 29%	7 – 7%	107
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	7 – 27%	17 – 65%	2 – 8%	26
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1 – 6%	12 – 75%	3 – 19%	16
Horácio Nunes (1855- 1919)	26 – 23%	74 – 68%	9 – 8%	108
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	24 – 80%	5 – 17%	1 – 3%	30
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	17 – 33%	31 – 60%	4 – 7%	52
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	1 – 20%	4 – 80%	0	5
Ody Fraga (1927-1987)	0	1 – 50%	1 – 50%	2
Mário Júlio Amorim (1939-)	1 – 4%	10 – 37%	16 – 59%	27
Ademir Rosa (1950-1997)	2 – 4%	36 – 54%	28 – 42%	66
Antônio Cunha (1961-)	1 – 10%	5 – 50%	4 – 40%	10
Sulanger Bavaresco (1969-)	2 – 8%	12 – 50%	10 – 42%	24
TOTAL	188 – 34%	277 – 50%	88 – 16%	553

Observe-se que as construções COM o alçamento de clíticos para o verbo finito na estrutura verbal complexa é mais recorrente em textos de catarinenses nascidos no século 19, se comparados com os textos daqueles nascidos no século 20. As taxas chegam a 47% e 64% nos textos dos dois primeiros autores representantes da primeira metade do século 19 e caem gradativamente (com exceção do texto de Joaquim Antonio de S. Thiago, com 80%) até não ultrapassar a margem de 10% nos textos do século 20.

Na *Tabela 2.10*, a seguir, apresento as ocorrências de próclise e ênclise ao verbo finito nas construções COM alçamento de clítico. É importante lembrar que a variação ênclise/próclise será desencadeada pela presença de “elementos proclitizadores” que precedem o complexo verbal (cf. dados da amostra em (77)).

TABELA 2.10 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas COM alçamento de clítico, *Variável I*, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>clV₁(X)V₂</i>	<i>V₁cl(X)V₂</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	30 – 79%	8 – 21%	38
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	59 – 85%	10 – 15%	69
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	7 – 100%	0 – 0%	7
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1 – 100%	0 – 0%	1
Horácio Nunes (1855- 1919)	17 – 68%	8 – 32%	25
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	20 – 83%	4 – 17%	24
Ildfonso Juvenal (1884-1965)	15 – 88%	2 – 12%	17
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	1 – 100%	0 – 9%	1
Ody Fraga (1927-1987)	0	0	0
Mário Júlio Amorim (1939-)	0 – 0%	1 – 100%	1
Ademir Rosa (1950-1997)	2 – 100%	0 – 0%	2
Antônio Cunha (1961-)	1 – 100%	0 – 0%	1
Sulanger Bavaresco (1969-)	2 – 100%	0 – 0%	2
TOTAL	155 – 82%	33 – 18%	188

Há uma significativa queda no uso da variante $V_1cl(X)V_2$ em textos de autores nascidos no século 20. Há apenas uma ocorrência de ênclise ao verbo finito no texto de *Mário Júlio Amorim* (cf. (77)). Algumas ocorrências da variante $clV_1(X)V_2$, COM alçamento de clítico e próclise ao verbo finito, da amostra estão listadas em (78), e da variante $V_1cl(X)V_2$, COM alçamento de clítico e ênclise ao verbo finito estão listadas em (79), no que segue.

(77)

- a. *Vitor (Obviamente irônico)* – E o que dizia a minha ficha? Pode-SE saber? [AMORIM, 1939]

(78)

- a. E agora ouçam mais: o patrão fez duas viagens conosco a Lisboa e ultimamente cai doente de bexigas, mas o Raimundo trata-o como filho, quando todos fugiam do pobre velho, com medo da peste: morre o velhote, que era pé de boi e nunca SE tinha atravancado com rabos de saia, com perdão da Sora úrsula e do mais mulhero... [CARVALHO, 1829]
- b. Se eu não tivesse hoje comido não O estava agora aturando! [COUTINHO, 1841]

- c. A escada podia ser mais curta... Apre! Fez-me cansar! (...) Sr. André Bastos!... Ainda não veio... Admira! Ele, tão pontual... Ter-lhe-á sobrevivendo algum embaraço... Contudo não SE pôde demorar... Ecploremos no entanto meus futuros domínios... [COUTINHO, 1841]
- d. Se por acaso repugna-lhe recordar esse fato, que tanto abalo LHE tem causado, falarei eu... [NUNES, 1855]
- e. Boa tarde, meus senhores. Não quizeram dar-nos a honra de fazer-nos companhia ao jantar? Não OS vim convidar, por que sei que dispensam esse cerimonia. [DUTRA, 1855]
- f. Estou pensando nesta guerra que NOS veio surprehender, inda mais n`uma ocasião completamente má... [JUVENAL, 1884]
- g. É... mas ninguém LHE tem visto de longe... [JUVENAL, 1884]
- h. Este homem vive a contar anedoctas. Trabalhando, comendo, passeiando ou dormindo, só conta anedoctas. É o seu passa tempo favorito. É verade que algumas anedoctas são arrançadas por elle mesmo. E elle AS vae contando, para alegrar, sem intuito de offensa. [NAHAS, 1898]
- i. O maior prazer que a senhor ME pode proporcionar é esquecer-se de semelhante loucura! [LIVRAMENTO, 1853]
- j. *Zélia* – Não SE pode fazer duas coisas ao mesmo tempo. Só a Santíssima Trindade conseguiu. [ROSA, 1950]
- k. *Zé Luís* – Essa juntou três. È dose pra mamute. / *Amaro* – No Brasil não SE costuma dizer mamute, é elefante mesmo. [ROSA, 1950]
- l. *Meninas (em coro)* – Oh, ilusão, quão pouco duras! Somos quatro alminhas tenras, tão infantes, tão noviças, para sermos pela sorte preteridas. A vida NOS deveria ser mais generosa! Os percalços da derrota inda nos são estranhos, e o desconhecido é sorrateiro e imprevisível e cruel. [CUNHA, 1961]
- m. Acabei de conversar com o Bispo e A estamos tirando do caso. [BAVARESCO, 1969]⁷⁹
- n. *Madre* – Sem filtro. Minha irmã costumava dizer que uma das poucas coisas que SE pode acreditar nesse mundo louco é a honestidade dos fumantes de cigarro sem filtro. [BAVARESCO, 1969]

(79)

- a. Deixa-ME descansar: estou moído. [CARVALHO, 1829]
- b. Deixe-NOS apreciar algum pedaço de Rosini. [CARVALHO, 1829]

⁷⁹ Este dado é bastante intrigante. Há alçamento do clítico para uma posição proclítica ao verbo finito em um ambiente neutro, ou não “desencadeador de próclise”.

- c. O que posso dizer-te é que ele mostrava ter-me amizade. Fazia tudo quanto podia para agradar-me. O meu médico tinha-ME aconselhado os passeios a cavalo. Como eu era muito medrosa, ele tomava-o pelas rédeas e ia comigo, a pé, léguas inteiras. Qualquer escravo da fazenda me poderia fazer esse serviço, mas ele não o consentia. [COUTINHO, 1841]
- d. Ah, que se fosse em mim, tinha-A engolido sem achar uma espinha! [NUNES, 1855]
- e. A insaciável ambição, os perversos instintos desse irmão roubaram-me tudo: a honra, o futuro e a adorada esposa e, sobretudo, a inocente filhinha! Minha filha! Em vão tenho-ME esforçado em procurar reconhecer o logar certo onde a confiei a Providencia. [THIAGO, 1856]

As construções SEM alçamento de clíticos, classificadas como *variável II* (cf. descrição na seção 2.3.1.2), apresentam também resultados interessantes; em particular, relacionados à variante $V_1(X)cIV_2$, SEM alçamento de clítico com próclise ao verbo não-finito, que é apontada por muitos autores como uma inovação da gramática do PB, tendo em vista que não é atestada na diacronia do português (PAGOTTO, 1992; 1993; GALVES 2001; CARNEIRO, 2005).

Na *Tabela 2.11*, apresento os resultados relevantes da variável SEM alçamento de clíticos e da variante ambígua.

TABELA 2.11 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM alçamento de clítico, *Variável II*, e em construções ambíguas na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>AUTOR/ANO DE NASCIMENTO</i>	$V_1(X)V_2cl$	$V_1(X)cIV_2$	V_1cIV_2	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	39 – 93%	0 – 0%	3 – 7%	42
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	30 – 79%	1 – 3%	7 – 18%	38
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	16 – 84%	1 – 5%	2 – 11%	19
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	11 – 73%	1 – 7%	3 – 10%	15
Horácio Nunes (1855- 1919)	68 – 82%	6 – 7%	9 – 11%	83
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	5 – 83%	0 – 0%	1 – 17%	6
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	27 – 78%	4 – 11%	4 – 11%	35
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	4 – 100%	0 – 0%	0 – 0%	4
Ody Fraga (1927-1987)	1 – 50%	0 – 0%	1 – 50%	2
Mário Júlio Amorim (1939-)	1 – 4%	9 – 35%	16 – 61%	26
Ademir Rosa (1950-1997)	14 – 22%	22 – 34%	28 – 44%	64
Antônio Cunha (1961-)	1 – 11%	4 – 44%	4 – 44%	9
Sulanger Bavaresco (1969-)	2 – 10%	10 – 45%	10 – 45%	22
TOTAL	219 – 60%	58 – 16%	88 – 24%	365

Os resultados apresentados na *Tabela 2.11*, acima, mostram que nos textos de catarinenses nascidos no século 20 há uma queda no uso da variante $V_1(X)V_2cl$, com ênclise ao verbo não-finito, e, paralelamente, um aumento significativo no uso da variante $V_1(X)cl-V_2$, com próclise ao verbo não-finito, e da variante $VicIV2$, num contexto ambíguo entre ênclise ao verbo finito ou próclise ao verbo não-finito. Como já dito, a próclise ao verbo não-finito não é atestada em estágios anteriores do português ao longo dos séculos. É uma inovação da gramática do PB.

Listo em (80), a seguir, dados da amostra da variável II, SEM alçamento de clíticos e ênclise ao verbo não-finito.

(80)

- a. Previno-te que o senhor D. Luis vem cumprimentar-NOS, e que pediu-me licença para apresentar-nos um amigo. [CARVALHO, 1829]
- b. *Matilde* – Porém... deze... Qual é o expediente que escolheste! / *Eugênia* – Ei-lo; confessar-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos dele... Que o não amas e que amas a outro... Ele ama-te e tem um grande coração. Sofrerá, mas saberá calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para ele. Bem o vês... Não pode ser mais simples, nem mais fácil... Quanto ao resultado, creio que posso assegurar-TO... [COUTINHO, 1841]
- c. Com que então pretendendo fazer-me engulir a pillula pouco a pouco, hein?... Não será má a pillula que vou administrar-LHES. [LIVRAMENTO, 1853]
- d. Não vim procurá-LO para entreter uma conversação de ironias de mau gosto, mas para exigir uma satisfação pelo que disse há pouco. [NUNES, 1855]
- e. Depois, como poderia eu amá-LO, se amo outro – um homem generoso, nobre, honrado, e que me ama com extremo? [NUNES, 1855]
- f. Ah! Compreendo tudo agora!... O senhor queria seduzir-ME... queria prender-me! [NUNES, 1855]
- g. A verdade. Quero também comunicar-LHE uma suspeita. Nas feições do salvador de Alberto, pareceu-me descobrir traços de Paulo. [THIAGO, 1856]
- h. *Homem* – Mas não sei se pode levá-LO à serio. Você viu como ele é supersticioso. [AMORIM, 1939]

- i. – Aponte outra saída (a cerca começa a ganhar contorno). Depois de pronta you pintá-LA de brando. [ROSA, 1950]
- j. Vamos sair um pouco. Quero mostrar-LHES o quintal. Tá muito bonito tudo por aqui. Plantei mais frutas; tá um pomar que dá gosto ver. [ROSA, 1950]

A variante inovadora, SEM alçamento de clíticos e próclise ao verbo não-finito – $V_1(X)cl-V_2$, é atestada na escrita catarinense já nos textos de autores nascidos no século 19. Observe-se que há uma ocorrência nos textos de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1841, de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853, de *Antero dos Reis Dutra*, nascido em 1855; seis ocorrências nos textos de *Horácio Nunes*, nascido em 1855, e quatro ocorrências nos textos de *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1884 (cf. *Tabela 2.11*, acima). Nenhuma ocorrência foi encontrada nos textos de *Joaquim Antonio de S. Thiago*, nascido em 1856, de *Nicolau Nagib Nahas*, nascido em 1898, e *Ody Fraga*, nascido em 1927. Também, e, me parece, bastante significativo, nenhuma ocorrência de próclise ao verbo não-finito foi encontrada no texto do primeiro autor representativo do século 19, nascido em 1829, *Álvaro Augusto de Carvalho*.

Importante se faz salientar que, diferentemente da próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta, a próclise ao verbo temático (não-finito) em construções SEM alçamento do clítico ao verbo finito não parece ser um contexto sociolingüisticamente marcado. Nesse sentido, parece se justificar a maior recorrência de clV nesse contexto quando comparada às taxas de próclise a V1 (cf. seção 2.2.2.1).

Em (81) e (82), listo a totalidade dos dados encontrados em textos de catarinenses nascidos no século 19 e alguns dados dos textos daqueles nascidos no século 20 da variante $V_1(X)cl-V_2$.

(81)

- a. Mas, senhor... Isso vai ME comprometer... e eu que espero... [COUTINHO, 1841]

- b. *Silvério* – Diz-ME uma cousa, Turibia; como é que este menino sahio assim ruivo, sendo eu tão moreno? / *Turibia* – Não posso TE explicar! Caprichos da natureza! [*LIVRAMENTO, 1853*]
- c. Pois bem, minha boa Clarinda. Estamos pobres. Não tenho TE dito para poupar te desgostos. Perdoa-me se é erro occultar a desgraça a quem amamos. [*DUTRA, 1855*]
- d. Mas toma cuidado. Em vez de ires para o bilhar, não vás TE meter por aí... [*NUNES, 1855*]
- e. Tu nasceste por engano, e eu you já TE provar... Espera aí... [*NUNES, 1855*]
- f. Já está ME tardando a visita do tal idiota com quem o papai quer que eu me case... [*NUNES, 1855*]
- g. Talvez que hovesse por lá alguma grande seca que matasse todas as plantações... Mas, se quer ter a bondade, continue a leitura, que estava ME agradando imensamente. [*NUNES, 1855*]
- h. Ai! Ai! Já estou ME vendo na ponta da faca do Sefarim... e a Rosalina também! [*NUNES, 1855*]
- i. Já está ME subindo a coisa ao nariz! [*NUNES, 1855*]
- j. Foi, sim, senhor. Não precisa perguntar-me porque eu sei dizer perfeitamente que... foi. Até vou LHE contar o que D. Walfrides estava fazendo. [*JUVENAL, 1884*]
- k. Mas, como eu ia LHE contando, meu amo, o rapaz da esquina passou para o lado de fóra da janella, do lado de fóra para o lado de dentro a esfregar-se todo e a enlambuzar-se como um gato quando pilha-se na cinza, de maneira que... (pequena pausa) Oque quer saber de uma cousa: o resto eu não lhe conto. [*JUVENAL, 1884*]
- l. Não! Mil vezes não. Antes quero TE ver morrer com honra do que viver deshonorado. [*JUVENAL, 1884*]
- m. Sim, vou chamal-o, mas olhe bem: não quero ME comprometter. [*JUVENAL, 1884*]

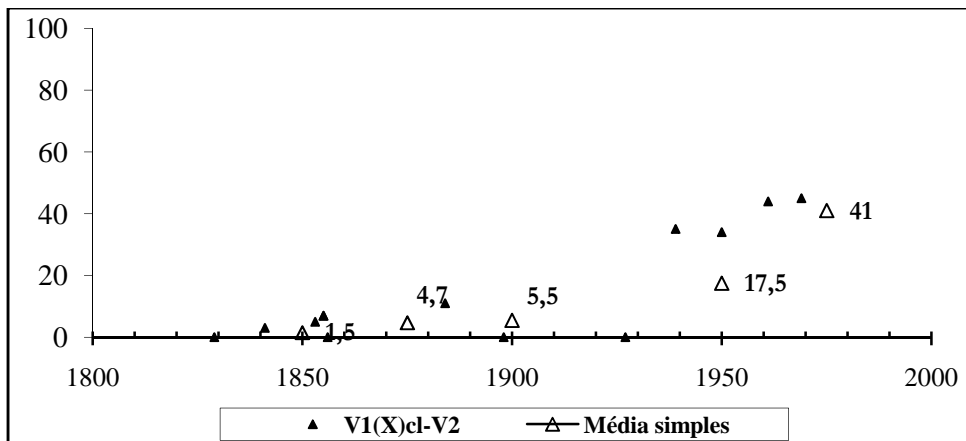
(82)

- a. *Everardo* – ... e o gorilha disse que ia ME acompanhar até o clube. Eu não tava entendendo nada... [*AMORIM, 1939*]
- b. *Vitor* – Você não vai SE deitar com esse cara! Você nem conhece ele direito! [*AMORIM, 1939*]
- c. *Homem* – Eu gostei de você, sabe? Vou ficar torcendo para que você faça sucesso. Eu tenho certeza de que vai fazer. Sempre que puder, eu estarei por perto. / *Vitor* – Eu também gosto de você. E aprendi muito também. Você me deu umas lições muito boas. Agora eu sei que foi

- você quem providenciou para que ele nos visse, e para que eu aprendesse alguma coisa. E eu aprendi, mas não sei se you ME lembrar. Vou? [AMORIM, 1939]
- d. *Vitor* – (...) Você não tentou ME convencer?! Então?! Agora convence ele também! [AMORIM, 1939]
- e. *M* – Só avisei que you ME atrasar um pouco. [ROSA, 1950]
- f. *H* – Então não vai ME oferecer nenhum plano? [ROSA, 1950]
- g. *M* – Telefone dizendo que you ME atrasar. [ROSA, 1950]
- h. *I* – Acho que you ME arriscar! [ROSA, 1950]
- i. *I* – De qualquer forma, se acontecer alguma coisa, eu não you TE denunciar. Disso pode ficar tranqüilo. [ROSA, 1950]
- j. *2* – Mais que tia velha preocupada com a família, meu Deus. Não vais ME dizer ainda que tens avô, avó, bisavô. [ROSA, 1950]
- k. *2* – (Aporrinhado) Quer dizer então que vai SE matar? [ROSA, 1950]
- l. *Amaro* – Deixa de histerismo, porra louca! Quem vai TE estourar a cabeça sou eu, se você não calar esta merda desta boca. [ROSA, 1950]
- m. *Secretário* – Não vai ME dizer que existem mulheres na rebelião? [ROSA, 1950]
- n. *H* – Tem um orelhão ali na esquina; tenho uma ficha aqui. (Procura nos bolsos e encontra). Pegue... não precisa ME devolver. Quer que segure a sua bolsa enquanto telefona? [ROSA, 1950]
- o. *Ela* – Você não está ME abandonando? / *Homem* – Nunca diga isso! [CUNHA, 1961]
- p. *Ela* – Você não precisa SE desculpar. Eu nunca fiz o que não quis, embora tenha querido muito mais do que já fiz. [CUNHA, 1961]
- q. *Agnes* – Ela sabia o que ia ME acontecer, era por isso que me escondia. [BAVARESCO, 1969]
- r. Ninguém está interessado em mandar uma freira para a prisão. Não estou LHE dizendo o deve decidir, Martha. Nem mesmo estou lhe exigindo que aceite o caso. Acontece que estamos sob grande pressão. [BAVARESCO, 1969]
- s. Ninguém está interessado em mandar uma freira para a prisão. Não estou lhe dizendo o deve decidir, Martha. Nem mesmo estou LHE exigindo que aceite o caso. Acontece que estamos sob grande pressão. [BAVARESCO, 1969]
- t. Não precisa ME chamar de madre se não quiser. [BAVARESCO, 1969]
- u. Não precisa SE preocupar em ser atraente aqui. [BAVARESCO, 1969]

As taxas da variante inovadora da gramática do PB no curso dos séculos 19 e 20, e as médias simples marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, estão listadas nos gráficos na *Figura 2.20*, na seqüência.

FIGURA 2.20 *Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na escrita catarinense – construções $V_1(X)cl-V_2$*



Note-se um aumento nas médias simples de 1,5% em textos do início do século 19 para 41% em textos do século 20. Esse aumento é ainda mais significativo quando consideradas as taxas da variante ambígua, $V1clV_2$. Os resultados relevantes estão expressos na *Tabela 2.12*.

TABELA 2.12 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por ano de nascimento dos autores

<i>AUTOR/ANO DE NASCIMENTO</i>	$V_I(X)V_2cl$	$V_I(X)clV_2$ <i>e</i> $VlclV_2$	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	39 – 93%	3 – 7%	42
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	30 – 79%	8 – 21%	38
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	16 – 84%	3 – 16%	19
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	11 – 73%	4 – 37%	15
Horácio Nunes (1855- 1919)	68 – 82%	15 – 18%	83
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	5 – 83%	1 – 17%	6
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	27 – 77%	8 – 23%	35
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	4 – 100%	0 – 0%	4
Ody Fraga (1927-1987)	1 – 50%	1 – 50%	2
Mário Júlio Amorim (1939-)	1 – 4%	25 – 96%	26
Ademir Rosa (1950-1997)	14 – 22%	50 – 78%	64
Antônio Cunha (1961-)	1 – 11%	8 – 89%	9
Sulanger Bavaresco (1969-)	2 – 9%	20 – 91%	22
TOTAL	219 – 60%	146 – 40%	365

Quando consideradas as próclises nas duas variantes $V_I(X)clV_2$ e $VlclV_2$ os percentuais são bastante significativos. Saem de 7% no texto de Carvalho, nascido no século 19, e atingem 89% e 91% nos textos de Cunha e Bavaresco, nascidos no século 20. A próclise no contexto $VlclV_2$ é bastante particular, porque, aparentemente, não há evidências sintáticas se o clítico está enclítico ao verbo finito ou proclítico ao verbo finito. Entretanto, como a análise da colocação de clíticos em complexos verbais em peças de teatro lisboetas, apresentada logo a seguir, revela esse contexto de “aparente ambigüidade” não é atestado na escrita portuguesa dos séculos 19 e 20.

Listo em (83) alguns dados de $VlclV_2$.

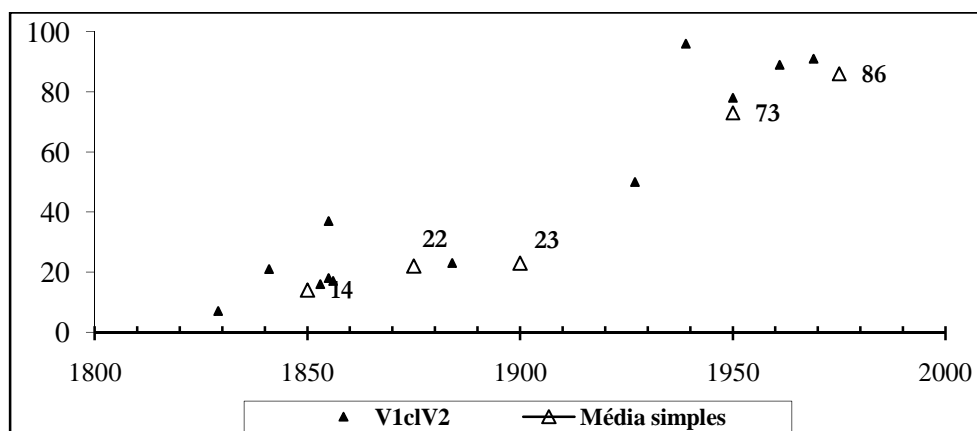
(83)

- a. Chegue-se pra li! Quero LHE dizer quem sou eu, já que é tão esquecido: alembra-se do João André? [CARVALHO, 1829]

- b. Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Ele disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]
- c. Socorro! Socorro! Querem ME casar! Querem me casar! [NUNES, 1855]
- d. Vitor – Você está SE aproveitando! [AMORIM, 1939]
- e. 2 – Não faz isso, rapaz. A igreja vai TE excomungar. Ela vai penar que todo mundo é filha da santa. [ROSA, 1950]
- f. Eugênio – Não. Provalmente, não. Outras pessoas já me perguntaram a mesma coisa. Eu devo ME parecer com alguém que só eu não conheço. [CUNHA, 1961]

Projeto as taxas das variantes $V_1(X)cIV_2$ e $VIcIV_2$ e as médias simples nos gráficos da *Figura 2.21*, a seguir.

FIGURA 2.21 *Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na escrita catarinense – construções $V_1(X)cIV_2$ e $VIcIV_2$*



Os gráficos mostram claramente um aumento na proporção da construção com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas no curso dos séculos 19 e 20. Note-se que a proporção dessa construção se acentua nos textos do século 20 (com taxas bastante elevadas, atingindo 73% e 86%, nos textos dos

dois últimos catarinenses representantes deste século)⁸⁰; no entanto, essas construções já se mostram presentes na escrita de catarinenses nascidos no curso do século 19 (14% e 22%).

Vale lembrar que os resultados apresentados levam em consideração o ano de nascimento dos autores. Para uma projeção com resultados sobre a diacronia do PB, confronto a proporção atestada na escrita em Santa Catarina com aquela obtida por Pagotto (cf. seção 2.1.2 no capítulo 1). A análise de Pagotto considera o ano de publicação dos textos, pelo que apresento na *Tabela 2.13*, a seguir, as taxas de $V_1(X)cIV_2$ e $VlclV_2$ por ano de publicação/apresentação dos textos.

⁸⁰ Vieira (2002, 2008) apresenta uma análise dos padrões de colocação de clíticos, em lexias verbais simples e complexas, em amostras de língua falada e de língua escrita em três variedades do português: no PB, no PE e no Português Moçambicano. No que diz respeito aos resultados obtidos na análise dos padrões em complexos verbais na modalidade oral do PB, Vieira analisa uma amostra extraída dos seguintes corpuses: do Projeto *Norma Lingüística Urbana Culta do Rio de Janeiro* (NURC/Rio), do Projeto *Programa de Estudos do Uso da Linguagem* (PEUL) e do Projeto *Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ). Os resultados apresentados pela autora mostram que, na amostra da modalidade oral do PB, 229 ocorrências de um total de 254 (90%) são de construções em que o verbo está entre V_1 e V_2 . Vieira denomina essa variante de *intra-Complexo Verbal*. A autora inclui nessa variante os contextos por mim apresentados sob a rubrica das variantes $V_1(X)cIV_2$ e $VlclV_2$, cf. exemplos em (i) e (ii), a seguir. Na modalidade escrita do PB (numa amostra extraída de textos dos jornais brasileiros *Jornal do Brasil* e *O Globo*, a variante “intra-CV” também é majoritária: foram entradas 11 ocorrências de 21 dados da amostra (52%).

(i) no supermercado eu não **tinha me lembrado**... e...viu... que quando você falou em compras eu pensei de compras de... mas isso aí eu gosto de comprar comida (*PB oral, NURC, inq. 233, faixa B, nível 3*)

(ii) eu vou **acabar me enrolando** que o negócio é bastante complicado... (não adianta) (*PB oral, NURC, inq. 012, faixa A, nível 3*)

(VIEIRA, 2002, p. 297)

Os resultados obtidos por Vieira evidenciam que a variante $V_1(X)cIV_2$ e $VlclV_2$, com próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, é o padrão em amostras de língua falada (e mesmo escrita) do PB no século 20.

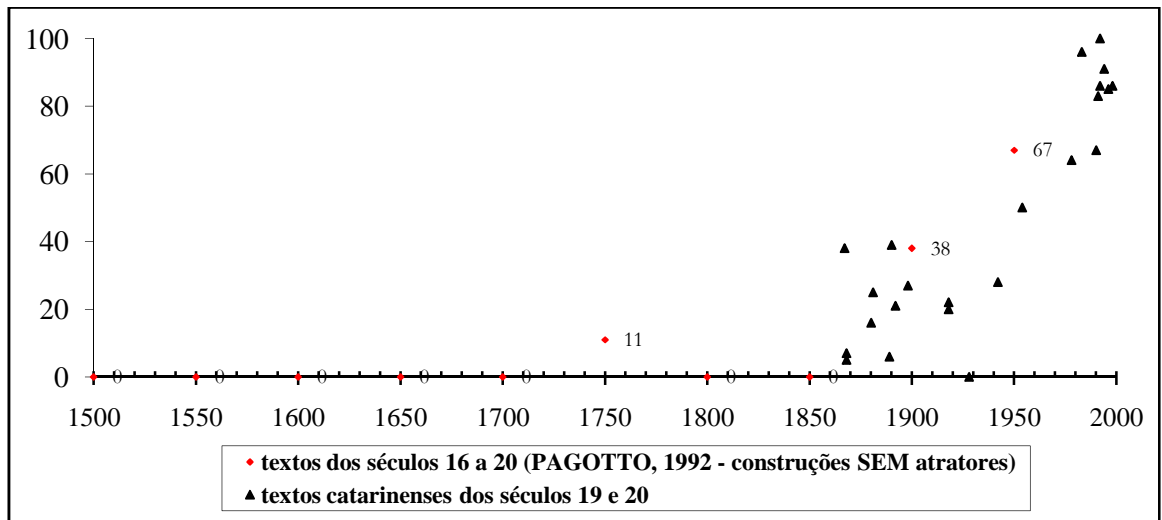
TABELA 2.13 Padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas SEM (construções não-ambíguas e construções ambíguas) alçamento de clítico na escrita catarinense, por data de publicação/apresentação dos textos

<i>DATA DE PUBLICAÇÃO/APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS</i>	$V_1(X)V_2cl$	$V_1(X)clV_2$ <i>e</i> $VlclV_2$	<i>TOTAL</i>
<i>A casa para alugar (1867)</i>	10 – 62%	6 – 38%	16
<i>Quem desdenha quer compra... (1868)</i>	21 – 95%	1 – 5%	22
<i>Raimundo (1968)</i>	39 – 93%	3 – 7%	42
<i>Os ciúmes do capitão (1880)</i>	16 – 84%	3 – 16%	19
<i>Um cacho de mortes (1881)</i>	6 – 75%	2 – 25%	8
<i>Dolores (1889)</i>	31 – 94%	2 – 6%	33
<i>O Idiota (1890)</i>	8 – 61%	5 – 39%	13
<i>Fatos Diversos (1892)</i>	23 – 79%	6 – 21%	29
<i>Brinquedos de Cupido (1898)</i>	11 – 73%	4 – 27%	15
<i>Hilda, a filha do supposto trahidor (1918)</i>	8 – 80%	2 – 20%	10
<i>Waltrudes, o nauta veneziano (1918)</i>	11 – 78%	3 – 22%	14
<i>A filha do operário (1942)</i>	8 – 72%	3 – 28%	11
<i>A morte de Damião (1954)</i>	1 – 50%	1 – 50%	2
<i>O dia em que os Porcos Comerão Sal (1978)</i>	4 – 36%	7 – 64%	11
<i>O dia do Javali (1983)</i>	1 – 4%	25 – 96%	26
<i>A Estória (1990)</i>	4 – 33%	8 – 67%	12
<i>Os Lobos (1992)</i>	3 – 14%	19 – 86%	22
<i>Fragmentos (1991)</i>	1 – 17%	5 – 83%	6
<i>Flores de Inverno (1992)</i>	0 – 0%	2 – 100%	2
<i>Agnus Dei (1994)</i>	2 – 9%	20 – 91%	22
<i>O que a vida fez de mim, de nós (1996)</i>	2 – 15%	11 – 85%	13
<i>As quatro estações (1998)</i>	1 – 14%	6 – 86%	7
<i>TOTAL</i>	211 – 60%	144 – 40%	355⁸¹

As taxas de próclise ao verbo não-finito na diacronia do PB estão projetadas nos gráficos da *Figura 2.21*.

⁸¹ Os dados aqui apresentados não somam o total de 365 ocorrências, conforme o total apresentado na tabela 2.10, porque não quantifiquei seis ocorrências do texto de *Joaquim Antonio de S. Thiago*, por não ter a informação precisa de publicação desse texto, e quatro ocorrências do texto de *Nicolau Nagib Nahas*.

FIGURA 2.22 *Próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas na diacronia do PB*



Observe-se que o gráfico com base nos resultados de Pagotto mostra que já em textos do século 18 se atestam construções com próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, ou seja, construções características da variante inovadora da gramática brasileira.

No tocante à escrita lisboeta dos séculos 19 e 20, 265 orações com colocação de clíticos em estruturas verbais complexas foram encontradas nas vinte e uma peças de teatro portuguesas. Os resultados gerais, por construções e autores, estão listados na *Tabela 2.14*, que segue.

TABELA 2.14 Padrões de colocação de clíticos em estruturas verbais complexas em peças de teatro portuguesas

<i>Autor/ano de nascimento</i>	$clV_1(X)V_2$	$V_1cl(X)V_2$	$V_1(X)V_2cl$
Camilo Castelo Branco (1825-1890)	1	0	7
Augusto César Correia de Lacerda (1825-1903)	4	0	13
Júlio César Machado (1835-1890)	3	1	4
Eduardo Garrido (1842-1912)	3	1	14
Manoel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895)	4	3	6
João Batista de Matos Moreira (1845-1899)	8	2	6
Gervásio Jorge Gonçalves Lobato (1850-1895)	5	3	6
Carlos de Moura Cabral (1852-1922)	2	1	8
D. João Gonçalves Zarco da Câmara (1852-1908)	0	0	2
Vitório Chagas Roquete (1875-1940)	2	1	3
André Francisco Brun (1881-1926)	5	1	2
Vasco Mendonça Alves (1883-1962)	0	1	6
Amílcar da Silva Ramada Curto (1886-1961)	3	0	2
Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga (1888-1940)	1	0	0
António Cardoso Ponce de Leão (1891-1918)	2	0	6
Manuel Gustavo de Abreu e Sousa (1893-1980)	3	1	0
Alice Ogando (1900-1981)	3	0	4
Manuel Frederico Pressler (1907-)	16	0	11
Luiz Francisco Rebello (1924-)	27	0	22
Jaime Salazar Sampaio (1925-)	5	0	6
Jorge Silva Melo (1948-)	12	3	10
TOTAL	109	18	138

O contraste apresentado nos textos portugueses parece ser entre construções COM alçamento de clítico, em sua maioria com próclise ao verbo finito – $clV_1(X)V_2$, de um lado, e construções SEM alçamento de clíticos, com ênclise ao verbo não-finito – $V_1(X)V_2cl$, de outro lado. Listo algumas ocorrências das variantes mais recorrentes em (84) e (85), a seguir.

(84)

- a. Ia escrever-lhe: preciso muito falar-LHE. [LACERDA, 1871]
- b. Você podia belamente abri-LAS um bocadinho e espreitar, para ver se há denúncia ou se é só correspondência. [MACHADO, 1868]
- c. Não posso habitar-ME à idéia de que terei de renunciar a ser esposa de Ernesto! [MOREIRA, 1869]
- d. Lisboa vai parecer-TE horrível... [CABRAL, 1879]
- e. E tu também estás longe de mim, Branca. Tão longe que as minhas mãos, por mais que as estenda, não podem alcançar-TE... Mas penso em ti como se estivesses ainda ao pé de mim.

Fecho os olhos e vejo-te na minha frente. Falo contigo. E digo-te o que nunca cheguei a dizer-te. [REBELLO, 1958]

- f. Mas como português, como cidadão, poderia eu furtar-ME a esta missão? [SAMPAIO, 1976]

(85)

- a. Bem ME queria a mim parecer! [MACHADO, 1868]
- b. Saiu a umas visitas, mas não SE pode demorar. [CABRAL, 1879]
- c. E já me disse que TE vai levar à tourada... [MELLO, 1996]
- d. José – A mãe tratou-a mau?... / Maria – Caíram-lhe as lágrimas e não deu um fala. A minha irmã assomou à porta. Lançou-nos a vista a uma e a outra e logo o coração lhe adivinhou a nossa conversa ou leu na minha cara não sei o quê – susto, a ânsia de saber o que a mãe iria fazer. Ficamos assim a modos que espantadas. A mãe a olhar para ela muito triste, muito triste com as lágrimas a correr pela cara abaixo... Só deu esta palavra: “Filha!”. Depois abraçaram-se a chorar e então eu... eu botei-me a rir, nem sei se de contente porque, já vê, a mãe tinha-LHE perdoado! E gritei-lhes para animar... “– tristezas não fazem vida e amores leva-os o vento!”. [ALVES, 1925]
- e. Olhe, tia, recomende-lhe que não lhe deite ossos... Outro dia ia-ME engasgando com um. [LOBATO, 1894]
- f. Pode-SE ver! [MELLO, 1996]

É interessante observar, e deixar registrado, que não encontrei na amostra extraída dos textos de lisboetas nascidos nos séculos 19 e 20 as, por mim classificadas, *construções ambíguas V₁clV₂*⁸², bastante recorrentes na escrita

⁸² No mesmo estudo referido na nota 80 acima, a análise de Vieira (2002) dos padrões de colocação de clíticos em complexos verbais numa amostra do oral do PE, extraída do *Cópus Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), mostra que a variante “intra-CV” não é tão recorrente na amostra, 92 ocorrências de 201 (46%). Uma análise particularizada dos dados apresentados pela autora, mostra que se tratam, em sua grande maioria, de construções bastante específicas e COM alçamento de clítico e ênclise ao verbo não-finito, cf. (i) e (ii), a seguir.

- (i) *pois justamente ela **está-nos a dar** ah: maior responsabilidade* (PE oral, CRPC, inq. 1237, faixa B, nível 2)
- (ii) *vão tomando um lugar secundário... embora isso nos cause uma certa tristeza e **passa-se** então **a ser...** e passaram (então a) ser mais dominada pelo amor* (PE oral, CRPC, inq. , faixa, nível)

(VIEIRA, 2002, p. 271)

catarinense. A ausência dessa construção nos textos lisboetas vem reforçar a análise de que a variante V_1clV_2 se trata de próclise ao verbo não-finito, ou da variante inovadora da gramática do PB.

2.2.3 Interpolação

Interpolação é como se denomina na lingüística o fenômeno de intercalação de constituintes entre o verbo e o pronome clítico numa oração, comum no português antigo e clássico. A. M. Martins (1994), em seu estudo sobre *os clíticos na história do português*, descreve a evolução deste fenômeno em português. Nas palavras da autora, *a interpolação é o fenômeno de não adjacência entre o verbo e o clítico, comum no português medieval e clássico; [possível] apenas quando o clítico precede o verbo; caso contrário, há necessariamente adjacência* (p. 161).

Na análise de A. M. Martins, com base em um corpus de documentos notariais do Português Antigo dos séculos 13 a 16, editados pela autora, e em um corpus de textos literários de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19, não se registra a interpolação de constituintes, exceto com “*não*”, em textos de autores nascidos a partir do século 17. Adicionalmente ao padrão enclítico atestado em textos a partir desse século – em contextos de variação –, a autora interpreta a perda da possibilidade de interpolação de constituintes como reflexo de uma mudança gramatical que estaria na base do advento da gramática do PE. Constituintes como oblíquos adverbiais, oblíquos preposicionais, sujeito, objeto direto/indireto, entre outros, encontram-se interpolados entre o V e cl apenas em textos escritos até o século 17. Em (86) listam-se alguns dos exemplos apresentados pela autora.

(86)

- c. Mais dano do que LHY ante f[azia] (*Documentos Notariais, 1300*)
- d. Que LHE de direito forem demãdados (*Documentos Notariais, 1411*)
- e. Qual ou quaes LHY o meu marido e meu procurador mãdar fazer (*Documentos Notariais, 1321*)
- f. Dariom por ela onze maravedis se LHEla desem (*Documentos Notariais, 1414*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 161-178)

A interpolação de “*não*” parece seguir sua própria trajetória. De acordo com A. M. Martins, não se registra um progressivo decréscimo de interpolação de não nos textos dos séculos 16 a 19 (diferentemente da interpolação com outros constituintes, não mais atestada nos textos depois do século 17) em português. Em outras palavras, não há mudança gramatical relacionada ao fenômeno da interpolação de “*não*” na história do português até o século 19. É a partir do século 20, segundo a autora, que se atesta um decréscimo significativo no uso de construções com interpolação de “*não*” (A. M. MARTINS, 1994, p. 307).

(87)

- a. que LHE nõ sega autorgado (*Documentos Notariais, 1290*)
- b. que O nõ outorgauã e que nõ cõssentiã (*Documentos Notariais, 1310*)

(A. M. MARTINS, 1994, p. 161)

Para sumarizar, a perda da interpolação de constituintes exceto não entre o clítico e o verbo, associado a um novo padrão enclítico, mais especificamente nos sermões do *Padre António Vieira* no século 17 é interpretado por A. M. Martins como uma mudança gramatical que dá origem ao PE.

Fiéis (2003) apresenta uma proposta diferente. Com base em amostras extraídas de textos literários e não-literários do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM)⁸³, a autora estuda a ordem dos constituintes oracionais em textos escritos entre os séculos 13 ao 16. Os dados apresentados por Fiéis evidenciam que *o aumento da ênclise em detrimento da próclise e a perda de interpolação [no português dos séculos 13 a 16] são fenômenos diferentes.* (FIÉIS, 2003, p. 413).

No que diz respeito às amostras analisadas, nos textos dramáticos escritos por brasileiros nascidos no século 19 encontrei 25 ocorrências de interpolação, em sua grande maioria de “*não*” (cf. dados em (88) e (89), a seguir). Em textos escritos por brasileiros nascidos no século 20 não registrei nenhuma ocorrência.

(88) *Orações com interpolação de “nãõ” em textos escritos por brasileiros nascidos na primeira metade do século 19*

- a. Minha mãe...! Por que ME não partiste a cabeça no momento que vi a luz! [CARVALHO, 1829]
- b. Oh! Não! O retrato de minha mãe é a minha companhia de tantos anos: parece que A não perdi de todo quando contemplo as suas feições. Ela me sorri ao despertar, e abençoa-me à noite... É o anjo da minha guarda que vela a minha cabeceira... Oh! Não me separe dela! [CARVALHO, 1829]
- c. A tua mentira é heróica... Mas já A não podes sustentar. [CARVALHO, 1829]
- d. E vergonha, é não corar diante da criadagem ignóbil que lhe entulha os aposentos, e pagar-lhes a ouro para que LHES não divulguem as mazelas da família. [CARVALHO, 1829]
- e. Processos? Deveras que O não compreendo... [COUTINHO, 1841]
- f. Mas fique entendido que O não exijo... [COUTINHO, 1841]
- g. Eu é que OS não perco de vista. [COUTINHO, 1841]
- h. *Matilde* – Porém... deze... Qual é o expediente que escolheste! / *Eugênia* – Ei-lo; confessar-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos dele... Que O não amas e que amas a outro... Ele ama-te e tem um grande coração. Sofrerá, mas saberá

⁸³ O cópús está disponível no sítio «<http://cipm.fcsh.unl.pt/?mid=142>», do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para ele. Bem o vê... Não pode ser mais simples, nem mais fácil... Quanto ao resultado, creio que posso assegurar-to... [COUTINHO, 1841]

- i. Não é verdade que ME não esperava hoje por cá? [COUTINHO, 1841]
- j. O que será que a senhora ME não mereça? Nada me ficará devendo... [COUTINHO, 1841]
- k. Como! Pois! V. Ex^a. é dotada de tanta penetração, desse tato feminil tão delicado, que ME não canso de admirar. [COUTINHO, 1841]
- l. E então? O que é que TE eu dizia? É ou não um guapo mocetão o meu afilhado Antonico! [COUTINHO, 1841]
- m. Creio que LHE não faltará nada. [COUTINHO, 1841]
- n. Não sei como explicar o que se passa em mim... Dir-se-ia que já não o aborreço tanto... que já O não aborreço nada... [COUTINHO, 1841]
- o. E fui eu quem lhe ensinou a compreender tudo isso? Deveras que ME não supunha tão adiantada... [COUTINHO, 1841]
- p. Tudo se passou como o havias previsto. Com a diferença que ME não foi preciso dizer-lhe quase nada... Ele adivinhou tudo... Previnii a súplica que tinha a fazer-lhe... [COUTINHO, 1841]
- q. Sim, minha senhora. Tive a honra de encontrar-me com a senhora D. ... (À parte) Ai que LHE não sei o nome!... [COUTINHO, 1841]
- r. Um passageiro do iate, que tinha boas razões para estar ansioso por saltar em terra, passou o resto da noite a contemplar estrelas na tolda do navio... não porque fosse favorecido das musas, mas porque a impaciência O não deixava pregar os olhos. Pela madrugada, o dito passageiro, que vinha pela primeira vez a estes lugares, notando um grande concurso de povo na praia, do lado do continente, diante de um casarão de vetusta aparência, teve curiosidade de saber o que aquilo era... Dormiam todos a bordo. O nosso homem tira-se dos seus cuidados, salta dentro do batelão amarrado à popa do iate, solta-lhe a amarra e voga vigorosamente para a margem da fronteira... [COUTINHO, 1841]
- s. Diga-me que me perdoa... que ME não repele... [COUTINHO, 1841]
- t. Foi a senhora quem me inspirou o gosto pelo estudo; quem me fez aprender o pouco que hoje sei; quem me induziu a ir procurar, em sociedade mais culta, as maneiras que SE não aprendem numa fazenda distante dos povoados; cercado apenas de escravos grosseiros e boçais... [COUTINHO, 1841]

(89) Orações com interpolação de “não” em textos escritos por brasileiros nascidos na segunda metade do século 19

- a. Seo marido tem uma veia de menos. Creio que se O não amarrarmos de pés e mãos, nada conseguiremos. [LIVRAMENTO, 1853]
- b. O senhor tem muito espírito! Pode ceder-me alguns quilômetros dele, se LHE não fazem falta? [NUNES, 1855]
- c. Não me pergunes coisa alguma, porque nada poderei responder-te. Há segredos que SE não revelam. [NUNES, 1855]
- d. Já SE não lembra? [NUNES, 1855]
- e. Augusto - Não falarei, porque não quero que suponhas que te embriago com o fumo da lisonja, para depois, com mais segurança de bom acolhimento, expor-te a motivo que me traz aqui. / Carlos - Eu te conheço, Augusto; és um homem de bem. Se O não foras, eu não te daria o nome de amigo. [NUNES, 1855]
- f. Antônio (Descendo as mangas) - Eu não lhe dou, porque és tu que pedes, senão... Quincas - Eu TE não peço. Digo-te que não és capaz de dar-lhe... (Chegando-lhe os punhos cerrados à cara) Porque se lhe desses... [NUNES, 1855]
- g. Colloquemos este precioso fardinho no mais commodo logar, para que SE não magoe. [THIAGO, 1856]
- h. E para honra e dignidade de minha família, para que SE não desvalorise o nome glorioso de nossos antepassados, prohibo terminantemente tua ida a Veneza. [JUVENAL, 1884]
- i. O coração humano foi feito para ter piedade e não existe coração de mãe, por mais empedernido que seja, que SE não compadeça ante o pranto amargurado do filho que lhe estima e venera. [JUVENAL, 1884]
- j. Fernando há-de supor que LHE não fui sincera; que contei a meus pais, aquele segredo de sua vida, de que somente eu e o Domingos somos sabedores. [JUVENAL, 1884]

Encontrei, ainda, no texto escrito por *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1841, duas ocorrências de interpolação com o pronome pessoal “*eu*” (cf. (90)).

(90) *Orações com interpolação de “pronome pessoal” em textos escritos por brasileiros*

- a. E o que queria vosmecê que LHE eu dissesse? Nesse tempo era ainda uma criança... [COUTINHO, 1841]
- b. E então? O que é que TE eu dizia? É ou não um guapo mocetão o meu afilhado Antonico! [COUTINHO, 1841]

Nas peças de teatro escritas por portugueses nascidos nos séculos 19 e 20 encontrei interpolação apenas de “*não*”: 35 ocorrências em textos escritos por portugueses nascidos no século 19 (cf. dados em (91) e (92), no que segue), e duas ocorrências no texto *É urgente o amor*, de Luiz Francisco Rebello, nascido em 1924 (cf. dados em (93)).

(91) *Orações com interpolação de “não” em textos escritos por portugueses nascidos na primeira metade do século 19*

- a. O meu crime é ter no seio a morte que ME não deixava saborear a vida. [BRANCO, 1825]
- b. Se não renunciei totalmente aos meus hábitos de sociedade, foi porque me persuadi de que as minhas ações LHE não importavam. [BRANCO, 1825]
- c. Os que me injuriarem, e melhor que O não saibam. Amei Deus com fé ardente de uma desgraçada que precisa crer e esperar um mundo melhor. [BRANCO, 1825]
- d. Pois menina, olhai que VOS não acho o tal papelucho. [LACERDA, 1825]
- e. Agora não provam! Quem mais competente do que eu para... Olhai que sem mim, ou outro como eu, é que vós VOS não casais, com certeza. [LACERDA, 1825]
- f. Se LHE não posso, nem devo, dar um título de baronesa, permita-me que lhe o dê o de amigo sincero, e o de padrinho no seu casamento com o homem mais honrado que a podia requestar! [LACERDA, 1825]
- g. Se LHE não sirvo assim, ponho-me na rua! [LACERDA, 1825]
- h. Se a gente lhe perguntar isso, ele ia pensar que O não sabíamos. [GARRIDO, 1835]
- i. Se ele TE não agradar, manda-se embora. [CHAGAS, 1842]
- j. Madrigais são flores das salas que SE não dão bem ao ar livre. [CHAGAS, 1842]
- k. O quê? Há-de dizer que ME não atirou à cara com o retrato da sua namorada? [CHAGAS, 1842]
- l. Se ME não engano, está sobre a mesa uma caixa de fósforos. [GARRIDO, 1842]
- m. SE ME não resolvo a tirar-lhe a trompa, não estava agora neste sossego! [GARRIDO, 1842]
- n. Onde O não vejo – quer dizer! [GARRIDO, 1842]
- o. Tem razão! Aqui onde ME não vê, sou um grande apreciador de bons cavacos. E o senhor? [GARRIDO, 1842]
- p. Por um triz que ME não pilha! [GARRIDO, 1842]
- q. Sôra Teresa, vossemecê ainda ME não conhece, o que não admira, porque só ontem entrou para esta santa casa. [MOREIRA, 1845]

- r. É que ainda O não conhece; em cá estando mais oito dias, já não se admira. [MOREIRA, 1845]
- s. Isso é que ainda ME não ensinaram. [MOREIRA, 1845]
- t. Além de ME não servir uma casa de doidos, vou casar e escuso de aturar ninguém! [MOREIRA, 1845]

(92) *Orações com interpolação de “não” em textos escritos por portugueses nascidos na segunda metade do século 19*

- a. Ulisses! Ah! Tenho ouvido falar muito! Tenho muito prazer em o conhecer pessoalmente. V Ex.^a, se ME não engano, mora ou morou no Cimo da Cotovia? [LOBATO, 1850]
- b. Modos hei-de ter com zotes, que comigo OS não têm! Suas chacotas desentoadas são chufas de ratinhos a presumirem de mimosos! E vai-se-me a alma para o que está longe e me contava coisas lindas, que falavam de mim e das estrelas, do mar e do nosso amor. [CÂMARA, 1852]
- c. O infante estava ali, de pé, sobre o rochedo, e os raios estalavam em volta dele. Meu pai andava no mar e minha mãe sumira-se-lhe o leite. Agora papas com mel; em cachopinho chupava figos passados, e se OS não havia, o dedo. Tanta vez ali vi depois D. Henrique, com a mão nos sobrolhos, procurando descortinar o horizonte nevoento! E, de cada vez, me lembrei da história que minha mãe me contou e não sei se alguma hora vos disse! [CÂMARA, 1852]
- d. Sim... Uma mulher. É bem certo que as mulheres onde não estão, faltam; onde estão, sobejam... Quando vivia a minha, não a podia aturar; agora que A não quero... [BRUN, 1881]
- e. Salazar – Vejo que Vosselência é pessoa de sentimentos. / D. Isaura – Sempre os tive Sr. Salazar. Se OS não tivesse, podia andar hoje de trem com chapéus de quatro mil réis e mais, que não me tem faltado ocasião para isso. E escusava de pôr anúncio. [BRUN, 1881]
- f. É sardinha para os ricos. O pior é que A não comem. [ALVES, 1883]
- g. Engraço contigo. Se TE não vejo até fico arreliado, a modos que triste... [ALVES, 1883]
- h. José – Que tem isso com o gostar? / Maria – Tem muito. Você pode gostar de vinho, as se tiver veneno, for muito caro ou não lho quiserem vender, já O não bebe. [ALVES, 1883]
- i. O que eu via e TE não digo... [ALVES, 1883]
- j. Espera um momento. Aproveito o ensejo para te dizer o que ainda TE não disse. Sabes que ele me escreveu e escreveu à Rosa? [RAMADA CURTO, 1886]

- k. Seja pátio... Mas pátio onde reside o cão de guarda do meu ciúme e os desperdícios lançados pelas vizinhas que é o mesmo que dizer: as horas passadas ao pé de outras criaturas que ME não interessam. [PONCE DE LEÃO, 1891]
- l. *Eva (exaltada)* – E eu não era assim, não era, mas sinto-me arrastada! Meu marido deu-me educação doentia, mas bela, cheia de sensações, de delícias, de loucuras enervantes. Enquanto ele foi vivo eu fui a sua amante, a sua companheira, a sua concubina. Lidei com ele, numa sociedade com mulheres da sociedade, com mulheres de café. Frequentávamos os *cabarets* de Paris, fui a grande devassa e perdi-me hoje que O não tenho, perdi-me porque não poderia perder-me enquanto o tinha! [PONCE DE LEÃO, 1891]
- m. Depressa, Eva, depressa: que ele A não veja aqui... [PONCE DE LEÃO, 1891]
- n. Mas não tão depressa que LHE não sintamos o calor. [ABREU E SOUSA, 1893]
- o. Como posso confessar se OS não tenho! [ABREU E SOUSA, 1893]

(93) *Orações com interpolação de “não” em textos escritos por portugueses nascidos no século 20*

- a. Se perdermos a cabeça, não temos nada feito. Estas coisas têm de se encarar com calma, com serenidade... Não há nada que SE não possa explicar... [REBELLO, 1924]
- b. *Chefe* – Não havia zangas entre eles? / *Madalena* – É possível... Qual é o casal que AS não tem? [REBELLO, 1924]

Os casos de interpolação nos textos escritos por brasileiros nascidos no século 19 podem ser interpretados como padrões da gramática do PE ou mesmo da gramática do PC. Segundo Fiéis (2003), a interpolação (de negação, alguns advérbios e mesmo sujeitos pronominais) é registrada apenas em variedades dialetais do português europeu⁸⁴.

⁸⁴ Com lembra Maria Lobo, Catarina Magro (cf. MAGRO, 2007) encontra interpolação de outros constituintes – pronomes, advérbios e alguns PPs – para além de “não” nas variedades dialectais do PE. Magro analisa a interpolação nos dialetos do PE como um fenómeno recente de *metátese* no componente morfológico, que não tem origem na interpolação do PA.

2.3 Conclusões e encaminhamentos

É importante sistematizar, com jeito de conclusão para este segundo capítulo, os padrões empíricos de ordenação de clíticos encontrados nas peças de teatro catarinenses e, a título de comparação, nas peças de teatro lisboetas. A variação encontrada nos textos catarinenses, sobretudo de autores nascidos no curso do século 19, é mais ampla que aquela atestada na diacronia do português e nas peças de teatro lisboetas. No que se refere às orações finitas com verbos simples, ao considerar o conjunto total de dados, atesta-se uma pequena variação cIV/Vcl em contextos de ênclise ou de próclise categórica na história do português. Considerei estes contextos, à parte, sob a rubrica de *contextos de cIV* e *contextos de Vcl*, nas seções 2.2.1.1 e 2.2.1.2, respectivamente. Em princípio, essa pequena variação não parece ser significativa, pelo menos não como associada a uma construção instanciada por uma gramática do português, em específico. Retorno, então, no capítulo 3 à ocorrência desses “dados negativos” e defendo que se trata de uma generalização do padrão enclítico da gramática do PE.

Para uma análise variacionista, propriamente dita, considerei, então, os dados que apresentam uma significativa alternância entre as ordens cIV e Vcl. Os resultados estão descritos na seção 2.2.1.3 e mostram que a variação refletida nos dados também é mais ampla que aquela atestada na história do português: para além das orações em que o verbo é antecedido por um sujeito não-focalizado, um advérbio não-modal e um PP (denominados na literatura de contextos de variação diacrônica, e por GBPS de *Contexto de variação I*), há uma significativa variação cIV/Vcl em orações com o verbo em primeira posição absoluta. Há de se considerar que a maior recorrência de cIV em contextos V1 está relacionada aos textos do século 20, mas esse padrão, inovador da gramática do PB, é encontrado já na escrita catarinense do século 19.

Sobre as orações com sujeitos pré-verbais, mostrei que a proporção de *cIV* nos textos catarinenses não é homogênea. No século 20, a próclise é o único padrão atestado nesse contexto, com algumas exceções em casos isolados. Na escrita do século 19, no entanto, enquanto *cIV* é já o padrão em orações com sujeitos pronominais pessoais, em orações com sujeitos DPs, encontro poucas ocorrências de próclise. Em outros termos, desconsiderando a próclise em orações com pronomes pessoais, que parece ser bastante estável na diacronia do português, uma questão interessante é saber se a próclise encontrada nos textos de catarinenses nascidos no século 19 é instanciada pela gramática inovadora do PB ou se são resquícios na escrita de uma gramática conservadora, do PC. No terceiro capítulo, comparando a proporção da próclise em construções com sujeito DP pré-verbal, *DPcIV*, e em construções com demais constituintes em posição pré-verbal, *XcIV*, defendo a idéia de que as próclises em contextos SV podem ser associadas aos padrões da gramática do PC.

Outro resultado a se destacar é que a proporção de *cIV* atestada em construções com sujeito pré-verbal se contrasta àquela atestada em construções com X, sendo X um advérbio não-modal ou um PP. A próclise é o padrão de ordenação em textos de catarinenses nascidos no século 20 em construções com sujeitos pré-verbais, mas não em orações com advérbios não-modais e PPs pré-verbais. Esse resultado sugere que a implementação do padrão proclítico na gramática do PB instanciada na escrita catarinense está associada à construção *ScIV*, ou, mais especificamente, a uma construção em que a posição pré-verbal é ocupada por um sujeito lexicalizado.

Mostrei ainda, neste capítulo, os padrões de ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas e em estruturas com interpolação de constituintes. Em relação às estruturas verbais complexas, os resultados mostram, de um lado, que a escrita catarinense reflete uma queda no eixo temporal no uso de construções COM alçamento de clíticos, proclítico ao verbo finito ou enclítico ao verbo não-finito (ou temático) da estrutura. De outro lado, em praticamente todos os textos, encontro uma construção característica da gramática do PB, ou seja,

uma construção SEM alçamento de clítico com próclise ao verbo não-finito. Se considerarmos que os contextos classificados como ambíguos, por não ser possível identificar se há próclise ao verbo não-finito ou ênclise ao verbo finito, não são encontrados nas peças de teatro escritas por portugueses e por isso não são tão ambíguos assim, encontro próclise ao verbo não-finito em todos os textos, e em largas proporções nos textos de catarinenses. De um modo ou de outro, sem considerar os casos ambíguos, é bastante clara a presença da construção com próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas característica da gramática do PB nos textos.

Em relação à interpolação, que em muitas análises em lingüística teórica é interpretada como instanciada por gramáticas de estágios anteriores do português, encontro construções com interpolação de “não” em muitos dos textos de catarinenses representativos do século 19. No texto de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1884, encontro construções com interpolação de pronome pessoal.

Considerando os resultados apresentados, a pergunta central que está na base do terceiro, e último, capítulo é: os padrões empíricos evidenciados na escrita catarinense dos séculos 19 e 20 são instanciados por qual(is) gramática(s) do português? A hipótese que defendo é a de que os padrões atestados são instanciados por três gramáticas do português, PC, PB e PE, de modo que a ordenação de clíticos evidenciada nos textos reflete um período de mudança sintática que pode ser interpretado via competição de gramáticas.

Capítulo 3

E “o português são três”...

3.0 Introdução

No capítulo 2 descrevi os padrões empíricos de ordenação de clíticos em orações finitas não-dependentes com verbos simples e em estruturas verbais complexas em textos catarinenses e lisboetas. No que se refere à escrita catarinense, especificamente, os resultados obtidos mostraram que as peças de teatro apresentam contextos categórico-majoritários de próclise (cIV) ou de ênclise (Vcl) – i.e. contextos que apresentam percentuais de cIV ou de Vcl muito próximos a 100% – e contextos de variação cIV/Vcl. Em particular, os contextos de variação em orações finitas não-dependentes com verbo simples e sujeitos pré-verbais em textos de autores nascidos no século 19 apresentam um padrão de variação interessante: a próclise é mais recorrente em orações com sujeitos pronominais pessoais, e não em orações com sujeitos DPs.

Como discutido no capítulo 1, assumo que, no processo de implementação de uma mudança gramatical, a variação atestada no uso de uma forma/estrutura lingüística em textos históricos no curso dos séculos pode ser entendida como o reflexo da competição de diferentes gramáticas. Sob esse ponto de vista, e tendo em conta a descrição e análise apresentadas no capítulo 2, meu objetivo neste capítulo 3 é interpretar os padrões empíricos atestados na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, tendo em vista diferentes propriedades estruturais da frase nas gramáticas do Português Clássico (PC), do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB).

Rosa Virgínia Mattos e Silva, num trabalho sobre a problemática questão do ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras (MATTOS E SILVA, 2005), refere o poema “*Aula de português*”, de Carlos Drummond de Andrade, e afirma que a realidade lingüística nas escolas do Brasil evidencia que “*o português são dois*”... No que se refere ao português escrito em Santa Catarina no século 19, defendo, no entanto, que há, ainda, outro padrão, para além daquele

gerado pela gramática vernacular brasileira (ou a língua de casa, para retomar Drummond) e pela gramática do PE (ou a língua da escola...), que me leva a defender que, na realidade, “*o português são três*”... Em termos mais técnicos, a pergunta que estará em pauta neste capítulo é: os diferentes padrões empíricos atestados nos textos escritos por catarinenses, sobretudo daqueles nascidos no curso do século 19, são instanciados pela gramática do PB, do PE e do PC?

O capítulo está dividido em três seções: na seção 3.1, apresento alguns aspectos sobre *a estrutura da frase* nas três gramáticas do português; essas propriedades estruturais estão na base da interpretação que proponho para os padrões empíricos encontrados, na seção 3.2; na seção 3.3, trago alguns elementos sobre a propagação e (muito brevemente) sobre a natureza da mudança sintática, refletida na ordenação de clíticos, que está na origem da gramática do PB.

3.1 Sobre a estrutura da frase em PC, PE e PB

Faço, nesta seção, uma breve revisão de estudos que apresentam análises acerca da estrutura da frase nas gramáticas do PC, do PB e do PE: em 3.1.1, apresento questões relacionadas à sintaxe da ordem de clíticos e demais constituintes oracionais; em 3.1.2, apresento questões relacionadas ao movimento sintático do verbo e questões relacionadas à derivação de clV e à projeção de uma categoria funcional na sintaxe.

3.1.1 A sintaxe da ordem: clíticos e a posição pré-verbal

No que se refere à estrutura da frase no PC, tem-se defendido que há duas posições disponíveis para constituintes pré-verbais: uma posição interna à estrutura oracional e outra posição externa à estrutura oracional, sendo CP o limite da oração (GALVES; GALVES, 1995; TORRES MORAIS, 1993, 1995; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005). (1), a seguir, sistematiza a proposta em questão.

(1) Estrutura da oração no português Médio

___ # [____(cl) V_(cl)], onde # é a fronteira da oração

Tem-se defendido também que, na gramática do PC, bem como em estágios anteriores do português e das demais línguas românicas, em orações com

o verbo em primeira posição absoluta, apenas a ordem Vcl é permitida, o que ficou conhecido na literatura como a *Lei de Tobler-Mussafia*, que prescreve que um elemento clítico não pode ser o primeiro constituinte de uma oração.

Inspiradas nessas análises, Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005, GBPS, doravante) propõem que os diferentes padrões atestados na ordenação de clíticos em textos portugueses dos séculos 16 a 19 refletem uma mudança estrutural na posição pré-verbal associada à restrição ao clítico em primeira posição na gramática do PC (ou no sistema do Português Médio, como melhor referem as autoras).

De acordo com GBPS, na gramática do PC, a restrição ao clítico em primeira posição está ainda ativa e se aplica no domínio de XP. Em outras palavras, a ordem Vcl é requerida em PC em orações em que o verbo é o primeiro constituinte de CP, como prescreve (2), a seguir.

(2) Aplicação da restrição ao clítico em primeira posição no PC

V1 – clítico não inicial em PC → XP

Um clítico não pode ser o primeiro constituinte do primeiro XP da oração

Na gramática do PC, portanto, o domínio de aplicação da restrição ao clítico em primeira posição é o primeiro XP da estrutura oracional, motivo pelo qual a ordem Vcl é sempre derivada em contextos V1 e a próclise nos demais contextos. De um lado, em uma estrutura como (3)a, a seguir, em que X está externo à estrutura oracional, aplica-se a restrição ao clítico em primeira posição e a ênclise é derivada. Em uma estrutura como (3)b, de outro lado, em que X está interno ao domínio oracional, a restrição não se aplica e a próclise é, então, derivada.

(3) Derivação da ênclise e da próclise no PC

a. $X \# [V \rightarrow XVcl$

b. $\# [XV \rightarrow XclV$

(GBPS, 2005, p. 51)

Seguindo a análise proposta em Galves e Sândalo (2004), segundo a qual a derivação de Vcl na gramática do PE é sensível a restrições no nível morfofonológico da gramática⁸⁵, a proposta de GBPS é a de que há uma mudança estrutural no domínio de aplicação da regra de restrição ao clítico em primeira posição em português: na gramática do PE o domínio de aplicação da regra passa a ser o primeiro X-barra da oração, e não mais o primeiro XP como na gramática do PC, como prescreve (4), a seguir.

(4) Aplicação da restrição ao clítico em primeira posição no PE

VI – clítico não inicial em PE → X-barra

Um clítico não pode ser o primeiro constituinte do primeiro X-barra da oração

(4) prediz que sempre que I-barra for o primeiro X-barra de uma estrutura a ênclise é derivada. GBPS assumem que em PE o sujeito pré-verbal se superficializa em *Spec/IP* e, sendo I-barra o primeiro X-barra, por conseguinte, a ordem Vcl é sempre derivada também em orações com sujeitos pré-verbais não-focalizados.

Tendo em conta a análise das autoras, a ordem Vcl é derivada em PE, então, em duas configurações: orações com o verbo em primeira posição absoluta e orações com sujeitos pré-verbais não-focalizados. Referentemente às últimas,

⁸⁵ Mais detalhes sobre a análise de Galves e Sândalo (2004), ver a seção 1.2.2 do capítulo 1 da tese.

note que como a regra de restrição ao clítico em primeira posição na gramática do PE se aplica ao nível X-barra (e não ao nível XP, como na gramática do PC), a presença do sujeito em *Spec/IP* é irrelevante para a aplicação da regra (i.e., a restrição ao clítico em primeira posição não se aplica). Por outros termos, em orações com sujeitos pré-verbais internos ao domínio de IP, I-barra é ainda o primeiro X-barra da estrutura que contém material lexicalmente realizado e a ênclise é a única derivação possível. As estruturas em questão para a gramática do PE estão sistematizadas no que segue, em (5).

(5) Derivação da ênclise no PE

[CP	IP	[I Vcl	
[CP	[IP sujeito	[I Vcl	

(GBPS, 2005, p. 53)

Por conseguinte, quando uma categoria X-barra entre CP e IP, dentro dos domínios da oração, é projetada, a próclise é sempre derivada em PE (cf. estruturas em (6)).

(6) Derivação da próclise no PE

[CP XP [C	[IP	[I clV	
[CP	[que	[IP	[I clV
[ΣP	[Σ XP ⁸⁶	[IP	[I clV

(GBPS, 2005, p. 53)

⁸⁶ Como bem observado por Maria Lobo, XP não deveria estar numa posição de núcleo Σ (sigma), mas, talvez, numa posição em *Spec,Σ*. Mantenho aqui, no entanto, as estruturas em (6), conforme apresentadas no texto das autoras (cf. GBPS, 2005, p.53).

Neste caso, a presença de um constituinte entre IP e CP obrigaria a projeção de outro nível X-barra, diferente de I-barra, que passa a não ser mais o primeiro X-barra da estrutura; logo, o clítico alocado à esquerda de V não está mais sujeito à restrição ao clítico em primeira posição e a próclise é, então, derivada.

Consideremos, no entanto, que a análise de GBPS para a derivação da ênclise em orações com sujeitos pré-verbais em PE se apóia no fato de ser *Spec/IP* a posição disponível para os sujeitos não-focalizados nessa gramática e que esta não é uma questão pacífica. Diferentemente de autores como Ambar (1992) e Costa (1998; 2004), que também defendem essa análise, Pilar Barbosa (2000, 2006) apresenta evidências substanciais de que o sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo, que inclui o PE, está sempre deslocado à esquerda. Retomarei alguns aspectos em torno dessa questão mais adiante.

Voltando à análise proposta por GBPS, outro aspecto relacionado à *natureza da mudança gramatical* nas construções com sujeitos pré-verbais envolvendo as gramáticas do PC e do PE a se destacar é o fato de que, se considerarmos as propostas em que IP é uma categoria subdividida em demais categorias funcionais⁸⁷ (como AGR e TP, por exemplo), a generalização proposta pelas autoras não mais se aplica aos contextos de derivação da ênclise. Quando cindida a categoria IP, a depender da posição estrutural do sujeito pré-verbal, I-barra pode não ser o primeiro X-barra da estrutura e mesmo assim, com sujeitos não-referenciais, a ordem verbo-clítico é sempre derivada em PE. Em Costa e Galves (2002), por exemplo, com base em evidências sintáticas de dados do PE, em comparação com a gramática do PB, se defende que o sujeito pré-verbal no PE pode ocupar (até) três posições estruturais (*Spec/AgrSP*, *Spec/TP* e *Spec/VP*). Retomo alguns aspectos da proposta de Costa e Galves na seção 3.1.2, mais adiante. Volto, antes, à estrutura da frase e à natureza da posição pré-verbal no

⁸⁷ Há muitas propostas em teoria lingüística que assumem a cisão do IP, tendo em vista a análise pioneira do trabalho de Pollock (1989).

PC, relevantes para a análise que apresento dos padrões empíricos da ordenação de clíticos na escrita catarinense.

Com base na análise de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 18, Paixão de Sousa (2004) traz significativas contribuições ao estudo dos diferentes padrões de ordenação de clíticos e demais constituintes oracionais nas gramáticas do PC e do PE. Olhemos mais de perto em que direção.

Como refere Paixão de Sousa, os padrões superficiais *XV* e *XXV* atestados nos textos escritos podem ou não corresponder, respectivamente, ao padrão estrutural de construções *V2* e *V3*. Seguindo esse raciocínio e a restrição ao clítico em primeira posição, a ênclise é derivada apenas em contextos *XV* com *V1* estrutural, ou seja, em contextos em que *X* esteja externo aos domínios da oração.

De fato, como também refere a autora, em orações com constituintes explicitamente focalizados e sujeitos quantificados, por exemplo, a próclise é categórica em todos os estudos sobre o PC ou estágios anteriores do português. Esses contextos corresponderiam, assim, a padrões prototípicos *XV* superficiais e *V2* estruturais⁸⁸.

A alternância *Vcl/clV* atestada em *ambientes de variação diacrônica*, ou, mais especificamente, em contextos *XV* em que o verbo é antecedido por sujeitos não-focalizados, advérbios não-modais, PPs, complementos ou orações dependentes, nos textos clássicos coloca um problema central para a hipótese acima: como diagnosticar a posição (interna ou externa) dos constituintes pré-verbais em orações *V2* superficiais em *ambientes de variação diacrônica*, considerando apenas a colocação do clítico? A hipótese fica circular e pouco avança: a colocação dos clíticos justifica a posição estrutural (interna ou externa) dos constituintes e essa, por sua vez, justifica a colocação dos clíticos.

⁸⁸ Nos dados analisados na tese, esses contextos são também de próclise categórica. Cf. seção 2.2.1.

Paixão de Sousa tenta fugir dessa circularidade descrevendo isoladamente os contextos XV e os padrões empíricos de ênclise e de próclise atestados pela autora na análise de textos dos séculos 16 a 19. A autora observa que a evolução da ênclise nos diferentes *contextos de variação diacrônica* não se dá numa mesma proporção.

De um lado, há um significativo aumento na proporção da ênclise em construções com sujeitos não-focalizados, advérbios não-modais e PP pré-verbais nos textos escritos depois do século 18 em relação àqueles escritos nos séculos anteriores⁸⁹. A próclise nesses contextos é generalizada nos textos dos séculos 16 e 17.

De outro lado, a evolução da ênclise em construções com orações dependentes é menos ordenada e pouco significativa já em textos dos séculos 16 e 17. A pouca ocorrência dessas construções na amostra e propriedades idiossincráticas próprias leva a autora a classificá-las, independentemente da posição do clítico, como construções VI. O argumento da autora está centrado no fato de a ocupação da posição pré-verbal interna à fronteira da oração ser o resultado de operações de movimento na sintaxe (disponível apenas para constituintes de VP como advérbios e argumentos); orações dependentes pré-verbais, nesse contexto, ocupariam, *por adjunção*, uma posição externa à estrutura da oração. A proposta assumida por Paixão de Sousa coloca um problema para as análises da variação próclise/ênclise balizadas pela posição inicial do verbo (cf. PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 80).

⁸⁹ Vale evidenciar que na análise a ênclise é pouco produtiva em qualquer contexto XV em textos do Português Médio (i.e., em textos de autores nascidos até o século 18) e passa a ser mais produtiva em textos modernos, especialmente em contexto em que X é um sujeito lexical. O aumento da produtividade da ênclise caracterizaria o advento do PE Cf. seção 1.2.1.2.1 do Capítulo 1. Lembro ainda que sob a rubrica *Português Médio*, Paixão de Sousa faz referência a um período de tempo (cronológico) em que as demais gramáticas do português competem com a gramática do PC.

A partir dessa observação empírica, a autora evidencia que todo sujeito em contextos *SVcl* é um adjunto no Português Médio, mas não em PE.

Nessa linha de raciocínio, no PC contextos XVcl (enclíticos) correspondem necessariamente a uma estrutura de adjunção, em que X está externo à fronteira da sentença (X#V), enquanto contextos XclV (proclíticos), por sua vez, podem ou não corresponder a uma estrutura de adjunção⁹⁰. Nos casos de próclise em contextos de adjunção, que configura uma violação à restrição ao clítico em primeira posição, segundo a autora, “*uma propriedade da escrita clássica (barroca) está na raiz do enfraquecimento da restrição de Tobler-Mussafia*” nos textos analisados (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 97-98).

Assim, aqui defende-se que a mudança entre o sistema médio e o PE diz respeito, primordialmente, às posições disponíveis para os sujeitos na estrutura da frase: a mudança principal instanciada nos textos, e que explicaria a progressão da ênclise em SV, não será a maior frequência de sujeitos externos (ou seja S#Vcl) mas sim o surgimento de uma nova posição para os sujeitos “neutros” (manifestada na ordem #SVcl) (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 77).

A hipótese forte de Paixão de Sousa é a de que *os textos do século 17 apresentam uma maior tendência* ao uso de construções denominadas pela autora de *fronteamento*. Para ela, esse é um argumento central para explicar os padrões de frequência de *SclV* no Português Médio; e, conseqüentemente, a derivação da ênclise na gramática do PE, que, por hipótese, perdeu a propriedade de *fronteamento de constituintes*.

Numa outra direção, uma questão interessante que se abre é: como muitos estudos já mostraram a gramática do PB parece ter perdido também a propriedade, de fronteamento, para Paixão de Sousa, ou de V2, para outros autores (cf. TORRES MORAIS, 1993, 1995, por exemplo), e a próclise é sempre derivada,

⁹⁰ É importante lembrar que, na análise em apreço, a próclise será sempre derivada por uma estrutura em que X ocupe, por movimento, uma posição interna à oração.

principalmente em contextos [#SV⁹¹. Quais as implicações que essa perda tem na gramática do PB? Em que sentido (e direção) a mudança dessa propriedade estrutural diferencia as variedades brasileira e européia contemporâneas do português da gramática do PC?

A busca por respostas para essas questões tem sustentado (e ainda vai sustentar) muitos trabalhos de tese... O que espero com a análise dos padrões empíricos na escrita catarinense é, minimamente, contribuir com o grande empreendimento de diagnosticar a propagação da mudança que está na origem do PB, e, ainda mais especificamente, no português escrito em Santa Catarina nos séculos 19 e 20.

Para sistematizar a proposta de Paixão de Sousa (2004), note-se que os padrões de XV nos textos clássicos podem superficializar diferentes estruturas sintáticas, especificadas em (I) e (II), a seguir.

(I) *Estruturas de Fronteamento* #[XV, sendo X um constituinte de VP tal como advérbios modais, quantificadores, focos e argumentos do verbo. Essas construções resultariam de movimento na sintaxe para uma posição interna à sentença, conforme os exemplos em (7), retomados da autora;

(7)

- a. # [Bem me importava...
- b. # [Muito vos desejei...
- c. # [Todos me tratam...

⁹¹ Não necessariamente a direção da mudança relacionada à perda da propriedade sintática de fronteamento e às origens das gramáticas do PE e do PB é a mesma. Pelo contrário, em PE o padrão é a ordem SV com ênclise; em PB, a ordem SV com próclise.

d. # [Elas mesmas lhe contaram

(PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 72)

(II) *Estruturas de Adjunção X#[V*, sendo X uma oração dependente ou um PP adjunto. Essas construções não seriam provenientes de movimento na sintaxe, mas de um processo de adjunção a uma posição externa aos limites sintáticos e fonológicos da sentença, conforme estruturas em (8).

(8)

- a. Suspenso o imperador com esta proposta #[disse-lhe Ariano
- b. Em Sintra #[obrigava-me a tomar
- c. Por esta razão #[lhe pareceu

(PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 74)

Para a autora, as construções #SV seriam em PC um subconjunto das construções X#V; ou seja, o sujeito em posição pré-verbal nessas construções seria um adjunto externo à estrutura sintática e fonológica da sentença. Por outros termos, no sistema médio (ou na gramática do PC), mas não no PE, todo sujeito em SVcl é um adjunto (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 119).

Importante se faz destacar que, na interpretação proposta por Paixão de Sousa (2004), o que caracterizaria a passagem do sistema médio (a gramática do PC) para o moderno (a gramática do PE) é a passagem de um sistema XVS para um sistema SVX; em decorrência dessa reordenação da posição estrutural pré-verbal, de uma posição disponível para constituintes de VP em geral em PC para uma posição preferencial para sujeitos em PE, o advento da variante contemporânea do PE não estaria relacionado apenas ao aumento na proporção da ênclise refletido nos textos, propriamente dito; mas sim a uma reordenação na

posição pré-verbal, ou mais propriamente a um aumento na proporção da construção com ênclise e sujeito pré-verbal, qual seja, *SVcl*.

Pois concluímos, em relação aos padrões de VS, que o contraste entre os textos pré 1700 e pós 1700 podem ser interpretados como indicadores da passagem de um sistema *XVS* para um sistema *SVX*. No primeiro sistema, a posição pré-verbal seria disponível para constituintes de VP em geral – crucialmente, não seria uma posição própria para sujeitos. (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p.163) [assim no texto da autora]

Na análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, apresentada na seção 3.2 deste capítulo, assumo em relação à estrutura da frase na gramática do PC que, sendo CP o limite da oração, há duas posições disponíveis para a realização dos constituintes pré-verbais: uma posição interna e outra posição externa à estrutura oracional (cf. GALVES; GALVES, 1995; TORRES MORAIS, 1995; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Em relação às gramáticas contemporâneas do português, PE e PB, assumo, também em companhia das referidas autoras ⁹², que há uma especificação da posição pré-verbal na estrutura da frase que licencia apenas (ou preferencialmente) na posição pré-verbal a lexicalização de sujeitos oracionais – i.e., a lexicalização do argumento externo do verbo, ou, mais especificamente em relação à gramática do PB, demais constituintes oracionais que “assimilam” os traços gramaticais associados à posição sujeito na configuração SV (cf. PONTES, 1987 e GALVES, 2001).

⁹² Cf., também, Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005), em relação ao PB.

3.1.2 *Movimento de constituintes e a derivação da próclise*

3.1.2.1 *O movimento do verbo em português*

Tendo em vista a possibilidade de alternância na ordenação de determinados advérbios na frase, muitos estudos foram realizados em sintaxe gerativa em relação à posição (ou ao movimento, propriamente dito) do verbo e demais constituintes nas gramáticas das línguas naturais. Em busca de propriedades estruturais acerca da derivação da próclise nas gramáticas do português, que estão na base da interpretação dos padrões empíricos de ordenação de clíticos atestados na escrita catarinense, retomo, nesta seção, argumentos de alguns estudos recentes relacionados ao movimento do verbo e às propriedades da posição pré-verbal em português. Meu objetivo, especificamente, é delinear propriedades relacionadas ao movimento do verbo, de um lado, e à derivação da próclise via projeção de categorias funcionais no componente sintático, de outro lado, nas gramáticas do PC, do PE e do PB.

Não se pode falar em análises sobre o movimento do verbo nas gramáticas das línguas particulares, sem retomar o estudo pioneiro de Pollock (1989) sobre o francês e o inglês. Retomo, de maneira bastante resumida, nas páginas que seguem, a análise proposta por Pollock. O autor observa que, diferentemente do francês, em sentenças declarativas do inglês advérbios de VP como *frequentemente* e quantificadores flutuantes como *todos* não podem ocorrer entre o verbo e o seu complemento. Por outras palavras, enquanto em inglês advérbios de VP e quantificadores flutuantes não podem romper a adjacência entre o verbo e

o seu complemento, em francês (cf. exemplos em (9) e (10)), pelo contrário, a não-adjacência é obrigatória (cf. ilustram os exemplos (11) e (12)).

(9)

a. *John kisses often Mary

b. John often kisses Mary

“O João beija freqüentemente a Maria”

(10)

a. *Jean souvent embrasse Marie

b. Jean embrasse souvent Marie

“O João beija freqüentemente a Maria”

(11)

a. *My friends love all Mary

b. My friends all love Mary

“Meus amigos todos amam a Maria”

(12)

a. *Mes amis tous aiment Marie

b. Mes amis aiment tous Marie

“Meus amigos todos amam a Maria”

Pollock, com base nas (im)possibilidades de posicionamento de advérbios de VP e quantificadores flutuantes nas duas línguas, propõe que, dada a obrigatoriedade da adjacência entre o verbo e o complemento no inglês (cf. a

agramaticalidade de (9)a e (11)a), não há movimento do Verbo para o núcleo flexional I (movimento de V-para-I) na gramática dessa língua. Diferentemente, em francês, dada a obrigatoriedade da não-adjacência entre o verbo e o complemento (conforme a agramaticalidade de (10)a e (12)a), há, necessariamente, movimento de V-para-I.

Pollock propõe ainda a cisão da categoria funcional máxima IP em TP e AgrP e a possibilidade de licenciamento da categoria máxima NegP entre elas. Considerando essa estrutura, o movimento do verbo, em línguas em que o movimento ocorre, como no francês, pode se dar ou para uma categoria mais baixa entre Neg e Adv (Neg-V-Adv), denominado movimento curto do verbo, ou para uma categoria mais alta em que o verbo ocorre antes da negação e do advérbio (V-Neg-Adv), denominado movimento longo do verbo.

Nessa mesma linha de pensamento, Costa e Galves (2002) observam as possibilidades de ordenação de alguns constituintes em PE e em PB e buscam evidências empíricas que atestem (ou não) o movimento do verbo nas duas variedades do português.

Os autores observam que, em português, diferentemente do francês em que as orações gramaticais são aquelas em que os elementos adjungidos a VP ocorrem necessariamente pospostos ao verbo da estrutura (cf. (10)b), o advérbio *freqüentemente* e o quantificador flutuante *todas* podem ocorrer antepostos ou pospostos ao verbo (cf. (13), a seguir). A boa formação de (13)a e de (13)b, aparentemente, parece evidenciar uma opcionalidade do movimento do verbo nas gramáticas do PE e do PB.

(13)

- a. O João (freqüentemente) beija (freqüentemente) a Maria
- b. As crianças (todas) beijam (todas) a Maria

Costa e Galves, no entanto, apresentam três evidências empíricas de que o movimento do verbo para uma categoria mais alta não é opcional nessas duas variedades do português. A primeira diz respeito ao distinto comportamento em estruturas com demais *advérbios baixos* (i.e., advérbios de VP; em oposição a *advérbios altos*, ou advérbios de frase) como *bem* e *atentamente*. Em português, nas variedades brasileira e europeia, a ordenação desses advérbios é sempre posposta ao verbo, conforme contraste entre a boa formação em (14)a e a má formação em (14)b.

(14)

- a. O Pedro leu bem/atentamente o livro
- b. *O Pedro bem/atentamente leu o livro⁹³

Uma segunda evidência apresentada pelos autores se assenta no fato de, com algumas restrições, o verbo poder ocorrer entre dois advérbios (cf. (15)a) – bem formada em PE e PB – ou, em contextos ainda mais restritos, entre um quantificador flutuante e um advérbio (cf. (15)b) – bem formada apenas em PE.

(15)

- a. Os meninos ontem leram bem/atentamente o livro
- b. Os meninos freqüentemente beijam todos a Maria (PE)

A terceira evidência elencada por Costa e Galves diz respeito às diferentes leituras, *de modo* ou *orientada para o sujeito*, possíveis para construções com advérbios como *atentamente*. Como referido pelos autores, as leituras de modo ou

⁹³ Os juízos de boa e má formação das orações são de Costa e Galves (2002).

orientada para o sujeito estão, respectivamente, relacionadas à anteposição (cf. (16)a) ou à posposição (cf. (16)b) do advérbio.

(16)

- a. O Pedro atentamente leu o livro. (orientada para o sujeito/ *de modo)
- b. b. O Pedro leu atentamente o livro. (*orientada para o sujeito/ de modo)

É importante lembrar que, como referem Costa e Galves, em francês a única opção gramatical é aquela em que o advérbio se encontra numa posição mais baixa na estrutura (cf. (17), a seguir). Nessa construção, as duas leituras, de modo e orientada para o sujeito, são possíveis.

(17)

- a. L'étudiant lit intelligemment le livre (orientada para o sujeito/de modo)

Para sumarizar, a ordem posposta de *advérbios baixos*, a possibilidade de o verbo ocorrer entre dois advérbios e as diferentes interpretações em construções associadas às diferentes posições de advérbios como *atentamente* em português levam Costa e Galves a propor que o verbo em português se move para uma projeção funcional mais alta. Defendem os autores, no entanto, que essa posição deve ser mais baixa que aquela alcançada pelo verbo em francês. Assumindo a cisão da categoria funcional IP, Costa e Galves propõem que em português há o movimento curto do verbo para T, enquanto em francês o verbo se move para AgrP. As posições em que os sujeitos se lexicalizam nas variedades contemporâneas do português são, no entanto, diferentes.

Defendem Costa e Galves (2002) que em PB e em PE os sujeitos pré-verbais não estão necessariamente deslocados à esquerda e que a posição

estrutural do sujeito pré-verbal é diferente nas duas gramáticas. Os autores apresentam evidências sintáticas de que, enquanto o sujeito pré-verbal em PE pode ocupar (até) três posições estruturais (Spec/AgrSP, Spec/TP e Spec/VP), no PB, por ser a posição Spec/TP ocupada obrigatoriamente por uma categoria pronominal relacionada ao sujeito (nula ou lexical) e de Spec/VP não ser uma posição disponível para a superficialização do sujeito nessa gramática, o sujeito pré-verbal se superficializa sempre em Spec/AgrSP.

Na seção 1.2.2.1 do capítulo 1, apresentei propostas teóricas recentes de lingüistas que defendem a derivação da próclise nas gramáticas do português via projeção de uma categoria funcional no componente sintático. Em especial, mostrei que na proposta de Raposo (2000) a derivação da próclise se relaciona à projeção (assim como aos traços e às propriedades estruturais) da categoria funcional FP, alocada entre CP e IP, no português. Esse autor defende que, independentemente da derivação da ênclise ou da próclise, a categoria FP é sempre projetada e que o verbo sempre se move para a posição de *Spec de FP* na gramática do PE.

Pois bem, se consideramos válidos os argumentos apresentados na análise de Costa e Galves (2002), o que me parece ser o caso, temos que assumir que o verbo, quer em PE quer em PB, não se move para uma posição mais alta acima de TP. Em outras palavras, o verbo não se move para FP, como propõe Raposo (2000).

3.1.2.2 A derivação da próclise em PC, PE e PB

Antes de passar à análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, é importante deixar clara a análise teórica que assumo para a derivação da próclise nas gramáticas do PC, PE e PB. De um modo geral, como

referido na seção 1.2.2.3 no capítulo 1, em muitas das propostas teóricas para a derivação da próclise em português a ordem cIV está relacionada a duas propriedades: à restrição ao clítico em primeira posição, *Lei de Tobler-Mussafia*, (aplicada nos domínios da sintaxe ou do componente morfofonológico) e à projeção de uma categoria funcional “extra” na sintaxe.

Em PC, que tem ativa a restrição ao clítico em primeira posição que se aplica no nível XP, a próclise é derivada em construções XV em que X ocupa uma posição interna à estrutura oracional (GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GBPS, 2005; GTMR, 2005).

Em PE, a restrição ao clítico em primeira posição está ainda ativa e se aplica, diferentemente do PC, no nível do primeiro X-linha da estrutura oracional. A próclise é derivada, então, na presença da projeção de uma categoria funcional entre CP e IP nos domínios da oração (GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GTMR, 2005).

Em PB, em tese, não se aplica, sob qualquer situação, a restrição ao clítico em primeira posição. O PB teria perdido em sua versão vernacular tal restrição (GTMR, 2005). Em uma análise nos termos da de Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005), a próclise em PB seria derivada devido à interação entre a perda da restrição ao clítico em primeira posição e propriedades do componente morfofonológico da gramática (cf. seção 1.2.2.2, no primeiro capítulo)⁹⁴.

Uma nova proposta teórica para a derivação da próclise em PB (assim com para a colocação de clíticos nas gramáticas do PE e PC) é uma questão que foge ao escopo do trabalho aqui apresentado. Por ora, ao fim e ao cabo, fica registrado

⁹⁴ Em termos sintáticos, podemos pensar que a próclise em PB esteja relacionada às propriedades da projeção de uma categoria funcional “extra” na sintaxe, tal como as propriedades da categoria FP, por exemplo. Essa é, no entanto, uma questão que retomarei em trabalhos futuros. Cf., para uma discussão a respeito das propriedades estruturais da categoria FP, numa perspectiva diacrônica, nas gramáticas do PC, PE e PB, Paixão de Sousa (2008a, b).

que assumo a análise GBPS (2005) para o PC e para o PE e a análise de GTMR (2005) para a derivação da próclise em PB.

3.2 De volta à escrita catarinense dos séculos 19 e 20

Como já referido, encontrei na escrita catarinense padrões empíricos de ordenação de clíticos bastante diversificados. Nesta seção, tendo por base a estrutura oracional nas gramáticas do PC, do PE e do PB, acima apresentada, busco observar por qual (ou quais) gramática(s) do português esses padrões atestados são instanciados nos textos em análise. Na seção 3.2.1, procuro argumentar que as construções *SclV* nos textos do início do século 19 não são instanciadas pela mesma gramática que gera as próclises em contextos *SV* nos textos do século 20. Por outros termos, argumento que nos textos do início do século 19 as próclises são instanciadas, ainda, pela gramática do PC. Em 3.2.2, mostro que, nesses mesmos textos do século 19, paradoxalmente, há padrões instanciados pela gramática do PB, tais como a próclise a *V1* e ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas.

3.2.1 SclV versus XclV, ou sobre os padrões da gramática do PC

Como mostrado por Paixão de Sousa (2004), com base na análise de textos portugueses dos séculos 16 a 19, a gramática do PE se distancia da gramática do PC, não por um aumento na proporção de ênclise, mas sim pela implementação de construção em específico, qual seja, *SVcl*. Assumindo que as gramáticas do PE e do PB evoluíram a partir de uma mesma base comum, o sistema clássico,

apresento, nesta seção, resultados da análise dos contextos *ScIV* e *XcIV* na escrita catarinense. Antes, porém, retomo os resultados obtidos em Torres Morais (1993) sobre a evolução da próclise nesses contextos em peças de teatro dos séculos 18 a 20.

Torres Morais (1993) apresenta uma análise da inversão sujeito-verbo na gramática do PB a partir da primeira metade do século 18. Com base na análise de dados extraídos de cinco peças de teatro escritas entre os séculos 18 a 20, a autora encontra uma evolução de 72%, 70%, 83%, 85% e 93% de próclise nas construções *SVX* nas peças escritas ao longo dos séculos ^{95;96}. Retomemos os resultados de Torres Morais em relação à evolução da próclise nos contextos *SVX*. A autora encontra taxas de 88% num texto do século 18; 40% e 25% em textos do século 19; e 80% e 100% em textos do século 20. Como refere Torres Morais, a evolução nas taxas de *ScIVX* nos textos acarreta (digo eu, aparentemente) dois problemas: (a) há uma elevada taxa de *ScIVX* no texto do século 18 e (b) há uma queda na evolução de *ScIVX* nos textos do século 19 que contrasta com as elevadas taxas de *ScIVX* nos textos do século 20.

A resposta proposta pela autora em relação à evidência empírica descrita em (a) é a possibilidade de que a próclise nas estruturas *SVX* no texto do século 18 (de 88%) pode não ser a mesma que aquela atestada nos textos do século 20. O texto do século 18 refletiria propriedades de uma gramática distinta daquela evidenciada nos textos do século 20. Em relação à evidência descrita em (b), a autora assume que os textos do século 19 “encobrem”, por refletirem tendências

⁹⁵ Respectivamente, 72% em um texto do século 18; 70% e 83% em dois textos do século 19; e 85% e 93% em dois textos do século 20.

⁹⁶ Nas palavras da autora, “A progressiva afirmação da ordem *SVX* com o sujeito em posição pré-verbal parece evidenciar que, a partir do séc. XVIII, as novas gerações de falantes estavam atribuindo uma diferente análise a estas construções. Elas não seriam mais analisadas como as estruturas *V2* do período arcaico e clássico, com movimento do *V* para *AGR1* e movimento de topicalização do sujeito para *Spec,AGR1*. Na reanálise, as declarativas *SVX* poderiam estar sendo analisadas sem movimento do *V* para uma posição mais alta.” (TORRES MORAIS, 1993, p. 286-287.).

conservadoras da gramática do PE (ou seja, de um padrão enclítico), a evolução da próclise na gramática do PB.

Proponho outra interpretação para a queda nas taxas de próclise no contexto *SVX* nos textos analisados por Torres Morais. Observe-se que há uma queda, gradativa, de 88% no texto do século 18 para 40% e 25% nos textos do século 19, de modo que as taxas de *Sc/VX* nos textos parecem refletir não a queda no uso da próclise na gramática do PB na escrita dos diferentes séculos, mas sim a queda de *Sc/VX* instanciada por uma gramática conservadora, refletida na escrita dos autores, qual seja a gramática do PC. Nessa linha de pensamento, não se justificam mais os dois problemas (aparentes) referidos por Torres Morais; pelo contrário, tais resultados são antes esperados: as taxas de *Sc/VX* encontradas nos textos refletem a queda na escrita de uma construção gerada por uma gramática conservadora, em desuso, do PC e não pela gramática inovadora do PB.

Há, ainda, refletido nas peças de teatro analisadas por Torres Morais, mais especificamente nas do século 19, o padrão enclítico da gramática do PE, qual seja *SVcIX*. Esse padrão enclítico instanciado nos textos se deve, nas palavras da autora, a *diferenças estilísticas, a preocupações normativas e à influência conservadora do padrão literário*. (TORRES MORAIS, 1993, p. 302 – nota 10).

Outra questão interessante diz respeito à natureza do sujeito pré-verbal nas construções *Sc/VX* encontradas nos textos. Não há referência no estudo de Torres Morais à natureza do sujeito pré-verbal, mas, como apresento no que segue, há evidências empíricas, com base na análise de vinte e quatro peças de teatro escritas por catarinenses, de que a evolução da próclise em orações com sujeitos pronominais é bastante distinta daquela atestada em orações com sujeitos DPs simples.

Conforme mostram as diferentes taxas na proporção de *cIV* encontradas na escrita catarinense, quando considerada a natureza DP simples ou pronominal do sujeito pré-verbal, a proporção de *cIV* não é a mesma: em textos de autores

nascidos no século 19, a próclise é mais recorrente em orações com sujeitos pronominais mas não o é em orações com sujeitos DPs. Uma questão interessante que se abre é: quais as propriedades dos sujeitos pronominais e dos sujeitos DPs relacionadas à derivação das próclises instanciadas nos textos? Ou, ainda, quais as propriedades das próclises com sujeitos DPs simples e das próclises com sujeitos pronominais nos textos? Por outros termos, é preciso entender a origem das próclises atestadas nos textos escritos no século 19 que podem estar associadas à gramática do PB ou à gramática do PC.

Assumindo uma análise como a de GBPS (2005) e outras, uma hipótese para explicar esse contraste entre orações com sujeitos DPs e sujeitos pronominais pessoais seria dizer que, no período correspondente ao século 19, de um lado, os sujeitos pronominais são mais frequentemente analisados como internos à oração, e desencadariam, por isso, a próclise. De outro lado, os sujeitos DPs simples seriam mais facilmente deslocados, sendo alocados numa posição externa à oração desencadeando a ênclise. Em períodos posteriores ao século 19, enfraquecendo-se a restrição ao clítico em primeira posição na gramática do PB, e passando a ser o verbo o hospedeiro do clítico, essa distinção deixaria de existir.

Mostrei na seção 3.1 que, segundo a análise de Paixão de Sousa (2004), a implementação da gramática do PE, instanciada em textos portugueses dos séculos 16 a 19, parece estar associada não ao aumento da ênclise propriamente dito, mas ao aumento de uma construção específica: *SVcl*. Como muitos estudos têm mostrado, o PB vem também gradativamente perdendo a flexibilidade na posição ocupada pelo sujeito e se tornando uma língua SV (PONTES, 1987; BERLINCK, 1988; DUARTE, 1995; COELHO, 2000). Da mesma maneira como proposto por Paixão de Sousa para o PE, podemos aventar a hipótese de que a implementação da gramática do PB, instanciada nos textos catarinenses dos séculos 19 e 20, esteja também associada não ao aumento da próclise, mas a uma construção específica: *ScIV*.

Em busca de evidências empíricas para a hipótese aventada acima, analiso no que segue dados da amostra relacionados às orações finitas não-dependentes com verbo simples em contextos XV, sendo X um sujeito DP simples ou pronominal pessoal não-focalizado, um advérbio não-modal ou um PP em que a variação *cIV* / *Vcl* é atestada (cf. discussão na seção 2.2.1.3.2 do capítulo 2⁹⁷). A amostra soma 482 dados, sendo 232 ocorrências com próclise e 250 ocorrências com ênclise. Tomo como parâmetro para a análise as construções com próclise, a fim de observar a evolução das taxas relacionadas às construções *ScIV* e *XcIV* nos textos.

As taxas de próclise, por contexto, estão apresentadas na *Tabela 3.1*, a seguir.

TABELA 3.1 Próclise em contextos XV⁹⁸ na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>SV</i>	<i>AdvV</i>	<i>PPV</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	21/91 – 23%	5/19 – 26%	0/6 – 0%	26/116 – 22%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/27 – 26%	5/9 – 56%	1/5 – 20%	13/41 – 32%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	6/15 – 40%	2/3 – 67%	1/2 – 50%	9/20 – 45%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/7 – 43%	1/4 – 25%	0/3 – 0%	4/14 – 29%
Horácio Nunes (1855- 1919)	15/56 – 27%	3/14 – 21%	1/14 – 7%	19/84 – 23%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	8/15 – 53%	2/5 – 40%	0/4 – 0%	10/24 – 42%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	32/49 – 65%	2/3 – 67%	3/5 – 60%	37/57 – 65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	3/7 – 43%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	3/9 – 33%
Ody Fraga (1927-1987)	4/4 – 100%	0	1/1 – 100%	5/5 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	5/5 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	7/8 – 88%
Ademir Rosa (1950-1997)	23/23 – 100%	7/8 – 88%	7/8 – 88%	37/39 – 95%
Antônio Cunha (1961-)	27/27 – 100%	1/1 – 100%	1/2 – 50%	29/30 – 97%
Sulanger Bavaresco (1969-)	28/28 – 100%	5/5 – 100%	0/2 – 0%	33/35 – 94%
TOTAL	182/354 – 51%	34/73 – 47%	16/55 – 29%	232/482 – 48%

⁹⁷ Saliento que, na seção 2.2.1.3.2 do capítulo 2, a análise apresentada se refere às construções (X)XV e que, diferentemente, na análise que segue considero apenas as construções XV. Justifica-se com isso a diferença nos totais de dados, refletida nas *Tabelas 2.2* e *3.1*.

⁹⁸ É importante registrar que as *Tabela 3.1* e *3.2* fazem referia apenas a uma parte dos dados apresentados na *tabela 2.2* (capítulo 2, p. 145). Aqui, apenas os contextos XV são considerados.

Uma observação rápida nos números apresentados na *Tabela 3.1* mostra que, nos textos de autores nascidos no século 20, há uma diferença entre a proporção de *clV* em orações com sujeitos e em orações com demais constituintes em posição pré-verbal. É importante considerar, todavia, que as orações com sujeitos pré-verbais pronominais pessoais apresentam um padrão “diferenciado” na sintaxe de ordenação de clíticos, nos textos analisados e na história do português (cf. seção 2.2.1 no capítulo 2). As taxas de *ScIV* em orações com sujeitos DPs simples e com sujeitos pronominais pessoais estão listadas, separadamente, na *Tabela 3.2*, no que segue.

TABELA 3.2 Próclise em contextos XV, sendo X um sujeito *DP simples* ou um sujeito pronominal pessoal, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>Sujeito Pronominal</i>	<i>Sujeito DP</i>	TOTAL
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	16/26 – 62%	5/65 – 8%	21/91 – 23%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	7/13 – 54%	0/14 – 0%	7/27 – 26%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	5/6 – 83%	1/9 – 11%	6/15 – 40%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	3/4 – 75%	0/3 – 0%	3/7 – 43%
Horácio Nunes (1855- 1919)	10/18 – 56%	5/38 – 13%	15/56 – 27%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	3/3 – 100%	5/12 – 42%	8/15 – 53%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	20/20 – 100%	12/29 – 41%	32/49 – 65%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	2/2 – 100%	1/5 – 20%	3/7 – 43%
Ody Fraga (1927-1987)	1/1 – 100%	3/3 – 100%	4/4 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	3/3 – 100%	2/2 – 100%	5/5 – 100%
Ademir Rosa (1950-1997)	18/18 – 100%	5/5 – 100%	23/23 – 100%
Antônio Cunha (1961-)	15/15 – 100%	12/12 – 100%	27/27 – 100%
Sulanger Bavaresco (1969-)	22/22 – 100%	6/6 – 100%	28/28 – 100%
TOTAL	125/151 – 83%	57/203 – 28%	182/354 – 51%

Os resultados agora ficam mais interessantes. Observe-se que há nos textos catarinenses do século 19 uma clara diferença nas taxas de *clV* em orações com sujeitos DP simples e em orações com sujeitos pronominais pessoais: há baixas taxas de *clV* em contextos *DPV* e elevadas taxas em orações com sujeitos pronominais pessoais. Como já referido anteriormente, uma questão interessante que se abre é: retiradas as próclises com sujeitos pronominais pessoais da amostra, as próclises encontradas nos textos do século 19 em contextos *DPV* são

instanciadas por que gramática do português? Como já mostrado na revisão que apresento na seção 1.2 do capítulo 1, a próclise em contextos *SV* é o padrão tanto na gramática do PB quanto na gramática do PC.

Apresentei, na seção 3.1.1, propostas teóricas que defendem que a gramática do PC não impõe restrições à natureza do constituinte que pode ocupar a posição pré-verbal. Esta posição estaria disponível na gramática dessa língua para constituintes de VP em geral. No PB, por outro lado, como muitos estudos também têm mostrado, a posição pré-verbal é uma posição preferencial para sujeitos argumentais, ou, quando não, para constituintes que possam assimilar os traços gramaticais de sujeitos (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001).

Pois bem, em termos empíricos, interessante será comparar as taxas de próclises em contextos *DPV (DPclV)* àquelas atestadas em contextos de variação *XV (XclV)*, sendo X um advérbio não-modal ou um PP. A Tabela 3.3, a seguir, sistematiza o total de ocorrências de *clV* em contextos *XV* na amostra.

TABELA 3.3 Próclise em *XV*, sendo X um advérbio não-modal ou um PP, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>Autor/ano de nascimento</i>	<i>AdvV</i>	<i>PPV</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	5/19 – 26%	0/6 – 0%	5/25 – 20%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	5/9 – 56%	1/5 – 20%	6/14 – 43%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	2/3 – 67%	1/2 – 50%	3/5 – 60%
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	1/4 – 25%	0/3 – 0%	1/7 – 14%
Horácio Nunes (1855- 1919)	3/14 – 21%	1/14 – 7%	4/28 – 14%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	2/5 – 40%	0/4 – 0%	2/9 – 22%
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	2/3 – 67%	3/5 – 60%	5/8 – 62%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/2 – 0%
Ody Fraga (1927-1987)	0	1/1 – 100%	1/1 – 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	1/1 – 100%	1/2 – 50%	2/3 – 67%
Ademir Rosa (1950-1997)	7/8 – 88%	7/8 – 88%	14/16 – 87%
Antônio Cunha (1961-)	1/1 – 100%	1/2 – 50%	2/3 – 67%
Sulanger Bavaresco (1969-)	5/5 – 100%	0/2 – 0%	5/7 – 71%
TOTAL	34/73 – 47%	16/55 – 29%	50/128 – 39%

Antes de mais, note-se que enquanto a próclise em orações com sujeitos DPs simples (e pronominais pessoais) é a única opção atestada em textos de autores nascidos no século 20, há, ainda, variação ênclise/próclise em orações com advérbios não-modais e PPs nos textos desses autores. Com fins de comparação, observem-se projetadas nos gráficos nas *Figuras 3.1* e *3.2*, no que segue, as taxas referentes à proporção de *DPclV* e de *XclV* nos textos. As médias simples estão marcadas nos anos de 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975.

FIGURA 3.1 Próclise em contextos *DPV* na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

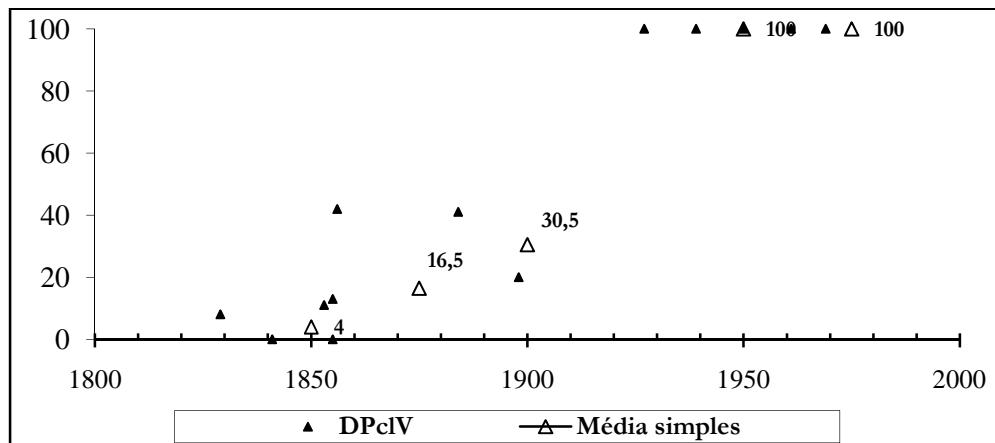
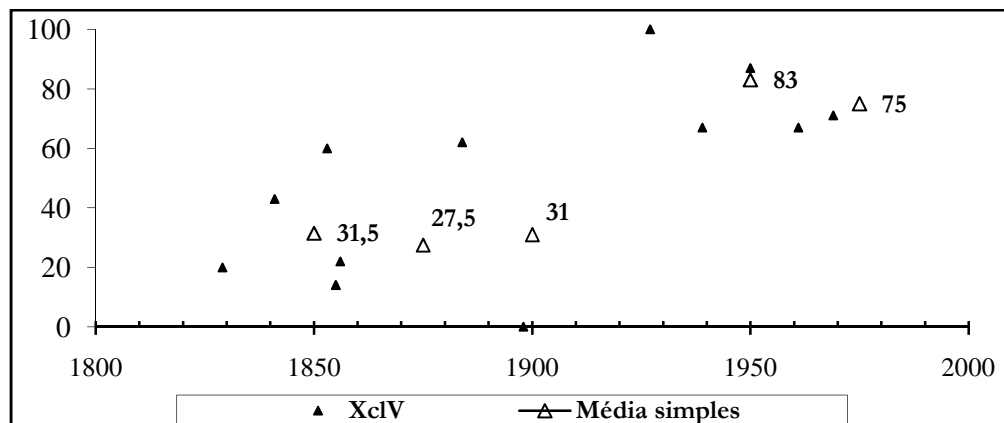


FIGURA 3.2 Próclise em contextos *XV*, sendo X um advérbio não-modal ou um PP, na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



Os gráficos nas *Figuras 3.1 e 3.2* apresentam claramente dois quadros interessantes: de um lado, nos textos escritos pelos três primeiros catarinenses representantes do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho*, *José Cândido de Lacerda Coutinho* e *Arthur Cavalcanti do Livramento* (nascidos em 1829, 1841 e 1853, respectivamente), a proporção de *cIV* em contextos *XV* (13%, 20%, 60%) é superior àquela encontrada em contextos *DPV* (6%, 0%, 11%). De outro lado, em todos os textos escritos por catarinenses nascidos no curso do século 20, *ScIV* (com sujeitos *DPs* simples) é o único padrão encontrado; mas não o é em orações com advérbios não-modais e *PPs*, ou em contextos *XV*.

Aparentemente, esses resultados empíricos sugerem que as próclises encontradas, principalmente, nos textos dos três primeiros catarinenses representativos do século 19, parecem estar associadas a uma gramática em que a posição pré-verbal esteja disponível para constituintes de *VP* em geral e não especificamente para sujeitos oracionais. Considere-se que, nesses textos, a construção *XcIV* é mais recorrente que a construção *S(DP)cIV*.

Como proposto por Paixão de Sousa (2004) em relação às propriedades estruturais das gramáticas do *PC* e do *PE*, o que caracteriza a passagem do sistema médio para o moderno é a passagem de um sistema *XVS* para um sistema *SVX*. Em decorrência dessa reordenação das restrições atribuídas à posição estrutural pré-verbal – de uma posição disponível para constituintes de *VP* em geral no sistema médio para uma posição preferencial para sujeitos no sistema moderno –, o advento do *PE* não estaria relacionado ao aumento na proporção da ênclise, propriamente dito, refletido em textos escritos a partir do século 18. A mudança que deu origem à gramática do *PE* estaria relacionada a uma reordenação estrutural da posição pré-verbal, refletida nos dados pelo aumento na proporção da construção *ScIV*.

Muitos trabalhos têm mostrado que o PB também não se comporta como um sistema *XVS* – um sistema *V2*, nos termos de Torres Morais (1993, 1995), ou um sistema com fracionamento de constituintes, nos termos de Paixão de Sousa (2004; 2008). Não o é, pelo menos, com as mesmas propriedades associadas à gramática do PC. A posição pré-verbal em PB pode até estar disponível para demais constituintes de VP, mas para constituintes que podem assimilar os traços de sujeito oracional (PONTES, 1987; GALVES, 2001).

Isso posto, voltemos às diferentes taxas de *S(DP)cIV* e *XcIV* nos textos catarinenses do século 19 e à pergunta que levantei no início desta seção. Com base nos dados empíricos considerados, sou levado a crer que as próclises encontradas na escrita catarinense do século 19 em contextos *DPcIV* são, ainda, resquícios de uma gramática conservadora, ou mais especificamente da gramática do PC, e não da próclise gerada pela gramática inovadora do PB, propriamente dito. Sistematizo a seguir os argumentos a favor dessa tese.

Primeiramente, os resultados empíricos apresentados mostram que, no que se refere à ordenação de clíticos em orações finitas não-dependentes, a implementação da gramática do PB está associada também à evolução da próclise num contexto bastante específico, qual seja *S(DP)cIV*. Os resultados sistematizados nas *Tabelas 3.1* e *3.2* acima mostram claramente que o padrão *S(DP)cIV* instanciado pela gramática do PB não parece estar presente, ainda, nos textos escritos por catarinenses nascidos, sobretudo, na primeira metade do século 19. Observe-se que nos textos desses autores nem o contexto *DPV* nem o contexto *XV* parece ser mais favorecedor de próclise. Com base nas taxas sistematizadas nos gráficos nas *Figuras 3.1* e *3.2*, há em ambos os contextos percentagens variáveis de próclise, geralmente baixas e inferiores a 50%, nos textos do século 19.

Se considerarmos que, nos textos de catarinenses nascidos no curso do século 20, a próclise é o único padrão atestado no contexto *DPV* e que, diferentemente, há variação ênclise/próclise em contextos *XV*, os resultados

apresentados parecem evidenciar que a escrita catarinense do século 19 reflete, ainda, propriedades de um sistema conservador. Reforça essa tese o fato de as taxas encontradas de *DPclV* serem superiores, já nos textos do início do século 19, às taxas de próclises a *V1* e de próclises ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas, construções características da gramática inovadora do PB (cf. gráficos da seção 3.3, a seguir). Volto a essas questões mais adiante. Por ora, detalho com mais vagar, e individualizadamente, os padrões de *ScIV* e de *XclV* nos textos dos dois catarinenses representantes da primeira metade do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho* e *José Cândido de Lacerda Coutinho*.

No texto de *Álvaro Augusto de Carvalho*, das 65 construções *XV* em que *X* é realizado por um sujeito *DP* simples, em apenas quatro orações (6%) a ordem *DPclV* é atestada; das 23 construções em que *X* é realizado por um *PP* ou por um advérbio não-modal, em três orações (13%), a ordem *XclV* é encontrada. Nos textos de *José Cândido de Lacerda Coutinho* há, de um lado, 14 orações com sujeitos pré-verbais *DPs* e nenhuma ocorrência de *DPclV*; de outro lado, há duas ocorrências de *XclV* das 10 orações em contexto *XV* em que o verbo é antecedido por um *PP* ou um advérbio não-modal. Alguns dados da amostra, listados em (18) e (19), a seguir, dão rosto aos números.

(18) Exemplos de [*ScIV*]

- a. Ouve-me: estou resolvido a tudo. Tinha de partir, sem ver-te, e... então mais valia morrer, deixar este mundo onde tanto tenho sofrido. Ainda ontem, Maria, chorei como uma criança, porque a idéia de deixar-te despedaçava-me! A febre pôs-me a cabeça em fogo... as lágrimas secaram-se... senti uma vertigem... Era a loucura que se apossava de mim... não pude resistir... Deus pôs-me o inferno no coração... Maria, eu vou partir... partamos juntos. O oceano é imenso, lá seremos livres! [O oceano NOS abre os braços e nos promete um abrigo contra os ódios e perseguições... e depois, teremos outras terras, e escolheremos uma pátria. Vamos, Maria, que nos importa que falem!... falem embora, mas não nos poderão roubar a ventura... a felicidade de nossa vida que querem esmagar! O mundo é grande... Vamos, Maria... fujaamos juntos! [*CARVALHO, 1829*]

- b. Amei o capitão do navio que nos conduziu a Santa Catarina; [meu pai] O soube, e expulsou-o de casa... depois o senhor pediu-me em casamento... Oh! foi uma fatalidade!... Por sua mãe, poupe-me esta terrível confissão! [CARVALHO, 1829]

(19) Exemplos de *XclV*

- a. [Depois] LHE cantará uma ária de Rossini: D. Leonardo é moço, e pode esperar. [CARVALHO, 1829]
- b. *Maria* – [Então] LHE farei companhia! [CARVALHO, 1829]
- c. Espera... ou evocar as minhas reminiscências... Ah! [Agora] ME lembro... [COUTINHO, 1841]

As ocorrências de *DPclV* e *XclV* apresentam percentagens variáveis, geralmente baixas e inferiores a 50%, ainda, nos textos dos quatro catarinenses representantes do início da segunda metade do século 19: uma ocorrência de *DPclV* de nove dados (11%) e três de *XclV* de cinco dados (60%) no texto de *Arthur Cavalcante do Livramento*, nascido em 1853; nenhuma ocorrência de ambas as construções no texto de *Antero dos Reis Dutra*, nascido em 1855; cinco ocorrências de *DPclV* de 38 dados (13%) e três de *XclV* de 27 dados (11%) nos textos de *Horácio Nunes Pires*, nascido em 1855; e cinco ocorrências de *DPclV* de 12 dados (42%) e duas de *XclV* de oito dados (25%) no texto de *Joaquim Antonio de S. Thiago*, nascido em 1856.

De igual modo, também os textos de *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1884, e de *Nicolau Nagib Nahas*, nascido em 1898, *DPclV* e *XclV* apresentam percentagens variáveis: 11 ocorrências de *DPclV* de 28 dados (39%) e quatro ocorrências de *XclV* de sete dados (57%) nos textos de *Juvenal* e uma ocorrência de *DPclV* de cinco dados (20%) e nenhuma ocorrência de *XclV* de dois dados no texto de *Nahas*.

Como já dito, nos textos de TODOS os catarinenses nascidos no século 20, a próclise é o único padrão encontrado em orações com sujeitos pré-verbais, seja realizado por um DP simples ou por um pronome pessoal. Em contextos *XV* com advérbios não-modais e PPs, no entanto, há, ainda, embora numa proporção menor se comparada àquela atestada nos textos dos catarinenses nascidos no século 19, variação *XcIV / XVcl*.

É importante salientar que os dados analisados são os contextos *SV/XV* com próclise. Quando considerados todos os dados da amostra (com próclise e com ênclise) em contextos *SV* e *XV*, os resultados mostram que, em todos os textos dos séculos 19 e 20, a proporção de *SV* é sempre superior àquela encontrada em contextos *XV*; ou seja, é uma evidência a mais para o fato de que a construção *S(DP)cIV*, conforme os resultados empíricos acima evidenciam, possui uma particularidade em relação às demais construções com sujeitos pré-verbais nos textos catarinenses, escritos sobretudo por autores nascidos na primeira metade do século 19.

As taxas de *SV* e *XV* nos dados com ênclise e próclise estão listadas na *Tabela 3.4* que segue⁹⁹.

⁹⁹ Sob a rubrica *XV* estão construções com sujeitos nulos e construções com o sujeito em outra posição. Interessante será medir a taxa de *XV* excluindo os sujeitos nulos. Análise esta que ficará para estudos futuros.

TABELA 3.4 *SV versus XV* na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

<i>AUTOR/ANO DE NASCIMENTO</i>	<i>SV</i>	<i>XV</i>	<i>TOTAL</i>
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	91 – 78%	25 – 28%	116
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	27 – 66%	14 – 34%	41
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	15 – 75%	5 – 25%	20
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	7 – 50%	7 – 50%	14
Horácio Nunes (1855- 1919)	56 – 67%	28 – 33%	84
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	15 – 62%	9 – 38%	24
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	49 – 86%	8 – 14%	57
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	7 – 78%	2 – 22%	9
Ody Fraga (1927-1987)	4 – 80%	1 – 20%	5
Mário Júlio Amorim (1939-)	5 – 62%	3 – 38%	8
Ademir Rosa (1950-1997)	23 – 59%	16 – 41%	39
Antônio Cunha (1961-)	27 – 90%	3 – 10%	30
Sulanger Bavaresco (1969-)	28 – 80%	7 – 20%	35
TOTAL	354 – 73%	128 – 27%	482

De um modo geral, esses resultados parecem mostrar que nos textos analisados a construção *SV* é mais recorrente que a construção *XV* no curso dos séculos 19 e 20¹⁰⁰. Entretanto, quando considerada a ocorrência de próclise e a natureza *DP* simples ou pronominal pessoal do sujeito em *SV*, as percentagens de *DPcIV* e de *XcIV* encontradas nos textos, sobretudo da primeira metade do século 19, são geralmente inferiores a 50%. Mais uma vez, reforça-se a análise de que as próclises, em contextos *DPV*, encontradas nos textos do início do século 19 parecem ser instanciadas por uma gramática em que a posição pré-verbal está disponível para qualquer constituinte de *VP* e não especificamente para sujeitos lexicais.¹⁰¹

¹⁰⁰ Muito claramente, para reforçar essa interpretação, é necessária uma análise das demais orações dos textos em contextos *SV* e *VX*, e não apenas daquelas com clíticos. Esse empreendimento fica para futuros trabalhos.

¹⁰¹ Saliento que apresento uma análise (com percentual) da frequência de uso em uma amostra empírica. Uma análise estrutural das construções em questão reforçaria, muito provavelmente, a tese de que as orações *DPcIV* nos textos do século 19 são geradas pela gramática do *PC*.

Um outro argumento a favor da tese de que os textos catarinenses do início do século 19 apresentam padrões da gramática conservadora do PC diz respeito às construções com interpolação. Como já referido, a perda da possibilidade de interpolação de constituintes na diacronia do português tem sido interpretada em muitos estudos sobre o tema como um fenômeno que marca a periodização da língua portuguesa (cf. (A. M. MARTINS, 1994; TORRES MORAIS, 1995; FIÉIS, 2003; NAMIUTI, 2008; entre outros¹⁰²). Encontro estruturas com interpolação de “*não*” entre o clítico e o verbo em todos os textos catarinenses do século 19, com exceção dos textos de *Antero dos Reis Dutra* e de *Nicolau Nagib Nahas*¹⁰³. A interpolação é, pois, uma propriedade que parece identificar uma gramática conservadora na escrita de catarinenses nascidos no século 19.

Os dados encontrados nos textos estão todos transcritos na seção 2.2.3 do capítulo 2. Retomo em (20), a seguir, algumas ocorrências.

(20)

- u. Oh! Não! O retrato de minha mãe é a minha companhia de tantos anos: parece que A não perdi de todo quando contemplo as suas feições. Ela me sorri ao despertar, e abençoa-me à noite... É o anjo da minha guarda que vela a minha cabeceira... Oh! Não me separe dela! [CARVALHO, 1829]
- v. *Matilde* – Porém... deze... Qual é o expediente que escolheste! / *Eugênia* – Ei-lo; confessar-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos dele... Que

¹⁰² A interpolação de “*não*” e demais constituintes é encontrada em “variedades dialetais” do PE. Em específico, a tese de Catarina Magro (2007), com base em dados extraídos do corpus dialetal Cordial-Sin, propõe que a interpolação nas diferentes variedades dialetais do PE é uma inovação e se difere daquela encontrada em estágios anteriores do português. Esse não parece ser o caso das interpolações encontradas nas peças de teatro catarinenses, haja vista que, até onde eu saiba, a interpolação de “*não*” ou demais constituintes não é atestada em nenhuma “variedade dialetal” do PB.

Como bem lembra Maria Lobo, é importante salientar, ainda, que a interpolação com “*não*” em PE é possível na fala de muitos portugueses, o que caracterizaria o PE como uma língua com “interpolação residual”, diferentemente do PB, em que a interpolação não é atestada.

¹⁰³ Os textos desses autores são bastante curtos se comparados aos textos dos demais autores.

O não amas e que amas a outro... Ele ama-te e tem um grande coração. Sofrerá, mas saberá calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para ele. Bem o vês... Não pode ser mais simples, nem mais fácil... Quanto ao resultado, creio que posso assegurar-to... [COUTINHO, 1841]

- w. Seo marido tem uma veia de menos. Creio que se O não amarrarmos de pés e mãos, nada conseguiremos. [LIVRAMENTO, 1853]
- x. Não me perguntes coisa alguma, porque nada poderei responder-te. Há segredos que SE não revelam. [NUNES, 1855]
- y. Colloquemos este precioso fardinho no mais commodo logar, para que se não magoe. [Thiago, 1930]
- z. Fernando há-de supor que lhe não fui sincera; que contei a meus pais, aquele segredo de sua vida, de que somente eu e o Domingos somos sabedores. [JUVENAL, 1942]

Não apenas a interpolação de “*não*” é encontrada na amostra, como também a interpolação de pronomes pessoais. No texto de *José Cândido de Lacerda Coutinho* encontro, ainda, dois casos em que o pronome pessoal “*eu*” aparece interpolado entre o clítico e o verbo. Esses exemplos estão retomados em (21).

(21)

- c. E o que queria vosmecê que LHE eu dissesse? Nesse tempo era ainda uma criança... [COUTINHO, 1841]
- d. E então? O que é que TE eu dizia? É ou não um guapo mocetão o meu afilhado Antonico! [COUTINHO, 1841]

Na próxima seção, sistematizo os padrões encontrados nos textos catarinenses relacionados às inovações da gramática do PB: a próclise a V1 e a próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas. Os padrões atestados trarão novos argumentos para a tese aqui defendida.

3.2.2 Sobre os padrões da gramática do PB

Com base nos resultados apresentados na seção 2.2.1.3.1, no capítulo 2, não encontro nenhuma ocorrência de próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta nos textos dos dois autores representativos da primeira metade do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho e José Coutinho*, nascidos respectivamente em 1829 e 1841. Vou encontrar duas ocorrências de próclise a V1 apenas no texto de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853 (cf. (22), a seguir). Nos textos dos demais autores nascidos no início da segunda metade do século 19, *Antero dos Reis Dutra e Horácio Nunes*, nascidos em 1855 e *Joaquim Antonio de S. Thiago*, nascido em 1856, também nenhuma próclise nesse contexto é atestada.

(22)

- f. ME chamaste, meo coração? [LIVRAMENTO, 1853]
- g. Ai! Que eu estou sufocado! ME largue! [LIVRAMENTO, 1853]

Nos textos de *Ildefonso Juvenal* e de *Nicolau Nagib Nahas*, nascidos ainda no século 19, mais precisamente no final do século, em 1884 e 1898, respectivamente, encontro duas ocorrências de próclise a V1 (cf. (23), a seguir).

(23)

- a. *Maria Rosa* – Já sei; já sei que a festança vai ser grossa, pois foi convidada toda aquela gente rabujenta e de altos coturnos que aqui esteve no dia em que os patrões festejaram as bodas de prata. / *Maneca (Aproximando-se)* – Mas, TE digo, Maria Rosa, com muita sinceridade: não tenho inveja de nada disso... [JUVENAL, 1884]
- b. Não me culpes. ME perdoa. Foste mais forte, confesso. [NAHAS, 1898]

Mas é importante evidenciar que a próclise a V₁, em língua escrita, é um contexto marcado sócio-estilisticamente. É um ambiente que veicula estigma (ou um valor social, nos termos de LABOV, 1972, 1982) em seu uso. Nesse sentido, a ausência de próclise a V₁ nos textos de catarinenses nascidos na primeira metade e no início da segunda metade do século 19 não significa que essa opção não estivesse ativa no vernáculo dos autores. Pelo contrário, as ocorrências de próclise a V₁ atestadas no texto de *Arthur Cavalcanti do Livramento* mostram a presença do padrão proclítico da gramática do PB nos textos já da primeira metade do século 19.

Referentemente à ordenação de clíticos em estruturas verbais complexas (cf. seção 2.3.1.2, no capítulo 2), a recorrência da variante inovadora da gramática do PB, ou da próclise ao verbo não-finito (ou temático), é maior. Lembro que analisei essas construções agrupando em uma das variantes (estruturas COM alçamento de clítico) estruturas com a presença de material interveniente entre V₁ e V₂ ou de uma marca gráfica que garantisse a ênclise a V₁ ou a próclise a V₂ (variante $V_1(X)cl-V_2$) e estruturas, que denominei ambíguas, sem a presença de material interveniente entre V₁ e V₂ ou de outra marca gráfica (variante V_1clV_2).

Identifiquei a variante $V_1(X)cl-V_2$ nos dados considerando duas situações: (i) na presença de material interveniente entre V₁ e V₂ que garantisse que o clítico estivesse proclítico a V₂ (cf. (24)) e (ii) na presença de “constituintes oracionais que desencadeariam necessariamente a próclise”, tendo em vista que nesses contextos a ênclise a V₁ não é atestada na diacronia do português (cf. dados em (25), a seguir).

(24)

- v. *Vitor* – Taí, conversar! Por que é que eu não me lembrei disso? Quem sabe você me conta as suas aventuras nos castelos, hei? Aquele negócio de arrastar correntes, atravessar paredes e andar com a cabeça debaixo do braço, hei? Você pode até ME ensinar! [AMORIM, 1939]
- w. *Mulher 2* – Será que ela, TÃO ELA, vai mesmo NOS reconhecer? [CUNHA, 1961]

(25)

- a. Agora você não pode SE divertir à vontade. Ou será que você não se diverte nunca, nem quando um imbecil como eu reage e esperneia? [AMORIM, 1939]
- b. *Vitor* – Estela, você não pode fazer isso comigo! Eu estou aqui! Lembre-se dos momentos bons que a gente passou juntos! Você não pode SE deitar com um cara desses! [AMORIM, 1939]
- c. Pois eu acho que você devia SE divertir. [AMORIM, 1939]
- d. Nós vamos ser excomungados. O Papa não vai NOS perdoar. [ROSA, 1950]
- e. Ouso sugerir à senhora que nada de mau vai LHE ocorrer caso sua curiosidade transcenda a mesquinhês dos ditadores. [ROSA, 1950]
- f. Lógico, não é, papai? Ela não vai SE casar com um jumento. O lapso fica por conta do entusiasmo, da ocasião. [ROSA, 1950]
- g. Na cidade nunca. Só uma desventura muito grande vai ME fazer mudar de idéia. [ROSA, 1950]
- h. Será que vão ME arrumar uma vaga de zelador de prédios? [ROSA, 1950]
- i. As luzes do parque já estão SE apagando. [ROSA, 1950]
- j. 2 – Por que a gente não acaba com essa peça logo? Já estou ME aporrinhando. [ROSA, 1950]
- k. 1 – Nada disso importa, o certo é que essa doença não pode continuar, não pode SE alastrar, por isso nós temos que continuar aqui, isolados, até melhorarmos. [ROSA, 1950]
- l. Gostaria de provar algo à humanidade. Alguma fórmula ou constelação nova. Penso até que poderia ME tornar um cientista conhecido. [ROSA, 1950]
- m. Faça isso sempre. E se acordar mais cedo ainda do que estou, não terei uma hora de sono, com certeza. Mas não posso ME queixar. Tô bem de saúde e tenho como vir todo ano aqui. [ROSA, 1950]
- n. 1 – (Delirando)... Romeu e Julieta, Otelo, Macbeth, rei Lear... que tragédia. (Desmunhecando) Todo homem deveria SE apossar de um espírito assim... [ROSA, 1950]
- o. *Menina* – Um e dois e três. Vou ser uma criança famosa. Quatro e cinco e seis. Todo mundo vai ME ver. [CUNHA, 1961]

- p. *Agnes* - Nunca tenho certeza se é ela ou a santa quem me diz as coisas. Elas brigam por minha causa o tempo todo. Eu vi a santa quando eu tinha dez anos. Estava deitada na grama, olhando para o sol, e o sol virou uma nuvem e a nuvem virou a santa, e ela me disse que falaria comigo e depois seus pés começaram a sangrar e eu vi que havia buracos em suas mãos e tentei pegar o sangue que caía do céu, mas não pude ver mais nada porque meus olhos doíam. Ela me diz coisas, como agora, quando está gritando: Marie, Marie! Mas não sei o que isso significa. Ela me usa pra cantar. É como se jogasse um grande anzol pelo ar. Me pega por baixo das costelas e tenta me levantar, mas eu não posso ME mexer porque mamãe está segurando meus pés. [BAVARESCO, 1969]
- q. *Agnes* – Eu sou uma criancinha mas meu corpo se torna cada vez maior e daqui a pouco não poderei mais entrar, não poderei ME expremir no paraíso. [BAVARESCO, 1969]
- r. Não posso LHE contar isso. [BAVARESCO, 1969]
- s. Elas não podem ME ouvir. [BAVARESCO, 1969]
- t. Tirando-me do caso? Não pode ME tirar, fui designada pelo tribunal. [BAVARESCO, 1969]

Com exceção do texto do primeiro autor representante do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho* (1829), encontrei ocorrências da variante $V_1(X)cl-V_2$, em todos os textos catarinenses analisados. Encontrei uma ocorrência no texto de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascido em 1841; uma ocorrência nos textos de *Arthur Cavalcanti do Livramento*, nascido em 1853, e de *Antero dos Reis Dutra*, nascido em 1855; seis ocorrências nos textos de *Horácio Nunes*, nascido em 1855, e quatro ocorrências nos textos de *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1884. Por outras palavras, nos mesmos textos do início do século 19, em que padrões da gramática do PC foram atestados, há padrões da gramática do PB. Há de se considerar que não há objeções em relação à próclise ao verbo não-finito nesses contextos. A próclise ao verbo não-finito em complexos, diferentemente da próclise a V_1 , não é marcada sociolinguisticamente na escrita. Antes de mais, é importante salientar que nos textos de catarinenses nascidos no século 20 essa variante é bastante recorrente (cf. seção 3.3.1, a seguir).

No que se refere à variante V_1clV_2 , mostrei que se trata, na verdade, de um contexto apenas aparentemente ambíguo. Como já referido, tais construções não

foram encontradas na escrita lisboeta. As construções V_1clV_2 podem, por esse motivo, ser interpretadas como fortes candidatas a construções com próclise ao verbo não-finito, ou, mais precisamente, a uma marca do padrão inovador da gramática do PB.

Dados relacionados à variante V_1clV_2 foram atestados em TODOS os textos catarinense analisados (cf. (26)), inclusive no texto de *Álvaro Augusto de Carvalho* (cf. dados em (27)).

(26)

- a. Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Elle disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]
- b. Está decidido: vou ME matar! [NUNES, 1855]
- c. Everardo – (...) Tá so querendo tirar sarro da minha cara é?! (aponta o dedo para Vitor) Pois eu vou TE ensinar, malandro! [AMORIM, 1939]
- d. Vitor – Vai ME bater, é? [AMORIM, 1939]
- e. 2 – Não faz isso, rapaz. A igreja vai TE excomungar. Ela vai penar que todo mundo é filha da santa. [ROSA, 1950]
- f. 1 – Já sei. Vou ME concentrar muito e dar um grande peido daqui. [ROSA, 1950]
- g. Martha – Você está relaxada, e scutando um côro de anjos, a música cerca você como uma poça de água quente, confortável. Cobre a sua boca, nariz, olhos. Quando eu contar até até três você vai acordar. Pode ME ouvir? [BAVARESCO, 1969]
- h. Vitor – Ha, não? E agora eu devo ME sentir ofendido ou lisonjeado? Que informações? [AMORIM, 1939]
- i. Valentina – Eu queria ME embriagar... [CUNHA, 1961]

(27)

- g. Ah! Tu queres TE advertir. [CARVALHO, 1829]

- h. Chegue-se pra li! Quero LHE dizer quem sou eu, já que é tão esquecido: lembra-se do João André? [CARVALHO, 1829]
- i. Esta alma de judeu está SE afogando em vinho! [CARVALHO, 1829]

Para sumarizar, atestam-se os padrões inovadores da gramática do PB em TODOS os textos catarinenses analisados. Muito embora seja importante dizer que as taxas das construções com próclise a V1 e com próclise ao verbo não-finito nos complexos são baixas na escrita de autores nascidos, sobretudo, na primeira metade do século 19 e aumentam significativamente na escrita daqueles nascidos no século 20 (cf. gráficos nas *Figuras 3.3* e *3.4*, na seção *3.3.1*, a seguir).

De um modo geral, observa-se na escrita de catarinenses nascidos no século 19 uma certa instabilidade no uso de um ou outro padrão na ordenação de clíticos; ou, mais especificamente, no uso de um padrão instanciado pela gramática do PC, tal como a próclise em contextos *DPclV* indistintas à próclise em contextos *XclV*, ou de um padrão instanciado pela gramática do PB, tal como a próclise a V1 e a próclise ao verbo não-finito nos complexos. Somados aos padrões instanciados pela gramática do PC e do PB, observa-se nos textos o padrão enclítico nesses mesmos contextos da gramática do PE.

Uma evidência da instabilidade na escrita do século 19 é o fato de em todos os textos se encontrar ocorrências, não significativas estatisticamente, de construções com hipercorreções. Atestam-se generalizações do padrão enclítico da gramática do PE em contextos de próclise categórica na diacronia do português. Ou, ainda, dito de outro modo, encontro nos textos algumas (poucas) ocorrências de ênclise em orações com operadores de negação, com sintagmas-Q e advérbios modais/aspectuais em posição pré-verbal, ou seja, em ambientes de próclise categórica.

As hipercorreções estão listadas na seção *2.2.1.1* no capítulo 2. Denomino essas ênclises em contextos de próclise como hipercorreções por entender que tais

dados não são indícios de uma gramática do português em específico, mas refletem um período de “instabilidade” em que um determinado padrão, no caso o padrão enclítico da gramática do PE, é generalizado. O termo é recorrente em sociolinguística variacionista.

Nos textos de *Ildefonso Juvenal*, nascido em 1884, atestam-se com mais frequência as construções com hipercorreções (cf. (28))¹⁰⁴.

(28)

- d. Oh! Meu Deus que nunca me desamparaste! Oh! Céus! Mas quem ousou afirmar-lhe semelhante cousa, si todos os dias leio attentamente os jornaes e não deparou-SE-ME o seu nome na lista dos que pereceram tão nobremente? [*JUVENAL, 1884*]
- e. *Matheus (à Hilda e Alfredo)* – Vocês meus velhacos, onde metteram-SE que não foram tomar chá? [*JUVENAL, 1884*]
- f. Sê bemvindo, meu filho. O que motivou-TE tão breve regresso? Houve porventura alguma contrariedade?! [*JUVENAL, 1884*]
- g. Meu pae era um valoroso coronel do glorioso exercito de Garibaldi e à tua saudosa mãe ainda ligavam-LHE laços de parentesco com a real família italiana. [*JUVENAL, 1884*]
- h. Embora sendo meu pae contrario ao meu enlace com Waltrudes, a elle não posso abandonar, pois já entreguei-LHE uma partícula do meu amor puro e santo. [*JUVENAL, 1884*]

Os demais casos de hipercorreções nos textos de *Álvaro Augusto de Carvalho*, *Arthur Cavalcanti do Livramento*, *Antero dos Reis Dutra*, *Horácio Nunes*, *Joaquim Antonio de S. Thiago* e de *Ademir Rosa*, referidos no capítulo 2, estão listados em (29).

¹⁰⁴ *Ildefonso Juvenal* é um negro que escreve textos não só literários no final do século 19 e início do século 20 em Santa Catarina. A escrita do autor nesse contexto é um caso interessante de ser analisado com mais vagar. Nos manuais em que informações sobre autores catarinenses (cf., por exemplo, JUNKES, 1999) são sistematizadas, não há qualquer menção ao nome de Ildefonso Juvenal, o que parece deslocar a escrita de *Ildefonso* dos cânones literários da época. Se contabilizarmos apenas as peças de teatro que conseguimos para o corpus que estamos organizando (cf. seção 2.1.2, no segundo capítulo), somam em quatro os textos por ele publicados.

(29)

- s. Nunca tive-LHE afeição alguma. [CARVALHO, 1829]
- t. Se o céu me deo prendas tentadoras, também deo-ME virtudes incorruptíveis; e te parece justo que na sua idade se tornasse tão ciumento? [LIVRAMENTO, 1853]
- u. Será que, julgando possível o meu casamento com D. Adelaide, veja frustrados os seus intentos no mesmo sentido? Talvez... porém. elle só fala em politica. Mas será para illudir?... Eu não finjo-ME também de sereno e calmo, quando essa serenidade e essa calma são cinzas que circumdão brazas? Ora eu estou louco! Pois o Snr. Oliveira concederia a mão de sua filha a um Snr. Bibiano? Mas porque, ou para que, espreita-ME este homem? [DUTRA, 1855]
- v. Muito bem! Mas agora precisamos resolver uma questão de alta transcendência para a história. A que país refere-SE o escritor: ao país, ou ao país jornal? Aqui é que bate o ponto! [NUNES, 1855]
- w. Que fatalidade arremessou-A dos esplendentes salões, onde ofuscaria, com essa atrahente e angélica belleza, todas as suas rivaes, a esta solitária e miserável vivenda? [THIAGO, 1856]
- x. Mas qual a relação dessa estória do macaco com a separação dos seus pais? Por acaso seu pai também tornou-SE um bicha? [ROSA, 1950]

3.2.3 Em síntese, padrões do PC e padrões do PB

Sistematizo no *Quadro 3.1*, a seguir, por autor, os padrões de ordenação de clíticos na escrita catarinense instanciados pelas gramáticas do PC e do PB.

QUADRO 3.1 Padrões empíricos gerais de ordenação de clíticos na escrita catarinense dos séculos 19 e 20

AUTORES/ANO DE NASCIMENTO	% de DPcIV e de XcIV variáveis e Inferiores a 50%	Interpolação de		Próclise a		Hipercorreções
		“não”	“eu”	V1	V2 em complexos	
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	SIM	SIM	Não	Não	Não	SIM
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	SIM	SIM	SIM	Não	SIM	Não
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	SIM	SIM	Não	SIM	SIM	SIM
Antero dos Reis Dutra (1855-1911)	SIM	Não	Não	Não	SIM	SIM
Horácio Nunes (1855- 1919)	SIM	SIM	Não	Não	SIM	SIM
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	SIM	SIM	Não	Não	SIM	SIM
Ildefonso Juvenal (1884-1965)	SIM	SIM	Não	SIM	SIM	SIM
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	SIM	Não	Não	SIM	SIM	Não
Ody Fraga (1927-1987)	Não	Não	Não	Não	SIM	Não
Mário Júlio Amorim (1939-)	Não	Não	Não	SIM	SIM	Não
Ademir Rosa (1950-1997)	Não	Não	Não	SIM	SIM	SIM
Antônio Cunha (1961-)	Não	Não	Não	SIM	SIM	Não
Sulanger Bavaresco (1969-)	Não	Não	Não	SIM	SIM	Não

Observe-se que a ordenação de clíticos nas peças de teatro escritas por catarinenses nascidos entre 1829 e 1969 reflete um quadro bastante complexo. Paradoxalmente, há nos textos de autores nascidos no século 19 (i) padrões, aparentemente, instanciados pela gramática do PC: percentagens variáveis, e inferiores a 50%, de construções *ScIV* e *XcIV* e interpolação de “*não*” e de “*eu*”; (ii) padrões instanciados pela gramática do PB: próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em complexos; e (iii) padrões enclíticos instanciados pela gramática do PE.

No texto de *Álvaro Augusto de Carvalho* há percentagens variáveis e inferiores a 50% de *DPcIV* e de *XcIV* e construções com interpolação de “*não*”; não há próclise a V1 e, se considerarmos apenas as construções “*não-ambíguas*”,

$V_1(X)cl-V_2$, também não há próclise ao verbo não-finito em complexos verbais; há, entretanto, próclises a V_2 em construções V_1clV_2 que podem, como já discutido, ser consideradas como próclises ao verbo não-finito; há, ainda, no texto de Carvalho construções com hipercorreção. Da mesma maneira, no texto de *José Cândido de Lacerda Coutinho* atestam-se percentagens variáveis e inferiores à 50% de $DPclV$ e de $XclV$, interpolação de “não” de do pronome pessoal “eu”; e apenas a próclise ao verbo não-finito é atestada. Dentre os textos analisados, a escrita de *Carvalho* e de *Coutinho*, nascidos em 1829 e 1841, respectivamente, apresenta um padrão mais associado à escrita “clássica”, ou em termos mais técnicos, a padrões gerados pela gramática do PC.

As percentagens variáveis e inferiores a 50% de $DPclV$ e de $XclV$ e a interpolação de “não”, de um lado, são encontradas na maioria dos textos de autores do século 19; a interpolação não é atestada apenas nos textos de *Antero dos Reis Dutra (1855-1911)* e de *Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)*¹⁰⁵. De outro lado, há próclise a V_1 no texto de *Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)* e nos dois últimos representantes do século 19 e próclise ao verbo não-finito nos textos de todos os demais autores, com exceção de *Carvalho*.

A instabilidade refletida no uso de padrões instanciados por diferentes gramáticas se reflete nas ocorrências de construções com hipercorreção, encontradas em quase todos os textos do século 19.

Em textos de autores nascidos no século 20, a próclise em construções com sujeitos DP simples ($DPclV$), diferentemente da próclise em construções com advérbios não-modais e PPs ($XclV$), é categórica e a interpolação não é atestada. Há um aumento (progressivo) da próclise a V_1 e da próclise ao verbo não-finito

¹⁰⁵ Cf. nota 103 acima.

em complexos verbais. Isso refletiria uma estabilização da gramática atual do PB e uma menor influência do padrão enclítico da gramática do PE^{106; 107}.

Perante tais resultados, sou levado a crer que os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, sobretudo do século 19, em consonância com a proposta de Carneiro (2005) e de Galves e Carneiro (2006) em relação aos padrões de ordenação de clíticos em cartas da Bahia, refletem um caso complexo de competição de três gramáticas do português: PC, PB e PE.

A propagação da mudança sintática refletida nos textos é tratada na seção 3.3 que segue.

¹⁰⁶ Schei (2003) analisa a colocação de clíticos em seis textos literários de brasileiros nascidos no século 20: *Dôra, Doralina* (1975) de **Rachel de Queiroz, nascida em 1910**; *Enquanto o tempo não passa* (1996) de **Josué Montello, nascido em 1917**; *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988) de **Rubem Fonseca, nascido em 1925**; *Confissões de Narciso* (1997) de **Auran Dourado, nascido em 1926**; *Exílio* (1988) de **Lya Luft, nascida em 1938** e *Os voluntários* (1979), de **Moacyr Scliar, nascido em 1937**. Em orações finitas não-dependentes iniciadas por sujeitos e em contextos V1, Schei encontra, respectivamente, taxas de próclise de 88% e 51% no texto de Queiroz; 84% e 0% no texto de Montello; 66% e 6% no texto de Fonseca; 97% e 74% no texto de Dourado; 84% e 2% no texto de Luft; e 62% e 24% no texto de Scliar.

Os resultados obtidos pela autora reforçam a análise de que, em textos de brasileiros nascidos no século 20, o padrão de colocação de clíticos em contextos SV é a próclise. A próclise se mostra também o padrão (com significativa oscilação entre os textos analisados) em contextos V1. Note-se que nos resultados apresentados por Schei, há uma oscilação entre 0% no texto de Montello e 74% no texto de Dourado nesse contexto.

¹⁰⁷ Coelho, Monguilhott e Martins (2008) apresentam uma análise do processo de variação e mudança na inversão sujeito-verbo relacionado às *construções com foco*, à *concordância verbal de terceira pessoa do plural* e à *colocação de clíticos* em amostras extraídas de um mesmo corpus, constituído por seis peças de teatro de autores catarinenses. Os resultados obtidos na pesquisa mostram uma correlação sintática entre uma ordem SV, maior recorrência de estruturas com foco informacional, concordância variável e próclise de SE em SV na escrita do século 20.

3.3 Padrões de variação, mudança e competição de gramáticas

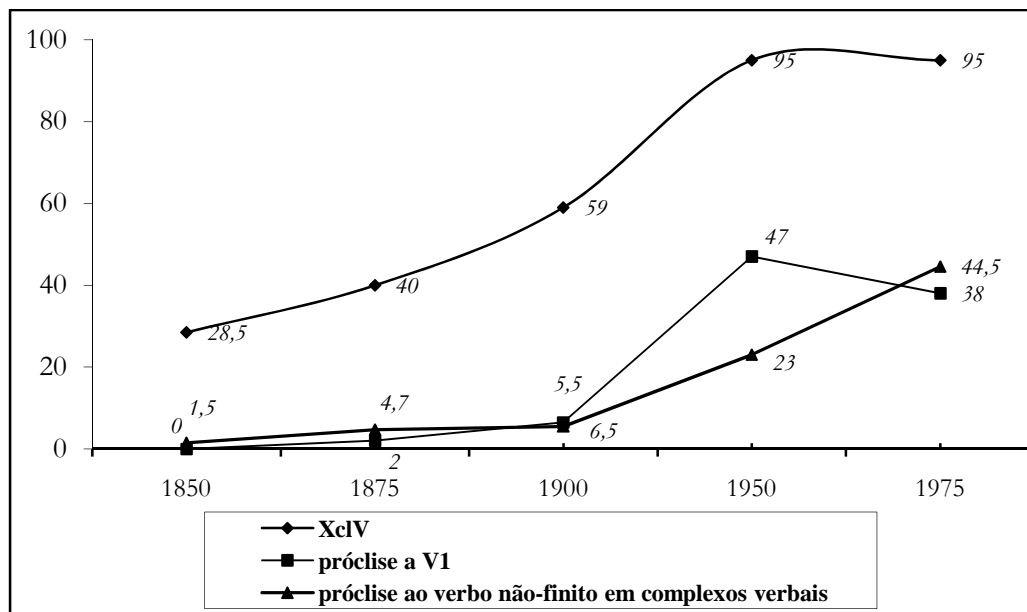
Não é nova a idéia de que, como já referido, o variável padrão empírico de ordenação de clíticos em português é interpretado como o reflexo de diferentes mudanças sintáticas relacionadas às gramáticas do português (cf. PAGOTTO, 1992, 1993; LOBO, 1992; A. M. MARTINS, 1994; ABAURRE; GALVES, 1996; GALVES, 2004; PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GBPS, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO, 2005; CARNEIRO, 2005). Considerando os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense, descritos e analisados, apresento, nesta seção, algumas questões sobre a propagação (3.3.1) e (muito superficialmente) sobre a natureza (3.3.2) da mudança sintática relacionada à implementação do padrão proclítico da gramática do PB refletido nos textos.

3.3.1 A propagação da mudança

Ao longo desta pesquisa, mostrei que, no curso dos séculos 19 e 20, há um aumento (significativo) no uso da próclise em três diferentes contextos: (i) próclise em contextos XV, sendo X um sujeito não-focalizado, um advérbio não-modal ou um PP ($XclV$); (ii) próclise ao verbo em primeira posição absoluta (próclise a V1) e (iii) próclise ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas (V_1+clV_2). Na *Figura 3.3*, a seguir, apresento gráficos que mostram a implementação do padrão proclítico da gramática do PB nesses contextos. Os pontos marcados em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975 têm por base as médias

simples apresentadas na *Figura 2.1* (referentes ao contexto XV), na *Figura 2.5* (referentes à próclise a V1) e na *Figura 2.20* (referentes ao contexto V_1+cIV_2), no capítulo 2.

FIGURA 3.3 *XcIV*, próclise a V1, e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – construções $V_1(X)cIV_2$ – na escrita catarinense dos séculos 19 e 20



Observe-se que os gráficos na *Figura 3.3* parecem apresentar uma mesma curvatura referente à evolução da próclise nos diferentes contextos. Por outros termos, parece se desenhar uma curva em S (mais nitidamente desenhada pela evolução da próclise no contexto XV) que apresenta uma taxa constante de progressão e que estabiliza, em contextos XV, ou tende a se estabilizar, em contextos V1 ou em complexos verbais, num determinado momento (cf. gráfico na *Figura 3.4*, a seguir). Os gráficos parecem evidenciar, nesse sentido, que a gradação atestada nos textos reflete propriedades de uma mudança sintática que procede via competição de gramáticas, no sentido empregado por Anthony Kroch, em *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change* (1989).

No que se refere aos contextos XV, há um significativo aumento no uso da próclise, que sai de uma média de 28,5% em textos de catarinenses nascidos no século 19 para médias de 95% em textos daqueles nascidos no século 20¹⁰⁸. Note que a curvatura apresentada pelo gráfico tende a se estabilizar nos textos de autores nascidos no final do século 20. Uma questão discutida na seção 3.2 deste capítulo diz respeito às próclises nesse contexto em textos do início do século 19. É interessante observar que, diferentemente das taxas de próclise a V1 e de próclise ao verbo não-finito nos complexos (com 0% e 1,5%, respectivamente), o aumento gradativo nas taxas de *XcIV* parte de um percentual relativamente alto de 28,5% (se comparado ao dos demais contextos considerados). Como defendido lá, as próclises encontradas nesse contexto parecem estar correlacionadas à gramática do PC, e não ao padrão proclítico da gramática do PB.

O aumento nas taxas de próclises a V1 e ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas não é tão acentuado, mas bastante significativo. Como já referido, a próclise nesses contextos é uma inovação da gramática do PB, não atestada em estágios anteriores do português. Referentemente à próclise a V1, há um aumento de 0% em textos dos dois primeiros autores representantes do século 19 para 38% em textos dos três últimos representantes do século 20¹⁰⁹. As taxas relacionadas à próclise ao verbo não-temático em estruturas verbais complexas dizem respeito apenas às construções não ambíguas, $V_1(X)cIV_2$, quais sejam estruturas em que há material interveniente entre V_1 e V_2 (o que garante que o clítico esteja proclítico a V_2) ou em que há constituintes oracionais antes de V_1

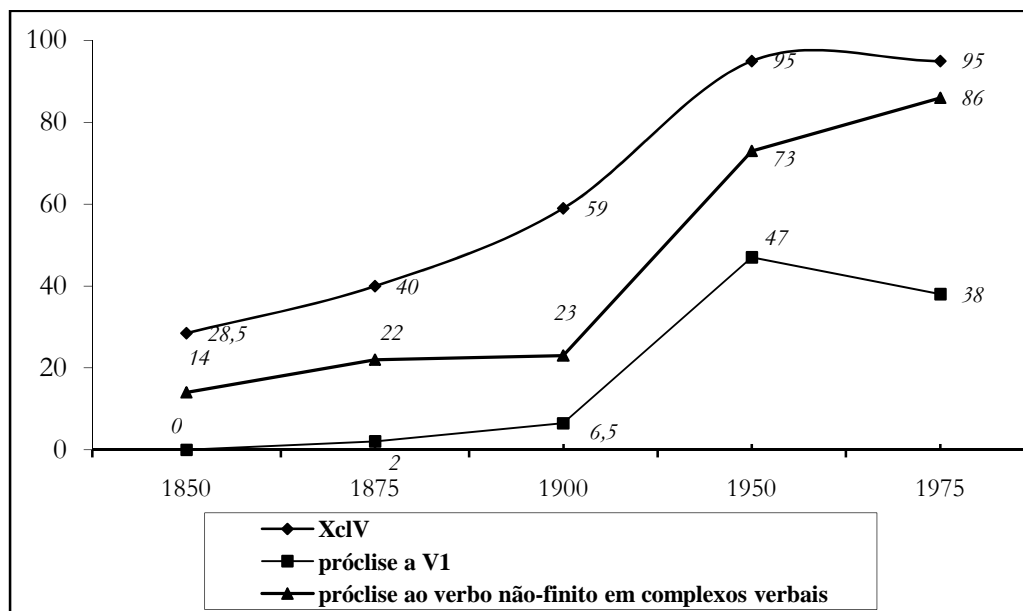
¹⁰⁸ Em M. A. Martins (2008), apresentei resultados de uma rodada estatística preliminar com dados extraídos de seis das peças de teatro do *cópus* aqui analisado. Interessante observar que, no curso dos séculos 19 e 20, encontrei lá um aumento significativo nas taxas de próclise em contextos *SV* e de próclise a V1 e, ao mesmo tempo, um aumento nas taxas de construções *XV* sendo *S* um sujeito. Enquanto em textos de catarinenses nascidos no século 19 foram encontradas taxas de 32% de próclise em contextos *SV*, ausência de próclise a V1 e 34% de construções *XV* com sujeitos lexicais, em textos de catarinenses nascidos no século 20, encontrei próclise categórica em contextos *SV*, 57% de próclise a V1 e 66% de construções *XV* com sujeitos lexicais.

¹⁰⁹ Lembro aqui que o pico no gráfico de 45% de próclise a V1 se refere aos padrões encontrados nos textos de Ademir Rosa que possuem uma escrita bastante particular. Ver nota 68 no capítulo 2.

que desencadeariam necessariamente a próclise. Mesmo assim, a média das taxas de cIV nesse contexto sai de 1,5% no século 19 para 44,5% no século 20.

Como argumentei no segundo capítulo, as construções por mim classificadas como ambíguas não são tão ambíguas assim, pelo que no gráfico da *Figura 3.4*, no que segue, apresento as taxas de próclise ao verbo não-finito em complexos em todas as construções V_1cIV_2 .

FIGURA 3.4 *XcIV*, próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – construções $V_1(X)cIV_2$ e V_1cIV_2 – na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, por ano de nascimento dos autores

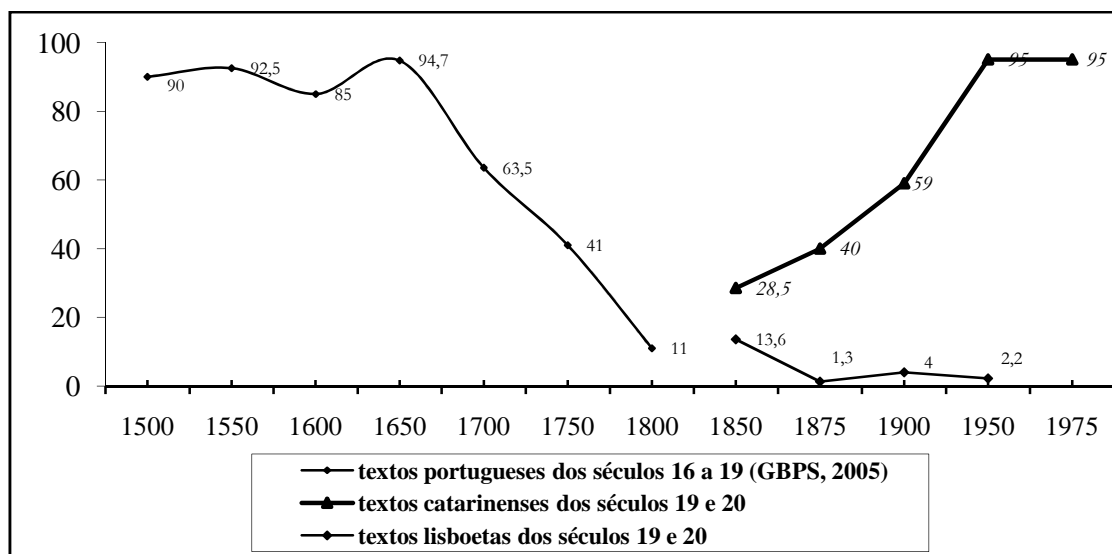


Os resultados ficam mais interessantes. Note-se que a curvatura do gráfico relacionada à evolução da próclise ao verbo não-finito em complexos verbais apresenta agora um aumento bastante significativo. Há uma curva em S que parte de uma taxa de 14% em textos do século 19 e alcança taxas de 73% e 86% em textos do século 20.

Apesar de nos dar fortes indícios de mudança gramatical, o período correspondente aos séculos 19 e 20 é bastante reduzido para falarmos em mudança sintática via competição de gramáticas, sob as lentes da *Hipótese da Taxa Constante*, proposta por Anthony Kroch (KROCH, 1989, 2001). Necessário se faz projetar as taxas de cIV encontradas a resultados de outros estudos sobre a diacronia do português.

Tendo em conta as médias simples da *Figura 2.1* e as médias (marcadas em dois períodos por cada século) da *Figura 2.2*, relacionadas ao estudo de GBPS (2005)¹¹⁰, projeto nos gráficos da *Figura 3.5*, a seguir, a evolução da próclise no contexto XV no português dos séculos 16 a 20.

FIGURA 3.5 *XcIV* na diacronia do português, por ano de nascimento dos autores

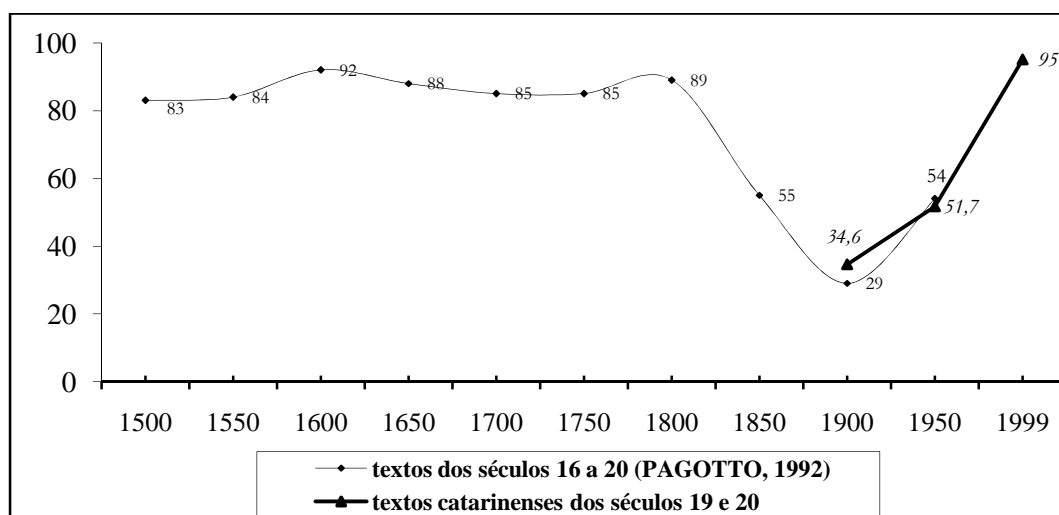


¹¹⁰ Cf. páginas 162 e 164, no capítulo 2.

A partir dos textos de portugueses nascidos no século 18, há uma queda na média simples de 90% para 11% na proporção de *clV* nos textos analisados por GPBS. Essa queda está correlacionada ao padrão enclítico da gramática do PE nesses contextos. Observe-se que as médias simples (calculadas a partir dos resultados da *Tabela 2.7* no capítulo 2) de próclise nas peças de teatro lisboetas, acompanham a queda na proporção de *XclV* nos textos de portugueses no curso dos séculos 19 e 20. Contrariamente, há um aumento significativo nas taxas de *clV* nos textos catarinenses que vai de 28,5% em textos de autores nascidos no início do século 19 para 95% em textos daqueles nascidos no século 20.

A *Figura 3.6*, a seguir, apresenta gráficos da proporção de *XclV* tendo em vista o ano de publicação/apresentação dos textos. Os pontos marcados no gráfico relacionados à escrita catarinense são as médias simples das datas de publicação/apresentação dos textos (cf. *Tabela 2.3*, no capítulo 2), reunidas nos anos de 1900 (textos publicados/apresentados entre 1867 e 1898), de 1950 (entre 1918 e 1942) e de 1999 (entre 1954 a 1998). Os resultados relacionados à escrita dos séculos 16 a 20 são de Pagotto (cf. *Figura 2.3*, no segundo capítulo).

FIGURA 3.6 *XclV* na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos



Observe-se que a curva delineada pelas taxas de próclise na escrita catarinense acompanha aquela sugerida pela análise de Pagotto (1992) com base em textos dos séculos 16 a 20. Há um aumento na média simples das taxas de *XclV* de 34% em textos publicados/apresentados no início do século 20 para uma média de 51,7% e de 95%, respectivamente, em textos da metade e do final do século 20. Quando consideradas as datas de publicação/apresentação dos textos, há uma defasagem na inclinação da curva: no gráfico da *Figura 3.5* há taxas já elevadas de *XclV* na produção de autores nascidos no início do século 20 (59% para mais) enquanto em textos publicados/apresentados nesse período as taxas não são tão altas (34,6%).

Os gráficos nas *Figuras 3.5* e *3.6*, acima, reforçam a tese de que a escrita brasileira do século 19 reflete padrões divergentes no que se refere à ordenação de clíticos. Se considerarmos o ano de nascimento dos autores (cf. *Figura 3.5*), há uma queda no padrão *XclV* da gramática do PC, a partir de textos de portugueses nascidos no curso do século 18, que, em uma direção, tende a estabilizar um outro padrão, enclítico (*XVcl*), interpretado em muitos estudos como o reflexo de uma mudança sintática que está na origem do PE. Confirma esses resultados a queda progressiva do padrão *XclV* na escrita de lisboetas nascidos nos séculos 19 e 20. Em outra direção, a queda do padrão *XclV* da gramática do PC em textos do século 18 é interrompida e atesta-se em textos de catarinenses nascidos nos séculos 19 e 20 o aumento progressivo do padrão proclítico, *XclV*, da gramática do PB.

O momento em que o padrão *XclV* associado à gramática do PC é substituído nos textos pelo padrão da gramática do PB não é apreendido na análise. Para diagnosticar a implementação da mudança que está na origem da gramática do PB, instanciada nos textos, seria interessante um estudo

considerando também autores catarinenses nascidos no século 18¹¹¹. Destaco, desde já que, diferentemente das taxas encontradas nos textos de portugueses, nos textos de catarinenses nascidos na primeira metade do século 19 há elevadas taxas de *XclV*. Como procurei defender na seção 3.2.1, as próclises nesses contextos parecem estar associadas ao padrão da gramática do PC¹¹².

Em relação à origem do PB, Carneiro (2005), num corpúsculo de cartas da Bahia, identifica em textos do começo do século 19, assim como os resultados de Pagotto (1992) sugerem, um aumento nas taxas de ênclise. O aumento nas taxas de ênclise é interpretado, por Carneiro e por Pagotto, como o reflexo do padrão da gramática do PE na escrita do século 19. Nas mesmas cartas do início do século 19, Carneiro encontra, ainda, padrões instanciados pela gramática do PB, tais como a próclise a V1 e ao verbo não-finito em complexos verbais.

Tais resultados corroboram a tese de que o padrão empírico de ordenação de clíticos na escrita brasileira do século 19 é bastante complexo e pode ser interpretado como um caso de competição de diferentes gramáticas do português (CARNEIRO, 2005; GALVES; CARNEIRO, 2006; GALVES, 2007)¹¹³.

Nos gráficos da *Figura 3.7*, a seguir, apresento as taxas de próclise a V1 em português, considerando o ano de nascimento dos autores. Os resultados apresentados por GBPS (2005) evidenciam que a próclise a V1 não é atestada na

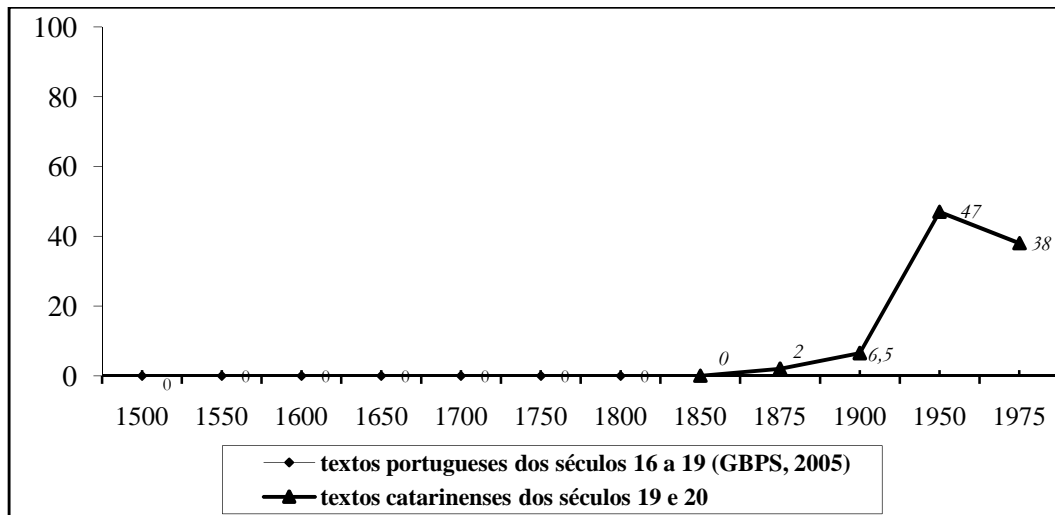
¹¹¹ A primeira peça de teatro escrita por um catarinense encontrada no corpúsculo aqui analisado foi *Raimundo* (1868) de *Álvaro Augusto de Carvalho*, nascido em 1829.

¹¹² Como discutido anteriormente, Torres Moraes (1993) analisa peças de teatro do século 18 e encontra taxas elevadas de *XclV* na produção desse período. Cf. seção 3.2.1.

¹¹³ A interpretação aqui apresentada em relação aos resultados obtidos na análise toca numa discussão latente nos estudos sobre a constituição da norma no português escrito no Brasil do século 19: tais resultados refletem a competição de gramáticas ou a competição entre diferentes normas? Observe-se que o período da queda dos gráficos em 3.5 e 3.6, entre 1800 e 1900, marca o embate entre diferentes padrões para a constituição da norma (cf. Pagotto, 1998, Lobo et al., 2006). A questão é que, se via norma ou não, os dados atestados nos textos em análise são, necessariamente, instanciados por diferentes gramáticas do português.

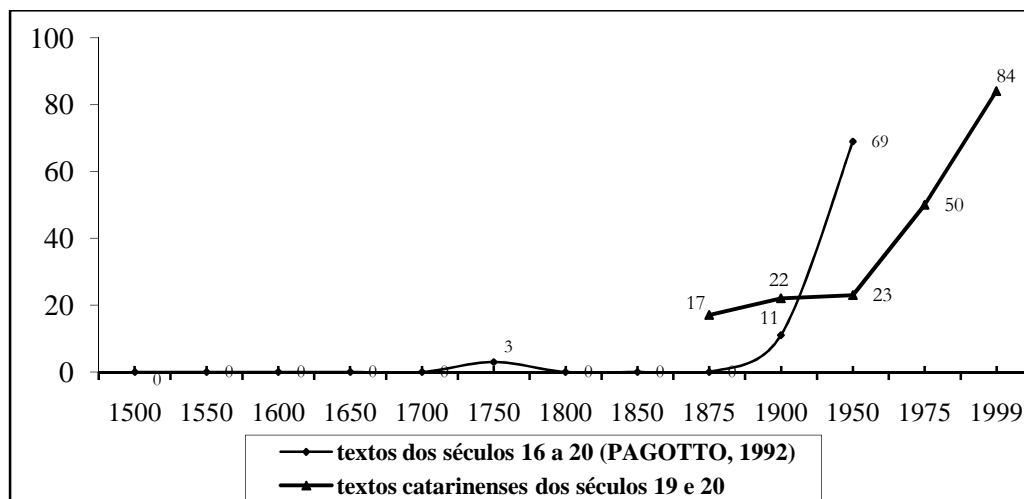
história do português e aqueles relacionados à escrita catarinense mostram um aumento progressivo da próclise nesses contextos.

FIGURA 3.7 *Próclise a VI* na diacronia do português, por ano de nascimento dos autores



Por fim, os gráficos na *Figura 3.8* ilustram o aumento da próclise ao verbo não-finito em complexos verbais em português.

FIGURA 3.8 *Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos*



Lembro que as taxas apresentadas são calculadas com base no ano de publicação/apresentação dos textos. Como se pode observar, os resultados de Pagotto mostram que já em textos do século 18 atesta-se a construção com próclise ao verbo não-finito, característica da gramática do PB. Os resultados do autor fazem referência apenas às construções com um elemento atrator em posição inicial, que desencadearia a próclise ao complexo. Os resultados relacionados à escrita catarinense incluem todas as construções V_1cIV_2 .

Quer em textos dos séculos 16 a 20 quer na escrita catarinense dos séculos 19 e 20, note-se que há um aumento significativo nas construções V_1cIV_2 na passagem do início para o final do século 20 (de 11% para 69% e de 23% para 84%, respectivamente). Saliento, mais uma vez, que a próclise em contextos V1 e ao verbo não-finito em estruturas verbais complexas não é atestada na história do português e é considerada, por esse motivo, uma inovação da gramática do PB.

3.3.2 *(Algumas notas) sobre a natureza da mudança*

Como muitos estudos em sociolinguística variacionista (KROCH, 1989, 2001; KROCH; TAYLOR, 1997) ou em sintaxe diacrônica (LIGHTFOOT, 1991) têm mostrado, a mudança sintática é um processo gradual que está, de algum modo, relacionado a questões de frequência de uso. Em especial, Kroch e colaboradores têm defendido que a gradação temporal da mudança sintática observada em materiais históricos pode ser interpretada como a competição de gramáticas e que as diferentes taxas na frequência de uso de uma forma no curso do tempo pode ser o reflexo de uma mudança paramétrica na gramática de uma língua particular.

Tenho defendido no curso da tese que os padrões empíricos de ordenação de clíticos na escrita catarinense são fatos atestados em amostra de Língua-E que refletem uma mudança gramatical, ou seja, uma mudança na Língua-I, que está na origem da gramática do PB. A implementação da mudança no sistema social e estrutural de uma língua é um processo gradual que, defendendo, pode ser entendido como a competição de diferentes gramáticas. Os padrões encontrados nos textos analisados sugerem essa mudança.

No que se refere à natureza da mudança sintática, a gramática do PC, a gramática do PE e a gramática do PB, intanciadas nos textos analisados, são teorias sobre os diferentes padrões gerados por sistemas que competem na escrita catarinense dos séculos 19 e 20. Em termos mais técnicos, são teorias sobre a Língua-I dos autores.

A mudança sintática, aparentemente refletida nos dados referentes às próclises nos textos, está encaixada no sistema lingüístico do português brasileiro. No que respeita à colocação de clíticos, essa mudança paramétrica que está na origem do PB está relacionada à perda da restrição ao clítico em primeira posição e tem cliticização a V.

3.4 Conclusões e encaminhamentos

Mais uma vez, é importante sistematizar os resultados obtidos com a pesquisa e as contribuições deste capítulo. Procurei defender que os padrões empíricos de ordenação de clíticos atestados na escrita catarinense podem ser interpretados como o reflexo da competição de três gramáticas do português: PC, PB e PE.

No que se refere aos padrões, aparentemente, instanciados pela gramática do PC, os argumentos considerados dizem respeito às taxas de *DPcIV* e de *XcIV* e às construções com interpolação de “*não*” e/ou do pronome pessoal “*eu*” encontradas em textos de catarinenses nascidos na primeira metade do século 19. Nos textos desses autores nem o contexto *DPV* nem o contexto *XV* parece ser mais favorecedor de próclise, de modo que há em ambos os contextos percentagens variáveis de próclise, geralmente baixas e inferiores a 50%. Também nos textos desses autores a próclise a V1 e a cliticização ao verbo – como evidencia a próclise ao verbo não-finito em complexos verbais – não são freqüentes. Diferentemente, nos textos de autores nascidos no século 20, a próclise é o padrão (com taxas categóricas) em contextos *DPV* e ainda variável em contextos *XV* e as taxas de próclise a V1 e de próclise ao verbo não-finito em complexos verbais são já bastante elevadas.

Referentemente à propagação da mudança, os resultados mostram que a próclise em orações com sujeitos (DPs e pronominais pessoais) é já o padrão em textos de catarinenses nascidos no século 20. No que toca aos padrões inovadores da gramática do PB, ou à próclise a V1 e à próclise ao verbo não-finito, as taxas encontradas nos textos do século 20 são já bastante significativas, o que sugere uma estabilização da gramática do PB e uma menor influência do padrão enclítico da gramática do PE.

Conclusão

A questão central proposta para o desenvolvimento desta pesquisa foi a de, tendo em conta os padrões empíricos de ordenação de clíticos, descrever e analisar a implementação da mudança que deu origem à gramática do PB em textos de brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina, nos séculos 19 e 20. Terminei a pesquisa, dizendo que os padrões empíricos de ordenação de clíticos nos textos analisados refletem um período de mudança sintática que pode ser interpretado como a competição de três gramáticas do português: PC, PB e PE. Em tempo, o processo de mudança refletido na escrita catarinense, sobretudo no século 19, se estende à escrita brasileira.

Para situar a pesquisa realizada, apresentei, ao longo do capítulo 1, alguns conceitos teóricos relacionados à tese segundo a qual, em sociolinguística variacionista, a mudança sintática é um processo gradual que procede via competição de gramáticas (KROCH, 1989, 2001). Como a sintaxe da ordem dos clíticos em português (assim como nas demais línguas românicas) reflete padrões variáveis e facilmente observáveis em textos escritos ao longo dos séculos, o fenômeno de colocação de clíticos tem recebido especial atenção em sintaxe diacrônica.

Apresentei, ainda, no capítulo 1, resultados empíricos de estudos diacrônicos com base em diferentes corpuses sobre a sintaxe de colocação de clíticos em português. Os resultados apresentados nesses estudos mostram claramente padrões empíricos gerais e bastante específicos na ordenação de clíticos na história do português que são, por sua vez, interpretados teoricamente

como diferentes gramáticas instanciadas nos textos escritos ao longo dos séculos 13 a 20: PA, PC, PE e PB.

Em geral, na diacronia do português, em orações finitas não-dependentes com verbo simples são atestados contextos categórico-majoritários de próclise ou de ênclise e contextos de variação próclise/ênclise:

(i) A próclise é o padrão em orações com operadores de negação predicativa; em orações iniciadas por quantificadores, por determinados advérbios ou por constituintes expressamente focalizados. A próclise nesses ambientes é o padrão de ordenação em textos escritos em toda a história do português, mais especificamente na escrita dos séculos 13 a 20. É importante dizer que, quando me refiro à próclise como o padrão de ordenação nesses contextos, não descarto a possibilidade de que ocorrências com ênclise sejam atestadas. De fato, há registro na literatura (e mesmo na análise que apresento sobre a escrita catarinense) de casos de ênclises. Esses casos, entretanto, são isolados e não marcam ou delimitam o padrão num grupo significativo de textos de uma determinada época, e não caracterizam, por isso, uma gramática específica do português.

(ii) A ênclise é o padrão em contextos em que o verbo ocupa, necessariamente, a primeira posição absoluta da estrutura oracional (contextos V1) em textos dos séculos 13 a 19 (e em textos portugueses do século 20). A próclise nesse contexto não é atestada na diacronia do português. Apenas em textos brasileiros dos séculos 19 e 20 a próclise é, seguramente, atestada, o que tem caracterizado a próclise a V1 uma característica inovadora da gramática do PB.

(iii) Há variação próclise/ênclise em orações finitas não-dependentes “neutras”, ou, mais especificamente, em orações iniciadas por sujeitos não-focalizados, advérbios não-modais, sintagmas preposicionais. A variação nos padrões de ordenação de clíticos nesses contextos em textos dos séculos 13 a 20 é bastante interessante e, por esse motivo, é, em muitos estudos em sintaxe diacrônica, associada a diferentes estágios gramaticais do português no curso dos séculos. Em

textos dos séculos 13 a 16 (ou na gramática do PA), a ênclise é recorrente e um aumento progressivo da próclise é registrado; em textos dos séculos 16 a 18 (ou na gramática do PC), a próclise é largamente majoritária; em textos portugueses dos séculos 18 e 19, há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo da ênclise – em PE (i.e., em textos portugueses do século 20) a ênclise é o padrão de colocação nesse contexto; em textos brasileiros dos séculos 18 a 20 há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo da próclise – em PB a próclise é o padrão de ordenação nesses e nos demais contextos, muito embora em textos escritos a ênclise seja, ainda, bastante recorrente por influência do padrão proclítico do PE.

Sobre as estruturas com interpolação na diacronia do português, é importante mencionar que a interpolação de constituintes em geral é recorrente no PA (instanciadas por núcleos (X^o) ou projeções máximas (XP)), torna-se reduzida no PC e residual em PE, restrita a interpolação de “não” (sem considerar as variedades dialetais). No PB, a interpolação de constituintes não é mais encontrada, muito embora, em textos escritos no século 19 ainda se atestem construções com interpolação. Defendo, entretanto, que as poucas ocorrências atestadas são geradas pelo padrão conservador da gramática clássica.

Antes de sistematizar aos padrões de ordenação de clíticos, é importante destacar que a pesquisa empírica apresentada ao longo do capítulo 2 contou com um trabalho de recolha e organização de um *cópus* constituído de 24 peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina e de 21 peças de teatro escritas por portugueses nascidos em Lisboa, no curso dos séculos 19 e 20. Como dito na introdução da tese, a elaboração de *cópus* diversos para o estudo diacrônico (da formação) do PB tem merecido especial atenção nos estudos em sintaxe diacrônica, em sociolinguística variacionista ou em linguística histórica. O *cópus* organizado contribui com esse empreendimento. Estará disponível nas dependências do projeto VARSUL/UFSC e poderá ser utilizado por demais pesquisadores para a análise de outros fenômenos linguísticos.

Tendo por base os resultados dos estudos apresentados, no capítulo 1, descrevo e analiso no capítulo 2 da tese os padrões de ordenação de clíticos no córpus em apreço. De um lado, no que se refere aos contextos de próclise categórico-majoritária na diacronia do português, descritos em (i) acima, encontro nos textos, majoritariamente, próclise. Encontro algumas ocorrências de ênclise que interpreto como casos de hipercorreção. De outro lado, nos textos catarinenses, não há mais nos dados analisados um contexto de ênclise categórica, como aquele descrito em (ii) para a diacronia do português; pelo contrário, atesta-se um aumento progressivo de próclise a V1 nos textos catarinenses analisados. Na descrição e análise dos dados, deixei em *contextos de Vcl* (cf. seção 2.2.1.2) as orações finitas não-dependentes em que o verbo é antecedido por vocativos, elementos discursivos e orações dependentes, por se tratarem de contextos XV superficiais. Entretanto, como estudos já mostram (PAIXÃO DE SOUSA, 2004; CARNEIRO, 2005), esses dados são construções V1 estruturais na diacronia do português e justificam-se, com isso, as próclises encontradas. Relativamente aos contextos de variação, somam-se aos contextos descritos em (iii) a variação próclise/ênclise em construções V1. A variação nesses contextos apresenta resultados interessantes.

Sobre a variação nos contextos atestados na história do português, descritos em (iii) acima, encontro um aumento significativo nas taxas de próclise de uma média de 28,5% em textos escritos por catarinenses nascidos no século 19 para uma média de 95% em textos daqueles nascidos no século 20. O aumento nas taxas de próclise não se dá numa mesma proporção nas construções com sujeitos pré-verbais (*ScIV*) e nas construções com advérbios não-modais e sintagmas preposicionais (*XcIV*). Volto às diferenças nas taxas de *ScIV* e de *XcIV* logo a seguir. Por ora, destaco que a próclise em orações com sujeitos pré-verbais é categórica em textos de autores nascidos no século 20 e em textos dos nascidos no século 19 está correlacionada à natureza dos sujeitos pré-verbais: é

(significativamente) mais recorrente em orações com sujeitos pronominais pessoais, e não o é em orações com sujeitos DPs simples.

A próclise a V1 e a próclise ao verbo não-finito em complexos verbais já aparecem, não recorrentemente, nos textos de autores nascidos no século 19 e aumentam gradativamente nos textos daqueles nascidos no século 20. Esses dois contextos, em particular, como já referido, são característicos da gramática do PB, por não serem encontrados em outros estágios do português.

De volta às construções *ScIV* versus *XcIV*, no terceiro capítulo, observo que, de um lado, em termos empíricos, em textos de catarinenses nascidos na primeira metade do século 19 as taxas de *DPcIV* e de *XcIV* apresentam percentagens variáveis e geralmente baixas, inferiores a 50%. Encontro, ainda, nesses textos construções com interpolação de “*não*” e do pronome pessoal “*eu*” e baixas taxas de próclise a V1 e de próclise ao verbo temático em complexos verbais. Considerando tais resultados, defendo a hipótese de que na escrita catarinense da primeira metade do século 19 são instanciados, ainda, padrões gerados pela gramática conservadora do PC. Paradoxalmente, entretanto, há de se considerar que encontro nesses mesmos textos (da primeira metade do século 19) próclise a V1 e próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, instanciados muito provavelmente pela gramática do PB. Também de maneira paradoxal há nos textos desse período elevadas taxas de ênclise em contextos XV, características do padrão enclítico da gramática do PE.

Como se pode observar, a escrita catarinense (no cenário da escrita brasileira) no período correspondente ao século 19 apresenta um quadro complexo. Atestam-se padrões aparentemente instanciados pela gramática conservadora do PC, pela gramática inovadora do PB e pela gramática “da norma” do PE. Há uma certa instabilidade nos padrões empíricos de ordenação de clíticos e confirmam tal as ocorrências de construções com hipercorreções recorrentes nos textos desse interessante período na história sociolingüística do português brasileiro.

Já a escrita de catarinenses nascidos no século 20 apresenta padrões mais estáveis, o que sugere uma maior influência do padrão da gramática do PB. A próclise é categórica em orações com sujeitos *DPs simples* e ainda variável em orações com advérbios não-modais e sintagmas preposicionais. Há um aumento significativo nas taxas de próclise a V1 e de próclise ao verbo não-finito em complexos verbais, que chegam a 47% e 38% e a 95%, respectivamente, e a interpolação não é mais atestada.

Os resultados obtidos com a pesquisa, em conjunto com aqueles já publicados sobre a diacronia do português, deixam claro que a implementação da mudança sintática refletida na ordenação de clíticos nos textos de catarinenses nascidos nos séculos 19 e 20 é um processo gradual. Os gráficos relacionados aos três contextos observados parecem apresentar uma curva em S (principalmente no que se refere às taxas de *XcIV* e de próclise ao verbo não-finito nos complexos), nos termos dos gráficos sobre a entrada do *DO* perifrástico no inglês, retomados nos textos de Kroch (KROCH, 1989, 2001).

No processo de implementação de uma mudança sintática (gramatical), formas conservadoras (geradas por uma gramática conservadora) são gradativamente substituídas por formas inovadoras (geradas por uma gramática inovadora) num ambiente heterogêneo em que competem diferentes gramáticas. Enfim, e por fim, espero que a pesquisa realizada possa ter contribuído com a descrição e a análise dos padrões empíricos de ordenação de clíticos no português escrito no Brasil dos séculos 19 e 20.

Referências Bibliográficas

AMBAR, Manuela (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri.

ANTONELLI, André (2007). *O clítico SE e a Construção de topicalização no Português Clássico*. Dissertação de Mestrado, Campinas: IEL/UNICAMP.

ABAURRE, M^a Bernadete; GALVES, Charlotte (1996). Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In *Gramática do português falado, vol. IV – estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 267-312.

BARBOSA, Pilar (2000). Clitics: a window into the Null Subject Property. In: João Costa (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, p.31-93.

BARBOSA, Pilar (2006). Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001). *D.E.L.T.A.* 22:2, p.345-402.

BERLINCK, Rosane de Andrade (1988). *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Campinas. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

BERLINCK, Rosane de Andrade; BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia (2009). Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 169-195.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (2005). *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

CASTRO, Ivo (2006). *Introdução à História do Português*. 2^a Ed. Lisboa: Edições Colibri.

COELHO, Izete Lehmkuhl (2006). Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In. Jania Ramos (org.) *Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 83-104.

COELHO, Izete Lehmkuhl (2000). *A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutoramento, UFSC.

COELHO, Izete Lehmkuhl; MONGUILHOTT, Isabel; MARTINS, Marco Antonio (2008). Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no PB: fenômenos correlacionados. In. Cláudia Roncarati & Juçara Abraçado (orgs.) *Português Brasileiro II – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, pp. 137-136.

COSTA, João (2004). *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. New York, Mouton de Gruyter.

COSTA, João (1998). *Word order variation: a constraint-based approach*. The Hague, Holland Academic Graphics.

COSTA, João; MARTINS, Ana Maria (2003). *Clitic placement across grammar components*. Talk presented at Going Romance, 17th Symposium on Romance Languages, November, Nijmegen University.

COSTA, João; GALVES, Charlotte (2002). Peripheral subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In. C. Beyssade et al. (eds.), *Romance languages and linguistic theory 2000*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

CHOMSKY, Noam; Howard, LASNIK. (1995). The Theory of Principles and Parameters. In: Noam Chomsky

CHOMSKY, Noan. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.

CHOMSKY, Noan. (1986). *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.

CYRINO, Sonia (2007). Mudança sintática e português Brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth & CYRINO, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007,, p. 361-373.

CYRINO, Sonia (1997). *O objeto nulo no Português do Brasil*. Londrina: Editora da UEL.

CYRINO, Sonia (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In. Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*, Campinas, Editora da UNICAMP.

DUARTE, Inês (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.

DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela (2000). Romance Clitics and the Minimalist Program. In: João Costa (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, p.116-142.

DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela; GONÇALVES, Anabela (2005). Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4 , n.2, p. 113-141.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1995) *A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro*. Campinas. UNICAMP: Tese de Doutorado.

FIÉIS, Maria Alexandra (2003). *Ordem de palavras, transitividade e inacusatividade – reflexão teórica e análise do português dos séculos XIII a XVI*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa: Tese de Doutorado.

FIGUEIREDO, Cândido de ([1909] 1917). *O problema da colocação de pronomes*. 3^a ed. Lisboa: Clássica Editora.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (1996). *A posição sujeito no português brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana (2007). *Sociolingüística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.

GALVES, Charlotte (2007). A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth & CYRINO, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 513-528.

GALVES, Charlotte. (2004). *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística – Fase II*. UNICAMP CAMPINAS. (Projeto de pesquisa FAPESP).

GALVES, Charlotte (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

GALVES, Charlotte (2000). Agreement, Predication, and Pronouns in the history of Portuguese. In: João Costa (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, 2000, p.143-190.

GALVES, Charlotte; SÂNDALO, Filomena (2004). Clitic placement in Modern and Classical European Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics* 47, 2004, pp. 115-128.

GALVES, Charlotte; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza (2005). Syntax and Morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, nº2, Studies in the comparative syntax of European and Brazilian Portuguese, pp. 143-177.

GALVES, Charlotte; Helena BRITTO; Maria Clara PAIXÃO DE SOUSA (2005). The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, pp. 39-67.

GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005). Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese. In. T. Geerts, I. Van Ginneken

& H. Jacobs (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory: selected papers from 'Going Romance' 2003*. John Benjamins, pp. 93-107.

GALVES, Charlotte; CARREIRO, Zenaide de Oliveira Novais (2006). Clitic-placement in the history of Brazilian Portuguese: a case of three-grammar competition. Apresentação ao DiGS.

GALVES, Charlotte, NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). "Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa". Em: *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Annette Endruschat / Rolf Kemmler / Bárbara Schäfer-PrieB (Hrsg). Turbigen: Calapinus Verlag, págs 45-75.

GUY, Gregory (2000). A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29, p. 17-32.

HUBER, Joseph (2006 [1933]). *Gramática do Português Antigo*. 2ª edição – tradução de Maria Gouveia Delilie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ILARI, Rodolfo (2004). *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática.

JUNKES, Lauro (1999). (org.) *Teatro Selecionado*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC.

KATO, Mary (1996). Como, o que e por que escavar?. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

KATO, Mary (2000). A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Forum Lingüístico*. Florianópolis, v.2, n.1, p.97 - 127.

KAYNE, Richard (1991). Romance clitics, verb movement and PRO. *Linguistic Inquiry*. Vol. 22, pp. 647-686.

KROCH, Anthony (1989). Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, pp. 199-244.

KROCH, Anthony (1994). Morphosyntactic Variation. In: 30th annual meeting of the Chicago Linguistics Society. Proceedings, v. 2, pp. 180-201.

KROCH, Anthony (2001). Syntactic Change. In: Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, pp. 699-729.

KROCH, Anthony (2003). *Mudança sintática*. «<http://www.ling.upenn.edu/kroch>». Traduzido por Silvia Cavalcante.

KROCH, Anthony; TAYLOR, Ann (1997). Verb Movement in Old and Middle English: dialect variation and language contact. In: A. Van Kemenade & N. Vincent (orgs.), *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.297-325.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LABOV, William (1978). Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics* 44.

LABOV, William (1982). Building on empirical foundations. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 17-92.

LABOV, William (1994). *Principles of linguistic Change: internal Factors*. Oxford: Blackwell.

LABOV, William ([1969] 2003). Some Sociolinguistic Principles. In: Paulston, C. B.; Tucker, G. R. (org.) *Sociolinguistics: The essential Readings*. Blackwell Publishing. 2003.

LAVANDERA, Beatriz (1978). Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society* 7: 82-171.

LIGHTFOOT, David (1999). *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition.

LOBO, Tânia (1992). *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em Confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

LOPES, Célia; MACHADO, Ana Carolina; PAGOTTO, Emilio; DUARTE, Maria Eugênia; CALLOU, Dinah; OLIVEIRA, Joseane; ELEUTÉRIO, Sílvia; MARTELOTTA, Mário (2006). A configuração da norma brasileira no seéculo XIX: análise das cartas pessoais dos avós Ottoni. In: Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida. *Para a História do Português Brasileiro*. Volume VI: novos dados, novas análises. Tomo II, pp.781-815.

LUCCHESI, Dante (2004). *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial.

MAGRO, Catarina (2007). *Clíticos: variação sobre o tema*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

MARQUILHAS, Rita (1996). Mudança Lingüística. In: Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte e Carlos A. M. Gouveia (orgs.) *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 563-533.

MARTINS, Ana Maria (2005). Passive and impersonal *se* in the history of Portuguese. In: *Romance Corpus Linguistics* ed. by Claus D. Pusch, Johannes Kabetek & Wolfgang Raible. Tübingen: Gunter Narr Verlag. p. 411-430.

MARTINS, Ana Maria (2003). *From unity to diversity in Romance Syntax: Portuguese and Spanish*. Disponível em «http://www.clul.ul.pt/equipa/amartins/Martins_2003_3_artigo.pdf».

MARTINS, Ana Maria (1997). Mudança Sintática: clíticos, negação e um pouquinho de *Scrambling*. *Estudos lingüísticos e literários* n° 19: 129-162.

MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

MARTINS, Ana Maria (1993). Focus and clitics in European Portuguese. *Working Papers in Linguistics*. v.1, p. 57-65.

MARTINS, Marco Antonio (2008). Sintaxe e padrões de variação: próclise e ordem SV no Português do Brasil. *Revista de Estudos Lingüísticos/Linguistic Studies* (Lisboa), v. 1, p. 161-178.

MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *Caminhos da Lingüística Histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). *O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2005). *O português são dois*. São Paulo: Parábola.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. Especial, p. 247-276.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1996). *A carta de Caminha – testemunho lingüístico de 1500* (org.). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

MILROY, Lesley & GORDON, Matthew (2003). *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell Publishing.

MONTEIRO, José Lemos (1994). *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.

NAMIUTI, Cristiane (2008). *Aspectos da História Gramatical do Português. Interpolação, Negação e Mudança*. Tese de doutoramento, Campinas: IEL/UNICAMP.

NEGRÃO, Esmeralda (1999). *O Português Brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de livre docência. Universidade Federal de São Paulo, USP.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004). *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento, Campinas: IEL/UNICAMP.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). Lingüística Histórica. In: Claudia Catellanos Pfeiffer & José Horta Nunes (orgs.). *Introdução às ciências da linguagem – Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, p. 11-48.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2008)a. *A sintaxe da Ordem no Português (1400-1900)*. Projeto de pesquisa. Disponível em «<http://sites.google.com/site/mariaclaraps>».

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2008)b. *Proeminência à esquerda na diacronia do português: inovação e continuidade*. Comunicação apresentada ao XV Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (Romania Nova), Montevideú.

PAGOTTO, Emilio Gozze (1992). *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas.

PAGOTTO, Emilio Gozze (1993). Clíticos, mudança e seleção natural. In: Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 185-206.

PAGOTTO, Emílio Gozze (1998). Norma e condescendência, Ciência e Pureza. *Língua e Instrumentos Lingüísticos*, n.3. Campinas: Pontes.

PAGOTTO, Emílio Gozze (2007). Crioulo sim, crioulo não – uma agenda de problemas. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth & CYRINO, Sonia (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, p. 461-482.

PEREIRA, Ana Luzia Dias (2006). *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. Tese de Doutorado, Florianópolis: PPGL/UFSC.

POLLOCK, J (1989). Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365-424.

PONTES, Eunice (1987). *O tópico no Português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes.

- RAPOSO, Eduardo (2000). Clitic positions and verb movement. In: João Costa (ed). *Portuguese syntax – new comparative studies*. Oxford: University Press, 2000, p.266-297.
- RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan (1996). Indefinitive SE. *Natural Language and Linguistic Theory* 14, p. 749-810.
- RIBEIRO, Ilza (1998). A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática?. In: CASTILHO, A. (org.) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, p.101-119.
- ROMAINE, Suzanne (1981). The status of variable rules in sociolinguistic theory. In: *J. Linguistics* 17. Cambridge University Press, p.93-119.
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (1993). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP..
- ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali (2001). *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science, University of York. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb/>.
- SANKOFF, David (1988). Variable rules. In: AMMON, Ulrich; Nöbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, p. 984-997.
- SANKOFF, David (1988). Sociolinguistics and syntactic variation. In: F. J. Newmeyer (ed.) *Linguistic: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 984-997.
- SCHEI, Ane (2003). *A colocação pronominal do português brasileiro – a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas.
- TAGLIAMONTE, Sali A. (2006). *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press.

TARALLO, Fernando (1992). Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese. In: G. Guy, J. Baugh & D. Schiffrin (eds.). *Festschrift to William Labov*.

TARALLO, Fernando (1993). Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX. In: Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 69-105.

TAVARES SILVA, Cláudia Roberta (2004). A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu. Tese de doutoramento, Maceió: UFAL.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida (2002). Rastreamento aspectos gramaticais e sociohistóricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. In: *Para a História do português Brasileiro*. Novos estudos, p.69-117.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida (1993). Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, pp. 263-306.

TEYSSIER, Paul (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues (2008). A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: Cláudia Roncarati e Juçara Abraçado (orgs.). *Português Brasileiro II – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, pp. 285-300.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues (2002). *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.

WEINER, Judith & LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistics* 19:29-58. 1983.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, pp.95-188.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno, São Paulo: Parábola.

YANG, Charles (2005). *Grammar Competition and Language Change*. Disponível em: «<http://www.ling.upenn.edu/~ycharles/papers.html>».

YANG, Charles (2000). Internal and external forces in language change. *Language Variation and change*. Cambridge University Press, 12, pp. 231-250.

APÊNDICE

*Informações sobre as edições utilizadas das
peças de teatro catarinenses e lisboetas*

QUADRO 1. *Peças de teatro catarinenses*

1. José Cândido de Lacerda Coutinho – *A casa para alugar (1867)*

Nascimento-morte do autor/1841-1902

Edição utilizada: COUTINHO, José Cândido de Lacerda. [1867] *Quem desdenha quer comprar: comédia em um ato/A casa para alugar: comédia em um ato*. Porto Alegre: movimento, 2001.

2. José Cândido de Lacerda Coutinho – *Quem desdenha quer comprar... (1868)*

Nascimento-morte do autor/1841-1902

Edição utilizada: COUTINHO, José Cândido de Lacerda. [1868] *Quem desdenha quer comprar: comédia em um ato/A casa para alugar: comédia em um ato*. Porto Alegre: movimento, 2001.

3. Álvaro Augusto de Carvalho – *Raimundo (1968)*

Nascimento-morte do autor /1829-1865

Edição utilizada: CARVALHO, Álvaro Augusto de. [1868] *Raimundo – drama em cinco atos*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC, 1994.

4. Arthur Cavalcanti do Livramento – *Os ciúmes do capitão (1880)*

Nascimento-morte do autor /1853-1897

Edição utilizada: LIVRAMENTO, Arthur Cavalcanti do. *Os ciúmes do capitão [1880]. Teatro Moderno – Coleção de comédias apropriadas à scena brasileira*. Porto Alegre: Typographia de Gundlach & Cia, 1882.

5. Horácio Nunes Pires – *Um cacho de mortes (1881)*

Nascimento-morte do autor /1855-1919

Edição utilizada: NUNES, Horácio. [1881] *Um cacho de mortes*. In: JUNKES, Lauro (org.) *Teatro Selecionado*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC, 1999, p.197-216.

6. Horácio Nunes Pires – *Dolores (1889)*

Nascimento-morte do autor /1855-1919

Edição utilizada: NUNES, Horácio. [1889] *Dolores*. In: JUNKES, Lauro (org.) *Teatro Selecionado*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC, 1999, p. 134-196.

7. Horácio Nunes Pires – *O Idiota (1890)*

Nascimento-morte do autor /1855-1919

Edição utilizada: NUNES, Horácio. [1890] *O idiota*. In: JUNKES, Lauro (org.) *Teatro Selecionado*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC, 1999, p. 217-252,

8. Horácio Nunes Pires – *Fatos Diversos (1892)*

Nascimento-morte do autor /1855-1919

Edição utilizada: NUNES, Horácio. [1892] *Fatos Diversos*. In: JUNKES, Lauro (org.) *Teatro Selecionado*. Florianópolis: FCC, ed. da UFSC, 1999, p. 43-133.

9. Antero dos Reis Dutra – *Brinquedos de Cupido (1898)*

Nascimento-morte do autor /1855-1911

Edição utilizada: DUTRA, Antero dos Reis Dutra. *Miscellanea*. Desterro, 1989.
Drama de um ato.

10. Joaquim Antonio de S. Thiago – *A engeitada* (?)
Nascimento-morte do autor /1856-1916
Edição utilizada: THIAGO, Joaquim Antonio de S. *A engeitada*. S. Francisco: Santa Catharina, 1930.
11. Ildelfonso Juvenal – *Hilda, a filha do supposto trahidor* (1918)
Nascimento-morte do autor/1884-1965
Edição utilizada: JUVENAL, Ildelfonso. *Painéis*: Florianópolis, 1918, p. 94-128.
12. Ildelfonso Juvenal – *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918)
Nascimento-morte do autor/1884-1965
Edição utilizada: JUVENAL, Ildelfonso. *Painéis*: Florianópolis, 1918, p.59-93.
13. Nicolau Nagib Nahas – *Ilha dos casos raros* (1928)
Nascimento-morte do autor/1898-1934
Texto não publicado. Manuscrito cedido do autor pela professora Doutora Vera Colaço (UDESC)
14. Ildelfonso Juvenal – *A filha do operário* (1942)
Nascimento-morte do autor/1884-1965
Edição utilizada: JUVENAL, Ildelfonso. *Obras Completas – Teatro*. Volume I. Florianópolis, 1942, p.74-121.
15. Ody Fraga – *A morte de Damião* (1954)
Nascimento-morte do autor /1927-1987
Edição utilizada: FRAGA, Ody. [1954] *A morte de Damião*. In: *Cadernos SUL – III*. Florianópolis, 1954.
Farsa em um ato.
16. Ademir Rosa – *O dia em que os Porcos Comerão Sal* (1978)
Nascimento-morte do autor/1950-1997
Edição utilizada: UCZAI, Pedro (org.) *Ademir Rosa: paixão pela arte, paixão pela vida*. Florianópolis: [s.n.], 2007, p. 223-258.
Peça de um ato.
17. Mário Júlio Amorim – *O dia do Javali* (1983)
Nascimento-morte do autor/1939-
Texto não publicado. Manuscrito do autor cedido por Antônio Cunha.
18. Ademir Rosa – *A Estória* (1990)
Nascimento-morte do autor/1950-1997
Edição utilizada: UCZAI, Pedro (org.) *Ademir Rosa: paixão pela arte, paixão pela vida*. Florianópolis: [s.n.], 2007, p. 171-191.
Consulta ao texto manuscrito de Ademir Rosa cedido por Antônio Cunha
Peça em um ato.
19. Ademir Rosa – *Os Lobos* (1992)
Nascimento-morte do autor/1950-1997
Edição utilizada: UCZAI, Pedro (org.) *Ademir Rosa: paixão pela arte, paixão pela vida*. Florianópolis: [s.n.], 2007, p. 195-219.

Consulta ao texto manuscrito de Ademir Rosa cedido por Antônio Cunha
Peça em um ato.

20. Ademir Rosa – *Fragmentos (1991)*

Nascimento-morte do autor/1950-1997

Edição utilizada: UCZAI, Pedro (org.) *Ademir Rosa: paixão pela arte, paixão pela vida*. Florianópolis: [s.n.], 2007, p. 261-285.

Peça em um ato.

21. Antonio Cunha – *Flores de Inverno (1992)*

Nascimento-morte do autor/1961-

Edição utilizada: CUNHA, Antônio. [1992] *Flores de Inverno. Três d(r)amas possíveis*. Joinvile: Letradágua, 2004, p. 82-111.

Peça em um ato.

22. Sulanger Bavaresco – *Agnus Dei (1994)*

Nascimento-morte do autor/1969-

Texto não publicado. Manuscrito cedido por Antônio Cunha.

23. Ademir Rosa – *O que a vida fez de mim, de nós (1996)*

Nascimento-morte do autor/1950-1997

Edição utilizada: UCZAI, Pedro (org.) *Ademir Rosa: paixão pela arte, paixão pela vida*. Florianópolis: [s.n.], 2007, p. 289-323.

Peça em um ato.

24. Antonio Cunha – *As quatro estações (1998)*

Nascimento-morte do autor/1961-

Edição utilizada: CUNHA, Antônio. [1998] *As quatro estações. Três d(r)amas possíveis*. Joinvile: Letradágua, 2004, p. 40-81.

Peça em um ato.

QUADRO 2. Peças de teatro lisboetas

1. Camilo Castelo Branco – *O último Acto* (1959)

Nascimento-morte do autor/1825-1890

Edição utilizada: BRANCO, Camilo Castelo. [1859] *O último acto*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 299-317.

2. Eduardo Garrido – *Inter Duo Litigantes...* (1863)

Nascimento-morte do autor/1842-1912

Edição utilizada: GARRIDO, Eduardo. [1863] *Inter Duo Litigantes...*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 319-340.

3. Júlio César Machado – *Para as Eleições* (1868)

Nascimento-morte do autor/1835-1890

Edição utilizada: MACHADO, Júlio César. [1868] *Para as Eleições*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 373-385.

4. João Batista de Matos Moreira – *Guerra aos Nunes* (1869)

Nascimento-morte do autor/1845-1899

Edição utilizada: MOREIRA, Matos. [1869] *Guerra aos Nunes*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 401-427.

5. Augusto César Correia de Lacerda – *Clero, Nobreza e Povo* (1871)

Nascimento-morte do autor/1825-1903

Edição utilizada: LACERDA, César de. [1871] *Clero, Nobreza e Povo*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 445-477.

6. Manoel Joaquim Pinheiro Chagas – *Quem desdenha...* (1874)

Nascimento-morte do autor/1842-1895

Edição utilizada: CHAGAS, Manoel Pinheiro. [1874] *Quem desdenha...*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 479-505.

7. Carlos de Moura Cabral – *Paris em Lisboa* (1879)

Nascimento-morte do autor/1852-1922

Edição utilizada: CABRAL, Carlos de Moura. [1879] *Paris em Lisboa*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 507-527.

8. Gervásio Jorge Gonçalves Lobato – *O Festim de Baltasar* (1894)

Nascimento-morte do autor/1850-1895

Edição utilizada: LOBATO, Gervásio. [1894] *O festim de Baltasar*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 529-566.

9. D. João Gonçalves Zarco da Câmara – *O beijo do infante (1898)*

Nascimento-morte do autor/1852-1908

Edição utilizada: CÂMARA, D. João da. [1898] O beijo do infante. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 593-607.

10. André Francisco Brun – *Cavalheiro Respeitável (1914)*

Nascimento-morte do autor/1881-192

Edição utilizada: BRUN, André Francisco. [1914] Cavalheiro respeitável. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 273-295.

11. António Cardoso Ponce de Leão – *A Onda (1915)*

Nascimento-morte do autor/1891-1918

Edição utilizada: PONCE DE LEÃO, António Cardoso. [1915] A onda. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 311-330.

12. Manuel Gustavo de Abreu e Sousa – *Penélope (1919)*

Nascimento-morte do autor/1893-1980

Edição utilizada: ABREU E SOUSA, Manuel Gustavo. [1919] Penélope. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 347-360.

13. Vasco Mendonça Alves – *Viva da costa! (1925)*

Nascimento-morte do autor/1883-1962

Edição utilizada: ALVES, Vasco Mendonça. [1925] Viva da costa!. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 403-425.

14. Vitoriano de Sousa Feio Peixoto Braga – *Lua-de-mel! (1928)*

Nascimento-morte do autor/1888-1940

Edição utilizada: BRAGA, Vitoriano de Sousa Feio Peixoto. [1928] Lua-de-Mel. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 427-443.

15. Vitório Chagas Roquete – *O Trivial (1928)*

Nascimento-morte do autor/1875-1940

Edição utilizada: ROQUETE, Vitório Chagas. [1928] O trivial. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 445-454.

16. Amílcar da Silva Ramada Curto – *Três Gerações (1931)*

Nascimento-morte do autor/1886-1961

Edição utilizada: RAMADA CURTO, Amílcar da Silva. [1931] Três Gerações. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 499-512.

17. Alice Ogando – *A prima Tança (1934)*

Nascimento-morte do autor/1900-1981

Edição utilizada: OGANDO, Alice. [1934] *A Prima Tança*. In: Luiz Francisco Rebello (org.) *Teatro Português em um acto (1900-1945)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 515-525.

18. Manuel Frederico Pressler – *A menina Feia (1954)*

Nascimento-morte do autor/1907-

Edição utilizada: PRESSLER, Manuel Frederico. *A menina Feia*. Lisboa: Prelo Editora, 1970.

19. Luiz Francisco Rebello – *É urgente o amor (1958)*

Nascimento-morte do autor/1924-

Edição utilizada: REBELLO, Luiz Francisco [1958] *É urgente o amor – peça em 3 partes*. Lisboa: Óptima Tipográfica, 1984.

20. Jaime Salazar Sampaio – *Os Preços (1976)*

Nascimento-morte do autor/1925-

Edição utilizada: SAMPAIO, Jaime Salazar. *Os preços*. Lisboa: Prelo Editora, 1976.

21. Jorge Silva Melo – *Antonio, um rapaz de Lisboa (1995)*

Nascimento-morte do autor/1948-

Edição utilizada: MELO, Jorge Silva [1995] *António, um rapaz de Lisboa*. Lisboa: Cotovia, 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)